

Autor com mais de 20 milhões de livros vendidos

DEEPAK
CHOPRA

DEUS

Dez histórias de revelação divina ao homem





DEUS

DEUS

Dez histórias de revelação divina ao homem

DEEPAK
CHOPRA

Tradução: Livia Almendary e Anthony Cleaver

A
—
A G I R

Título original: *GOD: A STORY OF REVELATION*

Copyright © 2012 por Deepak Chopra & Rita Chopra Family Trust

Copyright da tradução © Nova Fronteira 2013

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Agir, selo da Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 2104-2235

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Obá Editorial

EDITORA-ASSISTENTE

Simone Oliveira

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Carolina Aidinis

REVISÃO

Débora Teodoro

Maiara Gouveia

Pedro Carvalho

DIAGRAMAÇÃO

Lígia Gurgel

Rogério Cantelli

Simone Fernandes

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Deus: dez histórias de revelação divina ao homem / Deepak Chopra;
[tradução de] Anthony Cleaver, Livia Almendary. – Rio de Janeiro: Agir, 2014.

Tradução de: *God: a story of revelation*

ISBN: 978-85-220-3007-1

1. Cristianismo. 2. Deus. 3. Revelações I. Cleaver, Anthony. II. Almendary,
Livia. III. Título.

CDD 231
CDU 2-14

Prólogo

- 1 **Jó:** “Eu sou o Senhor, teu Deus”
(Tempos bíblicos)
- 2 **Sócrates:** “Conhece-te a ti mesmo”
(470-399 a.C.)
- 3 **São Paulo:** “Eu sou a luz do mundo”
(4 a.C.-64 d.C.)
- 4 **Shânkara:** “A vida é um sonho”
(700-750)
- 5 **Rumi:** “Venha comigo, meu amado”
(1207-1273)
- 6 **Juliana de Norwich:** “Tudo ficará bem”
(1342-1416)
- 7 **Giordano Bruno:** “Tudo é luz”
(1548-1600)
- 8 **Anne Hutchinson:** “O espírito é perfeito em todo fiel”

(1591-1643)

9 Baal Shem Tov: “Viver é servir a Deus”

(1700-1760)

10 Rabindranath Tagore: “Sou o mistério infinito”

(1861-1941)

Epílogo: “Você está aí?”

Notas

PRÓLOGO

Como um carro com dois volantes, o mundo é guiado por duas forças em disputa: a espiritual e a secular. Hoje, a secular predomina, mas durante muitos séculos o poder residia na espiritualidade. Visionários influenciavam o futuro tanto quanto os reis, e até mais: o rei era escolhido por Deus, mas os visionários eram visitados por Ele. Escutavam pessoalmente a sua mensagem antes de aparecer em público e anunciar o que Deus queria que as pessoas fizessem.

Tornei-me fascinado pela situação especial que os visionários experimentam. Poucos invocaram esse poder de afetar outras pessoas. Deus arrancou-os do conforto da vida cotidiana e guiou seus passos. A voz que escutavam em suas cabeças não era própria, e sim inspirada pelo divino. Como era ser visionário? Por um lado, devia ser aterrador. Em um mundo no qual jogar mártires aos leões e crucificar santos como inimigos era espetáculo, e em que as antigas religiões disputavam a hegemonia, a voz de Deus podia significar uma sentença de morte. Por outro lado, experimentar o divino era considerado um êxtase, como registraram poetas místicos de todas as culturas, poetas que tiveram relações amorosas com o divino. Essa mistura de êxtase e tormento tornou-se a semente deste livro.

“Deus” é um termo vazio, exceto quando expresso por meio das revelações de santos, profetas e místicos da história. Essas pessoas existem para plantar as sementes da espiritualidade mais como experiência direta, e menos como questão de esperança e fé. Contudo, ninguém pode afirmar que Deus tenha se revelado de forma

consistente a partir de mensagens também consistentes. De alguma forma, as revelações podem ser divinas e contraditórias ao mesmo tempo.

Por que Deus simplesmente não diz o que está em sua cabeça e divide isso com todos? As contradições em mensagens sagradas surgem de nossas próprias limitações. Vamos assumir que Deus é infinito. Nossas mentes não estão preparadas para compreender o que não tem fim. Entendemos apenas o que estamos preparados para ver e saber. O infinito se revela em fragmentos sob medida para cada sociedade, época, mentalidade. Concebemos Deus como lampejos de uma realidade superior, como se víssemos uma figura na *Última ceia* de Da Vinci. Um relance nos enche de alegria, mas o todo foi deixado de lado.

Com isso em mente, pensei esta obra como uma meditação sobre Deus em nós. Apenas metade é ficção, dedicada a dez visionários fascinados pelas palavras que receberam de Deus. A outra metade consiste em reflexões sobre o que Deus nos quis dizer quando escolheu esses sábios, videntes, profetas e poetas. As mensagens não são sempre as mesmas – Jó, no Velho Testamento, escuta algo muito diferente de São Paulo no Novo Testamento –, mas há um padrão.

Deus evolui. Por isso, continua a falar e jamais fica em silêncio. A observação básica de que Ele se transforma em “ele”, “ela”, “isso” demonstra como sua presença divina é mutável. Mas dizer que Deus evolui implica pressupor que ele partiu de um estado imaturo e aos poucos chegou à completude, enquanto as crenças afirmam que Deus é infinito. O que evoluiu, na verdade, foi o entendimento humano. Há milhares de anos, talvez desde os tempos das cavernas, a mente humana possui a capacidade de abstrair a existência de uma realidade superior. Pinturas sagradas e estátuas são tão antigas quanto a civilização, precedem a linguagem escrita e talvez até a agricultura.

A proximidade a Deus é constante, não apenas na história, mas na natureza humana. Se estamos conectados com nosso interior, a conexão é permanente, mesmo se nossa atenção vacilar. Pensamos que Deus muda, porque nossa própria percepção muda. Contudo, as mensagens continuam aparecendo de distintas formas. Às vezes, a noção de divino parece esmorecer quando as forças seculares assumem o volante e tentam dirigir sozinhas. Mas a força da espiritualidade jamais se rende. Deus se mantém firme diante da nossa necessidade de conhecer a nós mesmos, e quando a consciência evolui, também Deus evolui. Essa jornada nunca termina. Neste momento, em algum lugar do mundo, uma pessoa acorda escutando uma mensagem que parece estranha, como se viesse de outra realidade. Na verdade, essas visitas devem ser muito numerosas, e as pessoas que as anunciam formam um grupo heterogêneo de loucos, artistas, avatares, rebeldes e santos.

Sempre quis fazer parte desse grupo e nas próximas páginas tento imaginar que sou um deles. Todos nós, em alguma medida, não sentimos vontade de nos juntar aos deslocados? Suas histórias tocam corações e alimentam a alma. As lições aprendidas por eles levaram a humanidade a caminhos desconhecidos. Assim, o melhor que podemos fazer é sair da trajetória do cotidiano e segui-los.

Deepak Chopra

Abril de 2012

1

JÓ

“EU SOU O SENHOR, TEU DEUS”

– Onde termina o mundo? – perguntou o pai.

Jó, seu filho, não esperava ser questionado. Era primavera, e, do lado de fora da tenda, as primeiras brisas mornas carregavam o agradável som dos pássaros e de carneiros brincando. Os amigos do garoto chutavam uma bola de couro pelos campos.

– Fiz uma pergunta – insistiu o pai.

Jó amarrou os cordões da sandália e fixou o olhar no carpete sujo que forrava a tenda.

– O mundo termina nas muralhas da cidade, onde os demônios estão trancados para fora – afirmou.

A resposta parecia razoável para um garoto de dez anos que, desde cedo, havia sido avisado sobre os demônios e seus nomes, como Moloque e Asterote. Jó tinha sempre em mente as garras e dentes desses seres, que lhe provocavam uma terrível fascinação. Quando o frio do inverno trazia as ovelhas de volta à cidade, Jó sentia-se aprisionado, mas era proibido de ir além dos portões, onde engolir um demônio era tão fácil quanto engolir um mosquito.

O pai balançou a cabeça em negativa e disse:

– Tente outra vez. Onde termina o mundo?

Um homem grande, o pai de Jó inclinou-se em direção ao filho, com um olhar que tinha algo de ameaçador. Parecia uma atitude deslocada para quem sempre tratava os filhos com muito carinho e tranquilidade. Mas desta vez Jó sabia, sem pestanejar, que aquele olhar carregava certo perigo.

– O mundo termina onde a Judeia encontra o campo de batalha – respondeu Jó.

A resposta deveria estar certa. O vale verdejante onde viviam, conhecido como Uz, desaparecia em meio ao deserto ardente como leite derramado que aos poucos é absorvido pela areia marrom. A diferença é que os campos de guerra absorviam sangue. Mas o pai ainda não estava satisfeito.

– Pela última vez, garoto, onde termina o mundo?

Jó ficou confuso, emudeceu e baixou os olhos. De repente, foi atingido por uma pancada na lateral da cabeça, forte o suficiente para derrubá-lo no chão, onde permaneceu, sem se mexer. Quando parou de ver estrelas, Jó encarou o pai, que se debruçava sobre ele, examinando-o como se examina a sarna de uma cabra.

– O mundo acaba aqui – resmungou o pai, levantando o braço musculoso sobre o rosto de Jó. – Jamais esqueça meu punho.

Por que o pai estava agindo daquela forma? Chorar estava fora de questão para Jó. O tapa foi injusto e um orgulho comum em crianças pequenas cresceu dentro dele. Ele tinha sido insultado, e insultos merecem desprezo, não lágrimas. Mas o punho do pai permanecia cerrado e Jó não incitaria um segundo golpe. Conteve-se e manteve o rosto impassível até o pai se levantar e sair da tenda sem dizer uma palavra.

Antes de sair da tenda, o pai deixou cair algo no chão e não voltou para buscar. Era um pedaço de tecido branco fino com uma listra púrpura bordada. Jó notou-o apenas quando sua mãe entrou correndo na tenda, balançando as mãos, que estavam molhadas de lavar roupa. Não houve tempo para lhe contar o acontecido. Na realidade, não

houve tempo nem para uma palavra antes de ela franzir o rosto e deixar escapar um som agudo. Ela agarrou o pedaço de tecido e pressionou-o contra sua bochecha.

Jó estava atônito. Sua mãe era uma mulher digna, do tipo que se afasta para que não a vejam amamentar um bebê. Ele nunca a havia visto de outra forma que não fosse completamente vestida. De repente, ela rasgou seu vestido preto e quase arrancou-o para longe de seu peito. Levou certo tempo para que seus soluços reprimidos se transformassem em uma palavra que o garoto pudesse entender.

– Rebeca! – gritou ela.

Sua irmã? Por que sua mãe gritaria por ela? Confuso, Jó saiu de si até perceber um fato, um simples fato agora aterrorizante. Sua irmã mais velha usava uma refinada roupa de baixo branca. A púrpura de Tiro era cara, mas Rebeca estava prometida e a mãe do noivo havia feito uma visita. As duas famílias estavam felizes com a união e, antes de ir-se, a mãe do noivo presenteou a mãe de Jó com um novelo de fios tingidos de púrpura tíria. Os fios foram usados imediatamente para bordar uma listra na anágua branca de Rebeca, de forma que, quando ela caminhasse, a faixa púrpura se revelaria na altura dos tornozelos.

– Ela está morta? – murmurou Jó, com medo da pergunta, mas ainda mais temeroso de não saber o que acontecia. Sua irmã havia rasgado o retalho de sua própria anágua – ou alguém teria rasgado.

A mãe de Jó agarrou-o e apertou-o forte contra o peito. Jó encolheu-se, sentindo o calor da pele por baixo das vestes de sua mãe. Mal podia respirar, mas ela não o soltava, e o menino começou a se agitar.

– Jó!

Era seu pai que gritava por ele. Ao mesmo tempo, o barulho de mulheres correndo em direção à tenda fez o corpo de sua mãe desmoronar. Os pés velozes entraram, e o garoto de repente viu-se afogado em lamentos.

Seu pai gritou novamente, e Jó conseguiu libertar-se. Correndo para fora, olhou para trás: sua mãe estava rodeada por uma dúzia de mãos que a agarravam como se fosse um bebê puxado por parteiras em um nascimento aterrador. Jó queria proteger sua mãe, teria voltado para livrá-la daquelas mãos se não fossem os gritos de seu pai chamando por ele.

– Você entendeu agora? – perguntou o pai.

O que ele poderia entender? Ao ver a confusão nos olhos do filho, o pai agachou-se para explicar.

– Deus nos deu este lindo lugar, mas não tapou a visão dos estrangeiros. Eles são invejosos, roubam tudo aquilo que é bonito e, sabendo que são maus, se escondem na escuridão da noite.

Amanhecia. Viajantes passavam pela estrada da cidade. Às vezes, os estrangeiros eram esparsos, vinham como comerciantes ou peregrinos rumo a Jerusalém. Os que peregrinavam jamais eram considerados estrangeiros, apenas os outros, mas quando o fluxo intensificou-se, os exércitos ocuparam as estradas. O campo de batalha tinha se transportado para a porta de sua casa.

– Uma guerra? – indagou Jó. Ele não temia. Dentro de dois anos, teria de montar guarda nas muralhas da cidade para impedir que invasores persas ou de outro lugar matassem os homens e os primogênitos. Jó estava armado com um bastão com ponta de ferro. Em dois anos, talvez estivesse tão alto quanto uma lança.

– Não é uma guerra, filho, mas um ataque feito por covardes, homens piores que animais – disse, e de repente enfraqueceu sobre os joelhos.

Seja o que tivesse acontecido, deixou o pai com as pernas bambas. Enquanto segurava os ombros do filho, suas mãos tremiam. Ele não podia suportar que Jó visse seu rosto cheio de lágrimas, mas o garoto não sabia que era essa a razão pela qual seu pai se levantou e correu para longe sem dizer uma palavra. Nunca esqueceu-se da cena. O dia em que seu pai golpeou-o foi o dia em que sua irmã, Rebeca, morreu.

Provavelmente ela estava a caminho da fonte com o jarro vazio equilibrado na cabeça. Provavelmente decepcionou-se ao descobrir que não havia garotas ali para conversar. Os passarinhos coloridos que brincavam na água estavam apenas cantando ou eles sabiam?

Rebeca deve ter demorado alguns segundos para entender por que não havia ninguém ali, até jogar o jarro no chão e dar dois ou três passos apressados – insuficientes para escapar dos invasores. Mais tarde, quando homens de Uz saíram das muralhas em direção à fonte, encontraram rastros de sangue. A garota lutou, e rasgou um pedaço de sua anágua para deixar um rastro. Era um retalho de lã branca, tecido por seu pai, mas poderia ser um recado:

Esqueçam-me. Fui profanada, nos perdemos para sempre. Esqueçam-me, meus queridos.

As mulheres lamentosas não saíam do lado de sua mãe. Naquela noite, Jó e seu pai dormiram fora da tenda. O céu parecia mais escuro do que o habitual. Jó não percebeu o momento em que caiu no sono, mas acordou de manhã com uma figura sombria saindo da tenda. De repente, viu a imagem de sua mãe saindo sorrateiramente para afogar-se no poço. Era raso, mas isso não a deixou menos determinada, e ela enfiou o rosto na água.

– Garoto, acorde.

Jó abriu os olhos e percebeu que tinha sido um pesadelo. Seu pai sentou-se no chão, perto dele, e estendeu-lhe uma tigela com coalhada e grãos. Jó concordou com a cabeça e pegou a tigela. Antes de dormir, enrolado em uma pele de carneiro, tinha certeza de que jamais faria outra refeição, mas agora estava faminto. Com as mãos em concha, pegou a comida, observando o que seu pai faria em seguida. Uma criança, se tratada com amor, sempre dá uma segunda chance ao pai ou à mãe. Jó, no entanto, ainda sentia o golpe na lateral da cabeça e então esperou. O pai permaneceu sentado ali, em silêncio, como se escolhesse que tipo de homem seria naquele dia. O silêncio

começou a deixar Jó nervoso, até que o pai se levantou e caminhou para o outro lado da tenda, onde estava seu tear. E então veio aquele som tão familiar de seu trabalho, um som que sempre reconfortou Jó.

Quando terminou de comer, o garoto aproximou-se do tear. Na primavera, todos os tecelões trabalhavam a céu aberto quando o tempo estava bom. Seu pai era sempre o primeiro a começar, com o sol ainda na linha do horizonte. Jó observou-o sem dizer nada. O resto de suas vidas cairia sob a sombra do ataque? Ele não sabia dos pormenores. Fariam um funeral sem o corpo? Um grupo de homens carregaria animais e partiria em busca de Rebeca? Durante um longo tempo, seu pai permaneceu calado.

– Deus abençoa seu povo.

Jó se surpreendeu quando escutou a sentença, e se perguntou se a angústia havia revirado o cérebro de seu pai. As palavras se repetiram, desta vez num tom mais alto, como se o pai quisesse que as pessoas nas tendas vizinhas escutassem o que dizia.

– Deus abençoa seu povo. Nós trazemos a desgraça para nós mesmos. Ninguém está isento do pecado.

Seu pai não se dirigia a ninguém em particular, à exceção, talvez, do céu. Agora ele fitava Jó, como se o notasse pela primeira vez.

– Você entende? – perguntou ele.

O garoto negou com a cabeça. Até o dia anterior, considerava o pai um homem perfeito. Nunca havia pensado sobre Deus: não havia necessidade, seu pai lhe provia tudo, sabia de tudo. O que ele estava dizendo? Que ele era o responsável pelo crime contra Rebeca? Jó sentiu uma profunda vontade de chorar. “Pare com isso! Você não matou Rebeca.” Mas não podia chorar, porque talvez seu pai lhe golpeasse outra vez, e ele não sabia o quão forte seria a pancada dessa vez. Mas havia outra razão para não chorar. Se seu pai não era o responsável por essa cruel reviravolta do destino, havia apenas um para culpar.

– Certo, não espero que você entenda, mas lembre-se do que te

disse esta manhã – falou o pai secamente, voltando-se para o tear. E enquanto suas mãos se moviam rapidamente pelo tecido esticado, ocorreu uma transformação: seu corpo relaxou, o rosto tomou a expressão suave de sempre e não demorou para que começasse a assobiar baixinho. Ninguém que o visse sem saber o que tinha acontecido diria que haveria algo errado.

– Meu pai estava contente. Alguém tem ideia de como isso pode ser? Algum de vocês quer manifestar o que pensa? Como um homem pode trabalhar serenamente um dia depois de sua filha ter sido levada dele?

Jó não era mais um menino. Ele mesmo se transformou em pai, de filhos e filhas. Os homens ao seu redor permaneciam quietos. Um novo bebê havia chegado. Jó segurava-o em seus braços enquanto recontava a história sobre o desaparecimento de Rebeca. Era costume contar o episódio sempre que sua esposa dava à luz. Os homens estavam reunidos para o ritual da circuncisão, mas o sacerdote aguardava enquanto Jó narrava sua experiência.

Os homens já conheciam a história e poderiam ter respondido à pergunta de Jó, mas sentiam prazer em escutá-la até o próprio Jó chegar à moral da história.

– Meu pai estava contente pois sabia que Deus recompensaria os justos e puniria os maus. Minha irmã não era exceção. Rezo para que ela tenha sobrevivido, porém, ainda que não tenha, Deus é justo, sempre.

Os homens murmuravam em acordo no quarto escuro com as persianas fechadas.

– Deus é justo – repetiu um deles.

Velas queimavam sobre a mesa onde o recém-nascido foi colocado. O bebê agitava as pernas no ar sem parar, mas não chorava. Quando o punhal do sacerdote tocou sua pele, proferiu um som de surpresa e aflição. Parecia mais um choro de animal, como um cachorro ganindo, do que um choro humano. Aquele som era o sinal para a esposa de Jó entrar, envolver o bebê, cujo rosto agora estava vermelho, banhá-lo e fazer o curativo.

A atmosfera de solenidade se transformou quando mãe e bebê saíram. O sacerdote foi o primeiro a levantar a taça de vinho: os homens brindaram, saudando o novo pai. Mas ninguém bateu em suas costas, Jó não era uma pessoa que concedia intimidades. Depois da terceira taça, não era preciso dizer, os homens já sabiam que era hora de ir embora. Quando chegassem em casa, seriam interrogados por suas esposas. “Havia sedas penduradas nas paredes, pratos de ouro? Quão bonitas eram as criadas? Não diga que Jó não as olha. Os ricos são sua própria lei.”

Um dos convidados estava exausto porque tinha passado a noite anterior em claro auxiliando o difícil nascimento de um bezerro. Perdeu mãe e filhote, mas Deus quis assim. O homem estava com raiva e exausto, e mal conseguia segurar sua taça de vinho.

– Seu pai não tinha o direito de golpear você. Sei de filhos que fugiram, ou coisa pior – disse ele. O convidado ébrio aproximou seu rosto ao de Jó. Os outros olharam, surpresos e apreensivos.

Jó observou-o com tolerância e questionou:

– O que outro filho teria feito?

– Não me pergunte, mas não teria se acovardado. Meu pai, no lugar do seu, teria escondido as facas depois disso.

Uma paixão fulminante iluminou o rosto do convidado, que de repente virou-se e agarrou o punhal do sacerdote, que estava sobre a mesa, esperando ser limpo e abençoado para o próximo ritual.

– Escondam suas facas, porque estou chegando! – gritou o homem.

Da mesma forma súbita com que invadiu o convidado, a paixão logo foi embora. Ele piscou e olhou ao redor, confuso, como se tivesse escutado suas próprias palavras mas não soubesse quem as tinha pronunciado.

– Perdão – resmungou. Deixou cair o punhal, que ressoou ao chocar-se contra o chão de pedra, e saiu correndo sem encarar os olhares dos outros. Todos permaneceram calados, esperando a reação

de Jó. Ninguém possuía o que ele possuía, e a maioria deles tinha emprestado dinheiro de seus cofres, que sempre estavam abertos.

– Ele é o único? – murmurou Jó.

Os homens ao seu redor se sentiram incomodados diante daquela pergunta desconcertante, mas o próprio Jó respondeu.

– Todos vocês pensaram no que ele disse, e eu também. Minha irmã tinha desaparecido e meu pai escolheu exatamente aquele momento para me bater. Eu era jovem, mas sabia de punhais – sorriu Jó, como se recordasse um velho impulso que não havia morrido com o tempo. – Até garotos novos ajudavam a matar carneiros.

– Seu pai era seu pai, ele podia fazer o que bem entendesse – disse um amigo próximo chamado Elifaz.

– E essa explicação seria suficiente para você caso estivesse no meu lugar? – perguntou Jó.

– Eu *estive* no seu lugar. Quando meu pai entrava em estado de fúria, atirava para todos os lados – respondeu Elifaz.

Algumas cabeças concordaram, houve um murmúrio geral de concordância.

– A fúria de seu pai era uma gentileza? – perguntou Jó.

Elifaz hesitou e em seguida sorriu:

– Você está cheio de mistérios hoje.

– Assim é o mundo, e assim é Deus. Mas esse é um mistério que desvendei – explicou Jó, sem pausa para reações. – O que sabemos sobre o nosso Senhor? – Jó jamais pronunciava o nome de Deus, o que era proibido. – Ele mesmo nos disse: é um Deus ciumento e colérico. Moisés não recebeu esse ensinamento? Nós recebemos a lei para saber como agradar a Deus. Mesmo quando está furioso, ele é justo.

Jó perdeu a calma e estava prestes a fazer um sermão, mas parou de repente. Sua expressão era uma incógnita, como a de um homem perdido em seus pensamentos ou escutando vozes. E continuou:

– Para um garoto, o que representa o pai? Deus em carne e osso, não há dúvida. É justo que pais guiem a família como Deus, e meu pai queria proteger-me. Até onde ia essa proteção? No máximo até onde seu braço alcançasse. Para além de seu punho, seria o fim do mundo, onde eu poderia correr perigo como o que levou minha irmã. O golpe que meu pai desferiu contra mim era amor puro. Odiei-o no meu coração até Deus me mostrar o sentido daquele gesto. Hoje, desejo apenas que pudesse ter retribuído um amor como aquele, um amor que aceita ser odiado mas nem o ódio é capaz de freá-lo.

Alguns convidados murmuraram ao escutar essas palavras, profundamente mexidos. Mas não todos. Outro amigo, Bildade, mostrou-se cético:

– Qual o seu ensinamento? Que Deus nos golpeia por amor? Se for assim, o que ele fará em caso de nos odiar? Certamente, ele condena os pecadores e recompensa os justos.

Antes que Jó pudesse responder, outro amigo, Zofar, também deu sua opinião.

– Isso foi uma lição de criança. Quando você era garoto, o mundo acabava no punho do seu pai. Agora você sabe melhor das coisas. Não existe mundo fora do alcance da ira de Deus.

Jó olhou para os amigos com sobriedade. Os três sorriam. Para ser próximo aos ricos, você precisa aprender a ter sutileza, e a primeira lição é o sorriso dissimulado – aquele que o assassino exhibe antes de atingir seu alvo.

– O que vocês acham de mim, meus amigos? Pensam que nunca conheci o sofrimento?

– O dinheiro é como uma cama de plumas, só que mais macia – disse Bildade, repetindo seu ditado favorito.

– Hoje é um dia de celebração, deixemos de ocupar nossas cabeças discutindo sobre Deus – opinou Zofar.

Jó concordou:

– Essas discussões não têm sentido. O que sabemos sobre Deus é

o que sabemos. Certo? – indagou.

Ele baixou a cabeça. Estava rezando, sendo modesto ou sentindo-se derrotado? O ambiente estava escuro, ninguém dizia nada. Estavam gratos por partir: cada convidado que se ia apertava a mão de Jó, mas ele não levantava o rosto. Quaisquer que fossem seus pensamentos, a voz em sua cabeça estava sem palavras.

Um trabalhador do campo se levantou, gotas de suor pingavam enquanto segurava duas espigas de cevada escurecidas. Parecia praga, e a primeira coisa que Jó perguntou é se ela havia se espalhado muito. O camponês não soube responder.

– Vá perguntar aos meus amigos – pediu Jó. – Suas plantações estão próximas às minhas, então mostre a eles o que você acaba de me mostrar. É provável que não seja nada, mas pergunte se estão preocupados.

O camponês cumprimentou Jó e se retirou. Por alguma razão, a imagem das duas espigas contaminadas ficou gravada na mente de Jó. Não se preocupava consigo: tinha as terras mais férteis do vale e sempre mantinha pelo menos uma colheita estocada no celeiro. Já seus vizinhos não eram tão abençoados, pois viviam de colheita em colheita. Uma hora depois, o camponês voltou chacoalhando a cabeça.

– O grão dos seus vizinhos está limpo – afirmou ele, mas não parecia trazer boas notícias. Carregava um saco próximo à barriga e, com um gesto, deixou-o cair. Centenas de cabeças de cevada, todas escurecidas e ressecadas, espalharam-se aos pés de Jó; pareciam lagartas secas. Jó franziu a testa.

– Por que não me mostrou tudo isso antes? – perguntou.

– Trouxe tudo o que havia. Estas apareceram agora. Seja o que for, está se espalhando rápido – respondeu o camponês, dando um passo para trás como se os grãos estivessem contaminados por algo contagioso.

Jó era um homem tranquilo, como seu pai havia sido, mas lançou um olhar severo ao camponês e ordenou que naquela noite observasse a plantação. De manhã, relataria a Jó o que visse. Mas a praga se alastrava com uma velocidade alarmante e as notícias chegaram antes mesmo do anoitecer: um dos maiores campos de cevada de Jó havia se transformado em uma matagal escuro e ressecado. Era como se um fogo invisível tivesse queimado a colheita e misteriosamente tivesse apagado – como se obedecesse a um comando – exatamente onde terminava a plantação de Jó e começava a do vizinho. Começaram os rumores. Para as pessoas do vale, praga e maldição estavam separadas por uma linha tênue. Quando o sol nasceu na manhã seguinte, o fogo invisível tinha se espalhado por dois outros campos, os melhores da fazenda. As pontas dos grãos já estavam chamuscadas. O campo seguinte, pertencente a Elifaz, permanecia intacto. A linha que separava praga e maldição tinha sido cruzada.

Jó foi ao encontro de sua esposa, que estava sendo vestida por uma criada.

– Deixe de lado suas joias e, se sair, cubra a cabeça – disse ele. Ela olhou para Jó, confusa, e pediu à menina que saísse. Quando estavam a sós, perguntou:

– Por que está me pedindo isso? Você suspeita algo de mim? Sou completamente inocente.

Outro marido suspeitaria das razões por trás de tal pensamento, mas ele confiava nela.

– Minha cara, há algo maléfico nos campos. Deus vê tudo. Se Ele está furioso, mostremos que não somos orgulhosos – respondeu Jó.

Para um homem rico, o orgulho era o pecado mais fácil de ser cometido, e Jó sabia disso. Não sentia que havia pecado, mas Deus enxerga os recantos mais profundos do coração do homem. Duplamente cuidadoso, Jó santificou as casas de seus filhos com oferendas, caso alguns deles alimentassem pensamentos maléficos.

Naquele mesmo dia, mais tarde, Jó enrolou-se em um tecido de juta e apareceu na porta de Elifaz.

– Você soube? – perguntou ele.

– Que suas plantações foram arrasadas? Todos escutam falar – respondeu Elifaz, com um olhar sombrio, e convidou Jó para entrar em sua cabana. Elifaz hesitara em convidar o amigo para entrar? Jó não notou, estava ansioso para ouvir os conselhos do amigo. Havia feito tudo para agradar o Senhor. Chamou sacerdotes para iluminar seus altares e sacrificou uma dúzia de animais recém-nascidos. Ordenou aos seus filhos e filhas que seguissem o exemplo do pai e vestissem roupas simples, de juta; as mulheres circulavam com uma marca na testa feita com cinzas, para demonstrar expiação.

Elifaz discordou desses gestos.

– Você está anunciando que pecou, as pessoas começarão a te vigiar. Sei como elas são.

– Viver já indica que pecamos. O que importa é agradar ao Pai – insistiu Jó.

Apesar de suas penas, a desgraça continuava a recair sobre ele e sua família. O gado de Jó adoeceu e morreu. Da noite para o dia, os grãos armazenados no celeiro estragaram. O que significava tudo aquilo? Nem todos pareciam comovidos. De alguma forma, encontravam força na decadência de um homem rico. Elifaz chamou Bildade de lado. O que Deus queria dizer a eles?

Bildade deu de ombros.

– Quem sou eu? Moisés? Deus o enviou ao faraó para dizer que o Egito seria visitado por dez pragas, mas eu não tenho nenhuma mensagem.

– Faltam apenas oito pragas – disse Elifaz, torcendo a boca.

A piada mórbida não chegou aos ouvidos de Jó. Inveja e pena dividiam as pessoas, mas todos estavam aterrorizados com a morte dos numerosos carneiros e camelos de Jó. No intervalo de um mês, os dois touros que puxavam o arado caíram de joelhos e nunca mais se

levantaram. Algumas pessoas assumiram que os responsáveis por aquelas desgraças eram os demônios, e não Deus, até que sucedeu a calamidade das calamidades. Jó reuniu toda a família na casa de seu primogênito para rezar por uma resposta. Ajoelharam juntos, mas quando a primeira palavra da oração foi proferida, a casa desabou e todos morreram, exceto Jó e sua esposa. A pena se transformou em terror. Pragas tinham o péssimo hábito de se espalhar; talvez as maldições também.

– Estamos sozinhos e abandonados – aos prantos, lamentou a esposa de Jó.

Ele não respondeu, mas se dirigiu ao deserto, onde se sentou nu, sob o sol, e derramou cinzas sobre a cabeça. No dia seguinte, os amigos mais próximos vieram da cidade para consolá-lo, embora os cínicos dissessem outra coisa. Jó não era mais rico; havia perdido tudo e agora estava condenado à pobreza. Havia se transformado em um desconhecido entre os justos. Não existe qualquer obrigação frente a um desconhecido, certo?

Os três amigos ficaram horrorizados com o que viram, embora o cheiro insuportável tenha sido a primeira coisa que perceberam. Da noite para o dia, o corpo de Jó ficou coberto de feridas e pústulas. Ele estava sentado, curvado para frente, raspando as cinzas e o pus de sua pele com um caco de um jarro de cerâmica quebrado ao seu lado. Se não fossem corajosos e leais, seus amigos teriam corrido ao ver a monstruosa cena.

Ajoelharam em círculo ao redor de Jó, estenderam as mãos (com cuidado para não tocar sua pele) e imploraram:

– Deixe-nos levá-lo para casa, você não pode ficar aqui e morrer dessa forma.

Jó não disse nada. A visão das feridas se abrindo enquanto ele se arranhava com o caco era nauseante. Elifaz olhou para os outros dois. Deus os puniria se deixassem Jó morrer sozinho depois de assistirem à sua aflição?

De repente, Jó falou. A voz surgiu gutural, do fundo de sua garganta seca.

– Sou inocente e honesto. Se vocês acreditam de coração que pequei, saiam daqui. Se ficarem, vão profanar a si mesmos.

– Somos seus amigos. No que devemos acreditar? – perguntou Zofar.

– Que eu trilhei o caminho da virtude.

– Tenho certeza disso – disse Bildade. – Mas me desculpe: nosso Deus não é um Deus justo?

Jó ergueu a cabeça e, com dor nos olhos, olhou para o amigo.

– Deus traz todas as coisas, as boas e as ruins.

Essas palavras talvez tenham deixado os amigos de Jó assustados, porque começaram a chorar e a rasgar suas roupas; jogaram pó sobre suas cabeças como se estivessem de luto pelos mortos e rezaram a Deus para que libertasse o amigo. Voltaram no dia seguinte e trouxeram a esposa de Jó. Ela quase desmaiou quando viu o marido.

– Diga a ele – pediu Elifaz.

– Não posso chorar para o resto da vida. Acabe com isso. Amaldiçoe Deus e morra – disse ela. Jó sabia a razão daquelas palavras: ela queria ficar livre para se casar com um homem que não fosse odiado por Deus.

– É você quem eu deveria amaldiçoar, por ser tão insensata – respondeu ele. A mulher partiu, enquanto os amigos a observavam ir embora.

O sol nascia e se punha no deserto. Eles armaram uma tenda para se proteger da intempérie e trouxeram água do poço da cidade. Jó sentava sob o sol e mal se movia. Seus ossos saltavam através da pele em carne viva, mas ele não sucumbia. Ainda assim, começou a falar sem parar. Amaldiçoou o dia em que nasceu, todas as alegrias desse mundo, invocou a presença de monstros terríveis e praguejou contra a notícia feliz de que uma mulher daria à luz. Proferia maldições sem fim e assustou os amigos, que decidiram conversar com ele.

Naquele momento, estava amaldiçoando as estrelas, porque queria a escuridão, mas parou quando os amigos se aproximaram.

Elifaz foi o primeiro a falar.

– Não pretendo ofender, mas suas lamúrias escorrem como água. Onde está o homem que nos ensinou tanto, e cuja força nos manteve erguidos? Você deveria demonstrar mais paciência. Há algumas noites, estremeci durante o sono e meu cabelo arrepiou-se. Um espírito passou por mim e sussurrou em minha orelha: “Quem pode ser irrepreensível perante Deus? O Senhor sequer confia naqueles que estão mais próximos a Ele. Os anjos não eram amaldiçoados por Deus quando desobedeciam? E os homens são muito piores, por devastar a terra e semeá-la com desigualdade”.

Jó respirou profundamente.

– Então, meu amigo, o que devo fazer?

– Fazer as pazes com Deus. Ele realiza coisas maravilhosas: traz água para os campos, cura doenças com suas mãos sagradas, sofre e aceita nossa destruição do mundo em paz. Você será levado, com as pedras da terra e as feras dos campos – disse Elifaz.

– Se vocês pudessem ao menos ver o quanto pesa minha calamidade. Estou perfurado porque as flechas do Todo Poderoso estão em mim. Mas acreditem, eu suportaria feliz a dor infinita se Deus me libertasse. Não sou feito de pedra ou bronze. Não aconselhe paciência. Minha força se foi, choro como um animal ferido – falou Jó em tom de lamento, e em seguida lançou um olhar fulminante para Elifaz. – Escute-me, um amigo que recusa gentileza comete uma traição contra Deus.

“Mas eu não sou eu o amaldiçoado, certo?”, pensou Elifaz para si mesmo, mantendo-se em silêncio. Os outros observavam chocados e inquietos. Jó fitou-os com olhos inquisidores:

– Um de vocês pode me dizer em que pequei? Eu disse algo além da verdade?

Quando era rico, Jó jamais se sentiu envergonhado de ajoelhar-se na praça do mercado para rezar. Agora, ele olhava para o céu.

– Deus, guardião dos homens. O que fez a você? Por que você cuida tanto dos seus filhos e mesmo assim mantém a noite tão longa e escura? Sem você, um homem não pode acordar com o amanhecer. Mostre-me meu pecado.

Bildade falou alto, ainda mais descaradamente que o primeiro amigo:

– Por quanto tempo soprará esse vento de sua boca? Deus não corrompe a justiça, e você repetiu a blasfêmia mais vezes do que alguém gostaria de contar. Você se esquece de tudo o que nosso Pai ensinou. Se você for firme e correto, seus dias terminarão com grandiosidade. Sua boca se encherá de sorrisos, seus inimigos se envergonharão. É o que você me diria se eu estivesse no seu lugar.

As palavras surtiram efeito. A resposta de Jó foi branda:

– Você acha que declarei guerra ao julgamento de Deus? Ele é sábio e onisciente. Se discutisse com ele, talvez ganhasse um ponto, enquanto ele ganharia mil.

Com a mesma intensidade com que havia amaldiçoado a criação, Jó levantou o rosto e enalteceu o Todo Poderoso. – Deus move montanhas sem que ninguém perceba. Abre os céus e faz a terra tremer. Quando ele comanda o sol, o astro obedece. Ele realiza maravilhas infinitas, faz coisas grandiosas além da nossa compreensão – louvou Jó, fazendo uma pausa. E continuou. – Deus traz a calamidade para todos, destrói os irrepreensíveis e os pecadores da mesma forma. Estará zombando de nós? Sou irrepreensível, mas não pergunto por mim. Eu detesto minha vida. Quero entender apenas essa única coisa.

– Então deixe-me ajudar você – disse Zofar, o último amigo. – Você lamenta como se as palavras pudessem te salvar. Você afirma ser puro e limpo sob os olhos de Deus, mas olhe para você. Você está definhando em sofrimento, e convoca Deus para que ele conte seus segredos mais profundos, que diga a verdade diante das suas calúnias. É ridículo. Você não pode compreender a sabedoria divina, que é ilimitada. Ele sabe quem são os homens sem valor. Não me importo se

você se encolher diante das minhas palavras, pois eu disse que poderia ajudá-lo. Deixe de lado sua iniquidade, independentemente da profundidade em que está escondida. Levante as mãos para Deus. Quando ele te tocar, seu sofrimento desaparecerá como água sob o sol quente.

A resposta de Jó foi ainda mais ácida que a anterior:

– Alguém que não experimenta preocupações despreza a infelicidade do outro. Vejo que me tornei motivo de chacota entre os meus amigos. Mas eu não sou inferior a vocês. Ladrões dormem um sono profundo em seus esconderijos, mesmo se desafiam Deus. Ele transforma juízes em bobos da corte, magnifica nações e depois as destrói. E como você me ajudou a entender algo sobre isso? Pássaros e feras nasceram com a sabedoria que você crê me ensinar. Todas as criaturas sabem que Deus as criou e tem poder sobre elas. Meus olhos viram tudo isso, e eu entendo, melhor do que vocês três. O homem, nascido da mulher, tem poucos dias de vida e já está cheio de problemas.

– Se você entende tanto, então já sabe por que está perdido diante do Senhor – respondeu Elifaz, secamente.

– Não nos pergunte – completou Bildade.

“Ou arraste-nos com você”, pensou Zofar, mas sem dizer nada, pois era o mais supersticioso e temia que Jó pudesse, de alguma forma, manifestar-se novamente.

O grupo ao redor de Jó pensou que estava sozinho, mas uma voz atrás deles disse:

– Vocês todos estão errados.

As cabeças se voltaram para a voz. Ninguém havia notado a presença insignificante do garoto que os havia ajudado a levar água do poço. Durante a discussão, ele estava sentado de pernas cruzadas a alguns metros de distância, esperando caso algum dos amigos sinalizasse que estava com sede. O garoto, que não tinha mais de dezesseis anos, levantou-se.

– Sou jovem, e por respeito jamais falaria – disse ele.

– Então mantenha-se calado – replicou Elifaz. – Quem é você?

– Meu nome é Eliú, e não tenho o direito de interferir. Sei que vocês me castigarão quando voltarmos para casa. Mas o Senhor pode falar por meio de animais ignorantes, não pode?

– Aparentemente – rebateu Zofar. Eliú ignorou-o.

– Ele fala por meio de qualquer um tocado pelo espírito. Inclino-me perante vocês, mas digo que vocês estão errados – disse o garoto, e apontou para os três amigos. – Primeiro, vocês três. Vocês estão errados porque culpam Jó, mas quando ele os desafiou a mostrarem no que estaria errado, vocês não conseguiram. Nem isso fez com que parassem de julgá-lo. Vocês veem pecado no coração de Jó, mas não no de vocês, o que os torna hipócritas.

Os amigos teriam pego suas armas e partido para cima do jovem, mas sua voz soava estranha, como se não pertencesse a ele. Não queriam golpeá-lo e liberar um demônio – não ali, sozinhos e indefesos no deserto. Eliú virou-se para Jó:

– E você, que alega não ser culpado? Obedeceu às leis e fez oferendas para purificar você e seus filhos. Mas mesmo um homem irrepreensível não ousa questionar Deus. O Senhor não precisa se justificar perante os homens. Ele nos criou, somos dele. O olhar de Deus alcança a eternidade. Ele enxerga seu interior de uma forma que nem você mesmo consegue. Em sua arrogância, você enquadra Deus em sua insignificante concepção de bem e mal, como se suas leis se aplicassem a ele. Ainda assim, há apenas uma coisa que você pode saber, que ele nos disse com a própria boca: “Eu sou o Senhor, teu Deus”. Não há resposta para isso, e também não há pergunta – afirmou o garoto.

Os amigos de Jó ficaram balançados, não apenas com as críticas que receberam, mas pela mudança de Jó, que parou de tremer. Seu corpo curvado começou a se endireitar, lágrimas escorriam por suas

bochechas e quando uma delas caiu sobre uma de suas feridas em carne viva, o pus se transformou em um líquido claro.

Enquanto Eliú estava em transe – pois estava claro que o simples jovem, pouco melhor que um escravo, estava tomado pelo Espírito Santo –, começou a narrar um estranho conto. Ele podia ver o próximo mundo e teve uma visão de Deus vociferando contra os anjos desobedientes, que caíram para o Inferno. Deus, contudo, manteve ao seu lado um conselheiro do mal. Esse Adversário – ou Satã, como era chamado – dizia apenas coisas más e por isso tinha uma sabedoria distorcida sobre os humanos. Ele sussurrava as maldades e pecados no ouvido de Deus, e as transgressões dos homens eram tão numerosas que o Adversário passou a se gabar de que era o verdadeiro senhor do mundo.

Deus ficou impaciente e disse:

– Procure meu servo Jó. Ele é firme e irrepreensível. Enquanto houver pessoas como ele, você jamais prevalecerá.

– Ninguém é perfeitamente devoto a você, ou eles não teriam nascido de uma mulher – respondeu Satã com um sorriso conhecedor. Em seguida, voou sobre a terra até encontrar Jó. O simples ato de pousar os olhos sobre ele fez com que suas plantações secassem. O Adversário voltou ao céu.

– Deixe-me testar esse Jó – pediu a Deus.

Estabeleceram uma espécie de acordo. Deus deu liberdade total para Satã infligir qualquer dor e calamidade a Jó, com apenas uma exceção: não poderia levá-lo à morte.

– O filho do homem pode amaldiçoar o dia em que nasceu, mas jamais blasfemar contra mim – afirmou Deus.

– E assim a desgraça recaiu sobre você – murmurou Eliú. – Suas aflições têm sido um teste, e não um sinal de que você pecou.

Naquele instante, Eliú piscou duas vezes rapidamente e olhou ao redor, confuso. O Espírito Santo saiu de repente, da mesma forma como o havia tomado. Jó se manteve em silêncio, mas olhando

fixamente para frente. Sua respiração havia estabilizado e seu olhar estava vago, como se acabasse de acordar de um sonho. Os três amigos se levantaram e caminharam cada um para um lado, ressentidos e confusos. Por mais que o acusassem de blasfêmia, uma verdade era inegável: de todas as palavras que saíram da boca de Jó, nenhuma foi direcionada a Deus.

– Eu não pequei – murmurou ele, olhando para Eliú. – Apenas havia esquecido.

– Esquecido o quê? – indagou o jovem, contente por não ter sido castigado. Ao retornar a si, mal lembrava do que havia dito.

– Esqueci a coisa mais importante: Deus abençoa seu povo.

As palavras eram difíceis de entender, porque Jó começou a chorar descontroladamente. Seu pai havia confiado no Senhor muito mais do que ele. E então Jó entendeu que o grande poder de Satã não era a capacidade de infligir o mal, e sim de fazer os filhos de Deus esquecerem quem são.

Jó retornou à casa e levou Eliú como seu criado pessoal. O que estava devastado se transformou em milagre. A mulher de Jó deu à luz mais filhos e filhas, sua fortuna foi restaurada e seu paiol encheu até quase transbordar. Jó ficou mais rico, e também mais recluso. Raramente saía de casa e quando o fazia, vestia o *talit*¹ e mantinha o rosto para baixo. As pessoas começaram a usá-lo como uma espécie de moral ambulante: jamais questione Deus, ou você responderá por seus atos. Outros tiravam outra moral: mantenha a fé em Deus e ele retribuirá com glória e esplendor.

Mas ninguém percebeu que Jó se tornou um buscador. Antes, acreditava que a sabedoria havia sido transmitida por Moisés e seus pais. Agora, ele acreditava em tudo e em nada. O Senhor havia fechado sua boca, para que pudesse abrir melhor seus olhos. O que Jó viu? Um mistério, algo que voou antes do vento e que respondia a qualquer pergunta com um eco.

REVELANDO A VISÃO

Na evolução de Deus, suas origens são ancestrais, o que não significa que sejam primitivas. Deus já aparecia de forma avançada no momento em que conhecemos Jó, pois todos os aspectos da vida na antiga Israel eram centrados em Deus. Quando há leis, costumes e uma identidade compartilhada, que são aspectos complicados, Deus é igualmente complicado.

O Livro de Jó dramatiza a voz de Deus com grande intensidade, sendo difícil se manter indiferente depois de lê-lo. Para usar uma frase moderna, é uma história sobre coisas ruins acontecendo a pessoas boas. O virtuoso Jó sofreu em uma escala mística, como Prometeu acorrentado a uma pedra enquanto uma águia comia suas entranhas. Mas também sofreu de uma forma muito humana. As calamidades que o acometeram eram repentinas e arrebatadoras: a seca na colheita, a praga sobre as reservas do paiol, o desespero da esposa com a morte dos filhos, a doença grotesca que contraiu e o distanciamento dos amigos. Se essas aflições recaíssem sobre uma pessoa hoje em dia, ela gritaria no meio da noite: “Por que eu?”. Jó é sobre o desejo humano de saber o porquê.

Ao sofrer como Jó, questionamos como ele. Até os registros mais antigos evidenciam a dúvida sobre Deus. Várias respostas vêm dos três amigos, que falam um depois do outro de forma ritualística. Uma resposta: Jó, você não é tão bom quanto aparenta. Você deve ter escondido seus pecados do mundo, mas não pode escondê-los de Deus, e agora ele te castiga por isso. Outra resposta: Jó, você é bom, mas é muito orgulhoso. Você crê que possui total controle sobre a vida, mas Deus está mostrando que o desastre pode acontecer a qualquer momento, em qualquer lugar. Explicar por que sofremos é um assunto presente em toda a Bíblia hebraica, e é por isso que eu não poderia começar com uma história mais bonita, sobre algum Deus amoroso que sorri para nossas vidas.

Quem quer que tenha escrito a Bíblia hebraica dedicou poucas páginas sobre o Éden, que se transformou em paraíso perdido antes mesmo de a tinta do manuscrito secar. Há uma bela passagem sobre Deus caminhando no jardim, no frescor da noite. Mais adiante no Velho Testamento o tema do amor aparece, mas principalmente como o amor entre homem e mulher, a exemplo do erotismo luxurioso dos Cânticos de Salomão:

Cântico dos Cânticos, que é de Salomão.
Beije-me ele com os beijos da sua boca;
 porque melhor é o teu amor do que o vinho.
Suave é o aroma dos teus unguentos;
 como o unguento derramado é o teu nome;
 por isso as virgens te amam. (1:1–3)

Quase todas as culturas possuem histórias de deuses maravilhosos que irrompem no mundo como amantes. Jovens reluzentes como Krishna, amante de centenas de garotas devotas, ou mais lascivos como Zeus, que seduz em forma de touro, chuva de ouro e muitos outros disfarces. No Ocidente, a história é mais sombria e existencial. Aflição e desastre sempre estão à espreita, assim como o julgamento severo de Deus.

Os amigos de Jó são um trio místico, como as três Moiras² ou as três bruxas em *Macbeth*, porque falam a partir do inconsciente. Ou, para usar outra frase moderna, falam a partir da sombra, do reino obscuro da psique onde pecado e castigo, vergonha e culpa, medo e vingança são guardados em segredo. Às vezes, a sombra irrompe, e qualquer sofrimento ou miséria pode se manifestar. Os autores do Livro de Jó, que parecem ser vários, viveram centenas de anos antes de Cristo. Não se sabe com precisão a data, embora pesquisadores tendam a concordar que se trata de um dos últimos livros, talvez a última adição à Bíblia hebraica. Contudo, algo muito moderno acontece, pois a vida continua a surpreender com catástrofes inexplicáveis, e a culpa toma conta mesmo

quando os acontecimentos são externos, aleatórios e fora do nosso controle.

A mente humana pode aceitar qualquer coisa, exceto a falta de sentido. Em nenhuma parte da passagem de Jó – seja quando escutamos sua própria perspectiva (“sou inocente”), seja a de seus amigos (“não, você não é”) –, a aflição é considerada accidental: “Isso é com você. De algum modo você fez esses eventos horríveis acontecerem.”

A vida humana oscila entre acreditar ou não nessas palavras. Se você acredita nelas, será levado a descobrir o que você fez de errado. A situação de um paciente de câncer atormentado pela ideia de que ele mesmo causou a doença remete à situação de Jó. Séculos mais tarde, à medida que Deus evoluía na consciência humana, uma saída foi oferecida para o tormento da autoacusação. “Eu fiz isso comigo mesmo” ou “Deus deve me odiar” leva à cura, ao perdão e à prova do amor de Deus.

Essa alternativa, porém, não existia para Jó. Deus afirmava em termos absolutos: “Eu sou o Senhor, teu Deus”. As virtudes de Jó não contavam, se Deus não quisesse considerá-las. O castigo divino não precisa de motivos. Depois que Adão e Eva foram expulsos do Jardim do Éden, a vida foi condenada ao sofrimento. A Bíblia hebraica termina com o mesmo fatalismo com o qual começa. Em Gênesis, 3:14, Javé diz:

Já que você fez isso, maldita é você
entre todos os rebanhos domésticos
e entre todos os animais selvagens!
Sobre o seu ventre você rastejará,
e pó comerá
todos os dias da sua vida.

Esse Deus queria ser temido. Não merecemos outra coisa, e em todo o Velho Testamento, a presença do bem e do mal na vida humana é examinada sem deixar de fora qualquer circunstância: assassinato, estupro, incesto, cobiça, roubo, luxúria, inveja, corrupção

pelo poder. A vida sempre corre perigo de desmoronar. Para afastar as sombras, as leis entram em cena. As normas organizam todos os aspectos da existência e vão além dos Dez Mandamentos; também residem nas centenas de tarefas e deveres diários descritos em Levítico.

A virtude era uma necessidade para evitar a fúria de Deus, até aparecer o Livro de Jó, que questiona todo esse sistema de forma impensável: a virtude não é garantia de proteção. O conto é concebido a partir de uma aposta entre Deus e o Diabo, na qual o Diabo alega ter o poder de fazer qualquer homem renunciar a Deus. Deus aceita o desafio oferecendo a pessoa mais virtuosa sobre a Terra. Esse jogo cruel é suficiente para destruir a fé. Por que alguém rezaria a um Deus que não oferece qualquer proteção e ainda aposta sua vida com o Diabo? Em última instância, Satã iguala-se a Deus, porque há uma boa chance de que Jó virá a falhar. Isso quer dizer que a própria religião pode falhar, assim como o compromisso entre Deus e humanidade – a garantia de que a virtude é recompensada – pode tornar-se nulo.

Ao observar o curso do tempo, entendemos que esse passo audaz era necessário. A ideia de Deus como uma força repressora e temida não permitia a evolução da própria concepção de Deus, assim como a psique não pode ser um poço de culpa sem fim. O Livro de Jó mostra que não se faz um omelete sem antes quebrar os ovos, e transforma completamente a ideia de obediência. Jó obedeceu a todas as leis de Deus, e ainda assim sua vida explodiu em desgraça.

De forma mais sutil, a história de Jó explora como as boas coisas da vida estão conectadas às ruins. Uma das crenças mais profundas nas tradições espirituais do mundo sustenta que o bem não tem sentido na vida se o mal não existir. Ambos ensinam quem somos, e que o conhecimento completo transcende as tentações do bem e do mal. A tentação do bem também é conhecida como o caminho do

prazer – ou seja, uma pessoa busca o máximo de prazer, uma vez que o prazer é algo bom, enquanto evita qualquer dor, que é algo ruim.

O caminho do prazer vem naturalmente, apesar do Velho Testamento estar cheio de mensagens que o desaprovam. Seu excesso leva à corrupção de Sodoma e Gomorra, as cidades tão cheias de iniquidades que Deus decidiu varrê-las da face da Terra. Na Bíblia, o rei Davi é o personagem que mais se aproxima de um herói, de um poeta e de um Adônis, mas se rendeu ao prazer enviando o marido de Bate-Seba ao campo de batalha, para que pudesse desfrutar dela.

Avisos sinistros contra a sedução do prazer ainda estão presentes no nosso mundo, sem dúvida, mas remetem à ideia de sabedoria. O argumento espiritual contra o caminho do prazer é direto e pertinente: a vida não pode ser sempre prazerosa. A dor sempre fará parte dela, e se você quer resolver os aspectos negativos da vida – tudo o que foi afastado para apodrecer na escuridão da sombra –, precisa ir além do prazer.

A história de Jó, contudo, não entra nesse território e foca-se nas tentações de Satã, cujo objetivo é fazer o homem renunciar a Deus e liberar o pior lado da natureza humana. Em hebraico, o nome de Satã quer dizer “adversário” e, na história de Jó, os argumentos contra a virtude têm caráter antagônico. Ser bom não leva a lugar nenhum e qualquer recompensa recebida pode desaparecer em um piscar de olhos. Você pode tentar ser bom para agradar a Deus, mas ele não tem obrigação de considerar esse gesto. A tradição da sabedoria, então, iguala as tentações do bem e do mal para responder ao questionamento do Adversário. E a resposta é que adversários deixam de existir quando o bem para de lutar contra o mal. A essência de Deus é a paz eterna.

Aqui estou eu olhando para o futuro. A autoconsciência, tema conectado à evolução de Deus, começa obscura, mas ganha luz à medida que o tempo passa. A experiência da felicidade pode ser a mais pura de todas e, por isso, a mais próxima de Deus. Deus não tinha evoluído a esse ponto no Livro de Jó: era reconhecido como um

criador severo, que observava e julgava os homens o tempo todo, sujeito a caprichos instáveis e compreensíveis apenas para ele mesmo. No fim da história, o jovem e inocente Eliú aparece de repente para resolver a discussão entre Jó e seus três amigos, em um desfecho pouco convincente. Ao colocar questões que ameaçam acabar com a fronteira entre humano e divino, a história interrompe o debate com respostas fáceis. Os três amigos são taxados de hipócritas e Jó, de orgulhoso, por considerar que Deus lhe devia uma resposta.

A aparição de Eliú remete basicamente à primeira cena: Deus faz o que faz, ponto. Assim, o cenário inicial é resgatado quando Deus afirma com sua própria voz que Jó passou no teste. Sua virtude foi recompensada com ainda mais riquezas em relação à sua vida anterior, por toda a situação a que foi submetido. Satã foi derrotado e o *status quo* foi reafirmado. Em uma era de fé, quando a meta principal era afirmar que Deus estava sempre correto mesmo se seu comportamento fosse terrível, esse desfecho era mais satisfatório. Para a criança dentro de todos nós, há algo de conto de fadas nessa história: a reafirmação de que Deus prevalece no final. E assim podemos dormir tranquilos.

Na perspectiva moderna, é mais fácil ignorar o fim simplificado e entender o Livro de Jó como uma discussão de realismo existencial. Ao fazer isso, modificamos a intenção original do autor: em vez de falar sobre a autoridade de Deus, a história nos ensina que o sofrimento é aleatório e universal. O caos espreita as fronteiras da existência cotidiana, a sombra pode irromper a qualquer momento e trazer sofrimento. Ainda mais terrível é desmantelar Deus por meio da dúvida. Quem louvará uma deidade com tantos caprichos? Deus se torna sinônimo de caos e imprevisto, mas usa uma máscara humana de Pai Eterno.

Em resposta a isso, eu diria: “Há mais por vir, não chegamos ao fim”. Ainda assim, a ideia de um Deus caprichoso e repreensivo não

desapareceu; todos os tipos de Deus sobrevivem em algum lugar, enraizando-se em nossa psique. O fundamentalismo religioso, seja cristão, islâmico ou hindu, depende dos mesmos elementos arcaicos, entre os quais se destacam o medo e o pecado. Mas o infinito não pode ser cercado e delimitado. O divino continua manifestando-se de inúmeras formas, e sempre continuará. Para além da fúria de Javé, continuamos na busca profunda da essência do amor e na tentativa de aplacar o medo, o que requer clareza e autoconhecimento.

Há uma lição positiva no Livro de Jó, uma razão para seguir adiante. Deus desafia Jó dizendo: “Onde você estava quando criei o mundo?”. Ele pede uma entrega, e essa entrega é necessária no caminho. O pecado do orgulho é o ego que pensa ter todas as respostas. Jó aprende que não há respostas para as coisas de Deus. O Senhor não é um quebra-cabeça que pode ser decifrado, nem um humano evoluído sentado em um trono no Céu. Onde está Deus, o ego não pode existir. Tudo o que Jó perde – saúde, posses, *status* social e a segurança da família – é irrelevante na jornada da alma. Não são coisas ruins ou erradas, como vemos quando Deus as restitui a Jó. No fim, Jó vê que está conectado com Deus de uma maneira mais pura, sem ter de perder ou ganhar.

Um longo caminho foi percorrido após a história de Jó. Ela é apenas uma das estações nessa jornada, e o viajante deve passar por todas para seguir viagem. De outro modo, estamos fadados a repetir o dilema de Jó em vez de resolvê-lo.

2

SÓCRATES

“CONHECE-TE A TI MESMO”

- Sócrates, vamos supor: e se eu matasse um homem agora mesmo?
 - Até um bárbaro como você tem limites.
 - Você pensa que estou brincando, mas o que aconteceria a mim? Olhe ao redor, ninguém está nos observando.

Os dois atenienses estavam no topo de um monte rochoso, ou deveríamos chamá-lo de monte de pedra, já que havia dez pedras para cada pedacinho de vegetação rasteira? O homem mais alto, Alcibíades, magro e incansável, protegia os olhos do brilho ofuscante do meio-dia. O mais baixo, Sócrates, estava agachado para descansar as pernas e respondeu:

- Você está enganado, sempre há alguém olhando.
- Quem, os deuses? Isso é piada – zombou Alcibíades.
- Faço de tudo para divertir você – disse Sócrates, gentilmente.
- Ninguém tão feio como você poderia ser divertido. Não estou sendo insensível. Você sempre me ensinou a dizer a verdade, não é? – disparou Alcibíades, molhando os lábios com um pouco de água do cantil.

A caminhada de Atenas até o monte havia sido longa. Os dois partiram ao amanhecer, mas até aquele momento tinham caçado

apenas um coelho, o qual Alcibíades acertou com seu estilingue. Ele carregava o coelho do deserto em uma bolsa pendurada no ombro. Sócrates fez um aceno quando o cantil foi passado a ele.

– Eu me preocupo com você – murmurou ele.

Sócrates tinha o corpo contorcido e queimado de sol. Seu rosto era achatado e o nariz, empinado, lembrando um sátiro retratado na lateral de um vaso. Era muito mais velho que seu amigo alto e magro, que poderia ser seu filho.

– Você sabe por quê? – perguntou Sócrates.

– Por que o quê?

– Eu me preocupo com você.

Alcibíades não estava prestando atenção. Logo abaixo, uma trilha acompanhava um estreito desfiladeiro. O caminho empoeirado se comprimia entre paredes altas de calcário que desenhavam a fissura por onde, antigamente, passava um rio. Apolo havia tomado toda a água ou, para os céticos, o Sol o havia secado. Quando viajantes queriam passar pela fissura, seus ombros encostavam nas duas paredes ao mesmo tempo. Alcibíades ficou animado com o que via.

– Se eu fosse bandido, meu esconderijo seria ali. É a emboscada perfeita – disse, apontando uma fenda horizontal onde dois homens poderiam ficar à espreita. De cima poderiam ser vistos, mas estavam escondidos dos desavisados comerciantes e fazendeiros a caminho do mercado.

– Você é um bandido – corrigiu Sócrates. – Um implacável ladrão de corações.

– Tenho direito aos meus prêmios, pois sou um soldado do Estado. De qualquer forma, você nunca deu o seu coração para ninguém, e muito menos teve ele roubado. Você finge amar, mas apenas joga – disparou outra vez Alcibíades com um sorriso afetado.

– Você tem seu próprio jogo, age como se fosse imortal, e isto é perigoso – replicou Sócrates.

Eles jogavam conversa fora e davam muita risada, de forma que, após algum tempo, tornava-se claro que não poderiam ser pai e filho. O mais jovem mostrava-se muito informal com sua insolência, e o mais velho, mais afetuoso que um pai leniente. Nenhum dos dois havia tido um pai assim na infância, o que de certa forma explicava o fato de estarem juntos. Isso ou algo mais misterioso e, talvez, desagradável. Na cidade, línguas afiadas davam sua opinião, mas chegaremos à lascívia mais adiante.

De repente, Alcibíades começou a correr morro abaixo, como se perseguisse uma presa.

– Esqueça isso tudo, siga-me! – gritou ele.

Os dois homens desceram rapidamente em direção ao estreito desfiladeiro. Alcibíades não poderia ser dissuadido da tarefa, nem distraído com conversa fiada. Seu sangue fervia. Os dois ficariam escondidos na fissura da parede de pedra até que uma vítima passasse por ali e, então, Alcibíades se precipitaria sobre ela. Só aí Sócrates saberia se o companheiro estava de gozação ou tinha mesmo a intenção de praticar alguma violência.

O caminho era inclinado e escorregadio. Galhos secos e pedregulhos entravam em suas sandálias, e seus rostos estavam sujos de pó e suor. Alcibíades, corredor treinado, não olhou para trás para checar se Sócrates precisava de ajuda. O velho não era conhecido por sua força? Em seus dias de soldado, durante a batalha de Potideia, no norte, Sócrates fazia a guarda noturna no frio vestindo apenas um casaco leve, e sequer tremia. Já tinha então quase quarenta anos. Nas campanhas de guerra, nas quais esperava-se que todos os homens livres carregassem escudos e armas, Sócrates era conhecido por se manter em pé a noite inteira, sem esfregar as mãos ou movimentar os pés, em razão do frio. Os coelhos às vezes o confundiam com uma árvore e mordiscavam a grama ao redor de seus pés.

Quando era mais jovem e mais impetuoso, Alcibíades perguntou qual era o segredo de Sócrates:

– Você tem a pele mais grossa do que a nossa, como a de um javali?

– Eu não me movia porque estava pensando – respondeu Sócrates.

– Eu também penso – riu o mais jovem. – E acho que seria inteligente o bastante para me manter aquecido.

– Assim me disseram. Você se mantém aquecido principalmente debaixo de um cobertor com uma garota de cujo nome você só toma conhecimento na manhã seguinte.

Era verdade. Em Atenas, à noite, escutava-se por toda parte o som do *aulos*, a flauta dupla que garotas tocavam pelas ruas para sinalizar que não estavam comprometidas. Alcibíades era conhecido por abrir a porta da casa de seu pai para deixar uma garota de *aulos* entrar e se proteger do frio. Sócrates, notoriamente virtuoso, observava seu comportamento com tolerância e, desde aquela época, já nutria alguma afeição pelo jovem.

As pessoas cochichavam sobre o homem mais velho e o garoto forte, mas Alcibíades tinha orgulho de ser objeto de qualquer olhar interessado. Nos banquetes, os convidados se sentavam em divãs que comportavam três pessoas, lado a lado. Alcibíades zombava de Sócrates por sempre sentar-se no meio de dois dos mais belos jovens.

– Como você pode me culpar? – Sócrates protestaria calmamente. – Um deles não é sempre expulso quando você aparece, em geral bêbado?

Ter o dom da beleza é como ser absurdamente rico. Você pode se dar ao luxo de não se preocupar como trata os outros. Alcibíades não se importava com aqueles que o amavam. Era displicente com a maioria das coisas, e insolente com o resto. A única exceção, a única coisa que levava a sério, era o exército. Quando seu pai colérico lhe dava uma surra com uma vara, o garoto se curvava e cobria a cabeça para se proteger. Disse a si mesmo que era um bom treinamento, caso fosse capturado e torturado por espartanos. *Odeie, mas em silêncio.* Aos quinze, ele já sabia como fazer isso.

Quando chegaram ao desfiladeiro, um golpe de frio caiu sobre eles. A estreita fissura onde se esconderiam estava logo abaixo deles; o lugar estava silencioso, exceto pelos pássaros no ninho, que reagiam aos dois intrusos. A mãe, de penugem marrom, protegia os filhotes piando e batendo as asas com vigor.

– Sinta – convocou Sócrates, o primeiro a agachar.

– Está úmido – respondeu Alcibíades, depois de tocar a terra solta em seus pés. Ele apontou para as linhas esbranquiçadas na rocha detrás deles, onde a água escorria silenciosamente como um fio brilhante.

Sócrates balançou a cabeça.

– Alguém esteve aqui antes – disse ele com a voz sóbria.

– Como você sabe? – retrucou Alcibíades, que sentiu seu tornozelo sendo agarrado pela mão ágil de Sócrates.

– Não se mexa, ou você vai esmagar... – sussurrou Sócrates.

Ele se referia a uma cobra? Com o calor do meio-dia, pequenas serpentes saíam em busca de frescor, e aquele lugar parecia perfeito pela água que pingava.

Sócrates afrouxou a mão. Alcibíades demorou um pouco para recuperar a visão depois de olhar tão longamente contra o sol. O jovem olhou ao redor.

– O quê?

– Isto.

Sócrates passou os dedos por um broto que crescia de uma fissura na pedra. Era uma murta sagrada, com folhas brilhantes e pálidas, bastando um toque para liberar seu perfume inebriante. Alcibíades havia estado bem perto de garotas que usavam fragrância de murta para, dizia-se, ganhar os favores de Afrodite. Ele gostava dessas garotas, não só por serem sagradas.

– Você disse que sabia pensar – resmungou Sócrates, tirando-o de sua distração. – Tente pensar agora.

Aos vinte e cinco anos, Alcibíades já havia passado da idade de ser pupilo de Sócrates e nunca havia frequentado uma escola formal, com

teto e suportes de cera para escrever. Sabia, porém, reconhecer o comando de um mestre. Observando com mais atenção, contudo, não conseguiu enxergar nada além do comum.

Sócrates ficou desapontado, mas não disse nada. O amor o deixava tolo. Ficaria chateado se Alcibíades se zangasse com ele, e nada irritava mais o jovem soldado que orgulho ferido. Com a voz suave, Sócrates explicou:

– Murta não cresce na sombra. A planta secaria e morreria. Alguém fez com que pudesse crescer aqui.

– Como?

– Mágica. O que mais poderia ser?

Alcibíades deu de ombros, e Sócrates continuou:

– O que mais? Essa pergunta é séria. Se você não acredita em mágica, diga como essa planta brotou aqui. Talvez tenha sido a vontade dos deuses. E se esse for o caso, talvez a tenham deixado aqui como um sinal para nós.

– Que tipo de sinal? – indagou o jovem.

– Uma profecia.

Sócrates, sem pensar, arrancou a murta pela raiz e colocou-a atrás da orelha, dizendo:

– Seu golpe é perigoso. Os viajantes estão de olho em bandidos, e os mais valentes reagem.

Alcibíades franziu a testa. Como a maioria dos soldados, ele mantinha sua coragem intacta imaginando que jamais seria ferido.

– Não ligo para profecias – desdenhou.

– Por quê? Por jamais sentir medo? Pois deveria. A vida é uma jornada em direção a um penhasco. A cada dia, avançamos um passo, e ninguém pode dizer o que há além da beirada.

O rumo da conversa estava irritando Alcibíades, que sacou o punhal e começou a afiá-lo raspando-o contra a pedra. Aproveitaria para tirar a pele do coelho enquanto esperavam, para garantir que não estragaria com o calor. Sócrates continuou:

– Fui ensinado a ler profecias pela melhor professora do tema, na época eu era tão ignorante que ainda sinto vergonha ao lembrar. Mas eu não falo dela.

– Ela? – indagou Alcibíades.

– Chamava-se Diotima, e se não foram os deuses que deixaram essa profecia, terá sido ela.

O outro não conteve sua surpresa:

– Então você acha que essa Diotima sabia que eu posso ser ferido hoje?

– Ou ainda pior. Você gostaria de ler profecias? Não é difícil quando você aprende a ver – assegurou Sócrates.

A essa altura, Alcibíades já havia esquecido o coelho, e olhou com os olhos semiabertos:

– Ninguém consegue entender você. A metade do tempo você diz o oposto do que sabe ser a verdade. Você é astuto e orgulhoso, mas finge ser uma pessoa comum – disse o jovem.

– Porque eu sou comum. Eu acredito em deuses, como todas as pessoas comuns.

– Está vendo? É isso que estou dizendo sobre falar o oposto da verdade.

Se Alcibíades havia esquecido o animal morto em sua bolsa, Sócrates, por sua vez, não. Tirou a criatura morta da sacola. Parecia um trapo cinza.

– Essa é a verdade? Somos como os coelhos? – indagou Sócrates. – Sangramos, podemos ser mortos. Então por que não nos chamar de animais e matar-nos por esporte?

– Porque somos humanos – respondeu Alcibíades.

– O que isso significa? – questionou Sócrates.

– Tenho certeza que você pode me dizer – replicou o jovem.

O diferente em Sócrates é que essas provocações sempre o levavam a questionamentos profundos.

– O que nos torna humanos é pensarmos sobre os deuses e eles

pensarem sobre nós. Você pode rir, mas é o que Diotima me ensinou: os deuses estão entre nós – afirmou ele.

– Neste instante?

– Sim.

– É verdade, você é comum – zombou Alcibíades. – Se os deuses estão aqui, quero ver os seios de Afrodite.

Sócrates ignorou a piada, e continuou:

– O que você vê quando olha ao redor? O mundo como ele é. Rochas, uma trilha estreita, um coelho morto. Mas esse mundo não tem sentido. Vida e morte andam lado a lado. Nenhuma delas quer parar, então a caminhada não tem fim. Os animais aceitam essa realidade, enquanto os humanos lutam contra ela.

– Posso dizer uma coisa? – perguntou Alcibíades. – As rochas são duras, a trilha é empoeirada, o coelho não alimentará mais o seu filhote. Fico feliz em ver o mundo como ele é, não como deveria ser.

– Então você não se importa em ser um animal? – questionou Sócrates.

– Não se eu sou o que sobrevive – respondeu o jovem.

Sócrates parecia sombrio.

– A profecia é mais sombria do que eu te falei. Se eu li corretamente, ela diz que você vai morrer de maneira violenta. Não hoje, mas um dia. Sua viúva se curvará no chão coberta de lágrimas, mas metade de Atenas vai comemorar sua partida.

Os contornos do rosto do jovem murcharam.

– Por que você está me dizendo coisas tão horríveis? Você deveria poupar um amigo, da mesma forma que um médico poupa o paciente que não sabe de sua fatalidade.

Sócrates lançou um olhar penetrante a Alcibíades.

– Todos nós somos pacientes que desejam ouvir que não vão morrer, mas a verdade é diferente.

A conversa era tão intensa que nenhum dos dois escutou o barulho de cascos de cavalo até que chegasse bem embaixo deles

chamando-lhes a atenção. O corpo de Alcibíades ficou tenso. Abaixou-se e engatinhou pela fissura, observando a carroça que passava, carregada de cestas de vime. O ar ficou pesado com o aroma oleoso das olivas. O motorista não olhou para cima.

– Aí está o que você esperava. Vá em frente, pule – sussurrou Sócrates no ouvido de Alcibíades.

– Mas é apenas um garoto – replicou o outro.

– Melhor ainda, é provável que você vença.

Agora podiam ver que o condutor da carroça não tinha mais de doze anos; era um garoto do campo com um chapéu de vime de abas largas. Ele lutava para manter firme o animal, que havia se assustado com a passagem estreita e o barulho do próprio casco. Um momento depois, já haviam passado pelo estreito, e o barulho desapareceu.

– Eu me contive – disse Alcibíades, com acidez. – Da maneira como você me provocou, eu poderia ter feito algo estúpido agora há pouco.

– Sério? Você gosta de se iludir? – perguntou Sócrates. – Você matou espartanos na batalha e, certa vez, ficou louco: deixou o ódio tomar conta e arrancou os membros deles. Na sua sede por sangue, condenou o inimigo a partir para a outra vida esquartejado. Agora, suas sombras querem vingança.

– Para o inferno com suas profecias. Lutei por Atenas. Matei pela honra! Como vou saber quais sombras devo acalmar? – perguntou o jovem, que agora parecia preocupado.

– Espere e pergunte a elas. Elas estarão em fila quando você morrer.

Alcibíades mordeu o lábio ao colocar o punhal de volta na cintura. Parecia confuso e contrariado. O sol já havia passado o zênite e parecia uma conta brilhante no horizonte. O jogo daquele dia havia se estragado, e Sócrates já se levantava para tomar o caminho de volta. Alcibíades grunhiu e jogou o coelho na fissura antes de seguir. Chegaram em Atenas depois do pôr do sol. Sócrates assobiava, enquanto Alcibíades permanecia calado. Ainda não estava escuro,

mas as garotas do *aulos* já circulavam com sua música. O som estridente atingiu os nervos do jovem, mas também o animou. Ele molhou os lábios secos para dizer alguma coisa, mas Sócrates o interrompeu.

– Eu jamais poderia te ensinar a ler profecias. Você está muito preocupado em manter-se vivo. Vou para casa.

No caminho de volta à cidade, Alcibíades tinha sentido a pressão sanguínea baixar, mas agora subia novamente, como um carvão quase todo queimado que, assoprado, volta a ficar em brasa.

– Certo, ir para casa. Você ainda tem dentes suficientes para mastigar o jantar – zombou Alcibíades. Em sua mente, ele via como a figura atarracada e velha de Sócrates parecia ridícula diante de seu ofuscante aspecto de Apolo. – Aterrorize-me e depois saia correndo – murmurou.

Sócrates voltou-se para ele e segurou seu ombro:

– Esqueça o dia de hoje. Voltarei quando você estiver mais calmo – disse, enquanto as sombras o engoliam.

Na manhã seguinte, Sócrates vagava pela ágora – a praça do mercado – apertando uma maçã aqui, sentindo o cheiro de carneiro ali. Ele falava com qualquer pessoa, rico ou pobre. Ninguém podia prever o que sairia de sua boca, mas um grupo de jovens tinha o hábito de segui-lo, incluindo Alcibíades, o mais selvagem deles. Estavam ansiosos para saber a qual ego incauto ele faria menção. Se Sócrates se dirigisse a alguém importante, essa pessoa fazia bem em virar as costas. Era perigoso até dizer “olá”. Saídos de uma discussão acalorada, que sempre começava como uma conversa inocente, seus oponentes ficavam feridos como se tivessem sido mordidos por carrapatos até a pele sangrar.

Mas nenhum deles sabia quem era Sócrates realmente – ele mesmo sentia, às vezes, que não se conhecia. Sempre olhava para

dentro de si, enquanto os outros viam apenas a parte de fora: um homem estranhamente alegre, curioso, atarracado, sem vintém e dono de uma incansável curiosidade. Alguns diziam que sua curiosidade era inofensiva, outros a consideravam uma ameaça.

– Você é um mestre da miséria – havia dito Antifonte, um professor rival, um mês antes, acusando Sócrates publicamente. – Você se faz de esperto, mas olhe para você. Você não trabalha, só os deuses sabem como consegue comida. Você usa a mesma veste no verão e no inverno, jamais vi você com um par de sandálias novas ou uma túnica decente.

Antifonte havia encurralado Sócrates próximo ao templo da Acrópole e falava em voz alta para atrair atenção. Uma pequena multidão de cidadãos se juntou ao redor, esperando a resposta de Sócrates.

– Continue, Antifonte – desafiou Sócrates. – Você está me descrevendo muito bem. Se não posso ser admirado, pelo menos sou notado, e logo por alguém tão respeitado como você.

– Eu sou respeitado? – interrompeu Antifonte, desconfiado.

– Claro. Pergunte a qualquer um aqui. Pergunte a você mesmo – respondeu Sócrates.

Alguns espectadores riram, mas Antifonte recusou-se a perder o foco e disse:

– Onde sua zombaria quer chegar, se não à miséria? Seus pupilos aprendem o escárnio como convenção, são preguiçosos e insolentes e, por imitarem o mestre, terminarão como você: cercados pela pobreza. Você nega que o dinheiro torna a vida mais fácil? É muito melhor do que passar fome. No fim das contas, seus seguidores acordarão para a existência miserável que levam, mas será tarde demais.

– Boa argumentação – replicou Sócrates, que jamais levantava a voz. – Mas, infelizmente, você provou o contrário do que pretende. Eu te mostraria por quê, mas já que você clama ensinar a sabedoria,

seria como um sapateiro roubar um sapato de outro sapateiro. Com um sapato cada um, nenhum dos dois prosperaremos.

A ponta das orelhas de Antifonte ficaram vermelhas. Ele fazia parte de uma nova classe de mestres conhecidos como sofistas³, que de fato reivindicavam ensinar a sabedoria, como bem disse Sócrates. Atenas estava dividida quanto à crença nessa reivindicação.

– Sapateiro não, Sócrates. Você se parece mais um caranguejo – rebateu Antifonte. – Um caranguejo que anda de lado para fugir, como você está tentando fazer agora.

Sócrates demonstrou desdém.

– Queria apenas proteger sua reputação, caro Antifonte, mas você é aquele tipo estranho, um acusado que perante a corte insiste que é culpado quando já o declararam inocente.

– Mostre-me a minha culpa – desafiou o sofista, agressivo.

Sócrates fez uma pausa.

– Primeiro, você é culpado de má-fé. Você não se interessa pelos meus ensinamentos. Fui encurralado para você fazer um espetáculo público, na esperança de atrair alguns pupilos meus para você, depois de assistirem à minha humilhação. Segundo, você é culpado de raciocínio falso. É verdade que sou pobre, que minha comida é pouca e que visto a mesma roupa em todas as estações. Mas sou feliz, ou pelo menos é o que as pessoas dizem. De onde vem minha felicidade? Não do prazer, porque de acordo com sua acusação não tenho dinheiro para ter acesso ao prazer. E por isso meus pupilos veem que o dinheiro não está relacionado à felicidade. Que exemplo eles devem seguir? O seu, que reside em superficialidades, ou o meu, que pode levá-los à fonte secreta da verdade?

Antifonte saiu andando de repente, seguido pelas vaias da multidão. Esses encontros eram típicos e dividiam Atenas de forma nítida entre os que apoiavam Sócrates e aqueles que lhe desejavam mal. Naquele dia em particular, porém, Sócrates chegou muito cedo à

ágora e não conversou com ninguém. Estava atormentado com o episódio de Alcibíades. Como um gato em busca do leite, o belo soldado voltaria, mas aconteceria o mesmo de sempre: ele se envergonharia de sua rudeza e descontrole, e até derramaria algumas lágrimas, mas em poucos dias voltaria a ser Alcibíades.

E a terrível profecia? Sócrates acreditava realmente que os deuses tinham plantado a murta, ou Diotima o havia feito. Ela era capaz de qualquer coisa. Sócrates observava os camponeses montarem suas bancas, quando avistou-a uma vez mais, como na primeira vez há vinte anos, com o cabelo negro emaranhado e sobrancelhas grossas. Ela vestia roupas rasgadas e estava descalça, parecendo uma criança criada por lobos. Muitos aspectos de Diotima eram impróprios, o que chamou a atenção de Sócrates, pois ele também era bastante impróprio.

Naquela época, ele era um jovem que trabalhava no mesmo ofício da família.

– Você pode esculpir uma estátua para mim? – perguntou Diotima, soltando as palavras sem apresentar-se. – Ou você é uma estátua? Nesse caso, peço desculpas por incomodar.

Sócrates encarou-a, coberto de pó de mármore; parecia misturado à pedra que talhava.

– Sou pedreiro, como meu pai – respondeu ele. – Mas também esculpo. Do que você gostaria?

– Que tipo de estátuas você faz? – perguntou ela.

– Somente o que você vê – replicou Sócrates, virando-se para mostrar o trabalho. Estava rodeado por pequenos deuses e deusas que seriam vendidos nas tendas ao redor da Acrópole.

– Que pena. Eu queria as invisíveis – disse Diotima.

– As invisíveis? São as mais fáceis de fazer, vocês mesma pode fazê-las.

Era um dia quente. Sócrates, sem camisa e apenas com o avental, estava pronto para fazer uma pausa sob a sombra. Largou a ferramenta e limpou o rosto com um pano.

Diotima balançou a cabeça.

– Você está equivocado. As estátuas invisíveis são as mais difíceis de serem feitas – replicou ela.

– E por quê?

Diotima pegou uma pequena estátua, uma imagem crua de Atena com capacete e escudo, e girou-a em sua mão.

– O objetivo dessas estátuas é reproduzir a divindade – continuou ela. – De outra forma, seriam apenas mortais. E como o divino pode ser talhado na pedra? O divino é invisível, assim como todas as estátuas dos deuses devem ser invisíveis.

Sócrates não sabia o que dizer. O que a mulher selvagem acabava de explicar fazia sentido, ao mesmo tempo que o confundia.

– Você parece confuso – notou ela. – Ótimo, há uma chance para que eu possa vencer a sua ignorância.

Sócrates tinha um pedaço de pão, sal e azeite de oliva, que havia trazido para o almoço. Sentou debaixo de uma árvore, cortou o filão e ofereceu a Diotima. Qualquer um perceberia que ela não comia há tempos.

– Você poderia me ensinar a esculpir os deuses? – perguntou Sócrates. Não que ele a tivesse levado tão a sério, mas sua curiosidade aumentava.

– Eu não sou escultora. Mas posso te ensinar a ver o invisível, e aí você decide por si mesmo o que fazer – respondeu Diotima, olhando-o profundamente com olhos sagazes. – Cuidado, porém. Uma vez que você vir aquilo que tenho para te ensinar, jogará suas ferramentas fora.

Sócrates riu.

– Por quê?

– Porque a forma externa dos deuses é irrelevante depois que você os enxerga em sua realidade – respondeu ela, com um sorriso amarelo. – Eu deveria realmente avisar a sua esposa.

– Então a sabedoria que você ensina destrói casamentos? O meu

já não vai bem, mas nenhum de nós dois tem coragem de partir – confessou ele. Sócrates tinha sido motivo de zombaria ao casar-se com Xantipa, conhecida por seu mau gênio.

– Ah, você é inteligente, e feio também. Não é à toa que sua esposa reclama – disse Diotima.

Mesmo singela, ela era uma sedutora de almas. Voltaram para o recanto do escultor e Sócrates retomou seu trabalho; a mulher sentou-se na sombra e começou a falar. Seu cabelo aparentava nunca ter sido penteado e ela não parecia ter outras roupas. No início, sentiu pena dela, mas era óbvio que não podia levá-la para casa. O melhor que podia fazer era trazer de casa dois pedaços de pão em vez de um e dizer a Xantipa que os ratos estavam assaltando a despensa.

Uma típica lição de Diotima não poupava palavras:

– Você não é mais cego e ignorante que outros homens – começaria ela. – Você é governado pelo apetite e sente inveja daqueles que possuem mais que você. Mas há momentos em que se olha e se envergonha dos seus desejos.

– Isso é o que me torna diferente do meu gato, a vergonha? Então deve ser melhor ser um gato, que não tem tanta imaginação para infligir sofrimento a si mesmo – provocou Sócrates.

Diotima riu por um breve momento.

– Não tente competir comigo, apenas escute. A nossa vergonha é a de uma criatura racional que pode olhar para si e desejar ser melhor.

– Mas os bêbados acordam de manhã sentindo remorso, e à noite voltam para as tavernas.

Assim se conheceram, o pedreiro e a mulher selvagem que vagava. A cada dia, Diotima deixava mais uma pista sobre o mistério que escondia. As pessoas espionavam essas conversas, e também fofocavam a respeito. A vizinhança dizia que Xantipa esperava Sócrates com um bastão – ou qualquer outra coisa que servisse de arma – em punho. Ainda assim, apesar de toda a angústia que Diotima o fazia

sentir, ele se via cada vez mais feliz, e em momentos imprevisíveis sentia um estranho êxtase.

As oscilações de humor, contudo, iam e voltavam, e era cada vez mais difícil abandonar seu fatalismo.

– Quando os deuses nos deram a razão, esqueceram de fazer-nos perfeitos. A culpa é deles. Um oleiro escolhe fazer o melhor vaso que puder, porque todos sabem que um vaso frágil é inútil, mas todos os humanos possuem almas frágeis. Pedirei satisfações a Zeus quando encontrá-lo.

– Não blasfeme! É pior do que tornar-se um sofista, se é que há algo pior que isso – rebateu ela. Essa foi uma das poucas vezes que Sócrates viu Diotima realmente brava, mas ela acalmou-se rapidamente e foi tomada por outro sentimento: tristeza. – A maioria dos homens está condenada, como você pode ver. Mas a prisão que os encarcera é estranha, porque cada prisioneiro tem a chave de sua cela. Recebemos a chave quando nascemos, e podemos escapar no momento em que decidirmos.

– E por que não o fazemos? – perguntou Sócrates.

– Porque nossa cela é nossa própria mente, e jamais existiu alguém mais forte. Mesmo se a porta da cela fosse aberta, o prisioneiro consideraria isso uma armadilha e continuaria sentado no solo de sua prisão, lamentando seu destino cruel.

Diotima deu um sorriso apagado. Depois de fazer afirmações provocativas, sempre ficava em silêncio e deixava o mistério pairando no ar. Fazia parte da sedução, pois ela sabia, como todo sedutor, entregar o ouro lentamente. Ela podia desaparecer por um dia ou dois, mas na volta sempre retomava o argumento exatamente de onde havia parado.

– O destino não é cruel, contudo. Ele parece implacável quando você se deixa capturar, como um pastor que se recusa a fugir do lobo e termina em sua barriga. Se o homem não fosse tão ignorante, veria

que os deuses querem apenas a nossa felicidade. É por isso que os humanos começaram a adorar: para expressar a gratidão.

– Ou o medo – interrompeu Sócrates.

– A adoração não é medo – corrigiu ela. O medo surge quando você acredita que os deuses se foram. Um deus ausente pode ser cruel e vingativo. Ele pode ser o motivo oculto, quando a colheita não vinga ou quando sua casa pega fogo. Tudo é possível quando os humanos se desconectam dos deuses.

– Eu poderia argumentar o contrário – rebateu Sócrates. – Os deuses se divertem com nossa ruína. Eles nos assistem enquanto assassinamos e vamos para a guerra, e não fazem nada para nos impedir. Como você pode afirmar que eles desejam nossa felicidade? Onde está a prova disso?

Nesse ponto, Sócrates estava tão envolvido na conversa com Diotima que suas ferramentas estavam jogadas pelo chão. Sequer notou os olhares de pessoas que passavam e comentavam que ele já não sabia trabalhar.

– Não é possível provar que os deuses querem nos ver felizes – pontuou Diotima.

– Mas você acaba de dizer...

Ela segurou a mão dele para que parasse de falar. A palma dela era morna e gasta, como a mão de alguém destinado a jamais viver sob um teto.

– Escute com mais atenção. Os deuses estão aqui, caminhando ao nosso lado. Nossos ancestrais os viram. Palas Atena estava junto com Aquiles no carro de guerra que ele dirigiu em Troia. Nossos ancestrais eram abençoados, mas nós somos mais. Os deuses já não nos controlam como as amas controlam as crianças. Eles nos liberaram para que pudéssemos conhecer a nós mesmos. Sem esse conhecimento, a vida não tem sentido.

Como alguém pode não ser seduzido por uma fala assim? Sócrates sentiu-se tonto, como se as palavras de Diotima fossem vinho, e ela

percebeu.

– Você está tremendo como um bebê, mas não vou te abraçar contra o meu seio, que é bem murcho, como você pode ver. Tenha esperança. Ainda há mais por dizer.

Ela levantou-se e se foi. Apenas nesse momento Sócrates notou o avançado da hora. A última luz do dia fraquejava e ele não tinha estátuas novas para vender. Isso significava que não levaria dinheiro para casa, o que por sua vez significava que Xantipa ficaria de mau humor. Essas coisas o preocupavam, ainda que em algum lugar dentro dele sentisse que não faziam sentido.

Embora no fim do último encontro Sócrates tivesse prometido retomar com Alcibíades assim que o amigo estivesse mais calmo, ele não teve a oportunidade. Com a cabeça quente, sempre correndo atrás de amantes, depois da glória ou da vergonha, Alcibíades raramente estava calmo. Mas essa não era a razão. Sócrates não foi até Alcibíades porque o jovem veio até ele primeiro. Alcibíades bateu na porta de sua casa, que ficava na pior parte da cidade, onde as fontes de água estava contaminadas e as mulheres tinham que percorrer um longo caminho para encher seus tachos de cerâmica. Alcibíades bateu novamente. Não estava com medo, mas torcia para que Xantipa não atendesse a porta ou que não estivesse segurando algo que pudesse ser arremessado contra ele.

Ninguém aparecia. Alcibíades levantou a mão para bater outra vez, e depois pensou que talvez fosse melhor não fazê-lo.

– Uma voz secreta disse para você se deter?

Ele voltou-se para encarar Sócrates, que em silêncio havia chegado atrás dele.

– Tenho uma voz como essa, ela sempre me avisa quando estou prestes a fazer algo equivocado – começou Sócrates. Aquele parecia o início de uma inocente conversa, mas Alcibíades não mordeu a isca.

– Estamos em guerra. Você não ouviu falar? – perguntou Alcibíades.

Sócrates não respondeu. Olhou em direção ao mar, embora não estivesse à vista.

– Saio com a primeira maré – disse Alcibíades. – Mas queria perguntar antes: é lá que vou morrer? Você disse que seria violento. Jamais verei Atenas outra vez?

– Como vou saber? – indagou Sócrates.

– E a sua voz, ela não te diria?

Sócrates levantou as mãos como se fosse um ladrão tentando provar que não roubou adornos de ouro de uma tenda.

– Ela decide quando quer aparecer.

Alcibíades olhou para baixo, não queria demonstrar que a esperança o estava abandonando.

– Fique em casa – falou Sócrates com voz suave. – Sempre há uma razão.

– Não posso ficar. Minhas dívidas, minhas mulheres. Achei que você... – e fez uma pausa. – Não importa, não estou sendo eu. Venha, vamos beber – chamou Alcibíades, apontando para a taverna mais próxima. Mas Sócrates não o seguiu. Alcibíades voltou-se para ele. – Se você me ama, velho companheiro, dê-me uma hora do seu tempo. Use sua filosofia e faça-me esquecer dessa maldita guerra.

– Certo, mas teremos que ir aonde eu quiser – comandou Sócrates.

Alcibíades concordou. Sócrates liderou o caminho morro acima, em direção à Acrópole. Caminharam em silêncio, compartilhando o mesmo pensamento. Ambos sabiam o real motivo pelo qual Alcibíades amava Sócrates. A fofoca sobre a paixão entre os dois estava errada, embora tivessem selado um pacto de amor. Houve um dia, sete anos antes, em que Alcibíades ansiava mostrar-se um verdadeiro guerreiro. Ele era um aristocrata, o que lhe garantiu o posto de oficial.

A batalha em questão eclodiu perto da cidade de Potideia, e fazia parte de uma sequência de batalhas que parecia interminável. A ilusão de ser um império inflamou Atenas, e o preço foi a guerra

constante com as cidades rebeldes. Alcibíades já não era mais um jovem imberbe e havia alcançado sua altura máxima; era forte o suficiente para estar na linha de frente de uma falange de hoplitas, cidadãos-soldados armados com lança e escudo.

Naquele dia, o moral aumentou e Atenas tinha sede de vitória. O inimigo estava sem comida em razão de um longo bloqueio à costa. Mas Alcibíades não aguentou esperar e quando viu o primeiro sinal do inimigo, quando ainda eram pequenos pontos no horizonte claro, quebrou a formação e correu em direção a eles com fúria, sem olhar para trás para ver quantos de seus homens o tinham seguido. Nenhum: o escalão mais baixo sabia que ele era inexperiente.

Alcibíades, ignorando tudo isso, aproximou-se rapidamente do inimigo e, se sentiu que estava sozinho, não se importou. *Odeie, mas em silêncio.* Quando chegou bem próximo, armou o braço e arremessou sua lança a um soldado de infantaria, que não acreditou ao ver um oficial avançar sozinho por território aberto. A lança alçou voo e caiu alguns metros adiante, no chão. O soldado inimigo observava quase entretido.

– Leve sua lança para casa – gritou. – Seu pai quer te ensinar como fazer a barba.

Alcibíades poderia ter se retirado com honra depois desse gesto fútil, mas em vez disso, sacou uma espada curta e balançou-a ao redor da cabeça gritando por sangue enquanto atacava.

Havia dois dos inimigos em sua frente, mas não estavam armados para lutar. Eram espiões enviados para contar quantos atenienses havia no topo da colina. Ambos sacaram suas pequenas facas e entreolharam-se, nervosos. Um louco estava preparado para atacá-los, mas pelo menos eles estavam em maior número e o primeiro som de armas alertaria seus companheiros, que estavam agachados não muito longe, atrás deles.

À esquerda, havia um pequeno bosque, e de repente um homem surgiu dali, um ateniense mais velho. Os espiões inimigos ficaram imóveis, atentos, e Alcibíades, que não era tão louco quanto sua forma de agir, diminuiu o passo.

– Voltem para suas bases – comandou o ateniense. Sua voz era baixa e firme. O inimigo hesitou, não estava claro a quem o intruso se dirigia.

O velho ateniense empunhou a espada.

– Sou o único aqui que já lutou corpo a corpo. Esse jovem – e apontou com a cabeça para Alcibíades – pensa que sangue é remédio contra o medo. Mas não é. Então, sigam meu conselho: voltem para suas bases – insistiu. Ele olhou diretamente para os espiões que, vistos de perto, não eram mais velhos que Alcibíades. – E digam aos seus companheiros que vocês tiveram sorte em sair vivos desta. Vocês se depararam com um ateniense que não tem medo de morrer e outro que não quer vê-lo morto.

Algo na presença daquele homem os convenceu. Os dois se despediram com uma reverência, como se tivessem conversado sobre agricultura ou mulheres, e bateram em retirada sem chamar auxílio.

A cena tinha potencial para comédia, mas Alcibíades tremia de raiva:

– Você não tem esse direito! – gritou ele.

– De salvá-lo? Desculpe. Eu luto pela vida, e isso deve ser um crime sob seu ponto de vista – falou Sócrates.

– Covardia é crime. Isso eu sei bem. Meus homens estão olhando, o que eles dirão?

Sócrates começou a caminhar de volta para a linha ateniense.

– Não importa, eles jamais foram seus homens – assinalou, voltando-se para encarar Alcibíades. – Faça algo para torná-los seus, como acabo de fazer.

Esse pacto é o que fez Alcibíades tornar-se dele. A batalha chegou a Atenas naquele mesmo dia e Alcibíades provou ser um assassino imprudente. As tropas comemoravam. E por que não? Tinham sido

testemunhas da coragem de Alcibíades. Em vez de rir, era melhor respeitá-lo. Durante a celebração da vitória, Sócrates puxou o jovem de lado antes de ficar bêbado demais para escutar. E disse:

– Você não me deve nada, exceto refletir sobre o dia de hoje. Você tentou se transformar em um animal, e por isso será considerado grande. Mas eu tenho vergonha de você.

Agora, ao chegar ao topo da Acrópole, Sócrates encontrou um bloco de mármore talhado e sentou-se. Ele gostava de lembrar-se de sua antiga profissão.

– Não importa se você avançar deliberadamente e morrer na batalha – disse ele. Alcibíades poderia ter protestado que isso importava para ele, mas não o fez. Sócrates continuou:

– A guerra não surge da noite para o dia. Ao estar divididos, os humanos estão em constante guerra interna. Até os mais contentes e calmos estão fingindo, ou estão iludindo a si mesmos. Medo e ira, desespero e desesperança são os inimigos da mente. O que deve ser feito? Essa guerra interna é uma doença. A cura é óbvia, apesar de poucos a buscarem: acabar com a divisão que gera alegria em um dia e tristeza no outro.

Se era uma tática para acalmar Alcibíades, funcionou. O jovem ficou contemplativo.

– E se fomos criados para estar na guerra? – indagou Alcibíades. – A morte é meu destino. Se não é possível viver sem morrer, não estamos vivendo de fato – avaliou. Como muitas pessoas que pedem consolo, ele argumentou em defesa de sua própria miséria.

Sócrates respondeu:

– Você está dizendo que não pode se curar, assim como um homem que desmaia de febre não pode prescrever seu próprio remédio, mas a realidade não é assim.

Contra sua vontade, Alcibíades escutou ossos quebrando, o barulho terrível de quando a espada penetra no peito do inimigo.

– Não me diga que esse sofrimento não é real, você pode me

enganar com palavras, mas não com isso – refutou o jovem.

Sócrates balançou a cabeça.

– A realidade não engana ninguém e a ilusão, por sua vez, não faz nada além disso. Talvez nunca mais nos encontremos, e você está com medo – confrontou Sócrates.

– Afirmar isso não me ajuda – resmungou Alcibíades.

– Talvez nunca mais nos encontremos – repetiu o mais velho. – Então escute. Eu vejo quem você é realmente, mais do que qualquer um no mundo. Você é tímido, como uma donzela com medo de deixar a casa do pai. Não posso mostrá-la a você diretamente, ela só pode ser observada de rabo de olho. A menos que você tenha muita sorte, ela o evitará pelo resto da vida – exemplificou, e olhou para o jovem amigo. – Eu nunca vou perder você, mesmo se você se perder. Você maquia a dor com uma camada de gesso de prazer, a mesma que um pedreiro preguiçoso usa para cobrir uma rachadura que está prestes a romper uma parede.

– Pare, só desta vez – pediu Alcibíades, em menção de ir embora. – De todos os momentos, ao menos agora – murmurou ressentido.

Os sofistas não estavam totalmente equivocados sobre como os estudantes de Sócrates estavam contaminados.

Sócrates se levantou do toco de mármore.

– Vamos rezar. Essa brincadeira me fez esquecer dos deuses. Ninguém deve fazer isso: esquecer é muito perigoso.

– Você pode ir, não vou rezar para nossos deuses caprichosos. Sacrificar um grão de trigo ou um touro, não faz diferença: eles nos deixarão morrer como moscas grudadas em um favo de mel – resmungou Alcibíades.

Sócrates apontou para uma dúzia de templos no topo rochoso da Acrópole.

– Eu acreditava que os deuses viviam ali, o que é tão fútil quanto você pensar que não. Para ser divino, um deus precisa estar em

todas as partes. O que significa que os deuses estão aqui, ao nosso redor. Quando você se dá conta disso, eles jamais te abandonam.

– Como você aprendeu tudo isso? – perguntou Alcibíades. Era difícil dizer se ele estava sendo humilde ou se estava resignado. Suas dívidas e suas mulheres não lhe davam outra alternativa a não ser ir para a guerra, onde Sócrates não tinha qualquer relevância.

– O que eu te digo sai dos meus lábios, mas não de mim – respondeu Sócrates em voz baixa. – Eu digo o que meu *daimon* me faz dizer – completou. Esse era o nome que Sócrates dava à sua voz interior.

– Então você está possuído – ironizou Alcibíades.

– Sim, como a louca que desviou o meu caminho – falou Sócrates.

Eles não tardaram muito no monte sagrado. Alcibíades abraçou seu mestre e sussurrou em seu ouvido:

– Não me odeie. Você me mostrou a imagem da sabedoria. Preferia morrer a esquecer.

Ambos sabiam que ele não estava sendo totalmente sincero. Alcibíades galopou monte abaixo sem olhar para Sócrates nem para a Acrópole. Um soldado sabe o que fazer na véspera da partida. A libertinagem pode ser tão boa quanto a filosofia. Nem todos são agraciados com a feiura ou com a pobreza.

Notícias muito ruins viriam, mas Sócrates as ignorava. Ele gostava de Alcibíades, mas gostava mais ainda do mistério. Sócrates continuou a tentar vencer a ignorância com palavras; era a única forma de vislumbrar, por um segundo fugaz, o divino.

Todos sabem como Atenas retribuiu Sócrates. Ele foi acusado de promover falsos deuses e corromper a juventude da cidade. Quinhentos jurados participaram do julgamento, e o veredito foi “culpado” por uma diferença de quatro ou cinco votos. Depois de sua sentença, o condenado passou a noite inteira com uma taça de cicuta ao seu lado, conversando alegremente com seus amigos, mesmo com a morte à

espreita. Eles choraram, imploraram para que escapasse, havia um barco pronto para ele no porto. Mas Sócrates estava completamente indiferente. É como se ele não fosse morrer, ou jamais pudesse morrer. Quando bebesse o copo de veneno, estaria pronto para resolver o último mistério.

E quanto ao deslumbrante Alcibíades? O estranho sobre as profecias é que elas nunca fazem bem, mas também nunca vão embora. Alcibíades se lançou a tudo. Falou na assembleia – e os ouvintes compararam sua eloquência com a de Péricles. Liderou expedições militares e matou mais espartanos, e quando uma expedição à Sicília foi malsucedida, ele pegou um barco no cair da noite e se juntou aos combatidos. Tentou o mesmo jogo duplo com os persas e, fossem sua beleza, coragem, imprudência ou astúcia que o mantiveram vivo, Alcibíades provou uma coisa. Profecias podem ser combatidas. A desgraça perde para o corredor mais rápido.

Até o dia em que aconteceu. Alcibíades estava entre os persas, os mestres da luxúria para além do que qualquer grego pudesse imaginar. Uma tarde, ele saiu de sua casa para tentar dissipar uma ressaca. Mesmo com as têmporas latejando, não se lembrava de já ter sentido o ar com um aroma tão doce. Fechou os olhos para inspirar profundamente e não viu seus agressores, que avançaram com facas. Cinco minutos depois, seu corpo deixava escorrer uma quantidade impressionante de sangue; o chão, sedento, absorveu-o rapidamente. Quando seu corpo retornou a Atenas para o enterro, sua viúva seguiu o cortejo com um longo véu no rosto, voltado para o chão, incapaz de ver sequer os pés em razão das lágrimas que encharcavam os olhos, enquanto metade de Atenas comemorava a morte de Alcibíades.

REVELANDO A VISÃO

Se aceitamos que o monoteísmo representa progresso, a Grécia Antiga pode parecer irrelevante com seus muitos deuses e deusas.

Sócrates viveu, no mínimo, quinhentos anos após o Livro de Jó ter sido escrito. Da perspectiva judaico-cristã, qualquer coisa que ele tenha a dizer revela muito sobre filosofia, mas quase nada sobre religião.

Mas ninguém poderia ser mais relevante que Sócrates se mudamos essa perspectiva. Se Deus está relacionado ao nosso próprio conhecimento, então “conhece-te a ti mesmo” tem grandes implicações religiosas. Em Atenas, durante a vida de Sócrates, o despotismo era uma ameaça constante, e como déspotas tendem a ser reacionários, a religião era usada para manter as pessoas na linha. Obediência, superstição e medo são ferramentas políticas importantes. Nesse sentido, somos filhos de Sócrates, mas também de seus inimigos. Pode soar impossível, pois é como simpatizar com o algoz e sua vítima. Mas pondere o que cada lado apoiava.

Quando condenaram Sócrates à morte, as forças reacionárias de Atenas queriam defender os deuses e evitar que os jovens se corrompessem – nesse caso, “corrupção” significa ter opiniões que desafiam o *status quo*. Sócrates defendia o oposto, questionando todas as opiniões e a autoridade (daí o rótulo de que a maioria das pessoas se lembra quando pensam em Sócrates: um provocador).

O que permanece surpreendente sobre o julgamento de Sócrates, quase dois mil e quinhentos anos depois, é que se tenha dado importância a isso. Quando foi a última vez que um filósofo ameaçou o bem-estar público? Ou quando a definição de verdade foi um problema de vida ou morte? Nos diálogos organizados por Platão, em que Sócrates é sempre o pensador mais sagaz e o personagem mais fascinante, ninguém fica de fora. Soldados, andarilhos, cidadãos, filósofos profissionais e jovens privilegiados: todos têm sua opinião sobre a verdade. Um caso especial é o carismático, mas traiçoeiro Alcibíades; voltaremos a ele mais adiante.

Não importa se Sócrates falava em Deus ou deuses, porque ele estava interessado na questão do divino. Por quê? Porque ele acreditava que a criação tinha uma origem divina, assim como os humanos. Mas havia um caminho a ser percorrido antes de uma pessoa experimentar a verdade do divino pessoalmente. Se Sócrates for pensado apenas como o corajoso mártir que tomou cicuta, perdemos grandes questões das quais não podemos escapar: “Quem sou eu? Qual o sentido da vida? Existe uma verdade suprema?”. A essas perguntas, Sócrates deu respostas que confundem as pessoas, hoje e ontem, porque a máxima “conhece-te a ti mesmo” foi reduzida a um simples conselho de psicólogo, em vez de remeter a um comando transformador, questão de vida e morte. Sócrates não estava dizendo para as pessoas conhecerem suas idiossincrasias. O “ti mesmo” não se referia à personalidade de um indivíduo, com suas esperanças, medos, impulsos e desejos. Sócrates se recusava a definir o que tinha em mente quando se referia a “ti mesmo”, assim como Buda se recusava a usar a palavra “deus”.

As razões deles eram as mesmas: você derrota a verdade se usa palavras, porque esse uso implica saber ou especificar o que você está procurando – e a verdade não é um saber, é uma experiência. Não é possível antecipá-la, assim como, por exemplo, quando uma pessoa é criança, não pode antecipar como será ir para a faculdade, casar, ter filhos. Experiência é algo novo (ou deveria ser), então a verdade é algo novo. Dessa premissa, é um pequeno passo reivindicar que Deus seja algo novo. Mais do que qualquer coisa, essa abordagem tão aberta do que significa a ideia de verdade mostrou a Sócrates o caminho até seu julgamento e execução.

As autoridades tinham razão em considerá-lo uma ameaça. Como professor, Sócrates ensinava seus pupilos a questionarem tudo. A liberdade intelectual, contudo, era apenas um dos aspectos do método socrático. Para entender o real perigo que Sócrates representava, temos que voltar a Diotima e uma revolução no

desenvolvimento da ideia de Deus (Sócrates falava em Deus e deuses da mesma forma). Todas as sociedades cooptam Deus para sustentar o *status quo*. As pessoas virtuosas vão à igreja (ou fazem sacrifícios no templo de Atena), obedecem regras, temem o castigo divino, se preocupam com a vida após a morte, sentem-se patriotas e vão para a guerra defender seu país. Deus apoia essas atividades, assim como os deuses gregos.

Diotima, descrita por Sócrates como professora e mais sagaz que ele, defende outra perspectiva, muito mais radical. Para ela, tudo no mundo era um mistério, e mergulhar na questão do mistério significava transformar a própria noção de verdade. O que é verdade? Em Atenas, durante o século V a.C., a verdade era um sistema de ideias que podia ser ensinado, e quanto mais uma pessoa dominasse essas ideias, mais perspicaz era considerada. Uma escola de professores conhecidos como sofistas (cujo nome vem de *sophia*, o termo grego para “sabedoria”) coletava as melhores ideias e as replicava.

Eles consideraram um insulto quando Sócrates qualificou seus métodos de vazios e equivocados; como classe, os sofistas eram qualificados como arrogantes, vaidosos e estúpidos. Platão é a fonte de quase tudo o que sabemos sobre Sócrates, e sua opinião negativa dos sofistas funciona como um reforço da total integridade de Sócrates, que não temia nada, fosse como soldado lutando por Atenas, fosse diante da morte, quando recusou todas as ofertas de auxílio para fugir do país e do veredito da corte.

Sócrates era uma espécie de sedutor. Tinha como objetivo transformar a verdade em algo sedutor a ponto de dominar a mente, que se purificaria de todas as crenças falsas e despertaria para a busca por uma realidade superior. Para Sócrates, verdade e realidade eram a mesma coisa: uma luz brilhante comparada à realidade comum, que seria como assistir a sombras em movimento nas paredes de uma

caverna. Se você olha apenas em uma direção, você é cativado pelo jogo das sombras; se vira as costas, é fascinado pela luz.

Essa posição é conhecida como idealismo, e somos filhos dela, assim como somos filhos do realismo pragmático que Sócrates era acusado de subverter. Ideais, também conhecidos como formas platônicas, são a essência da experiência cotidiana. O ideal de beleza é perfeito e transcendente; porque ele existe, vemos flores, crianças e quem amamos como bonitos. É como se fossem os conceitos ideais aplicado no mundo ordinário, onde os vemos em sua forma diluída. O mesmo acontece com os ideais de verdade, justiça e todas as outras grandes aspirações. Buscamos o ideal: começamos com a experiência cotidiana e vamos cada vez mais alto – se somos verdadeiros filósofos, amantes da sabedoria –, até que o ideal puro seja revelado. Essa é a jornada da alma ressaltada por Sócrates.

É fácil condenar aqueles que levaram o filósofo à morte. Mas se formos honestos com nós mesmos, provavelmente queremos a mesma coisa que eles defendiam: uma sociedade estável sem radicais inflamados que incitam o descontentamento com o *status quo*. Para muitos cidadãos atenienses, Sócrates era uma força disruptiva. Aqueles que desestabilizam o sistema de normas precisam morrer antes de se tornar heróis ou mártires; durante toda a vida, são vistos como séria ameaça social.

Na realidade, Sócrates adorava os mesmos deuses que qualquer outra pessoa devota da época, e não era a favor da insurreição dos jovens. Devassidão não fazia parte de seus ensinamentos, nem a blasfêmia. De uma perspectiva mais profunda, porém, Diotima ensinou a blasfêmia a seu pupilo, pois “conhece-te a ti mesmo” é extremamente subversivo no fim das contas. Levar a sério esse preceito significa que procurar Deus é mergulhar no mundo interior em detrimento do mundo exterior. Isso significa que você estará no mundo, mas não fará parte dele; que você se tornará a luz do mundo

em vez de esconder sua própria luz embaixo de um cesto. Posso usar frases associadas a Jesus porque a ligação com o platonismo é bastante forte.

Na verdade, alguns estudiosos acreditam que o Evangelho Segundo João no Novo Testamento foi escrito por alguém que conhecia profundamente o pensamento platônico e os ideais gregos. A tradição cristã é a ligação mais direta com Sócrates. O Evangelho Segundo João não conta com milagres ou histórias de Natal; começa a narrativa com a ideia de Deus mais abstrata da Bíblia: “No princípio, era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus.” A palavra (*logos*, em grego) ganhou um significado profundo para os primeiros cristãos: descrevia quem Jesus era e de onde vinha. João é bastante explícito nesse aspecto:

Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade. (1:14)

Mas por que Jesus precisa de Sócrates e vice-versa? Quando Jesus foi crucificado, seus discípulos foram deixados com a expectativa, quase literal, de que o propósito do messias era derrotar o Império Romano, libertar os judeus da condição de escravos e reinar sobre a Terra. Sua vinda justificaria e realizaria as visões dos profetas do Velho Testamento, como Isaías.

Quando aquilo não aconteceu, os discípulos se sentiram abandonados e derrotados. João é visto como aquele que resgatou a missão de Jesus. Diz ele, da forma mais simples: “O Messias fez o que deveria. O Jesus que andou entre nós era divino como uma palavra, um ideal, um espírito. Os olhos mortais se enganam ao vê-lo também como um mortal. Visto com os olhos da alma, Jesus era a encarnação do espírito, como somos todos nós quando chegamos a Deus”.

O que é essa afirmação senão a máxima “conhece-te a ti mesmo” reformulada em termos cristãos? Ainda assim, não há ensinamento

mais difícil de seguir. Gera desespero saber que Sócrates e Jesus foram executados por dizer a verdade, por mais que não seja algo inesperado.

Se você deseja entender como “conhece-te a ti mesmo” é uma expressão desafiadora, tente vivê-la durante uma semana. Quando uma pessoa passa algum tempo olhando para dentro de si, o que se revela é o conflito, a confusão e a desorganização do mundo “aqui dentro”. Medo e raiva rondam à vontade na psique. A sombra, que vimos na história de Jó, governa um reino escondido de culpa e vergonha. Impulsos atávicos como inveja, luxúria e vingança lutam contra a razão. Se o mundo interno não revela alvoroço, a alternativa pode ser a monotonia da convencionalidade, mais deprimente à medida que é examinada. “Conhece-te a ti mesmo” pode deixar a semana difícil e a vida mais desafiadora.

O *status quo* depende da conformidade, mas não a das abelhas em uma colmeia, e sim o acordo compartilhado de não mergulhar tão profundamente na natureza humana. Incapazes de se libertar de comportamentos desgovernados como luxúria, cobiça e agressão, os seres humanos construíram a civilização a um preço: desistimos da autenticidade completa em troca de segurança e equilíbrio mental.

Sócrates ensinava o oposto, assim como Jesus. O ateniense defendia que se mergulhássemos fundo o suficiente nessas questões haveria luz para além da confusão e do caos, do id e do ego, do sexo e da sede de poder. Só a luz é real: essa afirmação aparece de distintas formas sempre que os seres humanos se questionam sobre quem é Deus. Diotima parece ter passado essa ideia a Sócrates, e ele a levou para as ruas. Os sofistas se enganaram ao assumir que a verdade poderia ser distribuída em pacotes bem embalados. Por outro lado, Sócrates também pode ter se enganado ao assumir que o caminho para a verdade poderia ser ensinado.

O barulhento, brilhante, rebelde e traiçoeiro Alcibíades gera muitas dúvidas sobre a aposta socrática: ele se lançou em aventuras

militares desastrosas, sendo a pior delas a infame guerra para conquistar a Grécia. Em seguida, de repente, vira as costas e trai Atenas ao vender seus serviços aos persas, que o usaram como puderam antes de matá-lo. Sócrates ensinou um pupilo privilegiado que jamais utilizou seus ensinamentos. Quando Alcibíades aparece bêbado em um banquete, insiste em sentar-se ao lado de seu velho professor, e quando Sócrates era admirado (isso consta em *O banquete*, de Platão), a voz de Alcibíades era a mais alta. Mas ele não era um bom homem. Nos nossos dias, sacerdotes franziriam a testa e diriam que ali não havia qualquer proximidade com deus.

Mas toda fábula precisa de um filho pródigo, e Alcibíades se tornou um. A diferença é que ele não se redimiou. Esse conceito, que requer que a graça de Deus desça e toque a alma de uma pessoa, ainda não estava em cena. Ao refletir sobre Sócrates, um cético pode ser perguntar em que medida a sabedoria faz bem a alguém. Afinal, Deus não depende de fé? Não necessariamente. Na Índia, há um ditado sobre o caminho espiritual: “Uma fagulha é suficiente para queimar a floresta inteira”.

Isso pode significar que, uma vez avistada a luz, a escuridão pode em algum momento ser derrotada. Sócrates trouxe a luz da mente. Ele era menos um provocador do que uma fagulha e usava o termo “parteiro da verdade” para referir-se a si mesmo. De todos modos, o resultado final é o mesmo, seja a verdade revelada dando à luz uma criança frágil ou incendiando a floresta da ignorância. A realidade é a luz, e a luz só pode ser encontrada em nós mesmos. As palavras “conhece-te a ti mesmo” encerram uma nova crença, a de que a natureza humana é capaz de chegar a Deus sem dogma, autoridade ou medo. A jornada interna é uma viagem a pé e Deus torna-se seu destino final: o autoconhecimento completo. Para citar outro ditado indiano: “Essa sabedoria você não pode aprender, precisa transformar-se nela”.

3

SÃO PAULO

“EU SOU A LUZ DO MUNDO”

O Império Romano é lei, paz e eficiência. Acima de tudo, o império é poder, o qual é reafirmado por suas legiões, que espalham terror por toda parte, bastando um gesto do imperador para tanto. Seria insanidade rir desses elementos. Quer dizer, a menos que Deus dissesse que impérios são passageiros e viram pó nas mãos dele.

Essas ideias impediram a ruína de um homem. Elas o ensinaram a sobreviver. Nesse exato momento, ele estava sedento e arfando de tão exausto. Parecia doente e faminto. Seus membros eram como palitos com nós salientes onde deveriam estar os cotovelos e os joelhos. Ninguém considerava que teria muita chance se fosse condenado às galés, mas, por sorte, não o foi. O juiz era indiferente a fanáticos religiosos, como este que havia aparecido nos registros de Roma como Saulo, e condenou-o a uma pena leve.

– Trinta dias em agrupamentos de reparação de estradas, e mantenham-no longe de outros judeus. Já estão suficientemente instigados – proferiu o magistrado.

Para as legiões que impunham a ordem, suprimir uma insurreição por alimentos dava duas vezes menos trabalho que uma insurgência religiosa.

Enquanto Saulo trabalhava nas estradas, o suor escorria pela boca do esqualido prisioneiro; o sabor era salgado e sujo. Um leve vento soprava no deserto, o que era uma faca de dois gumes, porque trazia frescor ao mesmo tempo que levantava uma poeira asfixiante.

O prisioneiro próximo a Saulo, um capadócio gordo que havia roubado um filão de pão sem fugir longe o suficiente antes de devorá-lo, cutucou-o nas costelas.

– Você aí, apresse o passo. O guarda está olhando, e parece furioso – disse o capadócio.

Saulo concordou com a cabeça e deu um passo adiante na fila. Ele jamais brigava quando estava na prisão, a não ser com palavras. Não se podia saber se alguém carregava uma faca, mesmo após a checagem matinal dos romanos. Deus gostaria que um de seus escolhidos carregasse uma arma para se defender? Não. Disso Saulo estava seguro.

Sob a justiça romana, era chamado Saulo, e não contestava. Às vezes, nomes judeus eram bem acolhidos, em especial perto da Antioquia, onde os magistrados eram quase todos judeus. Em outras ocasiões, ele usaria seu nome latino, Paulus, ou Paulo. Sempre havia uma chance de leniência para ele, pois era cidadão romano. Leniência não ia além de receber pão sem mofo e água sem impurezas – o que já era bom o bastante. Se pudessem ver seu coração, porém, entenderiam que Saulo estava morto. Ele deixou de existir no instante em que Paulo nasceu.

O atento guarda fez uma cara feia para o sol, lançou uma praga e olhou para o outro lado, e o ritmo do trabalho diminuiu outra vez. O capadócio estava entediado e puxou conversa:

– O que você fez?

– Eu assusto as pessoas, algumas delas – respondeu Paulo.

– Como?

– Digo a elas que Deus as ama.

A conversa terminou ali. Paulo sorriu para si mesmo. Tinha quase

cinquenta anos e, até então, o que havia sofrido por Jesus? Estava carregando pedras desde o amanhecer, e para não prestar atenção à dor que sentia nas costas, fazia contas mentalmente. Chicoteado em público? Cinco vezes. Trinta e nove chicotadas menos uma, aplicadas pelos judeus, seu próprio povo. Golpeado na cabeça até perder a consciência? Três vezes. Apedrejado? Apenas uma, graças a Deus. Muitos irmãos já tinham morrido apedrejados. Estêvão foi o primeiro, terrível forma de chegar aos braços de Deus.

A mente de Paulo continuava trabalhando para não se deter em nenhum daqueles pensamentos. Naufrágio? Três vezes, entre elas a noite que passou no mar, rezando para que amanhecesse rápido e os sobreviventes fossem resgatados. A maioria de suas preces envolvia monstros marinhos.

Depois de sobreviver a esses tormentos, não se sentia orgulhoso de sua coragem. Orgulho era pecado. O mais perto que Paulo chegava desse sentimento era ao pensar que, entre seus irmãos, era o que mais trabalhava, caminhava e suportava a aflição em silêncio. Gostava de assustar as pessoas com o amor de Deus. Os pobres judeus que conhecia temiam e obedeciam ao Senhor. Paulo, em vez disso, mostrava-lhes um amor cego a Deus. Não é de se admirar que muitos fugiam.

Se ele se sentia amado naquele momento, aprisionado e sob um calor infernal, com guardas testando seus chicotes curtos nas coxas, apenas para praticar? Sim, ele se sentia amado. Na verdade, aquele momento era um exemplo supremo do amor de Deus, porque a dor era uma lembrança da busca pela graça, que estava em todo lugar.

Para Paulo, havia apenas dois tipos de seres humanos no mundo: aqueles que ele havia convertido e os que ele poderia converter. Nada mais importava. Mesmo sob chicotadas, jamais perdia uma oportunidade de praticar em pensamento seus discursos para desmontar os argumentos do oponente.

Se Deus é amor, por que sofremos?

Para nos lembrar que somos filhos de Adão e Eva, que trouxeram o pecado ao mundo.

Mas você diz que seu Messias morreu por nossos pecados.

Certamente.

E então por que os romanos, que não acreditam no Messias, infligem castigos e reinam sobre você?

Porque eles não percebem que estão condenados.

Condenados? Olhe para eles. Comem uvas e sentam-se à sombra enquanto você sofre como um cão nas mãos deles. Então de que vale a sua salvação?

“Meu reino não é deste mundo”, disse meu mestre. Tenho a promessa de um banquete no céu à mesa de Deus. O ruído ao longe que chegará aos meus ouvidos será o do grito dos pagãos ardendo no inferno.

O coração de Paulo regozijava-se de vitória só de imaginar um debate como esse. Deus já o havia libertado tantas vezes, podia fazê-lo novamente a qualquer momento. As correntes e cadeados ao redor de seus pés podiam se transformar em flores. Os guardas caíam de joelhos, estremecidos. Meditando sobre essa cena, atrapalhou-se com a pedra seguinte e quase a deixou cair. No fim da fila, um cipriota grego sem metade de uma das orelhas e de dentes afiados rosnou:

– Mexa-se, esse é meu último dia, não vou deixar você arruiná-lo.

– Poderia ser seu último dia na Terra – replicou Paulo.

– O quê? – indagou o outro.

– Deus poderia jogá-lo na fogueira, onde haverá pranto e ranger de dentes. Tema o Senhor, ele está nos olhando – respondeu Paulo.

– Você está dizendo que os deuses querem me matar? – esbravejou o grego, que teria golpeado Paulo se não fosse pela pedra que carregava nas mãos.

– Não, estou apenas dizendo que a morte chegará para todos. Você já pensou como será seu julgamento? Pois deveria. Você não parece

viver com cautela – observou Paulo, apontando para a orelha pela metade. Ele não tinha o costume de pregar durante o trabalho. Mas não havia como saber a hora certa, até que Deus a revelasse.

Em missão a Filipos, Paulo havia sido preso com outro missionário, Silas. Eles foram levados a um calabouço profundo onde metade dos prisioneiros era de loucos ou paralíticos em razão do isolamento e da escuridão.

Paulo podia sentir Silas tremendo enquanto apoiava suas costas às dele para se proteger. Ambos estavam enrolados em trapos de roupas puídas e sujas.

– Seja forte, irmão. Deus está vendo – sussurrou Paulo. Ele teve uma premonição.

Pouco antes de amanhecer, o chão começou a tremer. Paulo despertou Silas e foi em direção à porta. O segundo tremor veio em alguns segundos, e Paulo sabia, por intuição, que esse seria muito mais forte. Gritos aterradores irromperiam no calabouço, e todos se amontoariam para arrombar a porta. Deus teria de agir com exatidão e sincronia para que os dois missionários sobrevivessem. O segundo tremor veio como um trovão da terra; as paredes da prisão começaram a rachar como cascas de ovo e relances do amanhecer podiam ser vistos em meio aos escombros que caíam. Silas estava em choque; sentou-se e observava, confuso.

– Venha, irmão – gritou Paulo, levantando-o antes que estivesse desperto o suficiente para ficar aterrorizado.

Os prisioneiros entraram em pânico, como Paulo tinha previsto, mas ele e Silas eram os mais próximos à porta quando ela desabou. Correram em direção às escadas enquanto o chão estremecia. Uma espessa nuvem de poeira escureceu o ambiente. Uma multidão lutando para subir as escadas separou os dois cristãos. Silas repetiu o nome de Deus enquanto se agarrava às paredes que tremiam, tateando a subida. Rente ao chão, Silas avistou uma fissura na parede por onde conseguiria passar, e assim o fez.

Levantou-se, tossindo poeira e com os olhos lacrimejantes. Quando finalmente conseguiu enxergar, Silas ficou abismado com a cena. O terremoto não havia derrubado a prisão: apenas havia provocado a fissura na parede pela qual ele escapou. Ao redor, as outras edificações estavam intactas. Os soldados romanos que dormiam nos quartéis sequer estavam acordados, até que um guarda solitário começou a gritar quando viu os fugitivos correndo rua abaixo, muitos deles seminus e arrastando suas correntes.

Silas gritou o nome de Paulo primeiro, e o de Deus em seguida, mas à medida que um prisioneiro após o outro escapava pela rachadura da parede, ele não conseguia avistá-lo. Não havia tempo a perder. Os soldados já tinham sido alertados e Silas escutava o barulho de suas espadas e botas. Os primeiros soldados a aparecer formaram uma parede de escudos a fim de barrar os prisioneiros restantes que saíam pela rachadura. Em poucos minutos, a abertura estava cercada.

Que escolha ele tinha? Silas avançou em direção a uma viela estreita e sinuosa e correu. Ainda jovem, percorreu um longo trecho antes de seus pulmões em chamas o obrigarem a parar. Não conhecia a cidade, por isso não conseguia identificar o pequeno gueto de casas pequenas onde moravam vários cristãos. Perdido e sozinho, Silas tentou não pensar em sua esposa que estava em Antioquia; de tão cansado, deslizou até o chão, com as costas contra uma parede ainda fresca do frio noturno.

– Olhe para isso. Existe pão melhor? Coma. O terror abre o apetite.

Antes de escutar a voz, Silas tinha percebido a sombra de um homem passar por ele. Olhou para cima. Era Paulo, com um brilho nos olhos e um pedaço de pão nas mãos.

– Não se preocupe, não roubei o pão. É um presente do guardião do calabouço.

– Quem? – indagou Silas surpreso.

Paulo sentou-se ao lado de Silas e dividiu o pão em dois.

Murmurou uma breve oração e entregou o maior pedaço ao companheiro.

– Converti nosso algoz.

– Durante o terremoto? – perguntou Silas tão surpreso que nem começou a comer.

– E havia algum momento mais apropriado? Um milagre estava acontecendo, não podia perder a oportunidade – explicou, pegando o saquinho que levava amarrado na cintura. – Não fique tão surpreso. Quantos milagres um guardião de calabouço vê acontecer? Ele estava impressionado e ofereceu o pão como prova disso. Sem contar as azeitonas e o queijo, que nosso guardião sonolento tinha guardado para o café da manhã. É bom, não é? Eu deveria converter alguns padeiros – brincou, ignorando o espanto de Silas.

Silas apontou para um vira-lata que os farejava a distância, esperando para ver se jogariam algum resto de comida ou o enxotariam dali.

– Você tentaria convertê-lo se pudesse, não é? – perguntou Silas.

Paulo olhou de lado seu companheiro antes de decidir que aquilo era uma brincadeira.

– Sim, ele parece pronto – respondeu Paulo.

Ao levar a mão à boca para a próxima abocanhada, percebeu que sua mão tremia um pouco. Paulo sentia uma imensa calma interior, mas aparentemente seu corpo mortal estava afetado pelo terremoto e pela intervenção divina.

Paulo considerou o incidente e a conversão do guardião uma grande vitória e reportou o acontecido à igreja de Antioquia, onde viviam os fiéis mais fervorosos. Contudo, até eles podiam hesitar se sua fé não fosse regularmente reforçada com boas novas. A longínqua Jerusalém era mais difícil de persuadir. Lá, os cristãos desconfiavam de Paulo, como se fossem um velho rabino do interior. E essa desconfiança crescia, não importava quantos milagres ele reportasse. Convocado

perante a comissão de fé em Jerusalém, Paulo precisou se defender. Sua perseguição a cristãos foi lembrada. No momento, os romanos estavam negligentes em proibir que cristãos se reunissem, então, quando Paulo apareceu, o salão, com todas as tochas acesas, estava cheio.

Os mais velhos, alguns deles nomeados apóstolos, estavam sentados numa plataforma elevada. Para Paulo, lembravam muito os magistrados sentados em seus bancos. Estava nervoso. Levantou-se colérico:

– Não estou aqui para ser menosprezado. Julguem-me, se quiserem, mas tenho uma missão que ninguém aqui pode contestar. Ao falar contra mim, vocês falam contra a missão que me foi conferida por Jesus.

A proclamação audaz gerou polêmica e um tumulto de vozes que o impediu de continuar.

– Você nunca conheceu Jesus! – gritou alguém, e em seguida meia dúzia de outras pessoas entoou a mesma frase.

Paulo levantou as mãos pedindo calma e continuou:

– Conheci Jesus em espírito. Se vocês realmente o conhecessem, entenderiam.

Os protestos contra ele duplicaram; sua insolência era chocante. Os líderes de Jerusalém tinham se declarado a única autoridade religiosa desde a crucificação. Eram dois os principais: Pedro, o discípulo preeminente, e Tiago, o próprio irmão de Jesus. Ambos estavam sentados ali, mas não demonstravam nenhuma reação.

Paulo levantou a voz para vencer o vozerio:

– Como vocês podem me renegar? Se vocês afirmarem que apenas vocês, que estiveram com o Mestre, são a verdadeira igreja, ela cessará quando vocês morrerem. É o que vocês querem? – indagou, sem esperar pela resposta. – Sei que vocês não acreditam em mim. Sou cidadão romano de nascimento, e os romanos nos odeiam. Eu mesmo persegui vocês porque suas crenças escapavam à razão. Em Roma, eles não entendem um rei que não seja deste mundo. Assim como eu não

entendia. Mas vocês também sabem o que aconteceu comigo quando vi a luz.

– O que você *diz* que aconteceu – gritou uma voz enfurecida.

– Então é assim? – gritou Paulo de volta. – O Senhor me chama, mas vocês têm o poder de passar por cima dele? Se eu não ganhar o amor de vocês, isso anula o amor de Deus?

O burburinho silenciou; Paulo sentiu uma possibilidade de afeição e precisava aproveitá-la.

– Quando ele estava ensinando, qualquer olhar podia chegar a Jesus: olhares bobos, ignorantes, luxuriosos, vaidosos, orgulhosos. Eu não diminuo o que vocês viram. Seus olhos são abençoados, porque vocês conheceram o Senhor encarnado. Por outro lado, não diminuem o que eu vi.

A confusão cessou completamente, ele estava começando a convencê-los. Mas Paulo sabia que poucos deles podiam pensar por si mesmos; olhavam para Simão Pedro para descobrir o que ele pensava.

Com um gesto suave que silenciou todos, Pedro pediu a palavra, pois tinha algo a dizer:

– A bênção do Senhor recai sobre todos, como a chuva. Assim não disse o Mestre? Então como você separaria o digno do indigno?

A pergunta era ambígua e Paulo enfrentou-a de cabeça erguida:

– O homem que já fui, Saulo de Tarso, seria indigno se estivesse aqui. Pela graça do Senhor, ele está morto. Eu renasci.

As vozes se levantaram em recriminação; ele tinha ido longe demais. Os irmãos estavam cansados de ouvir a história do milagre de Paulo: Saulo, o perseguidor de cristãos, caiu de seu cavalo enquanto cavalgava de Jerusalém a Damasco; a luz de Cristo cegou-o por três dias, até que sua visão fosse restaurada pelo bondoso irmão Ananias. Paulo repetia o episódio em qualquer sermão diante de judeus e pagãos. Alguns diziam que era vaidade.

O velho Cleopas abriu caminho devagar entre a multidão, e o grupo se abriu para que passasse. Ele acenou com a cabeça para Simão Pedro, que disse:

– Dê seu testemunho.

A sala ficou em silêncio outra vez.

– Eu estava assustado demais para caminhar com o Senhor naquele terrível último dia – disse Cleopas. – Não peguei a cruz quando ele fraquejou. De longe, vi as três cruzes erguidas no Gólgota, e fugi. Minha descrença não foi maior que a dele? – indagou Cleopas, apontando para Paulo.

– Não! – gritou alguém com raiva. Cleopas ignorou-o e continuou:

– Nosso irmão Paulo prega que até os mais indignos podem ser salvos pela fé. Ele também é mais forte que eu nesse sentido. Deixem-me dizer por quê.

O ancião revelou então uma história. Ele e outro discípulo estavam indo embora de Jerusalém enquanto os romanos executavam Jesus. Era melhor deixar a cidade o quanto antes, para a própria segurança. Os fariseus podiam convencer Pilatos a crucificar os discípulos de Jesus na sequência.

Durante o caminho, Cleopas quase não falou, perdido em seus pensamentos e se sentindo culpado, até que seu companheiro começou a chorar. Ele rejeitou as tentativas de Cleopas de consolá-lo.

– Nunca mais o veremos, nossa devoção foi uma perda de tempo – gritou o companheiro. – Seguimos um falso messias, você não percebe?

A imprudência de seu companheiro irritou Cleopas, que era naturalmente gentil, mas precisou ser direto:

– Vi com meus próprios olhos Jesus curar os doentes, e você também. E as três mulheres, e os anjos?

Três mulheres da Galileia, entre elas Maria Madalena, seguiam Jesus e seus discípulos por onde fossem. As mesmas três encontraram o túmulo de Jesus vazio na manhã seguinte. Estavam ali, confusas, quando de repente anjos apareceram para anunciar que ele estava vivo.

A morte não era nada para Deus, e ele tinha levantado seu filho do túmulo. As mulheres correram ao encontro dos discípulos para dar a notícia. Houve tumulto. Parte deles comemorou, enquanto a outra, colérica, maldizia os ladrões que tinham roubado o corpo de Jesus durante a noite.

– Eu vi sua alegria com as mulheres – lembrou Cleopas a seu companheiro, que teria respondido com rispidez se não fosse a aproximação de um estranho na estrada. Em vez de cumprimentá-los com a cabeça e seguir caminho, o estranho olhou-os de forma penetrante.

– Sobre o que vocês estavam falando? – perguntou, em aramaico.

Os discípulos se entreolharam, nervosos, não queriam dar pistas de quem eram. O estranho era um judeu, mas isso não os deixava mais seguros.

– Vocês estão saindo de Jerusalém. Aconteceu algo por lá? – perguntou o estranho, sem tirar os olhos de Cleopas, que sentiu seu coração queimar em tristeza.

– Você não sabe? A cidade foi tomada por uma onda de violência – disse o companheiro ao estranho, contando sobre o julgamento de Jesus e como ele foi traído pelos sacerdotes do Templo.

– Então os judeus estão discutindo sobre o Messias novamente – disse o estranho.

– E poderia ser diferente? – rebateu o companheiro de Cleopas.

– O fervor em relação ao Messias termina com paus e pedras – refletiu o estranho em voz alta.

Mas o fervor não havia sido aplacado. Sob o governo de Herodes, os romanos tinham redobrado as perseguições. Mais do que nunca, os judeus precisavam de um líder capaz de tirar os invasores da terra sagrada.

– Você é um judeu, você deve sentir a mesma necessidade que nós – disse Cleopas, superando o sentimento de cautela.

– Então, o Messias virá quando nosso povo mais precisar? –

perguntou o estranho. – Então, por que não ele vem? Já estamos bastante desesperados.

– Pensamos que ele tinha vindo – replicou o companheiro de Cleopas, com a voz decepcionada.

– E ele armou vocês? Não vejo armas, a menos que estejam escondidas debaixo de suas roupas – observou o estranho.

– Jesus era um homem de paz – interveio Cleopas.

– Então vocês esperam dois messias: um para derrotar César e outro para acalmar as águas.

O estranho falava de maneira desafiadora, e os três ficaram absortos, pensando. Lembraram de Moisés e revisitaram mentalmente tudo o que estava dito sobre o Messias, que ele seria condenado e incompreendido, que os letrados não o entenderiam, apenas os simples de coração. Ele seria um homem de sofrimentos na Terra, mas um rei nos céus.

– Nosso Mestre *está* no céu – gritou Cleopas, que ficou atordoado com a ira que surgiu na voz do estranho.

– Seu mestre tem tolos como seguidores se ele mostra milagres e ainda assim não acreditam nele.

Essa foi sua única explosão, que rapidamente se acalmou, e os três seguiram caminho. Quando alcançaram a cidade de Emaús, Cleopas conhecia um lugar receptivo aos discípulos e convidou o estranho, que iria continuar a viagem, para jantar com eles. Ao ver o céu que escurecia, aceitou.

Nesse ponto da história, Cleopas teve dificuldade em suprimir sua emoção, o que acontece com os mais velhos, mas ele não sentia vergonha disso.

– Sentamos na mesa, trouxeram o pão. O estranho curvou a cabeça para abençoar a comida e, quando partiu o pão, finalmente nos demos conta. Era Jesus! Deus nos havia cegado para testar nossa fé. E apesar de feliz por estar vendo o Mestre outra vez, estremeci por

dentro. Por três dias duvidei dele. Como eu podia acreditar em um Messias que os romanos pudessem matar a seu bel-prazer?

O velho Cleopas apontou para Paulo e levantou a voz, que já não estava trêmula.

– Se eu fui abençoado por ter visto o Mestre vivo, ele também pode ser.

A fala foi forte e Paulo precisou se controlar para não arrematar com mais retórica. Abraçou Cleopas e esperou enquanto ele lentamente voltava para seu assento. Pedro, sentado e com as costas apoiadas no espaldar de seu assento de madeira, mostrava no olhar suspeita ou aprovação? Paulo precisava decifrar os homens para sobreviver, mas não se importou: demonstrou desdém ao ver passar por ele o olhar do apóstolo. Ele havia sido abençoado pelo espírito e não importava o que Pedro, o grande Simão Pedro, pensava disso. Se Jesus não era um rei deste mundo, não seria lógico pensar que seus verdadeiros discípulos também não o eram?

A atmosfera estava mais leve. De seu trono, Pedro concordava com a cabeça sem proferir qualquer comentário e parecia concordar com a situação. Se ganhar era o suficiente, então a sessão acabava ali. Mas quem disse que ganhar era suficiente para Paulo? Ele disse à multidão:

– Sinto que vocês me deram sua aprovação, mas nem todos deram-na de coração. Eu não me importo, pois amo vocês com fervor, como almas batizadas pelo Espírito Santo. Comparados aos cétricos vejo vocês como fantasmas. A carne de vocês é uma miragem, vocês são realmente a luz de Deus. Digo isso a vocês e diria a mesma coisa a César antes de ele me matar, ou ao próximo pagão prestes a cuspir em mim.

Paulo queria que essas palavras causassem comoção, e causaram. Jerusalém ficou em polvorosa a semana inteira, e ficou feliz em ver Paulo pegando a estrada para sair da cidade. Deixe-o ir e ser

imprudente como ele quer, diziam as pessoas. O Senhor o protegerá – ou não.

Os milagres não pararam. Paulo convertia as massas, um a um. Muitos se tornavam tão fervorosos em sua crença que chegavam a ver Cristo com seus próprios olhos. Roma irritou-se. Os cristãos acreditavam no impossível, e ainda assim o impossível se espalhava com rapidez, contaminando uma cidade após a outra. Oficiais locais asseguravam a Roma que tudo estava sob controle, porém mal diferenciavam judeus de cristãos. E por que se importar com isso? Ambos tinham fantasias grandiosas sobre um Messias que derrotaria César. A única diferença era que o Messias dos cristãos já tinha vindo, e agora estava morto.

Quando os milagres acontecem em outros lugares, as pessoas desejam mais, e isso abria espaço para ilusionistas. Paulo lutava contra eles: fossem magos ou feiticeiros, eram considerados blasfemadores e filhos do demônio. Mas não era a vontade de Deus que Paulo os enfrentasse. Paulo aguardou, e chegou a converter dois ladrões em uma cadeia. Algum tempo depois, quando voltava pela terceira vez a Antioquia, a mão de Deus pousou sobre Paulo e ele foi guiado para Chipre. O mar estava escuro durante a travessia.

– Você vê algo por ali, irmão? – Paulo perguntou a Barnabé, o discípulo que Deus havia escolhido como sua companhia. Confuso, Barnabé olhou para as águas, que estavam estranhamente calmas, e balançou a cabeça.

– Peixes? – perguntou ele.

Paulo sorriu. O mar calmo e sem movimento parecia um espelho. Não para refletir a imagem de alguém, mas para ver através dele. Assim como a face esconde a alma, o reflexo do espelho esconde o que está por trás dele. O amor infinito foi encoberto pela sobancelha grossa de uma mulher, pelas bochechas rosadas e pelas primeiras marcas de expressão de um envaidecido amante que olhava seu

reflexo enquanto sua amante não o observava. A vaidade pode fazer nos apaixonarmos pelo reflexo, e é por isso que Deus precisa enviar pistas e profecias: para barrar o nosso amor por nós mesmos e nos forçar a ver a verdade.

Aportaram em Chipre e Paulo teve uma inspiração imediatamente.

– Precisamos encontrar os que temem a Deus – disse ele a Barnabé. Esse termo era caro entre cristãos. Estava na moda procurar por um deus. Pagãos tinham se transformado em inquietos buscadores e alguns batiam nas portas das sinagogas. Os judeus se assustavam, mas alguns argumentavam que o isolamento só aumentaria o ódio contra eles e que deveriam deixar os pagãos verem por eles mesmos como era um lugar sagrado.

Aos poucos, as portas foram abertas aos que procuravam, conhecidos como os que temem a Deus porque reverenciavam o Senhor mesmo sem religião. Até cidadãos romanos bem nascidos apareciam, e às vezes escutavam o rabino pregar contra os cristãos, o que lhes provocava curiosidade. Em Chipre, morava um desses curiosos, Sérgio Paulo, que era procônsul da cidade de Pafos. Os cristãos locais receberam Paulo e Barnabé com boas notícias: parece que esse homem poderoso queria ser batizado. Mais um sermão, e o espírito desse homem certamente se convenceria.

– Ficarei envergonhado se não converter um homem cujo segundo nome é igual ao meu, mas como ele é? – perguntou Paulo.

– É um homem racional, sensato – explicaram os irmãos do lugar.

O pior tipo, pensou Paulo, mas guardou para si.

A premonição se justificava. Sérgio Paulo foi encontrado em sua casa reclinado sobre almofadões, com um sorriso tranquilo no rosto e uma taça de vinho, metade vazia, nas mãos. A seus pés, estava sentado – o que mais poderia ser? – um feiticeiro que fazia bolas de algodão aparecer e desaparecer sob um chapéu de veludo vermelho. O mágico sustentava um sorriso e uma taça de vinho ainda maiores.

– Elimas, levanta-se! – ordenou o procônsul, limpando a boca com um guardanapo. – Seu Deus espera que você o honre. E deixe esse vinho, que Javé não é Baco e quer você sóbrio – completou. Elimas era um judeu que se insinuava para os romanos.

Elimas virou-se para Paulo sem estender a mão:

– Escutei sobre seu profeta, aquele que ressuscitou entre os mortos. Não farei esse truque hoje, respeito você.

– Um mágico com preocupações seria algo revigorante – respondeu Paulo.

Elimas riu, para ser civilizado. Paulo estava irritado, mas sabia que estava sendo provocado: o romano e o mágico provavelmente tinham preparado a cena de boas-vindas.

Paulo se dirigiu com firmeza ao procônsul:

– Não tenho qualquer serventia para um homem da razão, e você não tem serventia para mim. Minha mensagem é a fé. Quinhentos irmãos e irmãs já testemunharam Cristo ressuscitado. E sou um deles.

– Mais educação seria melhor – retrucou Sérgio Paulo.

– Quando a casa de um homem está em chamas, o que é melhor para ele: o servo tão educado que não acorda seu senhor ou aquele que golpeia sua porta? – perguntou Paulo.

– Posso produzir fogo, se você quiser – interrompeu Elimas, com ironia. – Mas ninguém aqui está dormindo.

– Todos aqueles que riem da ressurreição de Cristo estão dormindo – devolveu Paulo com rispidez, e voltou-se para o romano. – Não desprezo seu conhecimento, mas a mente não é necessária para se ver o sol. A razão é grande; a fé é maior. Esse mágico pode convencê-lo de qualquer coisa com um de seus feitiços. Falsidade é o seu negócio. Mas eu trago uma questão de vida ou morte. Não a desperdice só porque você se diverte com ilusões.

– Você vai engolir essa sentado? – indagou Sérgio Paulo a Elimas.

– Não estou ofendido, Jesus era um grande mago. Mesmo que sua

sinceridade não levante dúvidas. Seus seguidores o chamavam de Espírito Santo. Mas eu sou o mestre dos espíritos, e eles falam quando ordeno – respondeu Elimas, inclinando-se em direção a Paulo em uma reverência gozadora.

– Você está se divertindo com sua própria blasfêmia? – interpelou Paulo.

– Tanto quanto você com sua retórica – rebateu Elimas. – Por que você acha que os romanos governam os judeus? Eles usam a razão, riem diante da superstição. Suspeito que você me critica porque sabe que já perdeu antes mesmo de começar.

O procônsul se divertia, e Paulo deixou que o mágico proferisse seus argumentos bajuladores. Precisava esperar até que o Senhor lhe enviasse sinais sobre o que fazer. E de repente, eles vieram.

Paulo voltou-se para Elimas:

– Pecador imoral, você deveria se envergonhar sob os olhos de Deus. Ele sabe quem você é e está furioso – disse ele, com firmeza, e levantou a mão. O gesto se parecia tanto com o de um mágico que Elimas riu. – O Espírito Santo comanda – gritou Paulo.

De repente, Elimas tateava o ar e, então, com um grunhido, caiu no chão.

– Você vê, procônsul? Eu vejo, assim como esse infeliz – declarou Paulo.

O romano, que levantou-se imediatamente, parecia confuso:

– Se eu vejo? O que você quer dizer?

– O Senhor rodeou-o com uma névoa escura. Durante uma estação, esse blasfemo permanecerá cego.

– Elimas, segure a minha mão – comandou Sérgio Paulo, estendendo o braço bem à frente do rosto do mágico, mas Elimas proferia alguns ruídos incompreensíveis enquanto tateava o vazio.

O procônsul estava momentaneamente abalado. Magos o visitavam todos os dias. O último deles conhecia magia mais elevada.

– Fique, ensine-me – convidou Sérgio Paulo, procurando algumas

moedas de ouro em sua toga.

Paulo balançou a cabeça em negativa:

– Você só se importa com poder.

– O qual dividirei com você. Venha – o procônsul achou algum ouro e balançou-o no ar.

Paulo apontou para o mago cego:

– Este é um poder além do seu entendimento. Não foi minha mente que fez isso, e a sua também é inútil perante Deus.

Paulo fez um movimento de retirada, e o romano quase chamou os soldados para bloquear seu caminho; sua mão estava a um centímetro da corda que acionava o alarme. Mas Paulo parou sozinho, voltou e ajoelhou-se junto a Elimas, que já não proferia nenhum som. Paulo falou com ele:

– Esse romano não tem mais qualquer serventia para você. Dentro de uma hora, você estará vagando pelas ruas, implorando para ser curado. Nada o ajudará, mas, em alguns meses, a cegueira passará sozinha. É um ato do Espírito Santo.

– Leve-me com você – implorou Elimas, segurando o braço de Paulo.

– Você sofreria mais do que está sofrendo agora – avisou Paulo.

– Não! – refutou o mago, com pânico na voz.

A mente de Paulo foi da ira para a gentileza:

– Jesus proclamou: “Sou a luz do mundo”. Ele não disse ser a luz de Jerusalém ou dos judeus.

– Mas ele é o Messias, deve estar a favor dos judeus – murmurou Elimas.

– E isso significa que você o possui, como um judeu possui uma vaca ou um *talit*? – questionou Paulo, que se aproximou e reduziu a voz a um sussurro. – Escute, feiticeiro. *Ele possui você*. Isso é tudo o que você precisa pensar, não há o que discutir.

Agora estava pronto para sair e lançou um olhar cortante para o romano, fazendo sua mão cair da corda do alarme.

– Você não vai ajudá-lo? Você sabe muito bem que o jogarei na rua – disse Sérgio Paulo.

Paulo balançou a cabeça e foi embora. Mais tarde, relatou o incidente a Barnabé, que por sua vez contou aos irmãos em Chipre.

Não demorou para que o episódio ficasse conhecido por todo o mundo cristão. Os cétricos de Jerusalém não disseram nada. Guardaram sua opinião para si, desconfiados do homem que havia rumado a Damasco e não menos desconfiados do homem que rumava a caminho da graça. Paulo não se importava. Olhando para trás, via todos os convertidos por ele, e para a frente, todos os que poderia converter. Era apenas uma questão de tempo para que todos ocupassem a estrada até onde os olhos de Deus alcançassem.

REVELANDO A VISÃO

Se hoje, você conhecesse alguém da era dourada de Atenas, na rua, talvez desdenhasse da crença deles em deuses sentados no topo do Monte Olimpo, desfrutando uma festa infinita à custa dos humanos enquanto agitavam os mares, infligiam a fome e destruíam indivíduos a seu bel-prazer. Mas esses atenienses do século V poderiam desdenhar sua crença de que Deus é uma questão de fé. Na era Cristã, a luz divina passou da mente para a alma. Deus subiu para além do mundo natural. Não mais agitava os mares ou jogava raios e trovões. Tornou-se mais maravilhoso e rodeou-se de mistérios. Manteve, contudo, um de seus velhos hábitos: o de forçar seus devotos a viver em perigo.

Dois fenômenos em particular dominaram a igreja cristã primitiva: os milagres e o martírio. Ambos são responsáveis pela nova religião ter se espalhado como rastilho de pólvora. Os primeiros cristãos eram perseguidos, mas também eram abençoados com milagres visíveis. Na primeira geração depois da crucificação, os

seguidores mais próximos de Jesus morreram por suas crenças e, quando uma multidão raivosa apedrejou Estêvão, o primeiro mártir, apenas um ou dois anos após a crucificação, foram acossados por um opositor à nova religião: Saulo de Tarso.

A transformação de Saulo, o perseguidor, em Paulo, o maior responsável por dar forma ao cristianismo, é uma das conversões mais importantes da história da humanidade. A experiência de Paulo na estrada para Damasco se tornou um protótipo para todas as histórias de conversão drástica. Ser cegado pela luz – o que aconteceu com Saulo durante sua jornada para levar dor aos cristãos – define a essência de experimentar Deus em uma epifania repentina. Mas há uma questão ainda maior. Por que a ameaça de morte violenta poderia ajudar uma religião a se espalhar? A perseguição costumava ser eficaz em manter os mais fracos tiranizados, por um curto ou longo período.

O cristianismo tinha uma arma secreta. O martírio abriu o caminho para os milagres. Essa conexão foi feita desde o início. A crucificação foi um ato de violência extrema, mas levou à ressurreição, um episódio de supremo milagre. São Paulo teve um papel central em consolidar essa conexão. Ele insistia que um verdadeiro cristão precisa acreditar literalmente no fato da ressurreição. Assim, morrer por Jesus tornou-se um sacrifício que garantia a subida ao céu. O fato da mesma crença existir no islã deriva diretamente do cristianismo; ambas são “religiões do Livro” e que prometem a salvação na vida após a morte, o que coloca o mundo físico tão abaixo do mundo espiritual que chamar a morte em nome de Deus é uma virtude.

Paulo também afirma que quinhentos convertidos viram pessoalmente o Cristo ressuscitado. Se assim for, o início da Igreja testemunhou o maior fenômeno místico de massa até então. Os escritos de Paulo sobreviveram na forma de um maço de cartas enviadas a congregações em Éfeso, Corinto e outras áreas, de Israel à

Ásia Menor. Pesquisadores acreditam que essas cartas podem ser os registros mais antigos do cristianismo, produzidos antes dos quatro Evangelhos.

De qualquer forma, a força da mente de Paulo prevaleceria. Se apenas a primeira carta aos coríntios tivesse sobrevivido, suas palavras seriam indelévels, graças à paixão e à confiança com que foram escritas:

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. (13:4-6)

Essas palavras ecoam Jesus, sem dúvida, mas ganham força porque são proferidas por um simples mortal que passou por uma transformação. Com outra voz, Paulo pode repreender e corrigir os novos convertidos. Com outra, prega em linguagem simples o que significa adentrar no milagroso mundo aberto por Cristo:

Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino. Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido. (13:11-12)

A prosa poética é de tirar o fôlego. Entretanto, a mente por trás dessas palavras teve de enfrentar oponentes invisíveis para sair vitoriosa. Não sabemos se Paulo era rival de Pedro, o discípulo favorito de Jesus, ou de Tiago, irmão de Jesus que tinha a reivindicação hereditária mais forte para liderar a nova fé. Eu os retrato em conflito porque a interpretação do início do cristianismo foi invertida nos últimos cinquenta anos. Antes, aceitava-se a teoria de que depois da crucificação passou a existir uma religião uniforme liderada por Pedro e os outros apóstolos, mas esse cenário pressupõe

a ausência de escritos que contrariam essa noção, como os evangelhos gnósticos. Quando esses documentos vieram à tona, muito tempo depois, revelaram uma situação de disputa, tensa, cheia de conflitos pelo poder. Vários grupos praticaram diversas crenças por séculos, até que foram consideradas heréticas.

Coloquei Paulo no centro dessa turbulência e retratei-o como um guerreiro espiritual. Não podemos estabelecer qual dos antigos líderes da igreja era o mais carismático, mas é inegável que a mistura volátil de misticismo e violência necessitava a ação estabilizadora de Paulo. Sem ele, o Deus cristão seria mais confuso e contraditório do que já é.

Palavras como “confuso” e “contraditório” não são usadas por cristãos devotos, mas o Novo Testamento está cheio de mensagens de paz justapostas ao castigo, ao perdão e à vingança. Cristo profetizava a paz no mundo, mas também disse “Não vim trazer paz, mas espada” (Mateus, 10:34). Já mencionei brevemente que a crucificação fez os primeiros seguidores de Jesus se sentirem abandonados. Não podiam fazer outra coisa a não ser questionar: “O que devemos fazer? Em que devemos acreditar?”.

Algumas repostas eram radicais. Os evangelhos gnósticos, como alternativa aos evangelhos canônicos, foram uma descoberta tardia; foram encontrados por acaso, em 1945, quando dois fazendeiros egípcios exploravam uma caverna próxima à cidade de Nag Hammadi e encontraram um jarro cheio de manuscritos antigos. A descoberta, hoje conhecida como a Biblioteca de Nag Hammadi, contém dúzias de diversos documentos. Em meio à confusão teológica causada por esses escritos, a ideia oficial que se tinha da igreja primitiva foi fortemente abalada. Os documentos revelam fiéis que defendiam, cem anos depois da morte de Cristo, que Deus era tanto pai como mãe, que Maria Madalena era a discípula favorita de Jesus e que uma congregação ganha proximidade com Cristo por meio da revelação direta, não de evangelhos escritos. Um documento diz que a crucificação foi uma ilusão. Enquanto a multidão assistia à agonia de

Jesus na cruz, ele aparece para Pedro e diz que apenas os ignorantes acreditam nesses espetáculos, porque não podem ver o verdadeiro espírito. Na era moderna, essas possibilidades são fascinantes, mesmo que os evangelhos gnósticos não façam parte de nenhuma fé estabelecida.

Não podemos escapar ao fato de que a ala cristã de Paulo buscava derrotar qualquer oposição, e alguns de seus preconceitos mais fortes criaram uma sombra sobre a “paulinidade”, termo tanto admirado como atacado. Os aspectos ruins da paulinidade são o autoritarismo, o chauvinismo e o puritanismo. O sexo, como todas as tentações da carne, vai contra o espírito, e apenas o casamento o legitima no esquema cristão. A fé precisa ser absoluta, e a autoridade da igreja representa a autoridade de Deus. Se uma pessoa comum recebe uma mensagem de Deus, é colocada em prova até ser aprovada pelos líderes da igreja. Ao contrário, os gnósticos, cujo nome vem do grego *gnosis*, “conhecimento”, aceitavam mensagens recebidas diretamente de Deus – talvez a seita Shakers, com suas epifanias extasiadas, possa ser considerada uma analogia.

A História é escrita pelos vencedores, e não é diferente no caso da igreja primitiva. Deixando antigas disputas de lado, o Deus retratado por Paulo é notável como uma evolução em relação ao passado. Em primeiro lugar, não se trata mais de um Deus de barganha, que oferece recompensas para o bom comportamento e castigos para o mau. O amor divino passou a ser oferecido gratuitamente, como uma graça e sem a necessidade de merecimento. Ao dar esse passo, Paulo resolveu o problema da queda, quando Adão e Eva foram expulsos do Paraíso. Como todas as pessoas estavam condenadas a carregar o pecado original, mesmo uma vida inteira de luta contra essa condição provavelmente não adiantaria nada. Os pecadores estavam sempre na iminência de reincidir em pecado, em razão do poder da tentação e da fraqueza atribuída à natureza humana.

E Paulo ofereceu redenção e salvação. Ao parar de condenar seus filhos errantes, Deus enviou seu filho com uma mensagem de transformação. Jesus é o ser humano transformado com perfeição, o novo Adão: é completamente bom e dispensa todas as graças. Isso já seria inspirador o suficiente, mas a mesma transformação poderia ocorrer nos verdadeiros fiéis. Jesus diz aos seus discípulos que eles são “a luz do mundo” e farão milagres mais grandiosos que os seus próprios.

Paulo retratou um mundo de milagres. Graças ao sacrifício de Jesus, uma pessoa comum poderia “sofrer até a morte” e transcender o derradeiro medo. O espetáculo dos primeiros cristãos cantando hinos enquanto eram devorados pelas feras no Coliseu prova que o espírito é mais real que a carne. Esse é o segredo que une milagres e mártires. Milagres operam pelo amor divino e alcançam as profundezas da agonia.

No Velho Testamento, há pouquíssimas passagens em que Deus figura como entidade a ser amada em vez de temida. Já o Novo Testamento está cheio delas. Para teólogos, o termo *ágape* – uma das várias palavras gregas para “amor” – define o elo de Deus com a humanidade, e sua melhor definição está em João 3:16, um dos versos mais tocantes por sua simplicidade: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”.

Não foi possível estabelecer se essas palavras foram escritas antes ou depois das cartas de Paulo, ou se Paulo as leu em outro lugar. Mas, sem dúvida, os dois escritores sabiam que a nova mensagem ressoava com uma antiga: “Pela fé entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus, de modo que o que se vê não foi feito do que é visível.”. Assim, o Novo Testamento ecoa a criação mística do mundo no Gênesis – o mundo visível veio a existir por meio de palavras divinas: “Haja a luz”.

Portanto, será que João ecoou o Velho Testamento intencionalmente? Não podemos saber, pois muito se perdeu, muito se transformou em lenda. Em todo caso, Paulo consolidou uma fórmula para seus leitores: acredite, e será salvo. Mas essa não é uma fórmula universal. No Oriente, em religiões como o budismo e o hinduísmo não há santos assassinados, ênfase na fé em episódios sobrenaturais nem ressurreição de mortos. Em vez disso, o tema comum no Oriente é a consciência. Uma pessoa religiosa procura escapar da dor e do sofrimento buscando uma realidade superior que deixe a dor e o sofrimento para trás, tornando-os irrelevantes. A jornada é feita internamente, por isso o gnosticismo – ou contato direto com a mente divina – encontra um refúgio no Oriente, onde não é considerado heresia.

Isso não quer dizer que a religião do modo como aflorou na Ásia não apresenta amor divino e milagres. No budismo popular, o jovem príncipe Sidarta foi carregado em um cavalo branco mágico, mantido no ar por anjos, para fora dos muros do palácio de seu pai, onde vivia uma vida de luxo sufocante. Um devoto do hinduísmo enxerga o deus Krishna como um exemplo de amor. Mas o cristianismo não é uma religião baseada em consciências elevadas; é baseada na salvação, o maior milagre particular.

Para os ateístas, todos os milagres são primitivos e infantis, são uma forma de satisfazer desejos, não muito longe dos contos de fadas. Em um livro recente para jovens adultos, o biólogo evolutivo britânico Richard Dawkins, que se tornou porta-voz do ateísmo moderno, vê os milagres de um ponto de vista racional: conclui que são eventos falsos espalhados por charlatões, e os milagres reportados no Novo Testamento não ficariam de fora. Dawkins nos assegura que a ciência sabe como funciona a realidade. Precisamos superar mitos e milagres porque eles promovem a irreabilidade. É um ataque poderoso e persuasivo, caso se insista que apenas o mundo físico é real e que apenas a mente racional pode revelar a verdade.

Mas o argumento perde força ao percebermos que a espiritualidade é baseada no irracional, não porque é frágil e infantil, mas porque celebrada no mundo interior. Existem estados e níveis da mente que o racionalismo não alcança. É onde está a fonte da imaginação, da arte, da beleza, da verdade, da fé, da esperança, do amor, da confiança, da compaixão e da maioria das coisas que fazem a vida valer a pena. Para um ateu, isso soa como uma justificativa sentimental para se crer no irreal. Contudo, se olharmos com cuidado, o cristianismo não pode ser sobre outra coisa senão a consciência, a despeito de tudo.

Para entrar no mundo miraculoso, no qual as pessoas comuns podem sofrer transformações, a presença de Deus é sentida e a morte perde o aspecto negativo, não há jornada física. Como diz Kabir, um dos mais inspirados poetas místicos da Índia, você pode ler todos os livros sagrados e banhar-se em todas as águas sagradas sem encontrar com a própria alma. A alma é uma experiência, não uma coisa. Todas as experiências acontecem na consciência, e isso é inegável até para as experiências ditas sobrenaturais, desprezadas pelos ateístas.

Amado ou odiado, Paulo ensinava uma consciência mais elevada ao pressionar a igreja primitiva a aceitar a ressurreição, o que significava aceitar um mundo não mais aprisionado pelas leis naturais. Pensamos no cristianismo como algo sobre a vida que está por vir, o encontro do espírito com o Pai que está no céu. Mas Paulo mudou para sempre essa noção: revolucionou a mentalidade ao afirmar que ressurgir dos mortos era não apenas algo real, mas o evento mais real que já havia ocorrido. Sua insistência teimosa no fato de que Deus distribuiu graças ao mundo inteiro, sem exceção, criou um novo mundo. Tenho para mim que milagres não geram angústia. Como disse Einstein, ou nada é um milagre ou tudo o é. Isso pode parecer ser um sistema de crença pessoal competindo com vários outros. Mas Paulo acrescentou um argumento para todos os místicos por vir: mundos miraculosos esperam o toque da percepção.

4

SHÂNKARA

“A VIDA É UM SONHO”

Cinco homens idosos, os mais velhos do vilarejo, reuniram-se para escutar o jovem estranho. Mas apenas um estava ouvindo de fato. Outros dois cochilavam debaixo do sol, outro contava seu dinheiro e o quarto havia fumado muita ganja durante a manhã e já estava em outro mundo. Estavam no pátio do templo local de Shiva, mas nenhum sacerdote tinha aparecido.

– Você vem do sul? – perguntou o líder dos senhores, o único atento. – Lá, há templos respeitáveis – completou.

– Eu não fui expulso – disse o estranho.

Esperou uma pergunta que não fosse inútil, já que seu sotaque mostrava que ele vinha do sul. Vestia o manto de monge, cor de açafrão, e as marcas de um brâmane – aqueles com o conhecimento espiritual mais elevado.

O ancião que contava seu dinheiro parou por um momento.

– Cultivamos nossos próprios mendigos aqui, não precisamos de mais – retrucou ele.

O velho entorpecido de ganja conseguiu voltar a falar:

– Não diga a ele onde moro – falou, e deixou o queixo cair sobre o peito.

O estrangeiro suspirou. Monges deveriam ser acolhidos segundo a lei da hospitalidade, considerada sagrada. Mas as pessoas queixavam-se, exceto nos lugares mais afastados, onde a superstição permanecia mais forte que nas cidades. Em ambos lugares, um monge indesejado podia ser colocado da porta para fora.

– Não vou importunar ninguém por comida – murmurou.

Ele não precisava da aprovação dos cinco anciões do vilarejo, conhecidos como *panchayat*, mas acreditava que deveria demonstrar respeito. Além disso, sabia que logo causaria bastante confusão. Nos vilarejos que visitava, sempre havia cinco idosos, assim como um pequeno bosque de cinco árvores nos arredores da cidade. Cinco é um número sagrado. Qualquer criança sabia disso, e ninguém questionava.

Shânkara sentia o tempo se arrastar.

– Estou na estrada há quatro dias. Sobrevivi a um ataque de bandidos para chegar aqui. Quero apenas conversar com os sacerdotes de vocês, e então vou embora.

– Ataque de bandidos? E por que não o mataram? – indagou o líder deles.

– Eles pareciam interessados em Deus, então acabamos conversando.

O monge deu uma resposta curta, sem mencionar que os bandidos se curvaram diante dele e tocaram seus pés antes dele partir.

O líder impressionou-se. Era o momento mais quente do dia, e por um momento os macacos pararam de competir com os papagaios na copa das árvores. O ar estava abafado e pesado, mas as nuvens no horizonte mostravam que levaria semanas até a chegada das monções da estação. O monge errante levava sua vasilha de esmolas sobre a cabeça raspada, para proteger-se do sol.

– Seu pai aprova essa sua peregrinação? – perguntou o velho que contava o dinheiro.

– Meu pai está morto. Mas minha mãe me abençoou antes de eu partir. Ela teve que fazer isso – afirmou o estranho. Mais uma vez, foi breve em sua resposta. Na verdade, circulava um boato sobre sua partida. Quando estava se banhando na piscina natural perto de casa, no vilarejo de Kaladi, um crocodilo prendeu-o pelo pé. Os outros garotos brâmanes gritaram e pularam para fora da água. A mãe dele correu até a beira da piscina já prevendo a morte do filho, mas, em vez disso, ele esperava por ela calmamente, com o crocodilo ainda agarrado a ele.

– Preciso morrer para esta vida. Sei o que minha nova vida deve ser, e até essa criatura selvagem sabe. Se você der a sua bênção, ele me deixará ir – falou o garoto, com apenas sete anos.

A mãe não teve escolha. O monge errante tinha oito anos quando virou as costas para Kaladi e partiu pela estrada, o que era espantoso, mesmo em uma terra onde ladrões de estrada se interessavam por Deus. Se não tivesse encontrado refúgio junto a gurus no caminho, o garoto poderia ter sido facilmente roubado e assassinado.

Os anos passaram. Agora era impossível saber sua idade. Quinze, dezesseis? Parecia jovem, mas seu nome era conhecido, histórias sobre ele chegaram a todos na Índia.

– Preciso realmente falar com algum sacerdote – insistiu Shânkara.

A verdade era conhecida, mas não falada. O *panchayat* se reuniu ali para saudá-lo no momento em que colocasse os pés no vilarejo. Os sacerdotes locais esperavam que ele se entediasse profundamente com aqueles senhores e, com alguma sorte, seguisse viagem sem confrontar os sacerdotes. Em oito anos de andança por todas as partes da Índia, diziam que Shânkara tinha um efeito devastador em debates. Onde fosse, Deus era derrubado – quer dizer, o deus que pagava os salários dos sacerdotes.

O último vilarejo em que parou era igual a todos os outros. O sacerdote chefe, nascido dentro de uma seita específica que adorava

Devi, a Mãe Divina, sentou-se, com suprema confiança. Havia governado a vida no vilarejo por décadas e começava a acreditar em sua própria invencibilidade. Ideias novas não o assustavam mais do que uma praga nova de mosquitos no verão. Tinha tufo de cabelos grisalhos na cabeça, e um pouco menos no queixo e nas orelhas.

– Você diz que o mundo é uma ilusão? – perguntou.

– Não importa o que digo. São os Vedas sagrados que declaram isso – respondeu Shânkara.

– Mas você reivindica conhecimento direto. Você veio até aqui para espalhar ilusões, não é? Então faça o mundo desaparecer.

– Certo – concordou Shânkara. – Espere até a noite, quando você cair no sono. O mundo desaparecerá, como acontece todas as noites.

O sacerdote invencível não sorriu, embora tivesse de admitir a engenhosidade da resposta. E disse.

– Algo mais forte. Você declara que todas as coisas, pequenas e grandes, existem como em um sonho.

– Sim. Assim como um homem acorda de um sonho para ver a luz do dia, também deve acordar do sonho da existência se quiser ver a luz de Deus – replicou Shânkara.

Ambos estavam confortáveis usando a palavra “Deus”. Depois de séculos, estava entendido que cada uma das muitas imagens adoradas em milhares de templos representava uma face da mesma presença divina.

– Nos sonhos, tudo pode acontecer – observou o invencível sacerdote. – Então, se a vida é um sonho, você precisa aceitar que qualquer coisa pode acontecer aqui.

– Eu acredito, nada é impossível para quem conhece Deus – respondeu Shânkara.

– Ah, o marajá possui um palácio tão grande que um cavalo desmaiaria em colapso antes que galopasse de uma ponta à outra. Em meus sonhos, posso possuir um palácio assim. Mas posso ter um igual quando acordar? – questionou o sacerdote.

– Posso superar o seu desejo. Tire suas roupas na noite mais fria do ano. Fique do lado de fora de casa, nu, durante uma hora. Quando voltar para dentro da casa quentinha, será melhor do que qualquer palácio de marajá.

O sacerdote se permitiu um sorriso, o que era importante. Shânkara podia apenas derrotar seus adversários e seguir para o próximo vilarejo ao longo do Ganges, mas estava determinado em deixar para trás um rastro de boa vontade. Não queria que seus oponentes se ressentissem por perder o debate, queria que se tornassem pilares da nova crença. Mas o sacerdote invencível ainda não estava perto disso.

– Posso mandar um servo trazer uma naja da selva. Se eu colocasse uma serpente venenosa no seu colo, ela também seria uma ilusão? – desafiou o local.

– Com todo o meu respeito – respondeu Shânkara. – Você conhece bem as escrituras. Mas elas dizem: “Acreditar neste mundo é como um homem que, no escuro, tropeça em uma corda enrolada. Incapaz de ver com clareza, ele grita: ‘Cobra! Cobra!’, até o vilarejo inteiro despertar. Todos começam a correr de um lado para o outro, assustados, até que um homem traz uma tocha e diz: ‘Vejam, é apenas uma corda’. É assim que Maya, a deusa da ilusão, trabalha”.

– Mas isso não prova que as najas não são reais, a menos que todas as cobras sejam o mesmo que uma corda – objetou o sacerdote invencível, certo de que vencia a discussão.

Shânkara respondeu:

– Estava tentando demonstrar que apenas o homem que traz a luz sabe o que é real e o que não é. Todos que leem as escrituras entendem o significado, certo? – indagou, com um sorriso.

O sacerdote invencível contorceu-se, incômodo. O errante tinha aperfeiçoado a técnica de fazer seu adversário aceitar a verdade citando textos que todo brâmane supostamente sabia de cor. Não era assim que mantinham o controle sobre simples devotos: com as

palavras sagradas que ninguém mais podia ler? Enquanto elogiava os brâmanes, Shânkara virava essas mesmas palavras do avesso e as transformava em outra coisa. Descobriam que, como a picada de uma naja, a picada de sua mente era fatal.

Parece que a criação de lendas em torno daqueles que levam a luz para o mundo já é algo estabelecido. Um dia Shânkara caminhava por um vilarejo quando uma gangue de garotos começou a correr atrás dele jogando margaridas em seu caminho. E então perguntou aos garotos por quê.

– Queremos que você pise em uma – respondeu um dos mais velhos, apesar de bastante tímido.

– Pisar em uma? – indagou Shânkara.

– Você é um *sidha*, um mestre dos poderes sobrenaturais. Se pisar sobre uma flor, posso vendê-la para curar os doentes.

– E quem te falou isso? – interrogou Shânkara.

Os garotos ficaram confusos e intimidados, mas contaram em grupo a história que circulava sobre o *sidha* diante deles.

Shânkara teve um mestre chamado Govinda, que vivia em uma caverna perto do rio sagrado de Narmada. Como era costume, o discípulo ajudava o mestre e atuava como seu servo pessoal. Todas as manhãs, Shânkara deixava comida na entrada da caverna para o café da manhã de seu mestre. Um dia, contudo, o rio transbordou, ameaçando a caverna de Govinda e também as terras próximas.

Shânkara rezou por orientação, em seguida correu até a caverna e colocou sua pequena cuia de barro na frente da entrada. Imediatamente, a cuia drenou toda a enchente, até Deus ordenar o Narmada a voltar para suas margens. A enchente havia sido um teste para os poderes do jovem *sidha*.

Os olhos dos garotos brilhavam enquanto recontavam a história. Em vez de reprimi-los, o brâmane pisou de propósito em algumas margaridas, dizendo a si mesmo que precisaria voltar quando os

garotos já fossem adultos e ensinar algo mais útil do que as lendas – embora não haja relato de que ele tenha contrariado a história.

Quando chegava em um novo lugar, pedindo para debater com os homens mais instruídos, os brâmanes em geral cometiam o equívoco de subestimá-lo à primeira vista. Ele era magro como uma vareta, para começar, e, para alguém que está disseminando sabedoria, é melhor ser gordo e velho. Se alguma pessoa se referia a esse aspecto, Shânkara dizia que não ganhava sentando em cima de seus oponentes, apenas convencendo-os. Do quê? Ele dava de ombros: da verdade.

– Não é muita arrogância um estrangeiro vir até aqui e reivindicar que sabe a verdade? – questionavam seus adversários.

– Ignorância é mais arrogante – replicava Shânkara. – Ela cega os homens e apaga de suas mentes o que é real. Não que isso tenha acontecido aqui – emendava, baixando os olhos.

Shânkara já estava com os cinco velhos havia uma hora e escutava seu estômago roncar. O que se mantinha questionando era teimoso, jamais parava de fazer perguntas, cada uma mais trivial que a anterior. O monge não podia mais esconder sua impaciência.

– Quanto? – perguntou.

– Como?

– Quanto vocês receberam para me fazer perder tempo? Antes de vocês fingirem que estão ofendidos, vou dizer uma coisa. Não estou aqui para destruir a fé de vocês.

O líder dos sábios mais velhos do vilarejo mantinha um semblante condescendente até aquele momento.

– Dizem que você derruba Deus. Não podemos permitir isso.

– Entendo, então Deus precisa que vocês o protejam? Estou impressionado, acabo de conhecer pessoas mais poderosas que o próprio Deus.

As palavras tinham a intenção de alfinetar, e alfinetaram. O líder levantou-se e gesticulou para os outros:

– Não me impressiona. Conheci uma pessoa que pensa que Deus é surdo e cego. Mas ela está errada: Deus escuta blasfêmias e as castiga.

Shânkara também levantou-se e dirigiu-se ao velho.

– É por isso que estou aqui atravancado, conversando com vocês? Por que Deus está me castigando?

O rosto do velho ficou vermelho, mas Shânkara não esperou por uma resposta furiosa. Levantou seus braços e apontou para o pátio vazio.

– Falaram que viesse a esse lugar. É um mercado, disseram. Os vendedores da fé formam suas plateias aqui. Então, onde estão vocês, pregadores? Venham, vendam um pouco da sua fé se acreditam que não tenho nenhuma.

Não houve qualquer resposta do templo ao seu desafio, apenas a vibração dos cantos. Os sacerdotes eram obrigados a fazer rituais quase sem pausas enquanto o sol brilhasse, e várias vezes durante a noite.

– Certo, façam o que bem entenderem – gritou Shânkara. – Quando chegar no próximo vilarejo, levarei a notícia de que aqui é o lar onde a ignorância adora viver. E isso deixou seus devotos muitos assustados para conversar comigo.

Um ouvido aguçado teria detectado uma mudança na vibração que vinha do salão sagrado dentro do templo; agora soavam mais como cochichos e menos como preces. Depois de um momento, um sacerdote apareceu à porta. Estava com os utensílios de ritual nas mãos – incenso, uma tina de água, algumas margaridas –, como se não pudesse perder um minuto de seu tempo.

– Não me repreenda – pediu Shânkara. – Os rumores sobre mim são equivocados, não estou aqui para derrubar Deus. Minhas palavras não colocarão abaixo as paredes do templo.

– Como todas as palavras, as suas também desaparecerão no ar – disse o sacerdote, que tinha duas vezes a idade do intruso e uma fronte tão carregada quanto sua carranca.

– Algumas palavras penetram no coração – respondeu Shânkara,

com voz mais gentil.

Se fosse uma história para crianças, nesse momento ele teria que lutar contra os demônios que bloqueavam seu caminho, mas Shânkara carregava uma arma secreta. Ele seduzia as pessoas, mesmo quando elas pensavam que deviam resistir. A cara feia do sacerdote não tinha afrouxado ainda, nem seu coração. Mas ele também não tinha chamado um servo com um chicote.

– Ambos somos brâmanes – disse Shânkara. – Venho de uma família que fazia doações todos os dias e realizava os ritos de *puja*, aplacando Shiva como você faz. Respeito seu modo de vida, que foi ditado por Deus. Respeito você.

O sacerdote concordou levemente com a cabeça.

– Quando olho para você, vejo que é o mais sábio do vilarejo – disse Shânkara. – Se é assim, por favor sente-se para debater comigo. Se não, envie um homem que todos considerem mais sábio que você.

Shânkara sabia que havia prendido sacerdote em uma armadilha: sua vaidade.

– Se você me respeita como brâmane – o sacerdote disse, hesitando para não se afundar ainda mais na armadilha e mostrando os instrumentos ritualísticos –, deve ter percebido que estou fazendo meus deveres nesse momento. Por que eu interromperia meu trabalho sagrado por discussões vãs? – indagou.

– Porque você precisa ver por conta própria se Deus fala através de mim. É isso que você escutou por aí, não é? Que minhas palavras são divinas.

O sacerdote perdeu a compostura.

– Ultrajante.

– Por quê? – questionou Shânkara. – Não se afirma que as primeiras palavras foram proferidas por Deus? Não são as palavras os agentes da razão? Se não for isso, teremos que dizer que falo em nome dos demônios.

– Sempre uma possibilidade – interferiu o líder dos velhos do vilarejo. Era complicado purificar um lugar sagrado depois de infestado pelo demônio.

Shânkara sorriu.

– Mesmo nesse caso, como todas as coisas se originam de Deus, mesmo os demônios possuem uma natureza divina se você consegue ver além de seu disfarce. Então venha, sente-se. Ou você ouvirá a voz de Deus ou terá a oportunidade de derrotar o demônio, e um bem magro e pobre. Ele ficaria feliz com um *chapati* e um copo de água fresca.

Durante aqueles oito anos na estrada, Shânkara tinha repetido essa mesma cena centenas de vezes – desde que seu próprio guru, nas margens do sagrado rio Narmada, enviou-o para sua missão.

O sacerdote era engenhoso.

– Tomaria muito tempo contar a você como sirvo a Deus – disse. – Mas há um aldeão, um chefe de família, que vive uma vida de perfeita devoção. Ensinei a ele cada lição. Vá à casa dele, e se a devoção dele fraquejar frente aos seus argumentos, volte a me procurar.

O sacerdote fez um gesto com a mão e chamou um servo para levar pão e água ao estranho. Pessoalmente, o sacerdote não via utilidade para monges andarilhos: metade deles era de loucos e a outra metade, de criminosos disfarçados. Mas, de brâmane para brâmane, não podia recusar hospitalidade.

Depois de o sacerdote voltar para dentro, os anciões do vilarejo relaxaram, satisfeitos com o desfecho. Observaram Shânkara comer, mas apenas após as orações necessárias.

– O sacerdote de vocês é astuto, o que ele confunde com ser sábio – declarou Shânkara.

– Por que você insulta alguém que oferece comida a você? – exclamou o líder.

– Estou insultando-o? Achei que ele me insultou, porque me toma por alguém que deseja atacar a fé de um homem devoto. Se ele mantiver a fé, irei embora como perdedor do debate – respondeu Shânkara.

Os velhos sorriram, sabiam muito bem qual era a tática do sacerdote.

– Como posso encontrar esse chefe de família e exemplo de perfeita devoção? – perguntou o monge.

– Seu nome é Mandana Mishra. Você não terá problemas em encontrar sua morada. Ele mantém seis papagaios engaiolados no portão de sua casa. Discutem filosofia o dia todo e fazem bastante barulho.

Ao retomar seu caminho, escutou ao longe as risadas dos *panchayat* atrás dele. Continuou pela estrada até avistar os papagaios engaiolados, que fizeram barulho quando ele se aproximou. Se os pássaros tinham algo filosófico a dizer, guardaram para si. No portão da casa, um homem fazia oferendas. Shânkara ajoelhou-se ao lado dele, inclinando a cabeça até o chão. Mandana Mishra salpicou água para os quatro pontos cardeais e murmurou uma prece. Passaram-se vários minutos até ele perceber que havia mais alguém ali.

– Desculpe-me por interromper suas devoções – murmurou Shânkara.

– Não há nenhum pecado – respondeu Mandana com voz suave. – Um convidado na porta é como Deus. Somos ensinados que isso é mais importante que orações diárias.

O aldeão levou Shânkara para dentro da casa e pediu à esposa que trouxesse refrescos, ao que ela atendeu em silêncio. Um olhar ao redor revelava tudo. Mandana Mishra estava rodeado de imagens de deuses. O altar para *puja* estava iluminado com uma dúzia de lamparinas de *ghee*; o ar pesava com o aroma de incenso, manteiga queimada e cinzas. Quando Shânkara explicou por que estava ali,

Mandana sorriu. Sentiu-se honrado em ter sido oferecido como exemplo de perfeita devoção.

Shânkara disse:

– Não podemos debater sem um mediador. Poderíamos mandar buscar o sumo sacerdote, mas quero o mais severo dos árbitros. Você concorda que seja sua esposa?

O casal se entreolhou, intrigado. Shânkara continuou:

– Em um lar como esse, onde Deus significa tudo, a esposa precisa ser tão sábia quanto seu marido. Se ela disser que ele foi derrotado, ninguém poderá contestá-la. A última coisa que uma esposa gostaria de ver é seu marido perder.

O casal concordou. Shânkara sentou-se no chão de pernas cruzadas, em frente ao seu oponente. A esposa de Mandana, Ubhaya, sentou-se de um lado.

– Palavras são vazias se não há nada valioso em jogo – avaliou Shânkara. – O que podemos apostar?

Mandana sorriu.

– Somos ambos muito pobres para apostar alto. Posso oferecer um punhado de arroz, mas você não tem nada.

– Ambos renunciamos a qualquer esperança de riqueza – concordou Shânkara. – Mas possuímos algo mais precioso. Vamos apostar nossos caminhos a Deus. Se você ganhar, ficarei aqui e me tornarei um chefe de família, seguindo seus passos em todos os rituais e preces. Se eu ganhar, você me seguirá e se tornará um *sanyasi*, um monge errante.

Marido e mulher hesitaram por um longo momento, mas no fim a aposta foi aceita. Permitiram cordialmente a Shânkara que estabelecesse o tema do primeiro debate; ele escolheu “fé”.

– Fui enviado para testar sua fé. Mas não preciso, pois vejo que sua fé é como uma carroça sem as rodas. Seria injusto desafiá-la – começou. Viu o olhar ofendido no rosto pio de Mandana. – Estou

sendo gentil em dizer-lhe isso. Uma carroça só serve para algo se puder levá-lo ao mercado ou transportar suas colheitas. Com a fé é a mesma coisa. Ela deve levá-lo a Deus. Mas se você se curva e faz rituais vazios o dia todo e não encontra Deus, poderia muito bem se curvar diante de uma carroça quebrada e não haveria diferença.

Mandana levantou a mão.

– As escrituras dizem que devemos demonstrar nossa fé por meio desses rituais que você menospreza, e as escrituras vêm de Deus. Você está dizendo que Deus pode não falar a verdade?

– Por que as escrituras dizem que você deve rezar? – perguntou Shânkara.

– Não cabe a mim questionar.

– Porque isso seria demonstrar falta de fé – emendou Shânkara, completando o pensamento de Mandana. – Esse raciocínio é falacioso: você diz, como um cachorro que corre atrás do próprio rabo, que uma pessoa precisa ter fé na fé. Mas me dê uma razão para isso.

– Deus está além do racional – declarou Mandana.

– Se isso fosse verdade, qualquer conjunto de palavras poderia ser chamado de escrituras, até o contrassenso seria divino. Loucos seriam melhores que sacerdotes.

– Isso é uma artimanha – rebateu Mandana. – As escrituras não podem ser negadas.

– Então o cachorro encontrou um segundo rabo para perseguir. Agora as escrituras estão corretas porque são escrituras. Se isso fosse verdade, então eu poderia inserir mentiras nos livros sagrados dos Vedas e elas se transformariam em verdades porque foram colocadas ali.

A esposa de Mandana estava agitada, sentia que seu marido estava em areias movediças.

– Diga a ele do fundo do seu coração por que todos precisamos de fé – incitou.

– Você tem razão, minha querida. A fé que não vem do coração não é fé – concordou ele, olhando com benevolência para Shânkara. E continuou. – A fé é o dever de todo homem, porque somos colocados no mundo para levar uma vida virtuosa perante os olhos de Deus. Você não pode me convencer a não ser bom. Fé é minha barganha com Deus. Se eu obedeço suas palavras, serei libertado quando morrer. O ciclo do nascimento e renascimento terminará, e com isso o sofrimento acaba.

– A fé, então, o tornará imortal e o levará à presença de Deus? – perguntou Shânkara. – Soa ridículo. Um assassino poderia praticar a piedade e, por seu argumento, quando morrer, apenas precisa gritar “Deus, acreditei em você. Libere-me, pois o que é um pecado se eu tenho tanta fé?”.

– Um assassino? – questionou Mandana. – Você não pode igualar um pecado como esse com a vida de um homem bom.

– Então ser um homem bom significa ser um homem sem pecado? Se você não tem pecados, meu caro oponente, não se preocupe com sua fé, você já é Deus – replicou Shânkara. – Pergunte-se: por que essa vida é cheia de sofrimentos? Porque os homens ignoram a verdade. De que serve a Deus a fé de homens ignorantes? Se você precisasse construir uma casa, você diria “mande-me apenas trabalhadores que jamais construíram uma casa”? É a última coisa que Deus quer.

Mandana balançou a cabeça.

– Você não pode comparar fé com ignorância. Há homens sábios que têm fé. Imagino que você seja um deles, ou perdeu sua fé ao se tornar tão sábio?

Shânkara parecia satisfeito, não estava debatendo com um tolo, e disse:

– A fé dos sábios é diferente da fé dos ignorantes.

– Então reconheça que minha fé é a fé dos sábios – rebateu Mandana.

– Não posso – negou-se Shânkara.

– Por que não? Você não pode olhar para mim e ver instantaneamente se sou sábio ou não?

– Não preciso. Provarei sua ignorância. Digamos que você conheceu um homem que vende sarandi. Você paga, mas, em vez de ele colocar suas frutas em um saco, agarra o ar e, fingindo que aquilo é a fruta, faz o gesto de colocá-lo na bolsa. Quando você reclama de que ele está lhe entregando ar, ele diz: “Tenha fé. Há sarandi nesse saco”. O que você diria a ele?

– Você sabe muito bem o que eu diria – defendeu-se Mandana.

– Eu sei. Você diria que ele está trapaceando. Assim é a fé dos ignorantes, uma trapaça. Pagam por ela, comem e dizem ser doce. Mas qual o nutriente dela? Nenhum. Quanto sofrimento eles evitam? Muito pouco. Por outro lado, a fé dos sábios é pura doçura e alimenta a alma. Como? Levando-o onde a fé deve ir. Fé é outra palavra para esperança. Temos fé que Deus é verdade, porque é nossa mais profunda esperança. Posso desejar ter um filho, mas, até essa criança nascer, a esperança tremula no parapeito da janela como uma vela. Ela indica a presença de Deus, mas não é o mesmo que alcançar Deus – exemplificou Shânkara.

– O que é necessário para realmente alcançar Deus? Duas coisas: conhecimento e experiência. As escrituras nos dão conhecimento, nos ensinam como adorar, realizar nossos deveres e levar uma vida virtuosa. Mais do que isso, aprendemos a voltar-nos para dentro e encontrar a chama, a essência de Deus que há dentro de nós. É nossa fonte. Esse conhecimento, contudo, é apenas metade do caminho. A outra metade é experiência. De que serve saber que a rosa tem um rico perfume se você jamais cheirou uma? – devolveu Mandana.

– Mandana Mishra, sua casa está cheia de esperança por Deus, como um vaso vazio está cheio de esperança por rosas. Ainda assim, você pode ter a experiência, e então sua esperança será realizada. Deus deseja ser sentido, visto, tocado. Fica solitário quando está apartado de nós. Ao encontrar Deus, você encontrará sua própria essência. A vida

não existe para outra razão. Saiba que Deus é você mesmo. Nesse momento, você acordará para a eternidade – afirmou Shânkara.

Essa troca foi apenas o começo. Por doze dias, os aldeões não viram Mandana e sua esposa. Espiavam pela janela para ver se o monge errante havia feito algo terrível contra o homem mais devoto do vilarejo. E tudo o que podiam ver, sob a luz do dia ou sob a luz de velas à noite, eram os dois debatedores sentados face a face.

Quando amanheceu o décimo terceiro dia, Ubhaya começou a chorar. Os três estavam exaustos. Mandana já estava sem argumentos e se repetia, balbuciando e com olheiras profundas, até que o sono o ganhou.

– Não há o que fazer – disse Ubhaya com pesar. Estava pronta para declarar Shânkara o ganhador, mesmo se isso significasse ver seu marido partir para se tornar um *sanyasi*.

Antes do veredito dela, contudo, Shânkara levantou a mão.

– Não há vitória a menos que eu derrote seu marido. De acordo com as escrituras, a esposa é metade do marido. Então deixe-me debater com você antes de você dizer que ganhei.

Ubhaya estava surpresa, mas agarrou a oportunidade. Tudo o que Mandana Mishra sabia sobre Deus, ela também sabia, mas era mais perspicaz.

– Deus deseja que um homem leve uma vida pior por acreditar nele? – começou ela.

– Não. Deus é nossa própria natureza. Ele pode apenas desejar o melhor para cada pessoa – respondeu Shânkara.

– Se isso é verdade, como se tornar um monge pode ser o melhor para meu marido? Aqui dá esmolas, enquanto monges mendigam por elas. Um chefe de família mantém o fogo sagrado aceso, um monge treme de frio debaixo da chuva. Na estrada, Mandana enfrentaria todos os tipos de perigo. Você mesmo escapou por pouco da morte, ou pelo menos é o que diz – declarou Ubhaya.

– Você está falando de perigos para o corpo dele, e não é o corpo que encontra ou perde Deus – rebateu Shânkara.

– Conheço meu marido. Ele é humilde, se arrastará de vilarejo em vilarejo com medo. Quem pode encontrar Deus em constante medo?

– Medo pode ser um incentivo. Quando você percebe que esse sentimento nasce da dualidade, você deseja ir para lugares onde o medo é banido – ponderou Shânkara, que citava um verso sagrado que Ubhaya conheceria. – Você é uma mulher devota, seu marido é humilde perante Deus. Mas olhe para dentro. Você não tem medo de dar um passo em falso e Deus reprimi-la?

– Você está tentando me assustar deliberadamente? – questionou ela.

– Não. Não é ficando mais amedrontada que uma pessoa supera o medo – respondeu Shânkara. Quando Ubhaya desviou o olhar sem responder, ele prosseguiu. – O mundo está dividido porque estamos divididos por dentro. Isso está acontecendo em todos. O bem está em guerra contra o mal, a luz contra a escuridão. Como alguém pode encontrar a paz nesse estado?

– Existia paz antes de você entrar por nossa porta – replicou Ubhaya.

– Era a paz de quem dormia. Um prisioneiro que está prestes a ser decapitado na manhã seguinte pode encontrar a mesma paz se conseguir pegar no sono.

– Mas se o mundo é criado a partir do bem e não do mal, isso não pode ser chamado de ilusão – argumentou Ubhaya. – É a vontade de Deus que faz o mundo desse jeito.

– Você está dizendo aquilo em que a maioria das pessoas acredita – concedeu Shânkara. – Mas a realidade é escorregadia. Um bebê chora com raiva se sua mãe lhe tira o peito. Essa é a ideia dele do mal. Um garotinho brincando nos campos odiará outro garotinho se ele lhe atirar uma pedra. Essa é a ideia dele do mal. Um monge budista aguardará ao lado da estrada segurando sua cesta de esmolas e um hindu que passa por ali cuspirá nele. Essa é a ideia dele do mal.

– Para todos eles, contudo, o mal é real – observou Ubhaya.

– Você tem certeza? A experiência transtorna a cabeça como um enxame de moscas. Mas pode haver moscas em um sonho também. Incomodam, e, se picam, dói e vemos sangue brotar. Mas quando você acorda do sonho, a pele está intocada e você sabe que o enxame de moscas foi uma ilusão. Foi apenas construção da sua mente – constatou Shânkara, e golpeou o ar, sempre habitado por uma ou duas moscas voando por ali pelo cheiro doce das frutas ofertadas. – O que torna essas moscas reais? Seus sentidos, porque você as vê e escuta seu zumbido. Mas elas seriam como moscas em um sonho se você acordasse. Essa é a única diferença. Você sabe como acordar dos seus sonhos à noite, mas você ainda não aprendeu como acordar deste mundo. Você me perguntou se Deus quer o melhor para nós. Ele quer, e o melhor é despertar completamente.

Ubhaya, uma devota genuína, sentiu-se balançada pelas palavras de Shânkara. Mas o pânico de perder seu marido era mais forte.

– Se Mandana o seguir, você será seu guru? – perguntou ela.

Shânkara concordou com a cabeça.

– E um guru sabe todo o necessário para remover a escuridão? – indagou Ubhaya.

Shânkara concordou outra vez.

– Mas há algo que você não conhece – disse Ubhaya, subindo a voz –, porque você não tem ideia de como homens e mulheres vivem juntos.

Foi a primeira vez em que Shânkara realmente se surpreendeu e ficou confuso.

– Sei que amam um ao outro, e Deus me mostrou o amor infinito – rebateu ele.

– Homens e mulheres também se deitam juntos. O que você sabe sobre isso? Se você deseja roubar Mandana da minha cama, como você sabe que não o estará privando de uma grande felicidade? E para quê? Uma promessa de que você pode levá-lo a um mundo superior?

Você pensa que é um mundo superior porque jamais uma mulher te mostrou outro.

O discurso foi despidorado. Shânkara ruborizou e baixou os olhos.

– Jurei celibato. Seja o que for que você está sugerindo, é impossível aceitar.

Ubhaya riu suavemente.

– Você diz que é preciso experiência para perceber Deus. Porém, quando essa experiência chega perto, você foge. Se você é tão facilmente derrotado, por que meu marido deveria confiar a vida a você? – questionou. Ela era uma mulher honesta, mas não se conteria em acariciar o rosto de Shânkara, se isso pudesse ajudá-la a ganhar.

Ele recuou.

– Deus não me negaria nada. Se essa experiência me falta, a culpa é minha. Dê-me oito dias – pediu Shânkara.

O coração de Ubhaya bateu forte, com esperança.

– Você pretende aprender a arte de amar uma mulher em oito dias? Tudo bem, mas se a sua experiência lhe der júbilo espiritual, você deverá admitir a derrota – anunciou, e parou por aí, sabendo que Shânkara havia caído na própria armadilha. Se ele dormisse com uma mulher, quebraria seus votos como monge. Seria pecado se Mandana o seguisse, mesmo que seus argumentos fossem bons.

Em vez de levantar-se para ir embora, Shânkara disse:

– Ficarei aqui sentado, sem me mover. Não importa o que aconteça, mantenha meu corpo protegido, para que não se machuque, e verta água em minha boca quando ela secar.

Apesar de surpresos, Mandana e sua esposa concordaram. Durante oito dias, Shânkara permaneceu ali sentado, com os olhos fechados. Não reagia a barulhos, e quando abriam sua boca para a água, permanecia imóvel, como um cadáver. Finalmente, no oitavo dia, ele acordou.

– Estou pronto – disse ele, abrindo os olhos.

– Para quê? – indagou Ubhaya, suspeitando um truque. – Se você

imaginou os prazeres da cama, isso é mais uma ilusão do que qualquer coisa.

Shânkara balançou a cabeça.

– Implorei a Deus para experimentar o amor entre um homem e uma mulher sem quebrar meus votos. Você viu meu corpo neste local, mas eu não estava aqui. Fui levado ao palácio onde o marajá desfrutava de suas muitas esposas. Durante oito dias, fiquei dentro do seu corpo. Ele é um amante vigoroso, e suas mulheres são habilidosas em todas as artes do amor. Retornei com toda a experiência que você me desprezava por não ter.

Ubhaya sentiu o chão tremer debaixo dela.

– Se é verdade, então você experimentou o êxtase. Nos espasmos do amor, nada mais importa. Se Deus quer o melhor para nós, nomeie algo melhor do que isso.

Shânkara respondeu:

– Depois de deitar-se com as mulheres, o marajá ficava exausto e seu espírito fraquejava. Mal podia pensar, como um homem sem razão. Seu êxtase rapidamente chegava ao fim. Não falarei dos outros problemas da cama: o ciúme entre suas esposas, o medo de ele algum dia perder seus poderes, a suspeita de que as mulheres não o amavam de verdade. Mas Deus oferece êxtase infinito. E perene. Onde levarei Mandana, os frutos do divino amor o farão esquecer da cama para sempre.

De repente, Ubhaya começou a chorar e jogou-se aos pés de Shânkara.

– Não suportarei perdê-lo! Por que Deus daria o amor infinito ao meu marido e me deixaria em extrema dor?

Shânkara respondeu gentilmente.

– Não é a dor de perder seu marido, é a de perder você mesma. Neste mundo, o caminho do prazer leva as pessoas a perseguirem seus desejos. Você tem sorte. Podia ter se casado com um homem que acabaria batendo em você ou a trairia com uma amante. A sabedoria

busca a felicidade para além do dia de hoje. Amanhã, o amor de Mandana poderia se transformar em indiferença, e até ódio. As emoções são instáveis. Ele poderia ficar doente, você poderia morrer de pobreza extrema. Ao entender isso, a sabedoria nos resgata e restaura o verdadeiro eu; com isso, o medo se dissipa. Enquanto você estiver sujeita à dor, o medo te governará – declarou Shânkara.

Ubhaya curvou a cabeça e deixou seu marido partir. Choraram ao se separar, e ele olhou para trás muitas vezes antes de ela ver a figura de Mandana desaparecer com a distância. Como de costume, o *sanyasi* ganhava um novo nome, e Mandana se transformou em Suresvara. Onde Shânkara fosse, ele o seguia. Os anos passaram rápido e houve um grande choque. O mestre faleceu muito jovem, aos trinta e dois. Estavam em um vilarejo que mal aparecia no mapa. Shânkara sentiu-se febril, e na manhã seguinte não acordou.

Àquela altura, os discípulos já eram muitos, e uma multidão cortejou o corpo até o local, na beira de um rio, onde seria cremado. Suresvara acompanhou as cinzas até serem atiradas no rio, com uma centena de lamparinas ao redor, como estrelas em luto após o sol desaparecer. Os discípulos se espalharam pelos quatro ventos, como Shânkara havia previsto. Ele havia estabelecido quatro grandes centros onde a sabedoria seria preservada até o fim dos tempos.

Os jovens monges apresentados a Suresvara – que tornou-se um eminente guardião da verdade – eram recebidos com gentileza, mas Suresvara os observava com um pouco de pena. Levaria a vida inteira para absorver os ensinamentos de Shânkara. Para encorajá-los, contava-lhes uma história simples.

– Caminhava com o Mestre, quando nos deparamos com um homem imundo na estrada, um intocável, e corri, gritando: “Saia do caminho! Está chegando um brâmane”. Por nada queria que o corpo do Mestre fosse contaminado pelo contato com um intocável. Mas o Mestre levantou a mão e disse “Quem deve sair do caminho? Se você

refere-se ao corpo desse homem, você sabe que o corpo não é real. Se refere-se ao verdadeiro ser dele, que é infinito, como ele pode ir para outro lugar? Ele preenche toda a criação”. Com isso, o Mestre abaixou-se e curvou-se diante do intocável.

Suresvara recontava esse incidente porque se lembrava de como chorou e ficou chocado nesse dia, assim como os novatos também se chocavam com a história. Intocáveis continuavam a ser desprezados; esse costume estava incorporado de forma rígida à sociedade. A sabedoria teria que esperar.

Quando Suresvara ficou velho, deitou-se em seu leito de morte e lamentou apenas uma coisa: o destino de sua esposa, Ubhaya. Sua própria vida havia encontrado o êxtase eterno e ele já não tinha medo de ser libertado. Ainda assim, essa única ferida machucava a alma. Deu o último suspiro. O quarto onde estava desapareceu, as quatro paredes derreteram e se transformaram em fumaça. Ele se viu no alto do Himalaia, sozinho, com flocos de neve tocando a face.

A distância, surgiu um pontinho; depois de um tempo, Suresvara viu que era uma pessoa caminhando em sua direção. Alguns momentos se passaram, e o viajante encapuzado aproximou-se dele. Tirou o capuz, mas não era um homem. Era Ubhaya, exatamente do mesmo jeito que estava no dia do casamento deles.

Suresvara tremia e soluçava.

– Você me perdoa?

– O que era o melhor, era o melhor – respondeu ela.

– Mas não para você – gritou Suresvara.

– Posso tirar minha capa e mostrar o que me tornei? – perguntou ela. Ele concordou, temeroso em ver o corpo devastado e os retalhos que deveria estar vestindo.

Em meio à tempestade de neve, Ubhaya deixou cair sua capa de lã, mas não estava vestida com retalhos. Seu corpo era pura luz, mais ofuscante que a neve branca ao redor. Ela revelou-se não uma mulher mortal, e sim a deusa Sarasvati. Suresvara esticou o braço para tocar

na aura da esposa, e, nesse instante, ambos desapareceram. Êxtase se desfez em êxtase. Ele havia usado sua vida para a coisa que mais importava. Os topos das montanhas olharam e alegraram-se.

REVELANDO A VISÃO

No Oriente, Deus não se desenvolveu da mesma forma que no Ocidente. Não existe Javé castigador, profetas bíblicos ou Cristo redentor. Sem esses três ingredientes, a natureza de Deus pôde seguir por linhas completamente diferentes. É apenas uma coincidência o fato de Pai, Filho e Espírito Santo serem três, assim como a tríade indiana Brahma, Vishnu e Shiva. Mas o fato de três deuses serem responsáveis pela criação, manutenção e destruição do universo escandalizou os ocidentais quando chegaram à Índia, assim como eles também ficaram escandalizados na China, no Japão e em outras partes da Ásia. “Os deuses” significavam paganismo, e as pobres almas ignorantes da Ásia precisavam ser convertidas a “Deus”, o verdadeiro e único.

A acusação de paganismo ainda existe em relação ao Oriente, mas com uma inversão. Com força suficiente, você pode conquistar um país e tornar a conversão a Deus mandatária, sob pena de morte. Mas na Ásia, as pessoas não dão importância à diferença entre Deus e deuses. Elas foram ensinadas que a vida material é *maya*, uma ilusão dos sentidos. E não importa se essa ilusão contém um Deus ou vários deuses. Quando as proporções materiais desaparecerem de vista, as pessoas enxergarão a realidade luminosa por trás do véu das aparências. Como missão de vida, os grandes sábios da Índia, China e Japão davam instruções de como escapar das amarras da ilusão, que trazia consigo dor e sofrimento. Se Cristo ensinava que esse vale de lágrimas termina no Céu, Shânkara ensinava que o sofrimento termina em iluminação. Já que os dois caminhos levam à luz, Jesus e Shânkara teriam se desentendido face a face em um debate?

Essa pergunta seria apenas hipotética para os ocidentais que chegaram à Índia há trezentos anos. A maioria não prestava atenção na espiritualidade do Oriente, pois era desprezada como paganismo. Mas quando examinado, o ensinamento de que a vida é um sonho parece mais metafísica dúbia ou licença poética levadas ao extremo. Há momentos em que todos nós sentimos estar sonhando. Alguns deles são momentos felizes – como para a noiva no dia de seu casamento –, outros são trágicos – como para os sobreviventes de um terremoto. Um momento de transe poderia facilmente ser um escorregão do cérebro ou um lapso de foco. Mas doze séculos atrás, Shânkara declarou que passamos a vida inteira sem entender a realidade. O que entendemos por realidade é um sonho do qual precisamos acordar.

Shânkara, contudo, não tentava fazer as pessoas sentirem que suas vidas não tinham valor. Defendia que uma vez acordados, tendo se libertado das ilusões, poderíamos governar essa realidade. Seus argumentos eram tão poderosos que conquistava todos os que vinham nos debates que empreendia por toda a Índia.

Esse tema não deveria se restringir a antigas competições de debate ou aos conflitos religiosos, às vezes sangrentos, entre Oriente e Ocidente. Aspectos práticos estão em jogo – vida e morte, na verdade. Em um lugar, Shânkara escreveu: “As pessoas envelhecem e morrem, porque elas veem outras pessoas envelhecerem e morrerem”. Ultrajante? Não se a vida é criada a partir da consciência, como se fosse um sonho, pois, quando você encontra qualquer acontecimento ruim no sonho, ele desaparece quando você acorda. Em um sonho, se você descobre ter câncer, você se assustará como se estivesse acordado. Mas se é tão natural considerarmos ilusório um câncer que aparece em um sonho, por que ficamos presos ao câncer de quando estamos acordados?

O guru indiano moderno Nisargadatta Maharaj foi confrontado com esse dilema quando um estudante perguntou a ele como superar o medo da morte. Esse jovem temia profundamente a mortalidade e queria uma resposta urgente.

– Seu problema é que você pensa ter nascido. Qualquer coisa que nasce precisa morrer, e saber disso provoca medo. Mas por que você aceita o fato de ter nascido? Porque seus pais assim o disseram, e você acreditou neles, assim como eles acreditaram nos pais deles. Olhe para dentro. Tente imaginar a não existência. Você não pode, por mais que tente. É porque a realidade vai além do nascer e do morrer. Perceba essa verdade, e seu medo da morte se dissipará – defendeu o guru.

A lógica é impecável e suspeita ao mesmo tempo. O que a torna suspeita é algo simples de demonstrar. Se você passa um dia na praia, toma banho de sol, observa outras pessoas e ocasionalmente se refresca no mar, tudo parece real, as horas passam e os eventos acontecem. Se você faz a mesma coisa em um sonho, o dia na praia pode durar apenas alguns momentos medidos por atividade cerebral. Assim que você acordar, perceberá que o dia na praia foi uma ilusão porque aconteceu dentro da sua consciência.

Shânkara está dizendo que o dia “real” na praia também acontece na consciência. Fisicamente, esse fato é inegável. Toda experiência é mediada pelo cérebro. Você não pode ver, cheirar, escutar, tocar ou saborear qualquer coisa sem a atividade do cérebro adequada. Se você vê um arco-íris, o córtex visual está ativo independente do arco-íris “aqui dentro” como parte de um sonho, ou “lá fora”, como parte do mundo real. Não podemos provar que o arco-íris “lá fora” existe por si só. Shânkara diz que não. Para ele, todas as coisas externas são experiências em consciência, e a consciência extrema, o começo e o fim de tudo, é uma consciência universal, absoluta que chamamos de Deus.

Pode parecer que Shânkara reduz tudo ao subjetivo. Em realidade, está colocando a consciência acima dos fatos crus. A experiência é muito mais rica do que os dados que a ciência usa para explicar as coisas. Em um tribunal, você não pode provar objetivamente que chocolate é delicioso ou por que a mulher que você ama é a mais linda do mundo. E, mesmo assim, nada disso importa. Apenas a consciência

pode explicar a consciência. O que experimentamos é real para nós, de maneira única e misteriosa. Para alguém com agorafobia, o medo de espaços abertos, não importa se espaços abertos são inofensivos nem se estar ao ar livre é um prazer para a maioria das pessoas. Para a pessoa fóbica, ansiedade é ansiedade. Shânkara está dizendo que a consciência é autossuficiente. Cria o mundo, assim como uma pessoa dormindo cria o sonho. O problema é que esquecemos de como somos criadores poderosos, e Shânkara nos convida a lembrar.

Poderíamos enveredar para uma longa discussão sobre ciência, porque a ciência depende inteiramente de fatos objetivos. A subjetividade é considerada imprecisa, caprichosa e muito pessoal. Mas depois de toda a discussão, apenas terminamos nos braços de Shânkara, porque a ciência moderna destituiu totalmente o mundo físico, o que vai ao encontro do argumento de Shânkara. A física quântica reduziu o mundo físico a uma ilusão. Átomos, os tijolos do universo material, não são objetos sólidos e pequenos, são aglomerados de energia invisível sem qualquer propriedade como peso ou solidez. Essa energia aparece e desaparece, retornando milhares de vezes por segundo ao vazio que estava na origem do cosmos. Nesse vácuo, não existe tempo ou espaço, matéria ou energia. Existe apenas o potencial para tudo isso. Então, o que é potencial?

Para Shânkara, e para os antigos sábios védicos de sua tradição espiritual, o potencial criativo que dá origem a todas as criações não pode ser físico. Isso também vale para o potencial criativo na vida cotidiana. Digamos que você descobre que seu filho ou filha de quatro anos é um prodígio musical ou possui uma inteligência matemática extraordinária. Na medida em que o tempo passa, o potencial dele ou dela se revela pouco a pouco e você testemunha o florescer de um talento que começou como uma semente misteriosa e invisível. Quando o potencial aflora, não é como um saco de açúcar que vai se esvaziando. Quanto mais açúcar há na sacola, mais pode sair dela. Mas não há nada físico, armazenado em algum lugar, que produz cada vez

mais criatividade. Em vez disso, um potencial invisível (como a musicalidade ou a facilidade com números) encontra a forma de emergir no mundo físico.

Deus fez a mesma coisa. De acordo com Shânkara, o único Deus que pode existir não é uma pessoa, nem que seja alguém vasto e supra-humano, e sim algo invisível, mas vivo, como um potencial infinito que pode criar, governar, controlar e realizar a tudo o que existe. Esse Deus não pode ser limitado; por isso ele não pode ser descrito. Não que “ele” ou “ela” ou mesmo “isso” esteja certo. Nenhuma qualidade pode definir Deus, que, assim como o ar que respiramos, está imbricado em cada célula sem ser perceptível. Imagine que você presenteia alguém que não sabe genética com uma tulipa amarela, e você diz: “O que faz essa flor amarela não é amarelo. O que a faz suave, brilhante e macia não tem essas qualidades, não floresce na primavera nem cresce a partir de um botão”. Essas considerações parecem absurdas, até você entender o caminho que leva um gene se transformar em flor. No mundo de Shânkara, todos os caminhos levam a Deus, e todos vão pela consciência.

Para nomear essa fonte universal, a tradição espiritual indiana usa diversos termos sugestivos. *Brahman* é o mais abarcador, já que significa “tudo o que existe”, e é derivado da palavra “grande”. Para chegar ao mistério impessoal de Deus, usa-se o termo *tat*, ou “aquilo”. Quando uma pessoa se ilumina, isso envolve três grandes realizações, ou despertares, como três estágios no ato de se levantar de manhã. O primeiro é “Eu sou aquilo”. Não sou um ser delimitado por um corpo e limitado ao espaço de tempo entre o nascimento e a morte. Sou feito da mesma essência de Deus. O que é essa essência? Não pode ser expressada por palavras. É “aquilo”. Como em toda epifania, trata-se de uma experiência muito pessoal. Mas Shânkara não está incomodado pela subjetividade de uma revelação surpreendente como essa. Bater o dedão do pé contra uma pedra é

uma experiência igualmente pessoal, subjetiva e produzida pela consciência.

O segundo despertar acontece quando o divino é visto em outra pessoa. “Eu sou aquilo” se expande para “Você é aquilo”. E essa expansão continua até o mundo inteiro ser consumido por ela, o que leva ao terceiro despertar: “Isso tudo é aquilo”. Uma vez que o mundo inteiro é experimentado como divino, entra-se no estado da unidade de consciência. Não há nada que não seja você, em sua pura essência.

Shânkara chegou à unidade de consciência e é por isso que se diz iluminado. Um estado como esse pode ser forjado? Há juízes que podem validar que isso existe? Os céticos se fazem essas perguntas porque não aceitam a primeira premissa da tradição espiritual indiana – a de que a consciência é tudo. Ao aceitar, em vez disso, o materialismo – a doutrina de que todas as coisas e acontecimentos possuem causas físicas –, podemos concordar com muitas coisas. As pedras são sólidas, o fogo queima, o prazer é diferente da dor. Você e eu participamos desse mundo, então não o questionamos. Shânkara declara que precisamos parar de participar do mundo, e só assim poderemos nos libertar. Livre do medo e das preocupações, completamente à vontade no mundo, você se transforma em filho do universo, libertado e em estado de abertura completa para tudo o que aparecer em seu caminho.

Mas e se você for o martirizado Giordano Bruno, o frade italiano assassinado por autoridades civis em 1600 após a Inquisição romana condená-lo por heresia, e tiver pela frente sete anos de tortura antes de ser queimado na fogueira? Afinal, sonhos podem se transformar em pesadelos. Qual é o verdadeiro caminho para escapar? Bruno não conseguiu, mesmo com todo seu brilhantismo e sagacidade. Há duas respostas para esse dilema. Você pode acordar desse sonho chamado vida ou você pode governá-lo. Aqui tocamos na face humana de Deus. Deus não força a nada e não espera nada. Cativados por *maya*, ou ilusão, as pessoas criaram uma deidade raivosa que julga e castiga.

Você pode se empenhar a vida inteira – ou séculos – em agradar esse Deus e acabar de mãos vazias, ou passar essa mesma vida desafiando Deus e não escapar da dor.

Mas se Deus for puro potencial, o cenário muda radicalmente. O potencial é infinitamente flexível. Um Deus de potencialidade não precisa ser obedecido, temido ou pacificado. Ele existe para revelar todas as coisas. Nossas agonias surgem porque não percebemos o potencial divino em nós mesmos, o que pode alterar nosso destino. Se você perceber esse fato, pode buscar apenas acordar dos horrores do sonho. Nesse caso, sua meta será retornar à luz, onde existem a paz total e a ausência completa de dor.

Ou você pode escolher assumir seu potencial divino aqui e agora. Nesse caso, Deus se torna muito mais humano: encarna todo amor, toda criatividade e todas as boas oportunidades da vida. Com essa compreensão, você não busca voltar à luz. Em vez disso, você governa seu sonho, uma forma poética de se referir à expansão da consciência. Expandir é dissolver fronteiras e limites falsos. Psicólogos reconhecem um tipo de estado de sonho ultrarrealista, conhecido como sonho lúcido, que não pode ser diferenciado de estar acordado. Durante o sonho lúcido, você está lá, inteiro, com os cinco sentidos operando. E então vem a primeira pista de que você pode acordar. Talvez você esteja imerso em uma aventura na selva, fugindo de um tigre. Você sente a respiração quente do animal em seu pescoço quando de repente lhe ocorre uma vaga ideia: é apenas um sonho. Ao mesmo tempo, você sabe que ninguém além de você criou aquele sonho, e por isso ele não oferece perigo.

Shânkara descreve um estado permanente que é muito similar: você participa do mundo de forma completa, mas tem a vaga noção de que está sonhando. Esse estado de testemunho é a versão védica para o que Jesus chama estar no mundo, mas não ser parte dele. É um estado muito desejável, porque você se torna criativo em vez de passivo. Suspenso naquele ponto de logo antes de acordar de sua

aventura na selva, você sabe que o sonho pertence a você. De repente, você se torna autor. Alguns sonhadores lúcidos podem reentrar no sonho, forçando-se a não acordar. Podem fazer isso porque são, afinal, autores dos próprios sonhos.

Da mesma forma, você é autor da sua vida. Pode parecer que todos os tipos de fatores externos restringem e negam sua autoria: doença, idade, forças da natureza, regras e restrições sociais e, em última análise, a morte. Mas Shânkara faz uma simples pergunta que desarma essas limitações externas: algo que aconteceu em sonho já te machucou alguma vez? Quando você despertar, o sonho terá passado. Tigres, anjos, demônios, inimigos perseguidores e amantes voluptuosos. Todos compartilham a mesma irreabilidade.

Controlar o sonho pode ser bom e ruim ao mesmo tempo. A parte boa é que você se torna o verdadeiro autor da sua vida, com capacidade para realizar qualquer coisa. Para chegar a esse ponto de domínio leva tempo. Há histórias que incitam cautela, como o desafortunado Giordano Bruno, que viu a luz, mas não escapou do sonho. Shânkara esboça como passar pelo processo para tornar-se mestre usando as ferramentas da ioga, voltadas para a consciência. Ela ensinam como usar a mente em vez de deixar a mente usar você.

A parte ruim? Não é a expectativa de fracasso. Uma vez que o processo de despertar começa, não pode ser revertido, mesmo se você tiver que atravessar diversas vidas para alcançar a meta. A parte ruim é que governar os sonhos não é como ser Midas: você não transformará em ouro tudo o que tocar. O encanto da riqueza, do prazer infinito, do poder e até da santidade começam a se esvaír assim que você sabe que tudo é um sonho. A unidade de consciência é o grande mistério das tradições espirituais, mas não pode ser descrita em termos mundanos. Quando os dois domínios da realidade – “aqui dentro” e “ali fora” – finalmente se fundem, nasce uma nova existência. É indescritível até você alcançá-la, por isso há outro ditado

em que a tradição de Shânkara insiste: “Aqueles que sabem não falam Disso, os que falam Disso, não sabem”.

Fazer Deus desaparecer do mundo físico é ou um sinal de evolução, porque acaba com a crença autocentrada de que a deidade precisa se parecer com o ser humano, ou um escândalo, como foi para os primeiros ocidentais, pois não se pode simplesmente varrer Deus do mundo. Ele notaria, e sua reação não seria nada agradável, diriam eles. O que é liberação no Oriente permanece heresia para muitos no Ocidente. A única certeza é que Deus possui mais faces a serem mostradas, e muitas questões permanecem.

5

RUMI

“VENHA COMIGO, MEU AMADO”

Réus. Por que não sabem quando parar?

- Não bati na minha mulher, meritíssimo.
- E por que ela está com esses roxos, então?
- Eu segurava um pau, e ela correu em direção a ele.

O silêncio é sagrado para um homem virtuoso. O Profeta, que a paz esteja com ele, era famoso por seu silêncio. Enquanto os homens se sentaram ao redor do fogo para cantar e recitar poemas no deserto, ele se sentou no escuro, mudo, esperando não ser notado. Então, Alá enviou um anjo para falar por ele. Gabriel tocou sua alma e com uma palavra – “recite!” – o Profeta foi preenchido com a verdade de Deus. Rendeu-se ao milagre, mesmo quando a voz de Deus o fez tremer de medo.

No tribunal, pensar em milagres ajudava. O salão estava empestado de culpa e desespero. O réu seguinte seria como o primeiro, armado com uma língua descarada.

- Seu irmão flagrou-o dormindo com a esposa dele.
- Era a noite mais fria do ano. Se eu não deitasse em cima dela, ela teria morrido congelada.

A corte não teve escolha a não ser considerá-los culpados – o que não significa que os acusadores estivessem satisfeitos. A cidade seguinte teve duas vezes mais ladrões que tiveram as mãos cortadas. Havia muito tempo as pessoas não assistiam a uma execução pública.

– Estou interrompendo, Excelência?

O cádi, ou juiz, piscou algumas vezes; devia ter cochilado em razão do tédio e do calor. O ar estava abafado. Não havia júri. O julgamento consistia nas duas partes discutindo o caso, sem advogados ou promotores. Mas esse cádi gostava de ser apoiado por juristas devotos que o aconselhassem. Eles também estavam meio adormecidos. O autor do processo tossiu forte, tentando se assegurar que alguém prestaria atenção.

– Não há dúvida sobre os fatos – disse ele, levantando a voz como se o salão da corte estivesse cheio de ouvintes admirados. – Abdullah al-Ibrahim atropelou sua esposa com um carro de boi. Era minha filha Aisha. Suas costelas romperam e ela agonizou até a morte, três dias depois.

Um lamento profundo veio do desafortunado réu; esse, pelo menos, não falava. Até então, encolhia-se de forma miserável, agachando-se no chão sem pronunciar uma só palavra. Tinha sessenta anos, e a mulher morta mal tinha passado dos vinte.

Um dos juristas do cádi levantou a mão. Era Jalal al-Din Muhammad.

– Posso fazer uma pergunta ao nosso irmão?

O juiz concordou; o pai da falecida franziu a testa. As convicções iam por água abaixo quando Jalal intervinha. Ele era calmo e comedido, um estudioso. Deveria ter ficado no lugar dele, pescando de sono por cima da lei à luz de velas.

As pessoas sabiam por que Jalal participava de julgamentos. Para que não parecesse um ninguém. Os inimigos zombavam. Estranhamente, todos entre esses inimigos tinham terras e ouro, e passavam grande parte do inverno, quando a produção dos campos caía, pleiteando ações judiciais.

Jalal levantou-se e aproximou-se do réu encolhido. Era quase ultrajante a forma como chamava os criminosos de “nosso irmão” e colocava a mão em seus ombros.

– Quantos dedos tem aqui? – perguntou, mostrando quatro dedos, a menos de um metro do réu.

– Três – murmurou Abdullah, depois de hesitar um pouco.

Jalal virou-se para o juiz.

– Ele é inocente, vamos para casa.

Ele falou baixo, mas suas palavras produziram tumulto entre as famílias de ambos os lados. Em meio às vozes, o pai da esposa proferiu uma maldição. Ele mesmo havia sido fazendeiro antes de adquirir parcelas de terras em épocas de seca. Agora, estava vaidoso a ponto de guardar seu melhor par de sapatilhas de seda em um baú de cedro caso o sultão o chamasse. Ele direcionou sua fúria a Jalal:

– Isso é ridículo! Você está afirmando que outra pessoa atropelou Aisha? Não havia mais ninguém lá.

– Não – replicou Jalal.

O cádi, que havia se aposentado de sua enorme fábrica de tapetes, onde metade das mulheres de Konya trabalhava, pediu ordem no recinto.

– Então, o que você está tentando dizer? – perguntou.

– Olhe para ele. Nosso irmão tem os olhos esbranquiçados. Ele atropelou a esposa quando ela estava ajoelhada separando os feixes de trigo, de modo que o carro de boi passou por cima dela. Não foi intencional – respondeu Jalal.

O juiz inclinou-se sobre a mesa, dirigindo-se ao réu:

– Você não a viu?

O réu cruzou os braços sobre o peito, recusando-se a responder. Não era orgulho. Se admitisse que não enxergava, seus filhos poderiam reivindicar suas terras, e sua posição não seria melhor do que a de um escravo. Abdullah cobria os olhos havia meses, dizia que moscas o tinham picado, mas era a catarata que escondia.

O veredito de “inocente” fez os espectadores gritarem, uma metade de alegria; a outra, de fúria. O cádi não se importou, ele conhecia aquele povo do campo. Se os filhos de Abdullah quisessem muito a terra, o pai seria encontrado em uma vala ou desapareceria. Mesmo assim, o juiz não estava contente com Jalal, que batia nas costas do velho fazendeiro tentando assegurar-lhe que ele estava livre para ir embora. Conselho e interferência eram duas coisas bem diferentes. Ele havia passado dos limites ao fazer o cádi parecer estúpido.

Jalal voltava para a casa sozinho. Esse era seu desejo, mesmo se um amigo se oferecesse para acompanhá-lo. Não estava para companhia: a cabeça estava cheia de pensamentos impuros; seria perigoso deixá-los escapar. Não há como remediar, a culpa solta a língua. Pode levar um tempo. A impureza penetra fundo e se esconde como uma toupeira. Infelizmente, porém, a culpa não é cega como uma toupeira. Jalal sentia que todos podiam enxergar o interior de sua alma. Se comprava um peixe no mercado e a senhora apertava o troco contra a sua mão para garantir que as moedas não caíssem por entre os dedos, a mão dela queimava, e quando murmurava “Obrigada, senhor”, era óbvio que gritava “Pecador!”.

Jalal passou horas meditando sobre sua culpa, com a precisão dos astrônomos árabes que admirava tanto quando mapeavam as estrelas. Era quente ou fria a culpa? Fria, como uma rocha congelada pressionando o coração. A vergonha, por sua vez, é quente como o fogo que incendeia a face. A culpa é incômoda em vez de perfurante, constante em vez de intermitente, dura em vez de suave. Jalal sorriu para si mesmo. Ele deveria ter sido médico da corte, já que conhecia tão bem a anatomia da culpa. Mas médicos da corte costumavam ser executados se não curassem o sultão. Esse era um obstáculo. A culpa de Jalal não se curava, mas piorava rapidamente, como um furúnculo inflamado.

Caminhava de cabeça baixa e quase topou com uma pessoa.

– Ei! – gritou o homem, antes de Jalal quase passar por cima dele,

um estudioso com sua carroça. Jalal olhou para a frente e abriu caminho, mas o motorista não avançava.

– Tenho uma pergunta a você, senhor – disse o homem tirando as mãos do carrinho e tocando na testa de Jalal com respeito.

Jalal estremeceu; a questão prometia ser religiosa. As pessoas confiavam em sua sabedoria, em dar a eles uma fátua que ninguém poderia menosprezar. Agora ele reconhecia o motorista, vagamente, da mesquita.

– Desculpe, estou a caminho de... – disse Jalal.

O outro interrompeu-o:

– Está escrito que Deus não perdoa grandes pecados, como o assassinato. Sei disso, mas se odeio minha esposa e a mando para longe para viver com um parente que a deixa morrer de fome, gradualmente, sabe, sou um assassino?

Jalal respirou fundo para acalmar os nervos.

– Sim – respondeu.

O homem chacoalhou a cabeça, mordendo os lábios.

– Meu primo disse a mesma coisa e ele é tão ignorante quanto barro seco. Pois bem – conformou-se ele. Bateu levemente em sua mula, cumprimentou Jalal com simpatia e seguiu seu caminho.

Jalal recostou-se contra um muro, sentindo-se terrível. Ele tinha trinta e sete anos, e por toda a sua vida homens vinham à sua casa, e antes disso iam à casa de seu pai, para fazer essas questões. Ele se orgulhava das respostas: surgiam rapidamente, porque tinha uma boa cabeça para o documento complexo que é o Corão. Alá nem sempre escolhia ser claro com suas palavras, e era prerrogativa se contradizer. Os filhos de Deus não são crianças para serem alimentados com colher. Quem reclamaria? Reclamar do Livro Sagrado, apesar de ele ser complicado, era um pecado grave.

Pensamentos impuros vinham à sua mente, e pior era que sua piedade mascarava a podridão interior. Às vezes, Jalal esperava que

um estudante pudesse fazer careta e torcer o nariz, e imaginava o diálogo:

– Você também está sentindo esse cheiro ruim? Vamos abrir uma janela.

E o que o mestre diria ao pupilo?

– O fedor é da minha alma. Por favor, copie o próximo verso.

Sentiu-se inundado pela culpa. Sob o sol do meio-dia, tremeu de frio e mudou a direção dos passos para o mercado. Não precisava comprar nada, sua esposa fazia compras ali todos os dias ao amanhecer. Mas quando tinha certeza de que ela não o veria, Jalal se misturava à multidão barulhenta. A pressão do corpo das pessoas contra o dele o fazia sentir-se menos solitário. E os comerciantes que gritavam em sua orelha o distraíam da angústia de seus pensamentos ímpios.

Em alguns minutos, teve o alívio que desejava. Nos estreitos corredores entre as tendas, corpos de todo tipo esfregavam os ombros e roçavam cotovelos uns nos outros. Como os melhores produtos terminavam antes do meio-dia, os comerciantes precisavam trabalhar duro para vender as tâmaras amassadas de tanto serem manuseadas e os tachos de cobre amassados por terem caído no chão.

– Menta fresca! Não haverá mais quando o tempo esfriar! Romãs colhidas nos pomares do Profeta! Gordura de cordeiro extraída um dia depois de nascer!

Jalal se distraía de si mesmo com aquele espetáculo e se sentia reconfortado. Sorriu para uma garota que vendia objetos de prata.

– Muito bonitos – murmurou, pensando em como ela parecia inocente.

A garota sorriu e inclinou-se em direção a ele:

– Olhe nos meus olhos e veja o mundo antes de ter sido criado.

– O quê? – surpreendeu-se Jalal.

A jovem levantou a voz no barulho da multidão.

– Sua esposa ficaria linda com eles – disse ela, estendendo-lhe um par de brincos.

Jalal estava seguro sobre o que havia escutado antes, e estava prestes a falar com a garota a respeito, quando se deu conta de que a voz tinha sido de um homem. Um homem tinha se debruçado atrás dele e sussurrado aquelas palavras em seu ouvido: “Olhe nos meus olhos e veja o mundo antes de ter sido criado.”

Jalal olhou ao redor buscando o homem, mas ele já tinha se misturado à multidão. As orelhas de Jalal queimavam, seu coração estava disparado. Não queria que a garota da tenda o visse naquele estado, então saiu correndo, abrindo espaço entre a multidão. A ira começou a tomar conta dele e, à medida que repetia as palavras se sentia cada vez mais ofendido.

Era estranho para um homem tão equilibrado ser, de repente, tomado pela fúria. Empurrou uma senhora cambaleante e chutou um vira-lata.

– Por que não olha? Seus olhos são pequenos, mas podem ver através do universo.

De novo, a mesma voz. Desta vez, Jalal foi mais rápido: virou-se imediatamente e agarrou a túnica do homem atrás dele.

– O que você acaba de me dizer? Como se atreve?

Jalal tinha agarrado um carregador negro, um abissínio com um balaio de algodão nas costas. O carregador assustou-se e murmurou desculpas em seu idioma nativo. Era óbvio que não sabia uma palavra em árabe. Todos ao redor viraram a cabeça para olhar o ocorrido. Jalal soltou o pobre homem, ficou vermelho e saiu correndo novamente. Em suas costas, sentia a picada de vozes que zombavam dele.

Correu rápido o suficiente para transpirar, embora soubesse que o suor era de pânico. Alá havia lido seus pensamentos impuros, não havia dúvida. Agora Jalal estava sendo punido, e esse seria só o começo. A repreensão divina é terrível. Pior, pode ser tortuosa. A própria mente pode atormentar com palavras satânicas ou divinas, nunca se sabe qual.

Quando o anjo Gabriel apareceu pela primeira vez para o Profeta, que a paz esteja com ele, houve mais medo que alegria. O anjo disse:

“Recite!”. O mais sagrado dos livros sagrados estava sendo entregue como um presente – para quem? Para um homem simples e atormentado, um mercador de Meca, que desejava profundamente conhecer a vontade de Deus. Maomé se refugiava na caverna com frequência, para meditar sobre o mundo pecador e a fraqueza da fé. Parecia que todos os povos tinham recebido a palavra de Deus, exceto os árabes. Tinham esquecido que eram os filhos de Abraão. Alá tinha todo o direito de destruí-los. Em vez disso, despejou sobre eles as palavras sagradas do Corão.

Contudo, quando uma bênção chega em forma de luz ofuscante, a mente pode ficar transtornada. Todo filho de beduíno é criado para temer espíritos e demônios que podem ser inalados durante o sono, ou ao inclinar a cabeça para trás para beber vinho. O Profeta era apenas um homem entre outros homens, e cresceu no deserto, entre beduínos. A visão de Gabriel encheu-o de pânico e ele saiu correndo da caverna morro acima. Quando chegou ao topo, com as sandálias arrebitadas e os pés sangrando, teve o impulso de jogar-se penhasco abaixo. Renunciou à ideia apenas quando avistou no céu o anjo em outra forma, espalhado como uma luz tênue que se estendia até o horizonte. Maomé percebeu que a presença de Alá estava em todos os lugares da criação. Não havia como escapar, de modo que morrer era inútil.

Que desesperador deve ter sido aquele momento! Jalal sentia o mesmo agora, o pânico de não ter onde se esconder. Teve vontade de cobrir as orelhas com as mãos para expulsar aquela voz insistente. Mas a razão prevaleceu; a voz não retornaria se ele se acalmasse. Jalal deixou o mercado rapidamente, encontrou uma praça vazia, na qual, ele sabia, existia um poço seco, que ninguém mais usava. O local estava vazio, rodeado de paredes brancas.

Jalal chegou rapidamente e sentou-se na beirada do poço; olhou várias vezes ao redor para confirmar que estava só. Aos poucos, o coração se acalmou. Sentiu-se normal outra vez, quase seguro.

Estranhou: o pânico parecia ter dissipado a culpa, pois ao olhar para dentro sentiu uma sensação refrescante de paz.

– Venha, meu amado. Há um campo além do alcance da vida e da morte. Vamos para lá.

Meu Deus! O coração de Jalal voltou a disparar, e dessa vez não girou a cabeça para ver se havia um homem falando em seu ouvido. Não haveria ninguém ali. Porém, em vez de levantar-se e sair correndo, Jalal se sentiu paralisado, com as pernas frouxas como as de um bebê. Seu corpo sabia que não poderia escapar e, como um criminoso resignado no dia de sua execução, esperou.

Quando não há onde se esconder, nos escondemos mesmo assim. Depois que o anjo o inspirou, o Profeta correu para a casa e se trancou. Por meses não contou à família sobre a visita divina, e demorou ainda mais até alguém de fora da casa escutar as primeiras palavras do Corão. Para Jalal, as coisas começaram da mesma forma. Ele correu para casa e se trancou, longe da vista dos outros, mas então tudo se acelerou. Em um dia frio e de céu aberto, alguém bateu na porta. A esposa de Jalal não estava; ele esperou um servo atender, mas quando viu que ninguém o fez, preferiu não gritar e foi ele mesmo atender.

Era um estranho, vestido de preto da cabeça aos pés e com um cajado na mão.

– Eu vim. Espero que você esteja melhor. Em sua posição, porém, eu não estaria – disse ele. – Deixe-me entrar.

A voz do estranho, que falava persa com um sotaque forte, era suave, porém envolvente. Ele tinha mais ou menos a mesma idade de Jalal e a mesma barba de sábio. Jalal abriu passagem para que ele entrasse.

– Em minha posição? – perguntou, hesitante.

– Você se deu um nó, Deus sabe disso. Quando uma contradição é forte o suficiente, a mente desiste.

– E Deus quer isto? – perguntou Jalal. Sentiu um frio na espinha, mas não queria aceitar o que significava: a voz do estranho era a que havia escutado no mercado.

– Deus quer que você seja claro sobre as coisas, e nesse momento você não está sendo – respondeu o estranho, olhando ao redor. Escolheu o maior e mais confortável almofadão, e se afundou nele até o chão com um suspiro. Havia percorrido um longo caminho.

– Chá – ordenou o estranho quando uma serva entrou na sala. Com um olhar, Jalal deu permissão para que ela atendesse o pedido. O estranho jogou seu cajado para o outro lado da sala, fazendo um barulho.

– Se você deseja ser um pecador vil, vá em frente. O problema é: você não pode ser vil e orgulhoso ao mesmo tempo. É por isso que você está confuso – declarou o estranho. A almofada onde se sentou, de pernas cruzadas e ereto, em vez de reclinado, estava próxima à janela. Jalal via com nitidez os olhos brilhantes e certos do outro; quando pousavam sobre Jalal, pareciam zombar dele.

– Todos precisamos conviver com a consciência dos nossos pecados – murmurou Jalal.

– Não tente escapar – cortou o estranho. – É provável que você esteja certo em ser abjeto, mas talvez precise de razões melhores. Você é orgulhoso porque pensa ser melhor que o Profeta, que a paz esteja com ele. O Profeta se escondeu por dois dias debaixo dos lençóis depois de escutar a voz de Deus. E você pretende se esconder para sempre. Não é esse um tipo de orgulho?

A menção à voz de Deus deixou Jalal tenso. A serva chegou com o chá, e ele teve de fingir calma enquanto ela servia os dois copos. Quando ficaram sozinhos outra vez, o estranho retomou a conversa.

– Meu nome é Shams. Eu tenho conhecimento sobre vozes. Por um longo tempo, rezei para Alá, pedindo a companhia de alguém que tolerasse minha presença. Ele não me levou a sério, mas um dia uma voz me perguntou: “O que você está disposto a dar em troca?”. E eu

respondi: “Minha cabeça”. Quando você se desespera por encontrar alguém que compreenda, a vida se torna uma aposta pequena. Então, a voz me contou quem você era e onde encontrá-lo – explicou ele, e levantou o copo para um brinde. – E aqui estamos, os dois homens mais sortudos do mundo, ou os dois mais amaldiçoados.

As palavras de Shams abalaram Jalal. Se tivesse a perspicácia de agir como um advogado, poderia bombardeá-lo com perguntas incrédulas e suspeitosas. Algo o impediu. Reclinou-se e, para sua grande surpresa, suspirou com alívio. Sentiu-se como um andarilho ressequido no deserto, ao avistar um oásis. Durante dias, não há nada à frente do andarilho, apenas areia, e, justo depois de beber a última gota de água do cantil, tropeça na duna seguinte e comprova que a visão é real.

Shams, o estranho, sorri.

– Eu estava no mercado aquele dia, e te avistei, na verdade. Entre as pessoas ordinárias, caminho como um mercador viajante, um tecelão. Esse é meu negócio, na verdade, mas sou filho de um imã de Tabriz, um grande homem.

Jalal concordou com a cabeça.

– A voz preparou o caminho, senão não teria te dado as costas.

– Da mesma forma que a voz que escutei preparou meu caminho até você – observou Shams. – Ambos somos abençoados. Não que eu tenha esquecido a possibilidade de que sejamos amaldiçoados.

O Império dos sultões seljúcidas era vasto, estendia-se do mar Egeu ao longo de muitas terras conquistadas séculos antes pelos romanos. Para os árabes, essas terras ainda eram *Rum*, ou Roma. Se você conhecesse um viajante de lá, diria aos seus amigos que se encontrou com um *Rumi*, um romano. Mas o mundo colaria essa etiqueta em um homem em particular, não que Jalal já soubesse. Ele, nosso Rumi, começou a fazer perguntas. Estava menos nervoso, e queria saber tudo sobre Shams-i Tabrizi, enviado pela vontade de Alá.

Quem era seu povo? Ele era o afortunado primogênito, ou o desolado caçula?

– Quem sou não importa, digamos apenas que eu sou você – disse Shams.

– E quem sou eu? – indagou Jalal.

– Um colecionador de insetos, aparentemente.

– Por que você diz isso?

Shams observou ao redor.

– Seus livros estão espalhados por toda parte, você estuda o Corão e as leis. De acordo com minha experiência, besouros e vermes se alastram por livros velhos, e como as palavras que você lê são inúteis, a única razão para manter seus livros deve ser colecionar insetos – argumentou Shams.

Apesar disso, o estranho sabia tanto quanto Rumi sobre o conteúdo dos livros. Trocar palavras aprendidas preenche o coração dos estudiosos, porém aborrece o resto do mundo.

Não demorou para Rumi confessar seu estado de crise. Uma vez que as palavras começaram a sair, não podia parar de falar. Shams era um ouvinte incansável, mas não necessariamente paciente.

– Pare de dizer “Deus” o tempo todo – retrucou. – Está me dando nos nervos.

– Mas estamos falando sobre Deus – objetou Rumi.

– Ai de mim!

– O que você quer dizer? Você mesmo é um buscador, não é? – questionou Jalal.

– E você é um vendedor de frutas que ficou sem pêssegos. Deus era um pêssego suculento, o mais doce e suave que se pode imaginar. Desfazia-se como mel na língua. O tempo passou, a polpa secou, o mel amargou. E agora, o que você vende? Você grita: “Fruta, aqui! Frutas suculentas e deliciosas”, mas tudo o que você tem para oferecer está seco e com a pele enrugada – Shams encolheu os ombros.

No início, Rumi resistiu. Deus, ele tinha certeza, não era um pêssego.

– Quero conhecimento e você me dá poesia – disparou Rumi, acusando o visitante.

– Claro. Se você não tem rosas para cheirar, pelo menos o aroma delas pode ser capturado em um poema – rebateu Shams.

Rumi agitou as mãos:

– Pêssegos, rosas. Você está zombando de mim.

– Para não chorar.

– O que você quer dizer? – perguntou Rumi.

– Vejo o vazio em seu coração. Você o forrou com belas palavras, e com isso moveu-se pelo mundo ganhando o respeito de outros homens. Mas eles não te amam. Na verdade, te odeiam por suas lições, temem que você enxergue e exponha o segredo deles – sustentou Shams.

– Que segredo?

– Que o coração deles está tão vazio quanto o seu.

Após uma hora, Rumi já estava exausto, e se Shams continuasse a arrasá-lo daquela forma, ele não sabia o que poderia acontecer. Um pouco mais e poderia ter desmaiado, ou adoecido. Estavam sozinhos no salão, rodeados por chá gelado e copos sujos, ainda que atrás da porta Rumi tivesse uma esposa e dois filhos. Depois de um momento, escutou algumas batidinhas vindas do aposento ao lado. Sentou-se com rapidez, lembrando que tinha uma vida para tocar.

Shams viu os olhos de Rumi se dirigirem à porta.

– Eu sei. O mundo está conosco, mas por pouco tempo mais – murmurou Shams. Não havia tom de ameaça em sua voz, mas Rumi alarmou-se.

– O que vai acontecer? Você está escondendo uma faca?

Shams recusou-se a responder e fez um gesto para que Rumi fosse cuidar de sua família. Naquela noite, o estranho dormiu com um cobertor velho do lado de fora da casa. No dia seguinte, tomou café da manhã com a família sem dizer uma palavra, exceto

murmúrios de polidez. Rumi o observava, incomodado. À luz do novo dia, Shams parecia sombrio, como uma aparição que deveria ter sumido durante a noite. Quando ficaram a sós, Shams disse a Rumi para ignorar sua presença.

– Hoje serei sua sombra, aja como se não me notasse.

– Por quê?

– Não há nenhum mistério, quero apenas observar.

Rumi tinha certeza de que algo misterioso estava acontecendo. Seguiu as instruções de Shams, forçando-se não olhar para trás durante o dia – um dia típico. Rezou, estudou e disse aos filhos o que se esperava deles. Foi à madraça, a escola religiosa que havia herdado de seu pai, onde ensinava doze garotos a ler e escrever. A parte mais difícil veio ao anoitecer, quando Rumi sentou-se à luz de velas para ler o Corão. Ver Shams em um canto o deixava ansioso demais para se concentrar.

– Falei sobre pêssegos e rosas. Agora, é a hora para luzes e oceanos – falou Shams, sem qualquer preâmbulo. Ele sorriu ao ver a reação de Rumi: estava aliviado de Shams não ser mais sua sombra silenciosa. Ao mesmo tempo, porém, sentia-se incomodado pelas novas charadas.

Shams aproximou-se da vela ao lado do livro de Rumi. A luz era forte, e desprendia pouca fumaça. O ambiente recebia um aroma forte de cera de abelha.

– Se Deus é luz, ele está nesta vela? – perguntou Shams.

– Talvez.

– Por que talvez? Há algum lugar onde Alá não está?

– Não, mas a luz de Deus não é o mesmo que uma luz comum. Se a vela queima e se desfaz para produzir luz, você diria que Deus vai desaparecer junto com ela? – questionou Rumi.

– Deus desaparece o tempo todo – riu Shams. – Quando as pessoas perdem um filho, dinheiro, ou todas as suas ovelhas, minha experiência diz que elas também perdem Deus. Mas o ponto não é esse. Aceite por um momento que essa vela é Deus.

Rumi concordou.

– Veneramos a luz, chamamos isso de Deus. Mas quantas velas, quantas lamparinas sagradas ou fogos rituais você acende antes de se aborrecer? A luz já não representa nada, é apenas uma vela cuja cera derretida você jogará fora no dia seguinte. Você sabe o que isso significa?

– Diga-me – respondeu Rumi, tentando esconder o incômodo.

– Significa que o tempo é inimigo de Deus. Se algo pode morrer, esvaecer-se como uma vela, não pode ser Deus, pois Deus não tem início nem fim – explicou, fazendo um gesto com a mão para impedir que Rumi o interrompesse. – Vejo sua impaciência. Aguarde por um momento. Oceanos.

– Estou escutando. Conheci o oceano em minhas viagens.

– Posso ler sua mente de quando você contemplou o oceano. “Tão vasto, tão deslumbrante! Isto também deve ser Deus.” Você contemplou a eternidade. E daí?

– O deslumbre não é suficiente? – perguntou Rumi.

– Suficiente para quê? Para cercar o infinito? Você sequer abraçou o oceano. Se mergulhasse uma xícara nas águas e levasse um pouco do oceano para casa, após alguns dias ele evaporaria. E lá se vai o seu deslumbre. Onde está Deus aí?

– Diga-me, não quero adivinhar – protestou Rumi.

– Em nenhum lugar. O espaço é inimigo de Deus. Os oceanos são vastos. Você pode passar a vida inteira navegando por eles, contemplando sua vastidão. Ainda assim, o infinito se estende para além de seus olhos. Mencionei duas verdades das quais você não pode escapar. O tempo é inimigo de Deus, e o espaço também. O que você pode fazer depois que aceita essas verdades?

Shams não havia modificado seu tom de voz, que parecia o de um mestre. Rumi usava aquele tom monótono o tempo todo, enquanto metade de seus alunos cochilava. Mas, em vez de cochilar, Rumi sentiu a espinha estremecer. Shams percebeu.

– Ah, a primeira centelha – disse ele, em tom de triunfo. – Pense

em quanto tempo você esperou para escutar minhas palavras. Recoste-se, desfrute a surpresa, mergulhe em sua ignorância.

Shams zombava de Rumi, mas o que dizia era verdade. Em um instante, Rumi viu sua ignorância estendida perante ele. Tinha passado anos rezando e estudando, tinha viajado por todo o império do sultão, visitando santuários sagrados. Mas se Deus estava além do tempo e do espaço, nada disso importava.

Shams inclinou-se em direção a Rumi, que sentiu a respiração quente e úmida do outro.

– Você vem tentando capturar o oceano com uma colher de chá, e o sol em uma vela. Pare.

Rumi estremeceu. O ambiente ficou pequeno e escuro, e ele pensou se não deveria de alguma forma temer Shams. Você não sentiria medo se convidasse um assassino para ficar em sua casa? Um assassino da mente é ainda mais fatal. No instante em que esse pensamento veio à cabeça de Rumi, a vela se apagou e, sem qualquer aviso, sentiu os braços de Shams ao seu redor. Tentou escapar; seu instinto foi empurrar o estranho, mas Shams segurou-o com força, apertando-o cada vez mais forte.

– Ame-me! – sussurrou com ferocidade.

Rumi estava chocado e tentou se levantar dele, mas o abraço de Shams o apertava contra a cadeira.

– Não há como escapar – sussurrou Shams outra vez. – Você jamais irá além do tempo, jamais tocará a cerca de Deus, para além do universo. Há apenas uma escolha. Ame-me! – ordenou.

Rumi nunca havia sentido aquele pânico. A escuridão era sufocante. Sentiu uma necessidade urgente de gritar para Maomé, o velho servo que dormia fora da casa para protegê-la de ladrões. Algo dentro dele, contudo, permanecia calmo. Isso surpreendeu Rumi, que parou de se debater e cedeu à força de Shams.

– Melhor – murmurou Shams, afrouxando o aperto.

– De verdade? – ironizou Rumi, rindo de nervoso. Escutava seu

coração bater forte, e sabia que Shams também escutava.

Os braços de Shams continuavam ao redor dos ombros de Rumi, mas agora como os de um pai que abraça seu filho ao contemplar a primavera na beira de um rio. Com voz suave, Shams começou a cantar:

Leve-me àquele lugar onde ninguém pode ir,
Onde a morte tem medo
E cisnes pousam para brincar
No lago transbordante do amor.

Sua voz cantada era mais doce que a voz falada, que parecia afiada. Rumi permaneceu imóvel, adorava poesia e mais ainda se fosse cantada, acompanhada de uma flauta de bambu a distância. Sentiu uma lágrima rolar pelo rosto.

Shams respirou e repetiu o refrão.

E cisnes pousam para brincar
No lago transbordante do amor.
Ali os fiéis se juntam
Sempre verdadeiros ao Senhor.

Rumi estremeceu e agradeceu pelo fato de o quarto estar escuro, pois lágrimas cobriam seu rosto. Um assassino havia entrado em sua casa e se transformado em um anjo.

A surpresa com o que havia acontecido com Rumi logo se espalhou pela cidade. O jurista mais sábio de Konya tinha perdido o juízo, vagava pelas ruas a qualquer hora, com os olhos arregalados e as mãos estendidas para o céu. Parecia delirante e febril. Cantava em voz alta, e quando as pessoas se dirigiam a ele, agia como se não as reconhecesse. Talvez isso pudesse ser perdoado, atribuído à lua cheia, mesmo com alguns amigos sussurrando maldades por suas costas. Rumi era tão respeitado que sua reputação não se arruinou em uma semana. Demorou um mês inteiro.

– Nossos estudantes estão indo embora, estamos arruinados! – queixava-se a esposa. Rumi a observava com o olhar vago, como se também não a conhecesse.

Era evidente que a mudança drástica havia ocorrido depois da visita de Shams. As pessoas o acoassavam.

– Vocês não gostam do que ele se tornou? – desafiava Shams.

– E você gosta? Ele perdeu a cabeça, e em breve perderá todos os amigos. Ninguém vai querer chegar perto dele – diziam as pessoas.

– Às vezes, uma pessoa decide tornar-se real. Se vocês estão chocados, pensem em como ele se sente – rebatia Shams.

Ninguém se satisfazia com a explicação despreocupada. O ressentimento contra Shams crescia, mas Rumi raramente saía de perto dele. Se Shams estava no recinto, não parava de observá-lo, e a mais simples frase dita por Shams fazia Rumi exclamar “Ah!” em voz alta.

Havia períodos em que Rumi se acalmava e as pessoas podiam fazer-lhe perguntas. Ao juntar as palavras, proferidas de forma fragmentada e apressada mesmo nos momentos de calma, seus amigos conseguiam entender o que acontecia com ele.

– Não sabia quem eu era – explicava Rumi. – Vesti-me com as roupas do falso conhecimento, não apenas sobre mim, mas sobre tudo. Por que estamos aqui? Para encontrar a verdade. Toda a minha vida rezei e estudei. Meu pai era um sufista, e acreditava que Deus nos aproximava dele. Ensinou-me que minha alma anseia juntar-se a Deus não depois da morte, mas agora, nesse exato momento.

Até aí, nada era segredo. Os sufistas eram uma seita de grande influência. As pessoas comuns os respeitavam porque vagavam, inofensivos, em busca de Deus. Eram gentis, e levavam a busca a sério. Shams também era sufista, apesar de ser de uma seita diferente. Mas eram muitas, e cada uma tinha sua própria *tariqa*, seus métodos e rituais para encontrar Deus. Os amigos de Rumi, contudo,

argumentavam que isso não era motivo para que ele perdesse a cabeça daquela forma.

Então, os olhos de Rumi se arregalavam, e seu rosto brilhava com a inocência de uma criança.

– Eu sei, eu sei, mas quem afinal encontra Deus? A busca não tem fim. Se eu contasse as palavras de todas as minhas preces, seriam milhões. Precisava fugir. Assim como vocês. Todos precisam fugir, é nossa única esperança – dizia ele.

Nesse ponto, emocionava-se e mergulhava em uma espécie de dança rodopiante enquanto cantava canções que vinham à sua cabeça, canções apaixonadas que a maioria das pessoas considerava ultrajante.

A Morte matou a pessoa que eu era,
Agora sou o próprio amor!
Se há trigo ao redor de meu túmulo
Ó, faça vinho dele
E beba o elixir da vida!

Estranhamente, quanto mais Rumi se fazia de bobo, mais gente o escutava, o seguia em suas andanças e esperava para ver o que sairia dele. Pouco a pouco, pequenos grupos começaram a reunir-se em sua porta. Ele havia perdido seu decoro – não, o havia jogado no esgoto com uma risada selvagem –, e naquele momento Deus o tocou. Sempre cantava sobre o amor e sobre o que está além desse mundo.

Não venha chorar em meu túmulo.
Já o deixei,
Não estou dormindo,
Somei-me à imortal dança dos amantes,
E como voa meu espírito!

As pessoas, se o escutavam, entendiam-no cada vez mais. O amor era algo novo para seus ouvidos. Os livros sagrados falavam muito mais em temer Alá, que previa sofrimento eterno para os pecadores. Os fiéis sonhavam com o Paraíso prometido pelo Profeta, onde o

vinho corria como um rio e as frutas caíam das árvores, mas era impossível escapar do pecado. As crianças eram advertidas para obedecer sem questionar, porque, depois da fé, o que Deus mais apreciava era a obediência.

Porém, no fundo, sabiam o que Rumi representava. Se você dá um hectare de terra a um homem pobre ao redor de sua casa, ele ficará agradecido e não sairá de lá pelo resto da vida. Construa um muro ao redor desse hectare, entretanto, e tudo o que ele almejará será a fuga. Rumi transpôs o muro, escapou da prisão em que se encontrava, e, embora as pessoas aguardassem pelo pior, imaginando que ele sofreria algum desastre, nada aconteceu. Os meses passaram, e ele ainda cantava suas canções delirantes, atraindo todos os que sentiam o chamado suave da alma que deseja a liberdade.

Em um certo momento, Rumi notou que não estava sozinho. Todos os dias, sua porta ficava bloqueada por uma pequena multidão sentada, esperando que ele surgisse. Alguém começou a registrar suas palavras. Mesmo quando cantava em volta de um pilar, recitando em transe durante horas, ensinamentos emergiam. Arriscando cometer heresia, alguns começaram a afirmar em sigilo que Rumi recitava o Corão dos persas.

Mas nada se mantém em segredo por muito tempo: os clérigos de Konya estavam profundamente incomodados. Formaram uma delegação e foram até ele reivindicar satisfação. Rumi recebeu-os com humildade. Ao caminhar pela casa, os convidados ficaram surpresos ao constatar que a biblioteca estava limpa e organizada. Rumi sabia no que eles estavam pensando.

– Não queimei meus livros. E por que o faria? Alá não pode ser atingido pelo fogo. E, além disso, eu precisaria escrevê-los todos outra vez.

Falava com suavidade, mas o clérigo superior de Konya, um mulá com o dobro da idade de Rumi, observava com suspeita.

– Você macularia os livros sagrados, e não o faz apenas porque

seria inconveniente? É o que você está dizendo? – questionou.

– Estou dizendo o que você quiser escutar – murmurou Rumi.

Os clérigos iam argumentar contra Rumi, mas foram silenciados pela chegada de Shams ao recinto.

– Uma convenção de colecionadores de insetos – disse ele como cumprimento, mas ninguém entendeu. Vê-lo já era desagradável o bastante.

– Você corrompeu nosso melhor professor – disse o clérigo superior em tom acusador.

– Eu o libertei. Agora ele será um professor perfeito – replicou Shams.

– Apenas o Profeta é perfeito, que a paz esteja com ele – corrigiu outro clérigo.

– Todas as almas são perfeitas, mas brilham através de nós como se fôssemos uma janela embaçada. Quem sabe como seremos quando a janela estiver limpa? – desafiou Shams, sem decoro nenhum.

Ele havia feito uma boa refeição e palitava os dentes. Os clérigos sussurraram furiosos. Não estavam ali para debater, apenas para dar uma advertência. Uma advertência vaga, como se sucedeu, já que nenhum dos clérigos tinha o poder de excluir Rumi dos cultos. Se o mantivessem fora da mesquita, poderia rezar isolado. Se banissem as crianças da madraça, haveria tumulto entre as pessoas comuns, que passaram a adorá-lo. Rumi tinha aberto as portas da escola para a cidade toda.

Os clérigos se levantaram para ir embora, quando Shams levantou a mão.

– Arrisquei minha vida para encontrar esse homem que ultraja vocês. Vocês fazem careta se ele me olha com amor, e se recusam a aceitar que uma alma está enxergando outra. Se Deus quiser, todos nós nos olharemos dessa forma um dia.

– Se Deus quiser, isso jamais acontecerá – rebateu o clérigo superior, que tinha provas suficientes de que Satã aguardava os

incautos.

O escândalo não foi embora, nem Shams. Sua presença era intolerável para as pessoas importantes da cidade. Em uma noite fria de inverno, Rumi e seu amigo místico sentaram-se para conversar. Um servo entrou, dizendo que alguém na porta dos fundos procurava por Shams. Ainda trabalhava como tecelão. Seria um cliente?

Shams gesticulou, indicando que já voltaria. Foi até a porta. Nunca mais voltou. Sequestradores poderiam ter envolvido sua cabeça em um saco negro e desaparecido com ele noite adentro. Um capricho poderia ter tomado conta dele, e Shams simplesmente teria ido embora por vontade própria. Os rumores diziam que a satisfação estava estampada no rosto do filho mais novo de Rumi e que ele teria organizado o assassinato de Shams. Se assim foi, Alá havia recebido o preço cobrado: a vida de Shams.

Rumi, contudo, se recusou a acreditar nos rumores. Estava muito chocado para comer ou dormir, mal podia respirar. Quando se livrou da paralisia de seu sofrimento, preparou um cavalo, levou dois servos e procurou Shams por todas as partes onde pudesse estar, chegando até Damasco. Jamais encontrou qualquer vestígio.

Durante o caminho de volta à casa, Rumi refletiu por um longo tempo.

– Eu sei o que aconteceu – anunciou, finalmente.

– Isso é bom, assim poderá conviver com a perda – disseram as pessoas.

– Jamais.

O que o sofrimento lhe ensinou foi o seguinte: sofrer por Shams era o mesmo o que sofrer por Deus. Rumi transformou a dor em poemas sobre Shams. No início, eram centenas, depois milhares, e finalmente dezenas de milhares. O anseio tornou-se sua obsessão. E então um dia, com a chegada de mais uma primavera, Rumi andava por seu pomar, perdido em si mesmo, quando sentiu um leve toque em seu ombro.

– Shams!

Mas quando virou-se, eram apenas as pétalas de uma ameixeira, a primeira a florescer em abril, que o tocavam. Enquanto seus dedos as devolviam ao ar, Rumi parou para pensar. Como uma pessoa poderia sentir pétalas de flor sobre a pele coberta por roupas grossas de lã? E nesse momento escutou a risada de Shams, e suas palavras voltaram.

– Deus desaparece o tempo todo.

E assim foi. Seu anseio por Shams era o mesmo anseio que temos por um Deus que desaparece, não porque nos odeia, mas porque a vida é uma procura – por amor, por verdade, por beleza. Seja o que for que Deus representa, precisa ser algo evasivo; de outra forma, nos perderíamos nos excessos e no tédio.

Rumi abaixou-se e juntou um punhado de pétalas brancas de ameixeira, levando-as ao nariz. O aroma era fraco – algumas pessoas não sentiam nada e esperavam as cerejeiras florescerem um mês depois –, mas para Rumi era inebriante. Daquele momento em diante, sua busca pelo amor perfeito encheu-se de alegria, mesmo que a busca fosse interminável.

As pessoas se impressionavam ao escutar seus poemas; havia tanto amor e tanta dor nas palavras de Rumi. Alguns não suportavam escutá-los. Quando tremiam, sabiam que não era apenas por ele. Temiam a si mesmos. Sentiam uma paixão não correspondida. Sentiam uma voz que chamava da eternidade.

Grãos de poeira dançando sob a luz –
É nossa dança também.
Não escutamos o interior para ouvir a música –
Não importa.
A dança segue, e na alegria do sol
Esconde-se um Deus.

REVELANDO A VISÃO

Se o Ocidente empenhava-se em fazer o Deus pessoal desaparecer, como Buda e muitos sábios da Índia o fizeram, Rumi o trouxe de volta apaixonadamente. Com seu fervor, a sede de tornar Deus seu amante e a disposição de levar sua busca à beira da loucura, Rumi é o devoto completo. O culto consome todos os aspectos de sua vida e cada momento é dedicado à busca de uma única coisa: o êxtase da união com Deus.

De um ponto de vista romântico, tudo soa maravilhoso, mas há uma dura necessidade por trás de tudo isso. Como no judaísmo, o islamismo segue escrituras sobre leis, obediência, o perigo da tentação e o temor a Deus. A natureza humana pode sustentar uma relação tão austera e disciplinada com Deus? Talvez para alguns poucos. Mas a natureza humana possui um grande talento que é o reverso de sua fraqueza. Se nos dizem para não sair das zonas definidas da virtude, sempre encontramos uma forma de transgredir: pular a cerca é o nosso caminho para a liberdade, e também para o desastre.

Rumi conheceu os dois extremos. Sua biografia, sobre um jurista respeitado que da noite para o dia se torna um espírito livre, agrada nosso gosto moderno por rebeldes. Mas o tempo com seu amado mestre, o misterioso andarilho sufista Shams-i Tabrizi, foi breve, menos de um ano. Durante esse tempo, Rumi se tornou versado no caminho do êxtase, por meio do qual a alegria aumenta graças ao amor pelo divino. Mas havia um lado fatídico de Shams, que parecia saber que esse caminho, no seu caso, terminaria com violência. Ele desaparece das páginas da história indo embora pela porta dos fundos para encontrar um desconhecido. Nada mais se sabe além disso, exceto que o sofrimento de Rumi foi insuportável.

Quando o sofrimento é assim tão intenso, é comum as pessoas encontrarem substitutos para preencher o vazio que sentem por dentro. Pais que perdem um filho podem manter seu quarto intacto, sem mexer em nada, como se o amor pudesse congelar-se no tempo.

Ao menos a memória pode. Rumi realizou algo parecido ao escrever os poemas que imortalizaram o amado Shams, não por razões eróticas, mas para retomar o sentido de alegria perfeita que tinha experimentado sem aviso e perdeu, também de forma inesperada.

Em muitos dos poemas de Rumi, é impossível diferenciar entre si Deus, o amado imortal e o professor perdido. Ainda assim, a forma como descreve sua busca por Deus é tão pessoal e apaixonada que é irresistível:

Em amor novo – aí você deve morrer,
Onde o caminho inicia do outro lado.
Derreta-se no céu e liberte-se
Da prisão cujas paredes você precisa derrubar.
Receba os matizes do dia
Depois de uma névoa de escuridão.
Agora é a hora!

Fora da esfera restrita da poesia persa, Rumi é conhecido por meio da tradução de seus versos curtos e frases concisas:

O ídolo de você mesmo é a mãe de todos os ídolos.

Afortunado é aquele não anda com a inveja como companhia.

Você se engana se pensa que o ego é fácil de subjugar.

Essas frases parecem fazer de Rumi um romântico efusivo, com inspiração para fazer belas frases de efeito, fáceis de assimilar. Mas dentro de sua própria tradição literária, Rumi é célebre por discursos longos e monumentais sobre a filosofia sufista. O termo *sufi* originou-se da túnica de lã rústica usada por místicos andarilhos, cujas práticas até hoje estão fora das fronteiras do Corão. Trata-se de uma excentricidade histórica o fato de muitos ocidentais verem os sufistas como representantes encantadores do islã, enquanto dentro da religião, eles são muito heterodoxos, fora do Livro. Quando a Turquia se tornou uma república sob o governo de Mustafa Kemal Atatürk,

após três anos de luta pela independência (1919-1922), o sufismo foi banido, assim como outras práticas públicas do islamismo. Por algum tempo, o túmulo de Rumi em Konya ficou fechado ao público, e, durante décadas, as danças rodopiantes dos dervixes, fundamentais para a ordem Mevlevi, foram proibidas. Independente do que pensamos sobre o sufismo, as várias ordens representavam uma ameaça ao estado secular e às crenças reacionárias.

Ao ler os poemas, nada disso parece relevante. O caminho puro e focado do amante místico de Deus é exposto, junto à sua dor quando o amante divino está ausente. Claro, quando você não está sob seu encanto, esse tipo de conversa sobre Deus pode parecer excessivamente dramática, até histérica. Na Índia da minha infância, havia figuras respeitadas, e até reverenciadas, que agiam de forma insana, e talvez até o fossem; eram conhecidas como *mastram*, os loucos por Deus. Assim, a frase de Rumi, “Você abre mão de tudo, até da mente”, não é um exagero poético. Ao contrário, retrata o perigo de se iniciar uma jornada que poderia custar sua sanidade, sem falar em casa, família e aceitação social.

Mas é um equívoco, na minha opinião, assumir que o caminho da devoção percorrido por Rumi é um tipo de barganha espiritual que troca a razão pela insensatez, a segurança pelo risco, e a felicidade ordinária pelo êxtase divino. O caminho da devoção, como todos os caminhos profundos, está relacionado à ideia de transformação, e não a barganhas com um Deus invisível. A meta continua sendo a unidade da consciência. Contudo, em vez de examinar os obstáculos que existem em nossa consciência, que é o caminho da contemplação, ou separar o real do irreal por meio do foco intelectual, que é o caminho do conhecimento, a devoção é um caso de amor que consome tudo.

O romance de um caminho como esse desaparece rápido, porque não importa o caminho escolhido, os obstáculos e a resistência obstruem o caminho. Uma pessoa no caminho do conhecimento pode

se frustrar totalmente e dizer: “Não sei para onde vou, minha mente está nebulosa e confusa. Estou exausta de pensar em Deus e jamais encontrá-lo”. A frustração dos devotos é emocional: “Sinto-me anestesiado, não encontro o êxtase que uma vez experimentei. Deus foge de mim como um amante provocador, que jamais permite que eu o toque quando eu assim desejo desesperadamente”. O que salva ambos os caminhos é que o curso da revelação da alma está bem mapeado. Você pode se sentir exausto e vazio, e em sua luta essa condição parecerá exclusiva. Mas não é. A tradição dos buscadores é a mais antiga registrada na história. Desde os primeiros registros de Deus encontramos buscadores esforçando-se para encontrar a presença divina.

Ler Rumi é assim tão persuasivo porque ele reporta tudo a partir de sua experiência, não importa o quão humilhante seja. Mas ele também possui uma dimensão universal que amplifica o pessoal e o torna mais significativo. Aqui está ele em um estado desconectado, como se falasse de uma perspectiva transcendental, de um poleiro na eternidade:

Quando um amante de Deus está pronto para dançar
A terra recua e o céu treme
Porque os pés podem retumbar com uma alegria tão selvagem
Que o sol, a lua e as estrelas podem cair do céu.

Ler sobre como os poemas eram escritos nos dá a impressão de que Rumi estava sempre em transe, algumas vezes dançando; em outras, rodopiando ao redor de um poste. A visão de ele realizando esses movimentos deslumbrava seus seguidores e incomodava a sociedade respeitável. Além disso, a palavra “êxtase” vem do latim e significa “manter-se fora ou à parte”. Esse estado não é histérico, temperamental, instável. É um atributo de Deus e, por isso, completamente estável. O que causa a aparente histeria e desequilíbrio da situação de Rumi é a perda. Sem alegria de viver, na

busca de um Deus ausente, no desespero de ter sido abandonado: o caminho a ser percorrido por um buscador não simula o “êxtase”, muito pelo contrário.

É por isso que, em minha opinião, os caminhos respeitáveis de devoção encontrados no Ocidente, como o silêncio dos conventos e as igrejas pacíficas, seriam alheios a Rumi. O sufismo é altamente organizado e disciplinado, de modo que nós de fora não podemos falar com credibilidade sobre as experiências de dentro da ordem. Pode-se suspeitar, contudo, que o despertar espontâneo de Rumi é incomum. Ele não ensina um caminho para nós, leitores ocidentais. Mas quem pode ser mais inspirador que alguém que segura uma tocha no início do caminho? Há uma chama acesa dentro de Rumi, e a esperança dele é fazer você perceber a mesma chama dentro de si.

Termino com uma de suas mais famosas metáforas estendidas sobre a transformação que a devoção pode trazer. Um casal de amantes acorda na cama, a mulher – imaginamos o cabelo emaranhado e o calor da intimidade – se aninha no homem e faz uma pergunta que parece vã:

No amanhecer, dois amantes despertam
E tomando um pouco de água, ela diz,
“Quem você ama mais,
Eu ou você?”
Ela queria a verdade.

O homem dá uma resposta que não agrada a vaidade da mulher, mas fala de coração:

Então, ele respondeu, “Não posso me amar,
Eu já não existo.
Sou como um rubi contra o sol
Derretendo em vermelhidão.
Você pode diferenciar a pedra preciosa do mundo
Quando o rubi se entrega a luz do sol?”

Rumi entra no poema com sua própria voz, coloca-se no lugar do homem e eleva a conversa do casal para o sublime:

É assim que os sagrados podem dizer verdadeiramente
Eu sou Deus.
Então, seja um rubi ao amanhecer
Mantenha suas práticas.
Continue o trabalho, cave seu poço
Até encontrar água.
Pendure um rubi em sua orelha
E ele se tornará o sol.
Continue batendo na porta
E a alegria olhará pela janela
Para deixar você entrar.

Se o Ocidente deseja um antídoto para o hábito oriental de fazer Deus desaparecer, Rumi não é o indicado. Ele oferece um Deus pessoal do qual nos aproximamos com amor e devoção, mas o caminho da devoção faz com que o buscador desapareça. A luz que o envolve extingue sua personalidade. Extingue até o amor mais fraco entre dois amantes. Na evolução de Deus, apegar-se à imagem de um patriarca sentado sobre as nuvens se torna cada vez mais uma teimosia. Ainda mais quando, como no caso de Rumi, o divino é em um sentimento do coração que se expande até se transformar em um êxtase que consome tudo. O êxtase não tem nome ou rosto. Os visionários do mundo vão em outra direção. Seus caminhos se misturam, mas ainda não há uma figura única de Deus. Uma transformação profunda está em curso.



JULIANA DE NORWICH

“TUDO FICARÁ BEM”

Madame Kempe atraía olhares quando saía às ruas. Era impossível não reparar em seu escandaloso vestido branco – seu “traje pomposo”, como ela o chamava –, mais adequado a uma virgem. Madame Kempe tinha concebido catorze filhos, passando por um período de insanidade após o nascimento do primeiro. (Teve sorte de se recuperar dessa demência, se é que realmente chegou a se recuperar.) Agora, não permitia mais que seu marido a tocasse.

– Você terá prazer suficiente quando chegar ao céu, John Kempe – disse-lhe ela, com acidez. Para ele, não parecia ser uma compensação muito justa.

Também havia muito falatório sobre seus acessos de choro em público, quando vertia lágrimas copiosas e lamentava a morte de Jesus. Podiam acontecer a qualquer momento. Segundo Madame Kempe, eram fruto do êxtase insustentável de contemplar o trabalho de Deus à sua volta. Uma carroça de feno atravessando seu caminho ou um burro velho eram uma maravilha de Deus? Talvez, mas o choro era tão alto e estranho (algo entre uma coruja estridente e um leitão guinchando) que causava aflição às pessoas.

– Deus me fez assim, e não vou pedir desculpas por ele – retrucava ela diante das reclamações.

Um séquito luxuoso a acompanhava por toda a parte, mesmo que fosse para comprar um saco de nabos. Qualquer esquisitice nova observada em Margery Kempe virava assunto popular.

Ela fingia apreciar toda essa atenção.

– Jesus é quem fala comigo, todos os dias. É tudo que desejo ou preciso. O resto é igual à poeira nos meus sapatos.

– Ele está falando com você neste momento? – perguntavam as pessoas, fazendo-a rir.

– Como poderia? Eu é que estou falando agora. Vocês são surdos?

No fundo, esses acessos de devoção a preocupavam, mas em público mantinha um comportamento atrevido, como convinha à filha de um homem que tinha sido cinco vezes prefeito de Bishop's Lynn. Além disso, como membro do parlamento, ele era convocado a Londres com frequência, especialmente em períodos conturbados.

– Que períodos seriam esses? – perguntavam os gaiatos nas tavernas locais. – A peste, a guerra na França, os novos impostos, que levaram metade dos camponeses à fome, ou as rebeliões que mataram o resto?

Se as visões de Margery vinham de algum lugar, era da sensação de que o fim dos dias poderia estar próximo. Pela misericórdia de Deus, a Inglaterra inteira não enxergava nada além de calamidade, antes mesmo de perceber que o rei menino, Ricardo II, era um fraco, era totalmente ludibriado por seus ministros corruptos.

Num lugar em que o povo rezava três vezes ao dia e frequentava a igreja duas vezes aos domingos, o que mais Deus queria? O pior período foi em 1381, quando Margery tinha oito anos de idade. Em um ano os impostos triplicaram, com a maior parte deles financiando as infundáveis guerras no exterior e o restante forrando os bolsos de cortesãos corruptos. Um coletor de impostos foi atacado por uma multidão enfurecida no sul de Londres; foi o estopim. Turbas se

reuniram de repente e marcharam a partir dos campos, deslocando-se pela terra feito um monstro raivoso e travando batalhas renhidas. Um verão de violência custou a vida do arcebispo da Cantuária, e não só a dele. O exército camponês confrontou até mesmo o rei e exigiu o fim do regime de servidão. Quem poderia acreditar?

Logo os rebeldes começaram a marchar para o norte. Ao entrar numa cidade, julgavam sumariamente os coletores de impostos, incendiavam as melhores residências e maculavam as casas de Deus. O pânico era comparável ao da peste negra. Margery era apenas uma criança de oito anos, mimada e inocente. Foi embrulhada no meio da noite e retirada de sua cidade, Bishop's Lynn, assustada por estar coberta com um cobertor grosso de lã, quase sufocando dentro da carruagem sacolejante. Ela nem chegou a ver os servos revoltosos. Nem ao mesmo os conhecia direito, sendo uma menina da cidade, filha de pai rico.

Mas o pior não chegou a acontecer, e antes do final do verão os camponeses foram derrotados. Seus paus e facas não foram páreo para flechas, lanças e armaduras. A população toda correu à praça central de Bishop's Lynn para ver os líderes mais notórios serem torturados, estripados e esquartejados. Margery ficou dividida entre a curiosidade e o medo. Mas não pôde resistir e decidiu subornar sua criada com uma moeda de prata para escapar e ver as execuções. Sem dúvida seria medonho, mas ela desejava ver algo especial.

– O que você teria coragem de ver, menina? – perguntou a criada, horrorizada.

– O momento antes do esquartejamento – disse Margery, sobriamente. – Ouvi dizer que o carrasco corta fora o coração do condenado e o mostra a ele para que possa se arrepender e encontrar a compaixão de Deus. Eis algo que eu gostaria de ver pessoalmente.

A criada não cedeu, e ainda ficou com a moeda de prata por prometer não revelar ao pai de Margery seu desejo tão perverso. Relembrando anos mais tarde, Madame Kempe não o achou perverso,

mas Deus deve ter discordado, pois ela sofreu a vida inteira uma insensível penitência.

A primeira crise veio aos vinte anos de idade, recém-casada e mãe de seu primeiro filho. Foi um parto difícil; Margery ficou febril e logo adoeceu gravemente. Não havia erva ou prece que baixasse a febre. Seu corpo foi tomado por dores tão terríveis que ela começou a delirar. Via demônios girando à sua volta, atacando-a com garras afiadas e soltando gargalhadas e guinchos. Uma escuridão manchou sua mente e, quando seu marido entrou no quarto, Margery virou o rosto.

– A única visitante que pode me ajudar agora é a morte – disse.

Esvaiu-se a esperança. Um padre chegou à casa para ouvir sua derradeira confissão, mas mostrou-se hesitante.

– Ouvirei sua confissão, minha filha – disse ele a Margery –, mas rezemos ao mesmo tempo por sua recuperação. Enquanto Deus precisar de mim, permanecerei aqui. – Isso era mais do que otimismo, e certamente não era caridade. A família tinha dinheiro suficiente para pagar uma vigília constante.

– Não, depois de me confessar devo morrer – disse Margery, com uma voz fraca. – Pois então Deus não me aceitará mais.

O padre já tinha ouvido toda a sorte de pecado no confessionário. Ele assegurou-a de que seria perdoada, por pior que fosse.

– Não diga isso antes de ouvir meu grande segredo – respondeu Margery.

Ninguém soube o que ela sussurrou ao ouvido dele, mas o padre fugiu da casa horrorizado. Recusou-se a dar a absolvição. Sequer terminaria de ouvir a confissão. John Kempe observou estupefato a fuga do padre. Quando entrou no quarto da esposa, ela estava delirando e com os olhos revirados. Não teve outra opção a não ser trancá-la na despensa até que os demônios que a atormentavam finalmente reivindicassem sua vida.

Meses se passaram e Margery acordava tremendo todos os dias,

certa de sua danação. Conforme sua doença progredia, ficava mais e mais fraca. Como todos aceitavam a mesma verdade – ela perdera a alma para Satã –, não havia motivo para adotar medidas drásticas a fim de mantê-la viva. Assim, foi um tanto desconcertante para a família entrar na despensa, com a mortalha pronta para enrolar o corpo, e encontrá-la sentada, alegando que Jesus a tinha visitado.

Foi uma visita miraculosa. Jesus se postou ao lado de sua cama, e fitou-a com um olhar comovente. – Por que me abandonaste, e abandonaste até a ti mesma? – ele perguntou.

– Eu realmente o tinha abandonado – admitiu ela. – Mas não mais. Ele me estendeu a mão, e o que havia de maldição em mim virou bênção. O resto de minha vida pertence somente a Deus.

A família ficou perplexa e cética. Margery vagou pela casa durante vários dias, numa espécie de êxtase – e foi então que começaram os ataques de choro alto e estranho. Ninguém podia negar que havia milagrosamente recuperado a saúde, e que, quando se acalmava o suficiente, sua conversa fazia sentido. Mas sua presença trazia problemas. Uma jovem esposa acometida por fortes sentimentos religiosos deveria fazer a coisa certa e entrar para um convento; não era algo incomum. A família levou Margery para a clausura, ou quase. Chegou o dia em que sua mala solitária estava pronta com o mínimo necessário para a viagem. Acharam-na sentada no chão, cercada por seus vestidos requintados, enxugando as lágrimas com um luxuoso lenço de brocado, com o qual acenou para a família.

– Minhas coisas lindas. Não posso deixá-las para trás.

E não deixou. A charrete foi dispensada e Margery retornou aos trajes pomposos.

Não se orgulhava de ser orgulhosa, apenas sabia que a vida de freira seria vazia demais. Já a vida com John Kempe, longe de ser vazia, gerou um filho atrás do outro, até ele morrer subitamente após o nascimento da décima quarta criança. A viúva rica começou a se vestir de branco e alimentou o escândalo insistindo que Jesus

continuava a visitá-la com frequência, pelo que parecia. Podia ser vista todos os dias pela cidade, movendo os lábios silenciosamente, e todos sabiam com quem devia estar falando. Isto é, todos que acreditavam nela.

Ela mesma acreditava nisso? Era uma pergunta incômoda. Ela não tinha como provar que suas visitas eram divinas. Podiam ser demoníacas, pois ela já havia tido uma experiência com demônios. A única maneira de solucionar o dilema seria encontrar alguém que, sem sombra de dúvida, se comunicasse com Deus. Um santo seria ideal; na falta de um, a velhinha beata que morava do outro lado da floresta serviria.

A Providência tudo concede. À cidade de Norwich, concedeu três coisas: madeira, igrejas e cadáveres. A velhinha beata, chamada Juliana, era testemunha da existência de todas as três. O estoque de madeira que enriquecera a cidade parecia ser ilimitado. O longo trânsito de carroças vindas da floresta só foi interrompido durante a peste (durante esse período, as carroças transportavam corpos empilhados feito toras de madeira). O carvalho inglês era famoso em todos os lugares, e as ruas de Norwich viviam repletas de estrangeiros vindos de várias localidades estranhas para comprar madeira. Margery reparou neles quando chegou à cidade.

– Parecia a Torre de Babel. Ouvi um dinamarquês, um russo e um espanhol no caminho para cá – ela comentou.

– Você fala essas línguas? – perguntou Juliana.

– Não, mas eu viajo bastante. O corpo de Deus está disseminado em todo lugar. Eu vou em busca dos fragmentos. Semana passada, segurei nas mãos a caveira de João Batista. Uma maravilha. – Era uma maneira excêntrica de dizer que tinha ouro suficiente para empreender peregrinações sagradas durante o ano inteiro, em qualquer lugar na Europa onde esperasse encontrar paz. E respostas.

– Onde está a caveira de João Batista? – perguntou Juliana.

– Aqui e acolá, aparentemente. França, Alemanha. Já vi várias; às vezes, apenas a mandíbula. Estava banhada em ouro, sobre uma salva enorme no altar principal.

A velha beata ainda não era uma relíquia; era uma reclusa que vivia em uma choupana pobre nos arredores da cidade. Uma jarra de vinho de flor de sabugueiro jazia na mesa entre elas. A viúva Kempe serviu-se de meio copo e o diluiu com água.

– Pode me chamar de Margery – disse, tomando um gole de vinho.

Todos conheciam o nome de Juliana, embora tivessem esquecido seu nome de nascença ao longo dos vários anos em que quase ninguém a viu além das criadas, e elas mudavam com frequência. As pessoas se acostumaram a ver uma devota discreta ajoelhada no canto mais escuro da Igreja de São Julião, e assim lhe deram o nome de Senhora Juliana.

– Então foi o comércio de madeira que financiou todas essas igrejas – disse Margery. – Será possível encher todas? – Ela conhecia a história de Norwich e as bênçãos da Providência. Norwich se vangloriava de ter mais igrejas do que qualquer cidade na Europa ao norte do Alpes. – E as igrejas recolhem dinheiro para manter os cadáveres longe.

– O último surto de peste ocorreu vinte e cinco anos antes de você nascer. Eu tinha apenas seis anos de idade, mas me lembro. Todos que sobreviveram se lembram – disse Juliana, franzindo a testa.

Considerando o passado, Juliana se sentia aliviada por não ter nascido antes. Os mais velhos ainda tinham pesadelos com a peste. Margery nunca tinha testemunhado pessoalmente a peste negra, apenas escutado histórias apavorantes. Populações inteiras foram ceifadas, como se tivessem sido abatidas por um único golpe de foice. Os que se apressavam para enterrar os mortos eram muitas vezes enterrados no dia seguinte. O fedor dos cadáveres era capaz de fazer um homem forte desmaiar. A maioria dessas histórias era preservada pelos padres nos púlpitos, como exemplos da ira de Deus. Não havia nada mais eficiente do que a peste para extrair o dízimo dos pobres.

– Meu vestido branco a ofende? – perguntou Margery. Ela relutava em tocar no verdadeiro motivo de sua visita. – Nosso reverendo bispo o odeia. Aliás, não só nosso bispo, mas todos que já conheci até hoje.

– Conhece muitos bispos? – perguntou Juliana.

– Sou forçada a conhecê-los.

Era uma maneira concisa de dizer que a fé de Margery fora posta à prova várias vezes, como é de se esperar quando alguém faz um espetáculo público de sua devoção. Nenhum de seus rígidos examinadores, porém, foi capaz de acusá-la de heresia. Por outro lado, nenhum deles afirmou a veracidade de suas visões.

– Ainda não conseguiram me levar à fogueira ou à forca – vangloriou-se.

Na verdade, suas preocupações haviam se transformado em ansiedade e, agora, temor. Suas peregrinações eram cada vez mais frequentes porque Margery estava fugindo. Era suficientemente rica para oferecer dinheiro a um padre que quisesse condená-la. Nenhuma turba a havia forçado a escapar para não ser presa. Mas era de si mesma que estava fugindo. Os demônios haviam voltado a atormentá-la em seus sonhos, como antes. Só que agora Jesus só aparecia depois de vários dias e muita lamentação. Era um caminho extenuante e solitário. Ninguém mais apoiava sua santidade, por mais ouro que oferecesse.

Juliana era um último refúgio. Era venerada sem ser temida. Os pobres não hesitavam em chamá-la de santa, e uma aura de superstição envolvia sua vida. Levava uma vida de pobreza e teimosia. Vestia roupas simples, tecidas em casa, e comia apenas o equivalente ao sustento de dois frangos médios. Seu espírito era tão intangível quanto um unicórnio ou uma fênix. Passava horas rezando e só admitia visitas quando Deus a mandava abrir a porta. Para não ser maculada por moedas sujas, alguém aceitava as esmolas antes de encaminhar a visita ao quarto escuro onde Juliana se sentava.

Ou melhor, se ajoelhava. Juliana odiava desperdiçar um minuto

sequer com outra pessoa que não Deus. As orações faziam sua figura se iluminar, mesmo que raramente visse a luz do dia.

Margery tinha certeza de que a velha senhora sabia o motivo de sua visita, portanto decidiu falar primeiro.

– Eu vim em busca da verdade sobre as minhas visões – ela disse, após um momento de silêncio. – Como posso ter certeza?

– Se os bispos não sabem, como posso eu saber? Eles têm autoridade sobre pobres almas como nós – disse Juliana, que também sofrera com investigações quando jovem, investigações rígidas e severas. Quem não passasse estava arriscado a nunca mais deixar o local.

– Os bispos protegem a si mesmos – respondeu Margery.

– Então talvez seja melhor perguntar a Cristo na próxima vez que ele falar com você.

Margery riu, entendendo que não se tratava de zombaria. Estava sendo compreendida, e isso a fez relaxar.

Juliana pareceu notar subitamente o vestido branco.

– Você não é virgem? – perguntou.

– Não. Uso roupas brancas porque quero ser pura novamente.

– É espantosamente difícil voltar a ser virgem – ponderou Juliana.

– Eu estava falando de minha alma.

– Eu também.

– Deus fala com você, e você quer meu conselho? Isso pode trazer problemas para nós duas. Que tipo de resposta a satisfaria? – perguntou Juliana, lançando-lhe um olhar enigmático.

– Uma resposta na qual eu pudesse acreditar. Minha vida foi muito comprometida pelo pecado, eu admito. Gastei metade de minha fortuna tentando remover as manchas de minha alma maculada.

– Minha cara, você sabe as respostas que lhe ensinaram. Quando Nosso Senhor ressuscitar, todos os mortos retornarão. Só então seremos todos totalmente puros.

– Não sou de ficar esperando. – disse Margery, entortando a boca.

– Não estará esperando. Estará morta.

Juliana reparou no olhar de decepção no rosto de sua convidada. O que deveria dizer? Por trás de sua visão mundana, a viúva Kempe estava sofrendo.

– Nossa tarefa é acreditar nos ensinamentos da Igreja, e não criar novos ensinamentos. Todas as ideias novas têm algo em comum: são heresias – disse Juliana, respirando fundo.

– Mas – retrucou Margery – e se aqueles que deveriam zelar por nossas almas estiverem ocultando de nós os verdadeiros ensinamentos? Deliberadamente?

Entrava em terreno perigoso agora, e esperava que Juliana, como todos os que temem a Igreja, medisse suas palavras. Mas não foi isso que fez.

O tom de voz de Juliana se alterou. – Deus não precisa falar através de padres. Um pote rachado carrega pouca água – disse, com o tom de voz forte.

– Às vezes nem isso – acrescentou Margery.

– Às vezes nem isso.

Uma nuvem passageira bloqueou a luz do sol que entrava pela única janela da choupana, escurecendo o quarto. Ambas as mulheres repararam, e, se fossem do tipo que acredita em presságios, poderiam interpretar o fato como um sinal divino – e não seria um sinal positivo.

No entanto, o véu de escuridão pareceu aproximá-las. Margery ouviu um som familiar de pequenos estalos. Durante toda a conversa, Juliana estava rezando o terço, passando os dedos sobre as contas debaixo do xale que lhe cobria o colo.

– Os padres acreditam que todos estão prestes a ir para o inferno – disse a velha calmamente. – É isso que a assusta. Se lhes der ouvidos, achará que está em risco de ser condenada. Eu não acredito nisso. É possível que Deus possa amar seus filhos e ainda sim vê-los condenados ao inferno?

– Então há uma saída? – indagou Margery, aliviada.

Os olhos de Juliana eram dois pontinhos brilhando no escuro.

– É claro que sim. – Pausou para procurar as palavras certas, sem parar de revirar as contas do terço.

– Vou lhe contar a verdade absoluta. Como tudo que é absoluto, será difícil de acreditar.

– Prossiga.

– Feche os olhos e ouça. Não são apenas palavras de conforto; serão a sua salvação.

A força na voz de Juliana gerou em Margery uma sensação mista de conforto e incerteza, uma estranha combinação. Ela fechou os olhos. A pequena janela da choupana não oferecia iluminação nenhuma. Ela viu apenas escuridão e esperou uma possível dádiva de uma santa.

O que faz de alguém um santo? O mundo fala a eles de uma maneira que o resto de nós é incapaz de ouvir. A vida comum os abandona. Se a vida de Juliana foi abalada pela peste quando criança, a de Margery foi corroída pela rebelião camponesa. Deus trabalha a alma humana de maneiras misteriosas. Margery nunca chegou a ver o carrasco erguendo o coração do criminoso diante de seus olhos para que se arrependesse. Mas passou por casas incendiadas na cidade, com buracos negros onde antes havia janelas. Toda vez que sua criada passava pelas covas recentes de vítimas assassinadas pela multidão, a mesma advertência era repetida: “Poderia ter sido seu pai ali”. Amigos próximos dele – comerciantes, magistrados, latifundiários – desapareceram de um dia para o outro.

O medo dominava as lembranças de Margery, assim como outros sentimentos, todos pecaminosos. O ódio pelos padres inflamou os camponeses, e o ódio demora para desaparecer. Quando os camponeses confrontaram o rei Ricardo, seus líderes reclamaram, ressentidos, de padres que possuíam vastas propriedades e mantinham exércitos particulares. O clero deveria viver na pobreza, e

os clérigos deveriam agir como homens de paz. Que desculpa tinham para aviltar seus votos de pobreza de modo tão ultrajante?

Essas perguntas amargas ficaram sem resposta. Não houve necessidade de respondê-las, uma vez executados os líderes da rebelião. A turba se dispersou aos quatro ventos, com todos negando aos brados qualquer simpatia pela revolta. Por algum milagre, ninguém nunca havia sido inimigo do rei.

O ódio permaneceu por perto, discreto. Um dos líderes executados, um pregador renegado chamado John Ball, nunca foi esquecido. Teve coragem de dar sermões a céu aberto, como o próprio Nosso Senhor, atraindo multidões às áreas públicas no sul de Londres. Ball pregava com uma versão em inglês da Bíblia, quase um ato de traição, tão condenável quanto falar de Deus debaixo do céu aberto. Quanto aos padres ricos, das classes altas, Ball disse uma frase repetida por muito tempo após a sua execução pelos seguidores da Coroa. Representava um grito do povo comum contra a aristocracia: “Nos tempos de Adão e Eva, quem era o senhor feudal?”.

Essas palavras chegaram aos ouvidos de Margery e ficaram gravadas em sua consciência. Foi correndo procurar seu pai, o prefeito.

– Deus deu a Adão e Eva a terra inteira para cuidar? – perguntou.

– Bem, a Adão. – disse seu pai, sorrindo.

– E Adão lavrou o solo?

O pai confirmou com a cabeça.

– Então era o desejo de Deus que quem trabalhasse a terra deveria possuí-la? – disparou Margery.

Seu pai franziu a testa para lembrá-la de que tinha apenas oito anos. Margery repetiu a pergunta.

– O desejo original de Deus não importa agora – seu pai respondeu.

– Ele mudou de ideia?

– Sim.

– Mas se Deus é perfeito, ele sempre tem razão. Não teria motivo para mudar de ideia.

Seu pai fechou a cara novamente. Naquele momento ainda não tinha pensado em demônios, mas os sinais de teimosia e excentricidade mostrados pela filha o perturbaram.

– Não tema, Deus é perfeito. Ele não precisa se explicar para garotinhas. – O prefeito se consolou com o fato de que sua filha nunca aprenderia a ler e escrever. Não há melhor protetor da fé do que a ignorância.

Isso pôs fim ao diálogo. Mas perguntas têm um jeito de hibernar debaixo do solo, feito gafanhotos que surgem a cada sete anos. Quando emergem novamente, são surpreendentemente mais numerosas do que as pessoas se recordam. A consciência de Margery não sossegava, por mais que rezasse. Seu pai era proprietário de várias fazendas na região. Ele imaginava que ela gostava de acompanhá-lo em suas vistorias das terras, e às vezes, quando ele mesmo dirigia a charrete, deixava que ela segurasse as rédeas.

Secretamente, Margery começou a temer essas excursões. Os servos se alinhavam ao longo da estreita trilha de terra que ligava a casa da fazenda aos campos. Os homens tocavam seus chapéus e as mulheres faziam medidas, como se nenhum deles tivesse participado da raiva coletiva contra seus proprietários. Mas não passavam de propriedade, como se fossem escravos. Nenhum deles jamais ganharia o suficiente para comprar seu próprio pedaço de terra, e a maioria já estava fisicamente esgotada antes dos trinta anos de idade.

Por que Deus fez a vida tão difícil para a grande maioria, permitindo conforto e tranquilidade a tão poucos? Lentamente, a culpa foi se apossando da mente de Margery. Ela sabia o que dizia a Bíblia. Depois de sua desobediência, Adão e Eva foram severamente punidos. Deus disse:

Maldita é você entre todos os rebanhos domésticos,
e entre todos os animais selvagens!
Sobre o seu ventre você rastejará,
e pó comerá
todos os dias da sua vida. (Gen. 3:14)

Margery não via os ricos comendo pó. À mesa de seu pai comia-se carne de caça e ganso, e nas festas degustava-se pavão assado decorado com sua plumagem resplandecente, tal como fazia o rei em Westminster. Ser rico significa que Deus amava você acima dos outros. Mas, então, um pensamento terrível a acometeu: se o amor de Deus traz tantos confortos, ele deve odiar todas as outras pessoas. Em suas excursões à fazenda, Margery tinha presenciado velhas mulheres tão cansadas e curvadas que literalmente comiam pó ao plantar as sementes da primavera.

Durante anos, guardou suas dúvidas para si. Elas infeccionaram, e quando Margery enfrentou as dores do parto de seu primeiro filho, foi preciso furar o furúnculo em sua alma. Seu grande segredo tinha que ser revelado ao padre. Deitada numa poça de suor no calor sufocante do quarto totalmente fechado, Margery sentiu o alívio refrescante da absolvição antes mesmo de recebê-la, sem suspeitar que tinha armado uma arapuca para si mesma.

– Acho que Deus nos odeia. Na verdade, estou certa disso – sussurrou no ouvido do padre. – Não passei minha vida toda trancada dentro da casa de meu pai. Vi bruxas sendo queimadas por acreditarem que tiveram relações com o Diabo. Duas confessaram que conceberam seu filho e precisaram esconder o rabinho debaixo das fraldas. Elas afogaram o filho de Satã, e isso bastou para que fossem condenadas ao inferno.

– Minha filha! – protestou o padre, tentando fazê-la parar enquanto ainda era tempo. Se continuasse, não haveria mais perdão.

Uma onda de dor atingiu Margery, fazendo-a gemer alto:

– Não, devo continuar.

Nervoso, o padre esperou que ela recuperasse as forças para falar. Sua pele estava pálida, e, assim como Margery, ele tinha certeza de que ela estava para morrer.

– Deus deve nos odiar se nos deu bispos corruptos que condenam inocentes apenas para roubar mais um lote de terra para si. Acompanhei parteiras e vi bebês nascerem em condições sórdidas, parecendo animais esfolados, apenas para morrer algumas horas depois. Deus não é misericordioso. Nós adoecemos e envelhecemos. Chafurdamos em nossos pecados, cientes de que a punição divina é inevitável, enquanto o amor divino nunca vem.

Neste momento, o padre estava extremamente alarmado:

– Você pediu para se confessar, mas estas são palavras de orgulho e pecado.

Mesmo fraca e abatida, Margery voltou-se para o padre com os olhos em brasa:

– Eu não acredito em você, padre, portanto não pode me amedrontar – disse. – Sua salvação é tão inócua quanto suas punições. A vida na terra já é um inferno.

O padre foi tomado por um sentimento de indignação que reprimiu qualquer compaixão que pudesse ter pela jovem mãe agonizante.

– A misericórdia de Deus será levá-la agora. Se sobreviver, saberá o que significa ser acusada de blasfêmia e bruxaria. – Apesar de sua ira, manteve a voz controlada, buscando preservar um semblante inflexível de autoridade.

Margery soltou uma risada rouca de sua garganta ressecada.

– Se você representa Deus neste momento, prove. Nosso Senhor me perdoa ou me odeia? Preciso de um sinal. Se você for incapaz de invocar um sinal, tanto faz consultar um burro sobre Deus ou falar com você.

Foi esse insulto que fez o padre se abalar do quarto, furioso. Ao relembrar o incidente, Margery era tomada por uma sensação de

estranhamento. Talvez estivesse delirando. Talvez suas palavras tenham atraído os demônios para dançar em volta da cama, pois ela os viu algumas horas mais tarde. Ou a blasfêmia teria atraído Jesus para seu lado? Foi preciso blasfemar contra a misericórdia de Deus para que ele a ouvisse? Sua única certeza era que Jesus tinha aparecido, inundando seu coração de misericórdia ao dizer “Por que me abandonaste, e abandonaste até a ti mesma?”.

A notícia de sua recuperação e da visita de Jesus se espalhou. O padre que poderia tê-la destruído resolveu não fazê-lo. Não foi por misericórdia; sua amante o convenceu de que qualquer ação precipitada provocaria retaliações da família poderosa de Margery. Era melhor que prevalecesse uma paz precária, e a paz era sempre precária nos anos seguintes à revolta.

A devoção de Margery a tranquilizou por um bom tempo. Todos os dias, Jesus reafirmava a ela sua misericórdia, e em suas peregrinações, Margery não resistia e caía chorando aos pés de toda e qualquer relíquia sagrada.

– Sinto que Deus está aqui, diante de mim – disse ao sacristão que tinha desvelado um pedaço do manto sagrado, na Itália.

Ele sorriu graciosamente, e Margery não percebeu sua mão estendida. Mas ela sabia um pouco de italiano e, quando se virou, ouviu-o resmungar para um laçao:

– *Stupida!* Ela pagou na entrada? Deixe-me ver.

Um único comentário cínico não é suficiente para abalar a fé. A fé de Margery foi se desgastando por etapas, como os peregrinos desgastam lentamente as escadarias de uma catedral. Em suas viagens, Margery descobriu pobreza inimaginável, bem pior do que tinha presenciado nas terras de seu pai. As cabeças dos prisioneiros executados eram enfiadas em lanças e alinhadas na Ponte de Londres. Margery se perguntou quantos eram culpados apenas de irritar a amante do rei, resistindo ao

seu assédio amoroso. Um monarca pode matar alguns rivais por capricho; Deus matava a todos no final. Seria também por capricho?

A fé de Margery estava totalmente destroçada quando foi procurar Juliana. Quando a senhora pediu que fechasse os olhos, sentiu o coração dolorido e percebeu que não estava ao seu alcance curá-lo. O que Juliana poderia fazer para aliviar a dor?

Margery tremia enquanto a velha senhora repetia insistentemente suas palavras:

– Não vou confortá-la. Vou lhe dar a mesma salvação que Deus me deu. *Tudo ficará bem, e todos ficarão bem, e toda sorte de coisas ficará bem* – ela murmurou e parou.

Era só isso? Margery apertou bem os olhos, aguardando um estrondo de trovão ou algum outro sinal.

– Você entende? – perguntou Juliana, num tom de voz bem natural.

Margery ouviu o som de copos batendo e líquido escorrendo. Abriu os olhos e vislumbrou, na penumbra do quarto, Juliana servindo mais vinho, desta vez para ambas, com um sorriso estampado no rosto.

– Maravilhoso, não é mesmo? – ela disse. – Oh, estou vendo que você não entende. Sinto muito. – O olhar de decepção no rosto de Margery era evidente. Em vez de censurá-la, Juliana riu. – O que você esperava, minha cara? Não posso lançar raios de meus seios.

– Eu esperava... – Margery parou por ali e aceitou, resignada, o copo de vinho que lhe era oferecido.

– Assim que você entrou, eu soube que suas visões eram autênticas. Você chora de êxtase, mesmo que isso a faça passar ridículo na frente dos outros. Você gasta seu dinheiro em peregrinações sagradas e faz doações para caridade. Tudo isso expressa seu amor por Jesus, e ele vem para aqueles que o amam com

todo o coração. Como posso duvidar disso? Ele também me visitou – disse Juliana, recostando-se na cadeira.

Juliana não tinha falado tanto assim desde a chegada de Margery. Apesar do esforço exigido, em razão de sua debilidade, ela quis continuar:

– Não foram suas visões que me preocuparam, mas o seu pecado.

– Você me acha uma pessoa horrível – Margery disse, estremecida.

Juliana jogou a cabeça para trás e riu:

– Minha filha, ninguém é horrível. O pecado não é sinal de maldade. É algo que ninguém imagina. Eu nunca teria imaginado se o próprio Nosso Senhor não tivesse me contado.

Margery ficou sem palavras. Passara anos temendo ser considerada inimiga da Igreja. Agora estava tomando vinho com alguém capaz de abalar os alicerces da Igreja, caso o povo se unisse em torno de suas visões. A doutrina do pecado os oprimia tanto quanto os soldados do rei. O quarto começou a girar; Margery teve vontade de dizer que não entendia. Em vez disso, disse:

– Você é muito perigosa.

– Então temos mais em comum do que você pensa – disse Juliana.

– Eu tinha trinta anos quando adoeci tão gravemente que deram minha morte como certa. Minha primeira reação, no entanto, não foi chamar um padre.

– Por que não?

– Porque, de acordo com a minha experiência, as pessoas morrem mais rápido quando o padre chega – respondeu Juliana, com calma. – É uma questão de polidez. Deus me visitou todos os dias, até que eu me recuperasse.

– Eu ouvi rumores.

– Eu sei. Virou fofoca. Mas você e eu sabemos o quanto a vida vira do avesso quando Deus fala.

A velha fez uma pausa, mas não por timidez ou desejo de guardar só para si o que sabia. Ainda se impressionava, quarenta anos

depois, ao se lembrar da luz que tinha penetrado seu corpo naquela ocasião. Ela tinha deixado a cama, como se flutuasse sobre a terra, e tinha visto o cosmos reduzido ao tamanho de uma noz. Com aquela visão, em que toda a criação cabia na palma de sua mão, ela entendeu que Deus estava presente em toda a parte. Se estava em toda a parte, devia estar também no pecador e em seu pecado, e até mesmo no próprio Diabo.

– Fiquei maravilhada ao enxergar o pecado de outra maneira – ela disse. – Não é nossa vergonha. O pecado se tornará nossa adoração.

Margery, que achava que nada mais poderia chocá-la, ficou bastante chocada naquele momento e quase entrou em pânico:

– Não é possível que esteja louvando o pecado – disse, com a voz fraca.

– Eu louvo todas as criações de Deus. Não pode haver uma parte perfeita e outra enferma. Saber que pecamos nos provoca dor. Essa dor nos foi dada para mostrar que perdemos amor. Escutando nossa própria dor, acharemos novamente o caminho para o amor. A recompensa do pecado é a felicidade.

O tempo que Juliana levou para falar essas palavras foi suficiente para Margery se acalmar. Ela olhou para suas mãos e reparou que havia bebido todo o vinho do copo. Estava começando a entender, pois sua própria dor havia se transformado em êxtase – nem sempre, mas com frequência.

– O pecado faz parte do plano de Deus – disse Juliana. – Todos os sinais, tudo que acontece à nossa volta nos conduz ao amor. É por isso que tudo está bem. É por isso que tudo ficará bem. O que eu lhe disse é uma verdade absoluta. A dor vai e vem. Pecamos hoje e esquecemos amanhã. O que permanece sempre é o amor.

Margery não escondeu sua forte emoção e começou a chorar. Seus acessos de choro em público sempre foram um tanto humilhantes. Agora ela chorava livremente, e teve a sensação de que as gotas de veneno em seu coração estavam sendo dissolvidas e eliminadas.

– Eu temia tanto perder a alma – murmurou ela, quando conseguiu articular as palavras.

– Muita gente lhe disse que sua alma estava ameaçada. Antes de acreditar, pergunte se já examinaram suas próprias almas.

Juliana sentiu que já havia revelado o suficiente. Estava exausta por causa do esforço; além disso, era realista. Metade da população de Norwich já tinha aparecido à sua porta, e a maioria caía em prantos ao ouvir suas palavras. Mas nem por isso Norwich tinha se transformado em uma reluzente cidade de santos.

Margery tateou na escuridão e segurou a mão da velha senhora, embora isso a forçasse a largar o terço. Juliana afastou a mão.

– Não pense que eu a abençoei – disse. – Você abençoa a si mesma. Sua alma nunca sossegará com o que está abaixo dela.

“Minha alma me abençoa. Mesmo quando peço?”, pensou Margery, mas sem dizer as palavras em voz alta. Mal conseguia absorver essa nova visão do pecado. A distância até Bishop’s Lynn não tinha encurtado durante sua visita. Levantou-se, e ambas acenaram a cabeça em despedida. A mente de Margery estava vazia quando ela saiu ao ar fresco do crepúsculo, e esse silêncio interior a tranquilizou. Na volta para casa, enrolou-se em um cobertor e tentou dormir enquanto a carruagem chacoalhava na estrada. Queria vislumbrar um mundo em que tudo ficaria bem, mas era difícil. Naquele momento, imaginar que tudo estava bem já era impossível. Depois de um tempo, a imagem de Juliana pareceu se dissipar.

Para quem via de fora, Margery Kempe havia retomado suas andanças irrequietas. Havia uma relíquia particularmente sagrada em Danzig que ela precisava ver, um cálice que transbordava com o sangue de Cristo toda Páscoa. Mas as palavras indelévels de Juliana a assombravam: “Você nunca será livre enquanto não enxergar a própria alma”. Ela embarcou numa peregrinação invisível. Ao longo dos anos, uma mulher vestida de branco podia aparecer em qualquer

lugar. Quando a idade não permitiu mais que viajasse, Margery se acalmou, com exceção do dia em que morreu.

Segundo testemunhas, seus momentos finais foram agitados. Com um grito esmorecido, tentou, freneticamente, agarrar um objeto que pairava sobre a cama. Porém ninguém mais o viu, e ela expirou sem dizer uma palavra. Seja lá o que tenha atizado seu espírito, ficou entre ela e Deus.

REVELANDO A VISÃO

Depois dos místicos orientais, um místico cristão nos soa mais familiar. Estamos mais acostumados a termos como “alma” do que “atma”, Jesus em vez de Shiva. No entanto, por trás dessa familiaridade, Deus está se afastando das imagens paternas reconfortantes dos sermões religiosos. Nem todos são a favor desse desaparecimento divino. A atração das imagens antigas ainda é forte, e romper com elas é um processo doloroso, podendo resultar em violência. A noção romântica de estar no mundo, mas não fazer parte dele – que é a essência romântica do misticismo – choca-se com a dura realidade social.

Não consigo deixar de ver Juliana de Norwich como a figura mais comovente deste livro. Não foi martirizada, e não há evidência de que tenha sofrido qualquer tipo de perseguição. Não sabemos se era solitária, embora vivesse em reclusão na área rural, afastada da sociedade, numa época em que até mesmo cidades relativamente grandes da Inglaterra tinham florestas densas em seus arredores. O mais comovente em Juliana é a enorme diferença entre sua vida interior e a brutalidade da vida à sua volta. Demorou muito para que os estudiosos parassem de chamar o período em que viveu de “Idade das Trevas” e adotassem o termo “Idade Média”, mais polido e neutro. Mas poderia haver período mais sombrio?

A peste negra, que Juliana testemunhou em uma idade tenra, foi literalmente um terror sagrado. É algo que mal podemos imaginar; além do choque de se ver cadáveres empilhados nas ruas, com um terço da população de uma cidade morrendo em questão de dias, havia também a apavorante convicção de que aquilo era fruto da ira de Deus. Bodes expiatórios foram perseguidos e executados – bruxas, judeus e hereges. A foice da morte ceifava vidas de maneira selvagem e sem cessar. Num cenário desses, imagine uma mulher ouvindo essa mensagem de Deus: “Tudo *ficará bem*, e todos *ficarão bem*, e toda sorte de coisas *ficará bem*”.

Juliana é lembrada por essas palavras nos anais sobre místicos católicos, dos quais uma boa parte era de mulheres. Contudo, na Inglaterra do século XIV, Juliana se destaca em um cenário de devastação repleto de violência, doenças, a Revolta Camponesa e clérigos autoritários, alguns com milícias próprias. A única a rivalizar com Juliana é Margery Kempe, que não seria lembrada (já que não foi selecionada pela Igreja) se não tivesse publicado suas memórias – o primeiro livro de língua inglesa escrito por uma mulher que veio a ser publicado.

Quando se encontraram, Juliana já era idosa e Margery estava na meia-idade. Ao imaginar o diálogo entre elas, levantei a questão central que paira sobre místicos: suas revelações são reais? A canonização pela Igreja resolve a questão oficialmente, com a inclusão no livro dos santos. Mas para todos os incluídos nesse livro, com raras exceções, ouvir a palavra de Deus resultou em rejeição social e desconfiança generalizada. Na época de Juliana, a religião permeava a vida de todos, de uma maneira ou de outra. Isso sem dúvida significava que inúmeras pessoas alegavam receber inspiração divina, assim como inúmeras igrejas locais alegavam possuir relíquias preciosas como um pedaço da verdadeira cruz ou a lança que perfurou o corpo de Jesus.

A desconfiança aumenta quando o místico recebe mensagens em desacordo com as autoridades religiosas correntes. Isso ocorre com frequência, como se Deus escolhesse os mais humildes para corrigir os erros dos mais poderosos. Eis um exemplo de uma revelação de Juliana que não deve ter agradado ao bispo local:

Deus mostrou que o pecado não é vergonha para o homem, mas adoração. Pois assim como todo pecado responde à dor por meio da verdade, assim também para todo pecado, à mesma alma é dado o êxtase por meio do amor.

A linguagem é arcaica, mas a mensagem era chocante para a época: não há que se ter vergonha do pecado. Deus envia dor para indicar onde está a verdade. Assim, o pecado é, em última análise, uma maneira de encontrar a felicidade através do amor divino.

Não ter vergonha do pecado? Como todos os contemporâneos de Juliana sabiam, o pecado era uma condição universal que ligava todos os seres humanos à queda de Adão e Eva. Não menos importante, criou a combinação duradoura de medo e devoção que permitiu à Igreja acumular uma vasta riqueza. Cada catedral é um monumento à redenção e ao pecado, firmemente abraçados. Margery Kempe vivia atormentada por não saber qual era seu papel nesse pacto. Era uma pecadora que deveria gastar até o último centavo em peregrinações (viajava bastante para uma mulher, visitando os principais locais religiosos da Europa) por medo de ser condenada? Margery parecia pensar assim, e diz-se, de maneira enigmática, que, quando ficou muito doente, confessou coisas tão terríveis que seu confessor fugiu do quarto, recusando-se a absolvê-la ou revelar a quem quer que fosse o que ela lhe disse ao pé do ouvido.

Ou Margery era realmente visitada por Deus? Existem místicos céticos, afinal, e pode-se imaginar que ela tenha procurado Juliana para tirar suas dúvidas. Foi isso que Juliana fez, de certa maneira. Incapaz de identificar com certeza se as várias visões, ataques, crises e

exibições públicas vinham realmente de Deus, Juliana optou por um caminho mais simples. Disse que, já que Margery se dedicava à caridade e outras devoções sagradas, o resultado final de seu estado estranho – um misto de êxtase e loucura – era a bondade.

O século XIV está bem distante, mas os temores e ameaças de nossa existência ainda exigem uma explicação para a expressão “tudo ficará bem”. Para a mente moderna, não basta dizer que é um artigo de fé. Juliana também não está dizendo que tudo ficará bem quando morrermos e subirmos ao céu. A melhor maneira de descrever essa revelação é como um estado de consciência muito mais ampliado do que a consciência comum que vivenciamos quando estamos acordados. Atingindo espontaneamente esse estado, Juliana enxergava o pecado, o mal e o sofrimento sob uma nova luz:

A verdade enxerga Deus, e a sabedoria contempla Deus, e de ambos surge um terceiro: ou seja, um prazer divino e maravilhoso em Deus, que é o amor.

Essa nova consciência representa sua experiência de estar unida a uma presença divina que a transformou. As visões em si duraram apenas alguns dias, mas seu efeito foi permanente (nos lembrando de que as pessoas que atualmente têm experiências de quase morte relatam que, tendo “entrado na luz”, perdem o medo da morte ao retornar).

A nova perspectiva de Juliana revelou verdades que, a esta altura, serão familiares aos leitores dos capítulos anteriores deste livro:

Na visão de Deus, todos os homens são um homem, e um homem é todos os homens.

A alma é subitamente unida a Deus quando está em paz consigo mesma.

Nunca conheceremos Deus plenamente se não conhecermos claramente nossa própria Alma.

É evidente que alguns místicos revelam advertências de Deus, mas Juliana não é um deles. Sua mensagem é que não há ira em Deus e que “nós somos a alegria e o prazer de Deus, e Ele é nosso bálsamo e nossa vida”.

Foi também claramente revelado a ela que ter consciência da presença de Deus implica uma jornada do sofrimento à unidade, outro tema recorrente nesse livro. Como é empreendida essa jornada? Os componentes são familiares e cristãos. Juliana prescreve oração e contemplação, e sua missão principal é reforçar a fé no amor de Deus. Isso pode soar decepcionante para o leitor, depois da expectativa gerada pela leitura dos grandes místicos. “E quanto a mim?” é uma pergunta natural, e muitas vezes não há resposta. Ou melhor, as mesmas respostas convencionais são repetidas à exaustão. No Oriente a oração dá lugar à meditação. De qualquer maneira, cabe a cada um procurar seu próprio caminho.

Uma atitude saudável para neutralizar a decepção é perceber que inspiração não é algo vazio ou momentâneo. Juliana e seus pares nos dão evidências de transformações pessoais. Testemunhamos um estado de consciência diferente em ação. Acima de tudo, o caminho espiritual adquire uma face humana. Ela teve que aprender, assim como todos que buscam a verdade, como viver no mundo com esse conhecimento tão extraordinário.

Quanto mais cósmica Juliana se torna, mais extraordinária parece ser a sua condição. Um trecho famoso de seu texto *The showing of Love* (*Manifestação de amor*, em tradução livre) começa com um objeto pequeno e comum:

Ele me mostrou algo pequeno, do tamanho de uma avelã na palma de minha mão, parecia. E era redonda feito uma bola.

Em seu novo estado de consciência, Juliana percebe que está segurando a terra na palma da mão, assim como William Blake,

séculos depois, veria o mundo em um grão de areia. Blake também fala em ter o infinito na palma da mão. Juliana usa essa imagem para sustentar sua visão do divino.

Olhei-a com a visão de minha compreensão e pensei: “O que será isso?”, e foi respondido assim: “Isto é tudo que é criado”.

Admirei o quanto poderia durar, pois achei que pudesse repentinamente desaparecer por ser tão pequena. E recebi a seguinte resposta: dura e durará para sempre, pois Deus a ama. E assim têm todas as coisas seu início por meio do amor de Deus.

A força duradoura da mensagem de Juliana vem da maneira como relaciona o humilde e o universal. Duvido que alguém seja capaz de ler suas experiências e não se sentir próximo a ela. Pelo que sei, os três manuscritos de seu livro que chegaram até nós foram publicados para meditação em conventos. Não há dúvida de que é preservado como um documento da fé católica.

O que nos inspira hoje em dia é o relato direto de uma pessoa comum enxergando repentinamente através dos olhos da alma. Ao longo da evolução de Deus, as pessoas anseiam por transformação. Cada religião se assemelha a um programa de treinamento para trocar a concha da mortalidade pelo manto reluzente da imortalidade. Quando as religiões insistem que apenas um programa de treinamento funciona (e que os descrentes serão punidos como hereges por discordar), a imortalidade se perde em meio ao dogma. Mas cada místico que afirma sua transformação nos dá esperança. Juliana de Norwich encontrou a transformação em meio a um cenário de morte e conflito. Mas está mais próxima de nós do que os místicos orientais, e essa familiaridade faz com que nossa própria transformação pareça ser mais viável.

7

GIORDANO BRUNO

“TUDO É LUZ”

A Igreja enviou uma gôndola maior do que a usual para buscar o prisioneiro em Veneza. Seria um estranho sinal de respeito? A embarcação negra era grande o suficiente para acomodar quatro homens e estava equipada com grilhões e algemas para prender os prisioneiros. Vestido com uma túnica marrom suja, o homem baixo e ereto esperava quieto no degrau mais baixo do cais, deixando as ondas do Grande Canal molhar os dedos dos pés descalços. Os guardas que o esperavam observavam de dentro da prisão, abrigados do frio. Outros dois homens saíram do barco: um carcereiro, com um molho de chaves pendurado na cintura, e um jovem sacerdote dominicano, que olhava para baixo, nervoso.

– Entre – ordenou o carcereiro, em tom brusco. – E não se mexa até ser acorrentado, não precisamos de um tolo fugindo da embarcação.

Sem olhar para o carcereiro, o prisioneiro obedeceu, e focou sua atenção no jovem dominicano.

– É a sua primeira? – perguntou.

– Não entendo o que você quer dizer, irmão – respondeu o jovem sacerdote, que encontrava dificuldade para voltar ao barco que

oscilava na água. Não tinha nascido na costa, e talvez fosse a primeira vez que via uma embarcação.

– Eu deveria ter sido mais específico – sorriu o prisioneiro. – Sua primeira excomunhão? Inquisição? Conspiração contra inocentes? E não me chame de irmão; fui destituído várias vezes, quando era do interesse deles.

– Esse é um falador – murmurou o carcereiro, dirigindo-se ao gondoleiro, que com o remo empurrou a embarcação para longe dos degraus. O amanhecer despontava no horizonte, abençoando Veneza da forma como a beleza e riqueza esperam ser abençoadas. A essa altura, o prisioneiro já estava imobilizado. Sentava no banco do meio da embarcação laqueada negra com sua enorme proa talhada.

Enquanto passavam por uma série de *palazzos* à beira do canal, ninguém notou o espectador vestido com uma capa de dormir que os observava da janela de um dos palácios. Ninguém, exceto Bruno, o homem condenado que conduziam a Roma. Agitando a cabeça, gritou com uma violência inesperada:

– Já fui desprezado por homens superiores a você! Fui desprezado por reis. Amanhã serei desprezado pelo Papa. Traidor, covarde!

O homem na janela recuou e saiu da visão.

– Fique quieto. As pessoas honestas estão dormindo, e não quero ter de amordaçá-lo – alertou o carcereiro.

– Metade das pessoas honestas estão suando em lençóis incestuosos – replicou Bruno, e riu ao ver a expressão do jovem padre. Inclinou-se, confiante: – Aquele homem que nos observava não tem consciência. Eu era seu amigo, seu mestre. Ainda assim, condenou-me diante do bispo, por ódio. Uma manhã, acordei em sua casa quando cinco rufiões irromperam no quarto e me prenderam no sótão até os oficiais chegarem. Ele voltará a dormir agora e, ao meio-dia, pagará por uma missa especial, caso agir como um Judas tenha irritado Deus.

O jovem dominicano tinha sido avisado sobre a língua afiada do prisioneiro. Estava determinado a não responder, mas o caminho era longo até a terra firme onde a carroça de prisioneiros os esperava. O gondoleiro, que era gordo e arrotava alho, movimentava o remo sem pressa.

– Deus é justo. Talvez você encontre perdão – disse o padre, escolhendo as palavras com cuidado. O carcereiro estava sob comando papal e prestava atenção na conversa.

– Não se entregue. Simpatizar com um herege é o mesmo que ser um herege – atacou Bruno, torcendo a boca.

– E então você é um herege? Odeia a Deus?

– Deus? – questionou Bruno, encarando o jovem. – O último duque a quem servi se interessou por mim e ficou aos meus pés por meses. Depois, concluiu que eu não tinha qualquer vestígio de espiritualidade. Entendi isso como um elogio, embora o duque tivesse se chocado com a atitude. À noite, levou-me para longe da corte em uma carruagem fechada, esperando que jamais me veria outra vez. – Ele fez uma pausa antes de continuar: – Você me considera muito confiante para um homem condenado.

– Condenado ainda não – replicou o padre.

– Quase como se fosse.

O canal aplacava as ondas que vinham do mar Adriático. Se a Igreja fosse julgada pela magnificência de suas cúpulas, então Veneza seria o paraíso. Um paraíso melhor que o Éden, já que este aqui estava revestido de seda e ouro.

Bruno lutava contra o balanço do barco para se sentar ereto.

– Você sente o cheiro da corrupção? Eu estava sendo testado pelo bispo de Veneza, mas isso não era seguro o bastante. Agora Roma clama por meu corpo, e ambos sabemos o que pretendem fazer com ele. Você já escutou os próprios ossos quebrarem? É repugnante. Perdoe-me, sei que o clero não está acostumado a ouvir a verdade.

O jovem quis rebater que sua vida era dedicada à verdade, mas

recuou, receoso. A imprudência do prisioneiro empurrava-o como um vento fétido.

Durante o resto da viagem, ninguém falou nada. Aportaram em um pequeno cais de pedra, que estava deserto, exceto pela carroça-prisão.

Antes que pudesse ser arrastado para ela, Bruno sacudiu suas correntes e chamou a atenção do carcereiro. O dominicano já tinha subido no veículo.

– Quero me despedir – disse Bruno.

– Despedir-se de quem? Não há ninguém aqui.

– Só se você for cego.

Estava claro que o prisioneiro gostava de ser enigmático. Ajoelhou-se no chão por um longo momento, apoiando a face na terra. Mas não podia culpar a terra por seus problemas. Talvez a culpa fosse daquela época. A praga varreu seu vilarejo quando Bruno era pequeno, sob a sombra do Vesúvio, perto de Nápoles. Os turcos saqueavam o interior e levavam os prisioneiros como escravos. Uma irmã ou filha podia desaparecer da noite para o dia. As plantações secaram, como se tanta má fortuna não merecesse nada além disso.

Apesar de qualquer possível maldição, a verdadeira culpa estava na natureza dele. A alma de Giordano Bruno estava inflamada por ira, entusiasmo, curiosidade e muitas outras coisas, e ainda assim seu insaciável apetite por fama era o que o conduzia à insanidade. Essa insanidade fez dele o herege mais notório da Europa, e não se tratava de uma loucura comum, como a dos pobres atormentados que gritavam denunciando um Satã com cabeça de cabra e olhos ferozes. Bruno queria ser o herege mais famoso da Europa e não se contentaria até que o Papa o convocasse pessoalmente. Mas e depois?

Teriam uma conversa brilhante. Bruno se levantaria e deslumbraria o Papa com seus argumentos. Quais eram seus erros sob os olhos da Igreja? Ele defendia que a Terra se movia ao redor do Sol. Assim como Copérnico, um católico, enquanto Aristóteles, um pagão, afirmava o contrário. Bruno tinha escrito outras coisas controversas: que estrelas

infinitas brilhavam no céu, e cada uma delas era um planeta com vida humana; que todas as coisas eram feitas de Deus, e não apenas por Deus; que em cada homem, até no pior pecador, a luz divina estava presente.

Essas noções não eram heresias, eram verdades. Continham sua própria divindade, se fossem analisadas com a mente aberta. Bruno já podia ver o olhar admirado do Papa enquanto desenrolasse sua defesa. A torrente de eloquência culminaria no momento glorioso em que o Papa se encolheria em suas vestes enfeitadas com pele de arminho como uma criança assustada, enquanto Bruno, agitando o punho, gritaria: “Viu? Provei tudo isso sem sombra de dúvidas. Não sou herege, porque sou devoto da verdade. Você é o herege!”.

Bruno sentiu um chute nas costelas, nem um pouco suave.

– Levante-se. Você já beijou a lama por tempo suficiente – grunhiu o carcereiro.

A fantasia de Bruno relutava em se dissipar. Cambaleando, o herege mais notório da Europa levantou e encarou o carcereiro com uma arrogância fria.

– Leve-me a Roma, imediatamente. Tenho coisas a dizer.

O carcereiro, que não era só um bronco, apreciou o ato. Fez uma medida debochada e abriu a porta da carroça-prisão. Bruno entrou, ignorando o cheiro forte que ocupava o interior frio e úmido, iluminado por uma pequena janela com barras de ferro na porta. Não havia assento. Acomodou-se no chão revestido de palha enquanto o carcereiro o acorrentava a dois anéis de ferro pendurados nas laterais do vagão.

– Desculpe, deixamos a almofada de cetim de Vossa Alteza para trás.

A porta bateu, e não demorou para o transporte começar a chacoalhar pela estrada de pedra que levava à água. O frio de janeiro entrava sorrateiramente por entre as tábuas do vagão, mas Bruno pensava melhor no frio. Suas algemas estavam piedosamente soltas, e, a não ser pelo cheiro, Bruno não sentia grande desconforto. Era um

bom sinal. A Igreja o queria de volta e não o submeteria a sofrimentos que pudessem afetar sua mente.

Ainda melhor: ele não estava tomado pelo demônio do desespero. Mesmo ali, sentado do chão da carroça, Bruno apreciava estar a sós com seus pensamentos. Eram seu único consolo desde que tinha fugido para se tornar monge aos quinze anos, quase trinta anos antes. *A minha segurança é tão grande quanto for a dos meus pensamentos*, disse a si mesmo.

A Inquisição em Veneza estava em seu encalço. Ele quase se livrou, mas um dia o tribunal foi esvaziado, e o acusado ficou sabendo que seu caso havia sido transferido para Roma, por ordem direta. Apesar de o demônio do desespero jamais ter visitado Bruno, ao escutar esse anúncio ele pode senti-lo próximo. *Roma significa morte*. Rapidamente dispersou o medo de sua mente. Falaria sobre as estrelas uma vez mais. *Olhe para elas. Veja o que vejo*. O céu giratório o salvaria antes que a Igreja o fizesse cair sobre a cabeça de Bruno.

A viagem a Roma demorou dois dias. O prisioneiro não foi alimentado nem pôde sair do vagão, nem mesmo para fazer suas necessidades. Ele dormiu pendurado nas correntes. Um homem mais fraco teria duvidado de que a Igreja ainda se importava com ele. Para Bruno, essas privações provavam o oposto. Sua mente era tão temida pelas autoridades que a corte desejava que se cansasse e, quem sabe assim, cooperasse. Essa crença se reforçou quando quase chegavam ao destino. As rodas pararam bruscamente, a porta se abriu e o sol brilhante do sul ofuscou os olhos de Bruno.

Escutou os cascos de um cavalo sobre a terra batida, e em seguida uma sombra bloqueou a luz do sol. Um homem corpulento pulou para dentro, estalando as tábuas da carroça. Bruno piscou. A porta se fechou e partiram novamente.

– Saudações – disse o estranho. Bruno reconheceu a batina preta e a faixa típicas de um jesuíta. – Tenho a honra de escoltá-lo durante o resto do caminho, doutor. Em breve você estará livre dessas correntes lamentáveis. Água?

O jesuíta tateou por um momento e em seguida levou um copo prateado à boca de Bruno. O prisioneiro bebeu, mas não desesperadamente. Se estava sendo tratado com dignidade, também manteria a sua.

– Aonde vamos? – perguntou, quando a boca hidratou-se.

– Para o *castello*. Um quarto o espera.

– Ah.

Bruno estava muito fraco para conversar. O *castello* significava o lugar mais temido – o Castelo de Santo Ângelo, um enorme baluarte redondo no delta do rio Tibre. Havia sido construído como o túmulo do imperador Adriano, séculos antes, mas ele não seria o primeiro homem a entrar ali e nunca mais sair. Não depois que a Inquisição começou a usar o castelo para torturar suspeitos de heresia.

Se o jesuíta gostou do estremecimento que produziu, jamais demonstrou. Manteve o copo nos lábios de Bruno até a água acabar. Em seguida, desdobrou um guardanapo até revelar um bom pedaço de pão e queijo, que ele deu ao prisioneiro com extrema gentileza.

– É triste que esse tipo de coisa deva se dar entre homens educados – disse o jesuíta. – Não usaria a palavra “inquisição” em sua presença, mas você percebe, com a clareza de seu intelecto, que se trata apenas de um interrogatório. *Quaero, quaerere, quaesivi, quaesitum*. Latim é tão mais fácil.

De outra boca, o discurso pedante teria divertido Bruno, mas sentiu um arrepio.

– Reunimos alguns papéis – continuou o jesuíta. – Assine-os, faça algumas declarações modestas perante a Cúria, e ao anoitecer

compartilharemos o jantar na praça. A infeliz questão será esclarecida.

Bruno concordou com a cabeça, sem dar resposta. Aparentemente, nenhuma resposta era esperada. O vagão, as correntes e o fedor de seu próprio excremento falavam por si só. Qualquer rota de fuga seria agarrada com força.

A estrada de terra se transformou em pavimento de pedra e, depois, em pedregulhos redondos. A porta da carroça se abriu, e o carcereiro, depois de deixar o jesuíta sair (a essa altura o padre já apertava um lenço perfumado contra o nariz), destrancou Bruno e arrastou-o para a luz exterior, cada vez mais fraca devido ao crepúsculo.

– Uma moeda por sua gentileza – disse Bruno. – Meu lacaio lhe recompensará.

O gracejo fez o carcereiro fechar a cara. Água e um pouco de comida tinham elevado o ânimo de Bruno. O enorme cilindro de pedra que se erguia à sua frente já não parecia mais tão assustador. O teto acastelado parecia menos com presas pontudas, e as grandes portas de ferro não lembravam tanto uma boca aberta. Já do lado de dentro, Bruno foi levado para um quarto bem iluminado, com cama e cadeiras; não era uma cela. Momentos depois, um servo do Vaticano trouxe uma bandeja com sopa fumegante.

O prisioneiro, se de fato o era, comeu sozinho. Pouco antes de cair exausto na cama, recebeu outra visita do jesuíta solícito.

– Alguém trará roupas limpas pela manhã. Queime os trapos que está vestindo na lareira. Os papéis necessários podem esperar até depois do café da manhã.

Trocaram sorrisos, embora Bruno fosse cínico o bastante para saber que o estavam provocando. Deu de ombros mentalmente. Retratação? Já havia feito isso algumas vezes para escapar da perseguição. Também poderia até atrasar a assinatura dos documentos. Gostava de ser colocado em julgamento, para dizer a

verdade. Era puro teatro, e o palco pertencia a ele. Em Veneza, seu caso tinha sido importante o bastante para que os juízes convocados não fossem um bando de jesuítas sentados como corvos sobre um cadáver, e sim o próprio bispo. Durante sete meses, Bruno defendeu seu caso com inteligência.

– Vossa Excelência, se cometi enganos em relação ao Nosso Senhor, dê-me papel e tempo. Farei uma retratação. Mas esses enganos foram acidentais.

O bispo, que comeu no mesmo salão que recebeu Bruno e seduziu todas as mulheres que lá conheceu, parecia desconfiado.

– Acidental? Você sabe de teologia, fez os votos de sacerdote.

– Quando era apenas um garoto. Não disse que estou sem Deus. Mas Deus chega a nós de várias formas, que não nos cabe racionalizar. Apareceu para mim como uma luz brilhante que revelou os segredos do mundo natural, não do além-mundo. Sou um pensador, um observador, um filósofo. Minha mente é espantosamente abstrata. Quase não me tornei professor de matemática no ano passado, em Pádua?

Foi uma boa cartada. Os tempos não eram de ignorância, e a Igreja caminhava com as mudanças, reconhecendo, depois de uma longa batalha, que as universidades contribuía para a imagem de Deus, em vez de serem suas inimigas. E Bruno havia se envolvido nessa luta. Se o ano fosse 1393 em vez de 1593, teria sido sequestrado e assassinado imediatamente. Agora, pelo menos, a Igreja parava para refletir antes de condenar ideias novas.

– A cátedra de matemática foi para Galileu, no fim das contas – observou o bispo em tom de respeito.

– E Galileu não é mais padre que eu – lembrou Bruno à corte. – Ele olha para as estrelas, assim como eu. É ofensivo a Deus se um homem examina seu trabalho com admiração e encanto? A fonte da razão não pode odiar a razão. Glorificamos Nosso Pai quando nossa mente investiga sua criação.

Sim, ele teve um bom desempenho em Veneza. Os questionadores estavam em silêncio. Se seu velho amigo não tivesse se tornado mortalmente invejoso, Bruno teria ganhado.

A manhã veio e, com ela, as roupas novas e o café da manhã prometido. Bruno avançou com voracidade sobre o pão com bacon, limpando a garganta com boa *grappa*. E quase chorou ao ver a luz do sol perpassando por uma cortina e não por barras de ferro. Estava de costas para o quarto quando escutou o jesuíta solícito entrar, mas, quando se virou, não havia nenhum jesuíta, apenas dois guardas com capacetes de metal bem polidos.

– Onde estão os papéis? – perguntou Bruno. Em sua mente, já sabia que havia sido enganado.

Sem responder, os guardas avançaram sobre ele, um de cada lado. Um deles murmurou algo ao outro em um dialeto que Bruno não conseguiu identificar. Arrastaram-no para fora do quarto, sem tapar sua boca, permitindo que ele gritasse em protesto. No fim do corredor, havia uma porta reforçada com pregos de ferro. Um dos guardas pegou uma tocha da parede enquanto o outro empurrou Bruno porta adentro. A chama oscilante brilhava o suficiente apenas para impedir que tropeçasse nos degraus de pedra sob seus pés. A escadaria circular dava quatro voltas e, no fim dela, uma figura encapuzada aguardava, de braços cruzados.

Roma significa morte.

Bruno recusou-se a deixar esse pensamento dominá-lo.

– Isso é um engano. Concordei em me retratar, alguém deve ter dito isso a você – disse ao algoz.

Sem proferir uma palavra, o encapuzado acenou com a cabeça, e Bruno sentiu seus braços serem dobrados para trás. Estremeceu quando seus pulsos foram amarrados com cordas. Os dois guardas resmungaram algumas palavras e voltaram pela escada, levando a tocha com eles. Deixaram para trás a escuridão, e, apesar de seus

maiores esforços, Bruno poderia ter se aterrorizado naquele momento, não fosse pelo fato de a figura encapuzada ter aberto a tampa do lampião que carregava. A nova chama oscilante levou-os por vários corredores. Bruno tentava ignorar os gemidos.

O encapuzado destrancou uma pequena porta e abriu-a, colocando-se de lado enquanto Bruno inclinava-se para entrar na cela. Dentro, a escuridão não era total, graças a um buraco aberto na superfície acima. Antes de Bruno virar-se para dizer algo, a porta se fechou atrás dele e foi trancada sem piedade. Com um gemido, o herege mais notório da Europa caiu sobre os joelhos.

Ouviu-se uma batida à porta quando vieram buscá-lo. Bruno prometeu a si mesmo que enfrentaria a tortura com coragem, mas estava apavorado. Em seguida, deu-se conta de que torturadores não bateriam à porta. Alguém estava lhe dando tempo para que se recompusesse. Ainda amarrado, fez o melhor que pôde. Abriu a porta e viu o jesuíta solícito, com um olhar enigmático no rosto redondo.

– Posso entrar?

Bruno concordou. Pela luz do sol que atravessava o buraco, ele sabia que estava na cela havia uma noite e um dia. Ninguém lhe havia trazido comida ou água. Mas não reclamaria. Os jesuítas queriam chocá-lo e desmoralizá-lo. Se esse era o jogo deles, precisava pensar em seu próprio jogo.

– Tive um bispo como juiz em Veneza. Não espero nada menos que isso aqui em Roma – disse, inaugurando a conversa. Audácia diante da degradação, essa seria uma boa tática.

O jesuíta examinou a cela com cuidado, como se esperasse encontrar uma cadeira estofada no canto. Por ser corpulento, estava ofegante depois da escadaria longa e espiralada.

– Se chegar a um julgamento, designaremos um cardeal. Mas não é um julgamento, garanto. O Santo Ofício ganhou reputação de cruel,

mas os jesuítas são os mais estudiosos e sábios de todos os irmãos em Cristo. Entendemos, e onde não entendemos educamos.

– Os jesuítas me consideram não educado? Isso seria novidade – disse Bruno.

– De fato. Mas nem todo o seu aprendizado parece direcionado a Deus.

Bruno começou a se sentir mais à vontade. Aquilo parecia um debate, e ele era excelente debatedor. Um guarda apareceu na cela para afrouxar as amarras que atavam seus punhos. Os músculos estavam tão esgotados que os braços caíram nas laterais do corpo, frios e sem vida. Mas, um momento depois, Bruno já podia esfregar uma mão na outra, e o fez enquanto o guarda os conduzia ao salão principal do castelo.

O jesuíta levou-o até um cômodo lateral, onde outros quatro jesuítas esperavam. Não estavam alinhados em um banco como em um tribunal, e sim sentados em cadeiras confortáveis. O aroma de café e pãozinhos de anis fazia parecer que Bruno estivesse um pouco atrasado para o café da manhã. Sentiu uma dor aguda na boca do estômago. No canto, viu um dos jesuítas limpar a boca com um guardanapo de linho.

– Ah, bem. Precisamos conversar. Todos devemos estar confortáveis – disse aquele sacerdote. Era mais velho do que os outros e parecia estar no comando.

Audácia, lembrou Bruno a si mesmo. Apontou para uma cesta de frutas na mesa de canto.

– Todos queremos que isso termine logo. Minha defesa é simples. Preciso de uma maçã – começou Bruno.

A Inquisição examinava hereges desde o século XII, tempo suficiente para que nada surpreendesse os inquisidores. Bruno poderia ter implorado, suplicado, chorado ou gritado por Deus. Milhares de descrentes condenados o tinham feito, mas Bruno era o primeiro a pedir uma maçã – pelo menos foi o que pôde apreender da

surpresa que causou. Sem esperar que ninguém se movesse, caminhou até a mesa e virou-se, segurando a fruta gelada, que tinha passado o inverno guardada em um porão.

– Quem fez esta maçã? O criador. Como a fez? Vermelha, redonda, firme e doce. Digam-me, cometi heresia ao proferir essas palavras? “Vermelho” ofende os ouvidos de Deus? “Redonda” é contra as leis do cânone? “Firme” e “doce” são evocações usadas para chamar o demônio? – indagou, elevando a maçã enquanto seu olhar percorria o salão. E continuou. – Não, claro que não. Descrevi o que se vê a partir da maçã, como descrevi o que vejo nos céus. Faço palestras sobre matemática e muitos outros temas. Reis solicitaram que lhes ensinassem meus famosos métodos de memorização. A rainha Elizabeth da Inglaterra pode ser uma protestante condenada, mas não discutimos teologia. Ela está envelhecendo e queria instruções sobre como lembrar o nome de todos os seus cortesãos. Obedeci, educadamente.

Vários jesuítas concordaram com a cabeça, assim como o bispo de Veneza. Então, mais uma vez era um teatro. Bruno fez uma pausa para juntar seus poderes de dramaturgia, mas o sacerdote mais velho o interrompeu.

– Não importa.

– O quê? – indagou Bruno.

O padre se levantou, caminhou até o bule de café e encheu uma pequena xícara com a bebida fumegante.

– Não importa o quão astuto você seja. Em Veneza, você se defendeu alegando que não sabe nada de teologia – lembrou o jesuíta, voltando-se para o prisioneiro com um olhar inexpressivo. – Aqui, não.

– Você está dizendo que esta maçã ofende Deus? – devolveu Bruno, sentindo-se forte o suficiente para segurar sua ansiedade.

– Estou dizendo que você ofendeu Deus. Ou você é tão orgulhoso e arrogante que esqueceu as próprias palavras? – rebateu o jesuíta

superior. Equilibrando a xícara em uma mão, ele tirou um papel de seu cinto e franziu a testa enquanto lia:

– “O verdadeiro objetivo da vida deveria ser a iluminação; a verdadeira moralidade, a prática da justiça.”

– Sim, escrevi isso, mas o que poderia estar errado...

– Deixe-me terminar – interrompeu o sacerdote. – “A verdadeira redenção deveria ser libertar a alma do erro, de modo que ela possa alcançar a união com Deus.”

Seu acusador fez uma careta, mas Bruno se emocionou com as próprias palavras e deixou escapar:

– Lindo!

– Horrível – rebateu o jesuíta. – Como você pode escutar sua própria heresia e ainda assim não enxergar o inferno?

Bruno sentiu o sangue abandonar seu rosto. De repente, o salão ficou frio e ele balançou, como se sua coluna estivesse mole.

– Não – murmurou.

O jesuíta superior encarou-o com um olhar indecifrável. Sentou-se e acenou com a cabeça para o jesuíta solícito, que parecia exercer a função de auxiliar de justiça.

– Giordano Bruno, o réu – começou ele, assumindo uma voz formal. – Testemunhas juraram que você retornou à Itália para ensinar magia e iniciar estudantes nas artes sobrenaturais. Viajou para terras protestantes para pregar contra a única e verdadeira Igreja. Converteu-se ao calvinismo para obter favores e sofreu excomunhão pelos protestantes quando não puderam mais suportar suas mentiras. Seus livros ensinam uma nova religião chamada “luz”, o que é abominável para a fé correta estabelecida pelo abençoado Jesus Cristo.

As acusações teriam continuado, mas o jesuíta superior levantou a mão.

– Como você pode ver, Bruno, maçãs não o salvarão.

Os outros sorriram com a brincadeira. Bruno sentiu vontade de gritar, mas o desespero ainda não havia cegado sua razão. A situação

lhe provocava um nó na garganta. Tinha seguido a luz divina, acreditando que todos os pecados eram degraus para longe da luz, e que, ao contrário, todas as redenções levavam a ela. Ansiava pelo dia em que seria mais um com Deus. Nada mais importava.

Havia tantos hereges quanto peixes no mar, amaldiçoados por falsos testemunhos, conspirações, intrigas e inveja. Alguns poucos conseguiam se salvar, se soubessem por qual caminho escapar. Mas Bruno foi condenado a algo muito pior. Tinha amaldiçoado a si mesmo perante Deus por ter visto a verdade.

Estava certo de uma coisa: quando os torturadores chegam, não batem à porta. O Santo Ofício ordenou, primeiro, tormentos leves. Taparam sua boca com um retalho, enquanto vertiam água em seu nariz. De fora, parecia inofensivo, mas, para a vítima, criava um pânico mortal. A água deu lugar a pinças, carvão incandescente, pedras pressionadas contra o peito. Os torturadores nunca pressionavam demais as pedras ou deixavam os carvões quentes a ponto de ameaçar a vida de Bruno.

O primeiro ano foi dessa forma: com ataques a seu corpo. Quando Bruno era levado diante dos quatro jesuítas, ainda sentados em suas poltronas perto da lareira, perguntavam se ele tinha alguma novidade para lhes contar.

– Gostaria de um diploma em dor. Vocês não podem dizer que não me dediquei ao assunto.

E o processo de atacá-lo continuava. O Santo Ofício tinha um objetivo espiritual ao torturar um herege: clemência. Não era piedoso forçar os demônios a sair, para purificar a alma perante Deus? Esse tipo de clemência tinha alguns riscos. Entre os acusados, alguns eram inocentes, ainda que confessassem todo tipo de pecado terrível antes mesmo de a última unha ser arrancada com a pinça. Os culpados também faziam confissões falsas quando eram pendurados em tiras

de couro até o ombro deslocar. Era necessário continuar pendurando-os para que suas confissões fossem razoáveis. Essa era a lógica.

Após o segundo ano, Bruno estava reduzido a uma coleção de feridas abertas e cicatrizes. Não podia mais caminhar, e era difícil entender o que dizia porque geralmente se expressava por grunhidos animalescos. O Santo Ofício reavaliou o caso. O réu se negava a retratar-se, apesar de todas as tentativas de persuadi-lo. O medo da mesa de tortura o reduziu a súplicas, e chegou a confessar pequenos erros. Mas as heresias em seus livros eram muitas e flagrantes. E, pior, as pessoas sentiam simpatia por ele. A palavra “mártir” começava a ser sussurrada.

Um dia, Bruno olhou para cima e viu um novo padre, alto e jovem, parado em sua cela. Os barulhos da fechadura e da maçaneta o despertaram imediatamente. Bruno passava incontáveis horas dormindo; a diferença entre dia e noite já não importava. Ele só se sentou porque o recém-chegado não vestia um hábito jesuíta. As pálpebras inchadas de Bruno o impediam de perceber qualquer outra coisa.

O padre, um dominicano, ajoelhou-se ao lado do catre de metal.

– Permitiram-me visitá-lo e trazer comida. Aqui está – anunciou, estendendo uma cesta de provisões. – Sinto muito por você, irmão. Ah, esqueci, você não queria que o chamasse assim.

A dor nunca o deixava, mas seus olhos clarearam, e Bruno reconheceu o jovem dominicano de Veneza.

– Estão tentando uma nova tática, que é você – retrucou Bruno.

– Não sou um deles. Você sabe o quanto é perigoso para mim dizer essas palavras?

Bruno soltou uma risada rouca e seca.

– Então a tática é ser sutil. Ótimo. Fale – replicou Bruno, dando um pequeno chute na cesta. – E leve sua oferenda de Judas consigo quando for embora.

– Você precisa comer.

– Apenas os vivos precisam comer. Já estou morto, é que as notícias estão demorando para chegar a Deus.

O sacerdote juntou com cuidado o pão e a salsicha derrubados, colocando-os de volta na cesta.

– Nunca nos conhecemos de verdade. Sou o padre Andrea. Estou aqui para consolá-lo.

Bruno estendeu a mão, torcida e deformada pelos ossos quebrados com tanta frequência que não se curavam.

– Console isto, então – respondeu.

Os olhos de Andrea arregalaram-se.

– Você não tem mais nenhuma fé? “Até a fé do tamanho de um grão de mostarda...”

– Como ousa? Vá embora! – Bruno cortou-o rispidamente, jogando a cesta na cabeça do padre, fazendo as provisões voarem.

Entreolharam-se em silêncio. O único som era o barulho dos ratos, que mal podiam acreditar na comida que havia caído do céu.

O padre Andrea murmurou:

– Sou sua única esperança.

– Os mortos não precisam de esperança.

E assim terminou o primeiro encontro. Mas a virtude da paciência era forte no dominicano. Voltava todos os dias. Ficava sentado por horas ali, enquanto Bruno olhava para a parede, recusando-se a interagir com o visitante. Finalmente, um dia foi diferente. Quando o padre entrou na cela, Bruno andava de um lado para o outro, como se suas pernas tivessem sido curadas da noite para o dia.

– Vou falar com você. Sabe por quê?

O padre Andrea sorriu.

– Porque você se importa com sua alma.

Bruno riu; soava estranhamente alegre.

– Não. Entendo a imortalidade agora, pela primeira vez, e preciso dizer isso a alguém antes que eles me matem. Algo tão precioso não pode ser desperdiçado.

O padre parecia cabisbaixo, mas sua paciência não vacilou.

– Prossiga.

Bruno ficou mais animado.

– Vou explicar algo estupendo. Fui além da morte. Enquanto o corpo definha, a alma se expande. Cada vez mais fico cego para este mundo. Está se dissolvendo, desaparecendo como um fio de fumaça. Ontem à noite, Deus me entregou a imortalidade.

Os olhos congestionados de Bruno queimavam e se inundavam em lágrimas.

– Mas não aceitei – continuou. – Voltei para contar ao mundo o que sei. Você precisa prestar atenção. Entendeu?

A mistura de vaidade e loucura apertou o coração do padre Andrea, mas ele se manteve quieto.

– O segredo da imortalidade está com Deus – começou Bruno. – Mas, o que é Deus? Nos tempos de hoje, ninguém está seguro ao fazer essa pergunta, mesmo que ela ocorra a qualquer criança. A única diferença é que nunca deixei de fazer essa pergunta. Não podia.

– Talvez tenha sido uma boa pergunta com consequências malignas – disse o padre Andrea, com pesar.

– Não acredito nisso. Questionar Deus é chegar mais perto dele.

– E mais perto do perigo – replicou o dominicano.

Bruno sorriu.

– Sem dúvida. Tente aceitar que eu não estava tomado por Satã quando questionei Deus. Sou um homem da minha época, e nesta época queremos saber tudo. Minha obsessão por Deus trouxe respostas, e os jesuítas não podem me forçar a negar que essas respostas foram divinas.

Bruno levantou a mão e continuou:

– Sei que você quer objetar, mas deixe-me acabar. Se todas as coisas são feitas por Deus, então Deus está em tudo. Não podemos limitar o infinito. Assim, Deus está em cada criatura, cada colina e árvore, cada pessoa. E por que não vemos Deus em nós? Porque a luz

foi afastada pela ignorância e pelo erro. Percebi tudo isso quando fui traído em Veneza.

O padre Andrea não conseguiu se segurar:

– A Igreja não ensina nada disso. Você caminha por território sagrado, ao qual não pertence.

– Paz. Falta pouco. Quando fui jogado neste buraco, entrei em desespero. Não por minha vida, porque condiz a um homem sábio aceitar a morte com calma e até mesmo buscá-la. Contudo, algo aconteceu durante minha agonia. Enquanto meu corpo era destruído, a luz brilhava mais forte. A ironia está nos jesuítas. Seus tormentos extirparam todos os meus medos, pois nada pode ser pior que o pior. Para além do horror do sofrimento, encontrei a luz que buscava, e passei a ser banhado por ela desde então, até que, finalmente, *eu me tornei a luz*.

O fervor na voz de Bruno fez o padre levar as mãos ao rosto; o prisioneiro estava expelindo sua própria condenação. Bruno agarrou o braço do padre, fazendo-o olhar para cima.

– Você vive pela verdade, não é? Se seus votos significam alguma coisa, conte que você não viu a loucura em meus olhos, ou o olhar flamejante de um demônio. A luz é a verdade. Está em todas as coisas. Quando a percebemos, podemos nos esforçar para voltar a ela. Nada mais é necessário, o fedor e a hipocrisia da Igreja já não significam nada. Eu deveria ter excomungado o Papa há muito tempo. Mas a luz abraça até o pior entre os homens. Até um Papa pode ser salvo.

Depois disso, o dominicano deixou de visitá-lo. Estava obrigado a reportar as palavras de Bruno para o Santo Ofício. Tinham evidências suficientes para condená-lo, mas a causa de Bruno se tornava cada vez mais polêmica e escandalosa, e os jesuítas se recolheram no silêncio. Não proferiam uma palavra sobre o julgamento, e Bruno continuou preso por mais sete anos. Mais torturas, mais interrogatórios. Para a

profunda irritação do tribunal, Bruno continuava firme em sua recusa a retratar-se. Seriam necessários meses para que um advogado corajoso destrinchasse as emaranhadas acusações contra Bruno, que se modificavam o tempo todo. Corajoso porque ele também poderia ser jogado na prisão. Bruno não tinha um advogado. Teimava em seu silêncio, escutando apático à ladainha em latim obscuro. Nos dias em que era torturado, a cabeça pendia sobre o pescoço, e permanecia sentado diante da corte semiconsciente e gemendo.

Finalmente, chegou o dia em que as pessoas esqueceram o escândalo. Depois de sete anos de julgamento, Bruno foi levado a um cardeal, como o jesuíta havia dito no primeiro dia. O vermelho reluzente das vestes do prelado brilhou no salão da corte.

– O prisioneiro tem algo a dizer antes de sua sentença ser pronunciada?

– Nada – respondeu ele levantando a cabeça que pendia sobre o corpo mole, sem um osso inteiro.

A corte não perdeu tempo com gestos solenes. Bruno foi sentenciado à fogueira imediatamente, depois que trespassassem sua língua com um prego pelas blasfêmias e trancassem sua boca herética em uma gaiola de ferro. Escutou com um olhar pensativo e respondeu:

– Acredito que você tenha mais medo de proferir minha sentença do que eu de escutá-la.

A frase foi tomada como a última imprudência de um homem determinado a ser desajuizado por toda a vida. O cardeal levantou-se, com um olhar fulminante. Se respondeu à provocação de Bruno, não há registro.

Bruno foi queimado no Campo de' Fiori, um grande mercado de flores frequentado por multidões. O comércio foi paralisado só por um momento para o espetáculo. A gaiola de ferro prendia sua boca, impedindo-o de gritar, embora seu corpo se contorcesse com as chamas. Um padre insolente, ou talvez um impostor que havia

roubado uma batina, ousou pular sobre a pilha de lenha para segurar um crucifixo diante dos olhos de Bruno, que virou a cabeça. Em pouco tempo, os guardas do vaticano tiraram o padre da cena.

Quando o corpo do herege se transformou em cinzas, a multidão se dispersou. Um membro desconhecido do clero pegou um punhado das cinzas de Bruno e jogou-o ao vento, fazendo-o desaparecer no anoitecer de Roma como um fio de fumaça.

REVELANDO A VISÃO

Com a vida e morte de Giordano Bruno, dois mundos se chocaram, e as reverberações ainda estão conosco. A fé e a ciência começaram como inimigas, pois os fatos ameaçavam destituir a fé. Essa ameaça ficou clara para as autoridades da Igreja, que avançaram sobre as descobertas científicas como se fossem heresias. Um fato não pode ser uma heresia, a menos que seja forçado a isso. É possível conceber uma Igreja que acolhe a ciência como uma nova forma de glorificar a criação de Deus: Ele seria um Criador racional que atua por meio de leis naturais. Mas essa não era a Igreja que Bruno tentou influenciar, fosse infiltrando-se como um monge, ensinando como professor ou investigando como um cientista.

Um problema era que ele tinha muitas ideias loucas – seu pupilo aristocrata em Veneza traiu-o e entregou-o à Inquisição porque ele se recusou a ensinar-lhe as artes do sobrenatural. Bruno se considerava um especialista nessas artes e praticava a “matemática mágica”. É preciso afastar muita fantasia e especulação para chegar à sua espiritualidade revolucionária; mas, ao vislumbrá-la, suas intuições impressionam.

Bruno viu o que outros místicos viram: que a natureza é um campo de luz que emana da cabeça de Deus. Contudo, o revelador no seu caso é que para ver essas coisas ele não dependia da fé, e sim da mente. Ele defende que a mente humana é parte da mente de Deus. Até hoje temos dificuldade em entender se a espiritualidade é

compatível com a razão. Ser um cientista não faz de alguém automaticamente ateu. Mas sem dúvida leva a terrenos movediços onde a fé pode afundar a qualquer momento.

Era uma manhã de sol agitada em um mercado de flores romano quando Bruno foi queimado em praça pública, no dia 17 de fevereiro de 1600. É possível imaginar donas de casa em seus aventais comprando rosas de inverno. Seu caso tinha se tornado conhecido, e a reação da multidão provavelmente se dividiu entre comemorações e lágrimas. Foi o momento final de um drama longo, cruel e lento que durou sete anos. Bruno era um pensador importante e por isso sobreviveu ao suplício; sua retratação significava muito para o Papa e para o Santo Ofício.

No julgamento da corte, não era equivocado sustentar que Bruno havia negado a divindade de Cristo. Ele havia flertado com a heresia ariana, que questionava se Cristo era igual a Deus. Mas é pouco provável que esse flerte tenha sido mais do que uma breve fase na jornada mental de Bruno – que podia ser inconstante, desafiadora, inspiradora, ridícula, nobre e bizarra, dependendo do ponto de vista. Hoje, é lembrado como um mártir pela liberdade intelectual, em particular entre cientistas, que o colocam ao lado de Kepler e Galileu, valentes seguidores da nova astronomia iniciada quando Copérnico declarou que a Terra se movia ao redor do Sol.

Bruno não era cientista. Durante a vida, ficou mais conhecido por seu sistema de técnicas mnemônicas que interessaram até a reis e rainhas, como Elizabeth I da Inglaterra. Mas sua personalidade não agradava àqueles que estavam no poder, e ele conseguiu alienar todas as cortes às quais se vinculou, chegando até a ser expulso do país. Era um contestador, e há registros que o descrevem como introvertido e melancólico.

Após a trágica morte, a história de Giordano Bruno tornou-se um símbolo ambíguo. Foi atraído por seu lado místico. Inspirada pelas novas descobertas sobre estrelas e planetas, a mente de Bruno deu

saltos impressionantes. Estava convencido de que existiam mundos infinitos e que a vida e até anjos existiam nesses lugares. Em vez de delimitar a criação ao sétimo dia, sustentava que a natureza estava em movimento constante. Defendia que o cosmo ainda estava se expandindo, o que significava continuidade do processo de criação. Essas reviravoltas de pensamento fazem com que Bruno soe contemporâneo para nós, como ao escrever:

Em todo lugar há uma intensa e relativa mudança de posição que abarca todo o universo, e o observador está sempre no centro das coisas.

Nessa afirmação, Bruno expressa seu lado cientista, porém a ciência daquela época não dava condições para saltos tão grandes. Sua verdadeira jornada foi rumo ao transcendental, o campo de luz que em sua mente se unia com Deus, a natureza e o céu noturno:

A Luz Divina está sempre no homem, apresentando-se aos sentidos e à compreensão, mas o homem a rejeita.

Com o tempo, os domínios da ciência foram definidos. A astronomia foi separada da astrologia, a evolução substituiu o Gênesis. Assim, é natural que Bruno não possa ser mártir para ambos os lados. A menos que... Nessa pequena expressão, “a menos que”, outra revolução pode estar em curso. Como pessoas modernas, herdamos a revolução científica. A conquista da superstição é uma parte essencial dessa revolução, assim como a separação entre racional e irracional. É desagradável ler que mais bruxas foram queimadas na Inglaterra após a morte de Shakespeare, em 1616, do que antes; essa onda histórica de execuções não estava acontecendo apenas em Salem, Massachusetts.

Por quatrocentos anos, nos movemos em direção oposta ao campo de luz de Bruno apenas para completar a volta. A unidade da luz é o fóton, e a física reconhece que todas as interações responsáveis pela matéria e pela energia do cosmo envolvem essa partícula. Em outras

palavras, os seres humanos existem no campo de luz, e nosso corpo, literalmente, tem origem no pó das estrelas. Indo mais longe, alguns físicos mais arrojados querem saber se o universo possui uma mente; para eles, o universo atua como um ser vivo que evolui e desenvolve formas cada vez mais complexas. O cérebro humano, até onde se sabe, é a coisa mais complexa que existe. Será que realmente é um produto do acaso dos últimos treze bilhões de anos? Acreditar no acaso como única força criadora da natureza, brincou um físico, é como dizer que um furacão passou por um ferro-velho e construiu um Boeing 777.

Lamento que as duas palavras-chave “design” e “inteligente” tenham sido sequestradas pelo fundamentalismo religioso com o objetivo de defender a história da criação presente no Gênesis. Não há dúvida de que o Gênesis é na verdade um mito de criação, e muito bonito. Existe para dizer algo sobre nós mesmos em um nível mítico; por isso, não deve ser descartado. Mais fascinante é uma visão libertada sobre inteligência e design, que poderia levar ao renascimento do cosmo.

Bruno foi testemunha da última vez que isso aconteceu. No renascimento do universo graças a Copérnico, ele teve a visão mais ampliada das possibilidades. Fez afirmações que poderiam ter saído diretamente da boca de Shânkara e da antiga tradição védica na Índia:

Entendo Ser em tudo e sobre tudo, pois não há nada que não participe do Ser.

A perda é nossa quando o Ser deixa de ser um mistério, como era para Bruno e todos os místicos. “Ser” parece algo já estabelecido, uma lacuna. “Eu sou” simplesmente significa que você está presente. No entanto, o Ser de repente ganha o seu mistério de volta quando você mergulha na física moderna e descobre que o universo inteiro vem de um vazio. Esse tema surge com frequência quando lemos sobre os visionários neste livro, e ainda assim é preciso enfatizar que o vazio

precede o universo e isso é um fato. Tudo o que parece sólido e familiar é, em realidade, produto do mistério.

O notável neurologista inglês John Eccles expressa esse argumento de forma clara: “Quero que vocês percebam que não há cor nem som no mundo natural – nada desse tipo; nada de texturas, padrões, beleza ou cheiro”. Todas as qualidades da natureza são o oposto de tranquilizadoras; pertencem à ilusão da realidade com a qual nos cercamos. Quando dois amantes se dão as mãos, sentem como se os dois objetos mornos e flexíveis envolvessem um ao outro, mas isso é pura ilusão. Todas as sensações são criadas em nossa consciência a partir de propriedades invisíveis, como o eletromagnetismo. Na verdade, os átomos que são os tijolos do universo não possuem qualquer propriedade física; por isso, nada que é formado por átomos pode ser físico.

Bruno era uma rara combinação de místico e racionalista, o que lhe permitiu perceber muito cedo a ilusão da realidade. Foi expulso da ordem dominicana, mas permaneceu conectado a Deus e assumiu que, quando falava na natureza, falava em Deus ao mesmo tempo.

Não há ser sem Essência. Logo, nada pode estar livre da Presença Divina...
A natureza não é nada além de Deus nas coisas.

Essa última sentença é uma verdade literal? Não usamos mais as lentes cristãs ao procurar por “Deus nas coisas”, mas não há dúvida de que a busca permanece a mesma. De qual lente precisamos? Há muitas respostas fluando ao redor das comunidades científica e espiritual; alguns otimistas acreditam que as duas se unirão quando reconhecerem estar em busca do mesmo unicórnio: a visão de Deus e da natureza que apaga todas as fronteiras e leva à resposta final para as charadas da natureza.

Se isso acontecer, a história de Bruno encontrará justificativa não como o conto de um mártir de quem devemos ter piedade, e sim de um profeta a ser celebrado. Para redimi-lo completamente,

precisamos aceitar outro de seus dizeres visionários: “É manifesto [...] que toda alma e espírito possuem certa continuidade com o espírito do universo”. Bruno viu essa verdade com uma clareza corajosa que só podemos invejar. Com o tempo, permitiu-se que Deus se tornasse um Criador racional. A Igreja retratou-se por sua fase de perseguição, e hoje é permissível pregar que os fatos da natureza glorificam o maravilhoso trabalho divino. Mas, apesar de ter feito as pazes com a gravidade e a termodinâmica, Deus ainda não se reconciliou com as células-tronco nem com os primeiros dias de vida no útero – ou assim defende a Igreja. A trégua entre fé e fatos permanece instável.

8

ANNE HUTCHINSON

“O ESPÍRITO É PERFEITO
EM TODO FIEL”

A mãe parou na praia, cercada por onze filhos, e abriu os braços.

– Vejam! É Leviatã!

Era difícil não ver a baleia encalhada e mais difícil ainda não sentir seu cheiro. A carcaça fétida era um achado raro, um membro desgarrado do grupo de baleias que espirravam água feito uma fonte italiana ao largo da costa de Massachusetts. Os nativos locais (que eram temidos como “selvagens”, por mais pacíficos que fossem) haviam chegado ao local antes dos colonos. Seus barcos não eram grandes e robustos o suficiente para sair à caça das numerosas baleias no mar, mas quando uma encalhava e morria na praia era tempo de fartura.

Alguns guerreiros montaram nas costas do enorme animal cinzento portando lanças compridas e começaram a cortar nacos de carne que caíam na areia com uma pancada seca. Mulheres se ajoelharam sobre eles com pequenas lâminas de pedra, cortando a carne para secá-la.

– Vocês sabem o que isso significa? – perguntou a mãe ao seu rebanho, em tom professoral.

– Significa que a tribo deles terá comida no inverno – disse Bridget, uma das filhas mais velhas.

– Se não assaltarem nossos celeiros antes – resmungou Francis, um dos filhos do meio, ressentido por ter que atravessar o mar para agradar a Deus. Tinha passado o verão retirando pedras do solo infértil de uma fazenda nos arredores de Boston, sonhando com uma namorada na Inglaterra.

– Não pensem neste mundo. Isto é certamente um sinal. – disse a mãe, franzindo a testa.

A prole da família Hutchinson, agitada por ver pela primeira vez uma baleia morta, se acalmou. Todos sabiam, até mesmo o menorzinho deles, que sua mãe achava em tudo um motivo para um sermão. Não foi diferente dessa vez, ao atravessarem a praia pedregosa. Começou com “Então disse o Senhor a Josué: ‘Apanhe doze pedras do rio Jordão’” e prosseguiu até alcançarem o local onde a baleia jazia cozinhando ao sol, que estava quente para a estação.

Se Anne Hutchinson era capaz de dar um sermão sobre pedras, uma baleia para ela era um banquete – teologicamente falando. Apontou para o animal, ignorando totalmente o cheiro, os selvagens seminus em volta e a possibilidade de visitantes da colônia de puritanos não serem bem-vindos.

– O que é Leviatã? – perguntou Anne. – A Bíblia nos diz.

– Um dos sete príncipes do inferno – opinou um menino no fundo.

– E esse animal irracional à nossa frente é um príncipe do inferno? – perguntou Anne.

– Pode ser uma princesa, se for ela, e não ele – sugeriu Katherine, uma das filhas mais novas.

– A Bíblia fala apenas em príncipes, minha filha – disse Anne, sorrindo. Decidiu responder à própria pergunta, impaciente para iniciar o sermão. – Não, essa criatura não é um príncipe do inferno. Mas a Bíblia nos diz que o pecado de Leviatã foi o orgulho, e aqui temos o orgulho prostrado diante de nós. Nenhum peixe é mais

orgulhoso do que a baleia, que reina no mar. Esta aqui, no entanto, foi abatida e agora não passa de carniça para cachorro.

Nenhum dos filhos de Anne reclamou enquanto ela discursava. Haviam chegado ao Novo Mundo no ano anterior, em 1634, para fazer parte do novo Éden que Deus tinha ordenado que povoassem. Na Inglaterra, a única realidade que conheciam era o puritanismo, uma realidade séria e devota ao extremo. Todos que frequentavam a igreja se preocupavam com a corrupção do clero anglicano. Todos odiavam os papistas e censuravam o rei Carlos por ter se casado com uma rainha católica, que os puritanos chamavam abertamente de meretriz. Ninguém fazia o sinal da cruz ou orava para santos, como faziam seus vizinhos anglicanos. Nenhum deles venerava a Virgem Maria ou se ajoelhava diante da cruz antes de se sentar no banco da igreja.

Mas os filhos mais velhos de Anne sabiam que não era comum ter uma mãe que pregava sermões. Os pastores mais ambiciosos de Boston, com suas longas sobrecasacas pretas, evitavam Anne Hutchinson quando o assunto era as escrituras. Não era mais moça; já tinha passado dos quarenta anos de idade e não tinha mais traços juvenis. Nunca teria lhe passado pela cabeça disfarçar a idade com o uso de maquiagem, assim como, sendo puritana, apenas vestia roupas simples, pretas e marrons. Roupas coloridas eram sinal de vaidade. Seu rosto se iluminava quando recitava as escrituras, mas, em repouso, revelava as marcas deixadas por catorze partos e três filhos enterrados. A touca bem apertada cobria o cabelo, realçando as linhas de seu rosto, bem como seus olhos penetrantes.

Nesse momento, sem nenhuma preparação, começou a recitar os vinte versos sobre Leviatã do Livro de Jó, começando:

– “Você consegue pescar com anzol o Leviatã ou prender sua língua com uma corda? Consegue fazer passar um cordão pelo seu nariz ou atravessar seu queixo com um gancho?”

Seu marido, William, que tinha ficado responsável pela condução

para retornarem a Boston, surgiu sobre as dunas. Ofegante e surpreendido pelo fedor da baleia, parou para recuperar o fôlego. De onde estava, podia ouvir Anne recitando, o que o fez sorrir. Ele tinha dinheiro, muitos filhos e, o mais raro de tudo, uma esposa que conhecia a Bíblia tão bem quanto qualquer homem. As filhas menores acharam graça quando a mãe chegou ao verso:

– “Acaso você consegue fazer dele um bichinho de estimação, como se fosse um passarinho, ou pôr-lhe uma coleira para as suas filhas?”

Anne era tolerante quando discursava, ao contrário de outros pregadores, e apenas levantou um dedo:

– Eis a parte que desejo que ouçam com atenção, queridos. “Quem se aproximaria dele com uma rédea? Quem ousa abrir as portas de sua boca, cercada com seus dentes terríveis?”

Ela pausou, esperando alguma reação, e quando nenhuma das crianças se manifestou, o pai rompeu o silêncio:

– O que sua mãe quer dizer – disse ele, ao descer cambaleando as dunas íngremes – é que Leviatã era guardião da boca do inferno, portanto a boca enorme da baleia é um sinal de Deus para a armadilha que aguarda todos os pecadores.

– Nada menos que isso – disse Anne. – Como é admirável o livro da Criação, e que bênção Deus tê-lo revelado a nós.

O olhar de satisfação espalhado em seu rosto agradou William. Ela via a mão de Deus em tudo, de acordo com a doutrina puritana. Tropeçar na sarjeta ou derrubar um ovo significava ter que examinar sua alma maculada. Calamidades e perseguições ensinaram os puritanos a procurar o menor sinal de pecado dentro de si. Os fazendeiros zombavam, dizendo que a cada primavera uma nova safra de pedras crescia em seus campos. Era uma piada lúgubre, e secretamente alguns santos, como os puritanos chamavam uns aos outros, duvidavam se Deus aprovava sua missão naquele lugar selvagem.

Os primeiros a confiar seu destino à Providência foram os peregrinos, que haviam chegado quinze anos antes, em 1620. Arrancando torrões do solo para construir seus casebres, nunca poderiam prever a bela casa branca de madeira dos Hutchinsons no centro de Boston. Seus registros daquele primeiro ano eram concisos, mas apavorantes.

Dezembro trouxera um inverno extremamente rigoroso, como jamais haviam enfrentado na Inglaterra. Em 25 de dezembro, os colonos mais robustos deixaram o navio, o *Mayflower*, para viver em terra. A data não era significativa, já que não comemoravam o Natal, inventado pelos papistas em Roma.

Seis pessoas morreram naquele mês e mais oito em janeiro. Dezesete morreram em fevereiro. Qual era a causa? Para alguns, era fome voluntária, com as mães dando suas rações para os filhos. Treze das dezoito mulheres casadas morreram, contra apenas três crianças. O resto morreu de escorbuto ou de uma peste que ninguém sabia precisar qual era. Sussurravam simplesmente “a doença” a cada nova vítima. Deus não estava sorrindo.

Ainda assim, os colonos seguiram construindo seus abrigos rudes e rezando nos poucos momentos de folga. Os últimos peregrinos abandonaram o navio apenas no primeiro dia da primavera, e, mesmo no clima mais ameno de março, mais treze morreram. Os enterros eram realizados à noite, encobertos pela escuridão, pois se temia que os selvagens criassem coragem ao perceber que a população de intrusos definhava. (Não que os índios tivessem aparecido; naquele primeiro inverno, eram simples sombras à espreita na floresta.) Observando o cemitério de Plymouth, os sobreviventes contaram quarenta e quatro túmulos, quase a metade de seu número. A boca do inferno, refletiu William Hutchinson, havia aberto naquela praia também.

A menos que fosse a boca do céu. Quando estavam sozinhos, ele consultava Anne, que tinha um dom para interpretar as provações e recompensas de Deus. A família esticou a toalha de piquenique no alto do morro que dava para a praia, num local abrigado do cheiro. Foi um passeio agradável, com uma surpresa para as crianças no final: um pouquinho de mel para passar no pão. Mas quando as nuvens se deslocaram do mar para a costa e todos se prepararam rapidamente para partir, um ponto colorido chamou a atenção de Anne.

Katherine, que tendia a ser distraída, tinha tirado uma fita cor-de-rosa do vestido de sua boneca e amarrado-a em seu próprio cabelo. Anne fitou-a por um momento, controlando sua cólera.

– Dê-me isso, criança – ela disse, estendendo a mão.

Katherine sabia que aquele tom de voz baixo e uniforme significava que algo ruim havia acontecido. Entregou a fita transgressora e fez um esforço para não chorar. O retorno às carroças foi sombrio. As nuvens formaram rapidamente um cobertor cinza no céu, e gotas começaram a cair.

Felizmente, foi uma chuva leve, incapaz de penetrar as capas simples que usavam para se proteger. Sem dirigir a palavra a ninguém em particular, Anne disse:

– Jezabel. Falemos dela. Qualquer um pode começar.

Nenhuma das outras crianças falou, já que estava claro que Katherine deveria responder, embora mal tivesse sete anos.

– Jezabel foi uma rainha má que adorava ídolos – disse Katherine.
– E ela era adulta.

Sete anos não era cedo demais para ouvir falar de adultério, mas talvez não fosse o caso de chamar muita atenção para o tema. Anne não a corrigiu.

– A rainha tentou matar o profeta Elias – a mãe disse – mas em vez disso o Senhor matou Jezabel. Nada lhe escapa, nem mesmo a mais inocente transgressão.

Manuseando a fita cor-de-rosa, ela narrou uma história de milagres

e sangue. Jezabel, esposa do rei Acabe, estava decidida a destruir o Deus de Israel, para que seu falso deus, Baal, saísse vitorioso. Ela reuniu 450 profetas de Baal para contestar um profeta dos israelitas, Elias. Autorizado pelo Senhor, Elias propôs um teste simples para provar quem era o verdadeiro Deus: um sacrifício de fogo. Os 450 profetas de Baal construíram uma imensa pira sacrificial e rezaram a Baal para que enviasse fogo para acendê-la. Suas vozes se ergueram num coro de súplicas e, quando o fogo não veio, cortaram a própria carne com facas. Mas nem mesmo o sangue dos sacerdotes extraiu alguma coisa de seu deus.

Elias havia construído uma pira pequena e para demonstrar toda sua confiança, despejou três vezes sobre ela uma caneca de água. Erguendo os olhos, Elias pediu a Deus que enviasse fogo, e num instante a pira estava em chamas. Frustrada em suas intenções, Jezabel nunca mais esqueceu aquele insulto.

– Ela conspirou contra Elias – disse Anne –, mas sua maldade não resultou em nada. No final, Jezabel morreu pisoteada por cavalos e seu corpo foi devorado por cães.

– Menos a cabeça e as palmas das mãos – interpolou um dos meninos, que gostava de testes bíblicos.

– Isso mesmo – concordou Anne, pegando a boneca de Katherine e amarrando a fita cor-de-rosa de volta na cintura. Naquela noite, a menina sonhou com cães mastigando o corpo de uma rainha toda arrumada, com o cabelo adornado por fitas cor-de-rosa.

Nem mãe nem filha se perturbaram com as cenas de sangue. Quando criança na Inglaterra, Anne tinha ouvido histórias sanguinárias de livros sobre mártires. Elas a fascinavam e Anne era capaz de mastigar calmamente um pedaço de bolo ao observar as gravuras de santos sendo estripados. Era natural que simpatizasse com mártires, já que seu próprio pai, um pastor de convicções abertamente puritanas, havia sido preso e acusado de heresia por desafiar a autoridade eclesiástica oficial. A família passou por sérias

privações durante o tempo em que ele permaneceu preso em sua própria casa.

Quanto mais os puritanos eram perseguidos, mais virtuosos ficavam. A diferença entre eles e o resto se acentuou no Novo Mundo. Uma comunidade foi estabelecida para defender o bem-estar de todos, mas os santos, como eles se chamavam, nunca seriam iguais aos estranhos, como os não puritanos eram conhecidos. Ninguém estabelecia essa distinção tão claramente quanto Anne, até o momento em que cometeu um erro. Subitamente, ser uma santa já não era tão fácil quanto antes. Por ora, a crise esperava nos bastidores, pois não estava pronta para eclodir.

Levaria ainda algum tempo para que o bebê recém-nascido, que tinha chegado ao mundo chorando e se debatendo, perguntasse: “Estou salvo ou condenado?”. Naquele momento, era apenas um bebê lindo. Anne envolveu a criança em um manto e passou-a adiante. A mãe, exaurida pelo trabalho de parto, tinha adormecido, mas estava bem assistida. Havia pelo menos dez mulheres reunidas para o parto, numa cerimônia informal conhecida como *gossiping*, em que conversavam e trocavam informações. Elas admiravam a criança, e Anne, como líder do grupo, estava bastante satisfeita. Sabia que havia sempre o risco de a mãe, o bebê ou ambos morrer nas semanas seguintes. Era importante ter assistentes puras para evitar que isso ocorresse.

– Avise ao pai que está tudo bem – disse ela a uma das mulheres, que deixou o quarto às pressas. Anne estava bem à vontade e feliz de estar ali. Ela olhou em volta.

– Em que condições esta criança veio ao mundo? – perguntou.

As outras mulheres sabiam que estavam prestes a ouvir um pronunciamento e o aguardaram avidamente.

– Primeiro, nasceu livre de opressão e fora do alcance de reis, ao contrário de nosso querido Senhor, que foi forçado a fugir da ira de Herodes – Anne começou. Se alguém no quarto se perguntou como poderia Boston estar fora do alcance do rei Carlos, não deu voz aos seus pensamentos. Desafiar a coroa era uma postura popular.

– Nessas condições, este bebê vem ao mundo na companhia dos justos – disse Anne. – Como uma congregação livre, nós traçamos nosso próprio destino. Mas nada disso importará se o bebê carregar a mácula do pecado neste mundo. Olhem para ele. Onde está essa mácula? Que fez ele, tão fraco e indefeso quanto um gatinho, para merecer a censura de Deus?

Esse era o cerne da questão, e podia-se ouvir uma tosse apreensiva no fundo do quarto. Mas as mulheres protegeriam Anne, não importava o que ela falasse naquele quarto. Os homens puritanos o sabiam, e Anne contava com isso. O recém-nascido passou por todo o círculo e voltou a Anne, que o beijou na testa. Para as mulheres à sua volta, era praticamente uma bênção.

– Então ele está salvo? – perguntou uma jovem.

– Espero que sim – murmurou Anne. – Mas Cristo falou comigo para me dizer que estou salva, e esse é um caminho aberto para todos. O espírito é gracioso, e o espírito é perfeito em todo fiel.

Cristo lhe tinha falado pessoalmente? As mulheres na sala de parto se admiraram.

Um forasteiro seria perdoado por ver inocência nas palavras de Anne. Graça e espírito eram termos comuns em qualquer igreja. Mas para os puritanos eram vocábulos carregados de perigo e esperança. Esses hóspedes que haviam desafiado o oceano estavam empenhando suas almas em uma aposta cósmica. Aparentemente, os puritanos haviam caído em uma armadilha, trocando a familiaridade de sua terra natal por um mundo selvagem e inóspito. Mas a terra natal era um ninho corrompido. Aqui ao menos podiam se diferenciar como os favoritos de Deus, eleitos para construir uma cidade no alto da colina.

Com um problema. Quando os estranhos, os não puritanos, chegavam à América, podiam agir por conta própria, sem pensar nas consequências. Os santos só podiam prosperar mantendo-se unidos.

Todos os domingos, os pastores de Boston brandiam tormento e perdição do alto de seus púlpitos:

– Trabalhem, trabalhem, trabalhem! Labutem incessantemente por suas almas, irmãos e irmãs. Se algum de vocês fraquejar, as profundezas ardentes se abrirão para todos nós.

O problema é que você nunca sabia se seu trabalho era bem-sucedido. O pecado original era uma mancha invisível até mesmo em um recém-nascido, e pelo resto de sua vida apenas Deus sabia se aquele bebê seria um dos eleitos ou um dos condenados.

Anne havia sido criada nessa teologia e não conhecia outra. Um dia, quando tinha sete ou oito anos, seu pai a pegou pela mão. Ele ainda não era o agitador que seria atirado na prisão por seus sermões criticando os bispos. A família levava uma vida tranquila em Londres, a pouca distância do rio Tâmis. Chegando ao rio lento e barrento, o pai de Anne apontou em direção ao sul.

– Diga-me o que você vê – ele disse.

Anne esticou o pescoço por cima do parapeito que se estendia ao longo da margem.

– Barcos pequenos, barcos grandes. Homens pescando. E aquelas bandeiras bonitas – ela disse, apontando para os teatros em Southwark, na margem oposta, que içavam suas flâmulas em dias ensolarados para sinalizar que haveria um espetáculo. Tinham cores vivas e emblemas de leões e animais mitológicos.

– Bandeiras bonitas, não, criança – corrigiu seu pai. – Do outro lado do rio está Sodoma, onde o pecado é despididamente anunciado. Ali os maus seduzem aqueles que estão a um passo da perdição.

Nada revelava tanto a divisão entre os eleitos e os condenados quanto os teatros, que, aos olhos dos puritanos, eram um poço de

depravação. Diversão e entretenimento eram truques diabólicos. Mesmo nas raras ocasiões em que havia em cartaz uma peça religiosa decente – e não obras repulsivas de um discípulo do diabo como Shakespeare –, todas as noites havia bebedeira, apostas, rinhas entre ursos e cães e brigas de galo nas tavernas vizinhas. Um simples passeio pelas ruas poderia arruinar a vida de um cidadão honesto. Gatunos munidos de facas cortavam agilmente as bolsas de suas vítimas e sumiam na multidão.

– Eu lhe prometo, minha filha, que um dia Deus varrerá essa iniquidade da face da Terra ou nos enviará a um lugar onde a virtude possa prevalecer – disse o pai, taciturno.

Anne se assustava ao ouvir tais coisas. O temor de perder a alma reprimia o outro lado de sua natureza, que queria atravessar o rio em um dos pequenos barcos e ver por si mesma como era essa iniquidade – para dizer a verdade, podia até parecer divertida. Foi apenas uma extravagância passageira, se é que realmente existiu. Mas, naquele dia, outra coisa marcou Anne profundamente.

– Eu estou a um passo da perdição? – perguntou.

– Com certeza. – respondeu o pai, sorrindo.

Somente aquelas duas palavras. Ele não transformou o passeio em um sermão, mas para Anne foi um golpe duro. “Com certeza” ela corria o risco de ser condenada; seu pai era capaz de lhe dizer aquilo sorrindo. Durante toda a juventude, Anne nunca mencionou a ele o efeito que aquelas palavras tiveram. Os acontecimentos se sucederam de maneira rápida e tumultuosa. Seu pai foi preso, libertado e transferido para uma paróquia distante em Alford, em Lincolnshire, longe de Londres, onde não causaria mais problemas. Mas seguiu ralhando contra os bispos e, então, acabou perdendo o posto humilde e foi submetido à prisão domiciliar. Os altos e baixos não tinham fim. Se Anne não tivesse se casado dois anos depois da morte repentina de seu pai, poderia ter acabado como uma pobre criada.

Anne estava acostumada a dificuldades, mas cada golpe tinha um

significado divino, como todas as provações na vida. O significado era que Deus não varreria a nova Sodoma da face da terra. Ele estava mostrando aos puritanos, através de cada revés e afronta sofrida, que deveriam buscar uma nova vida em outro lugar. Não havia outra possibilidade. No entanto, ao chegar às colônias, os eleitos perceberam o tamanho de sua aposta. A natureza inóspita apresentava dificuldades bem maiores do que qualquer bispo na terra natal. Londres estava flagelada pela peste bubônica, mas esse lugar novo estava flagelado pela “doença”. Londres tinha gatunos, mas as colônias tinham selvagens. A única esperança era serem ainda mais rígidos, austeros e vigilantes do que antes.

– Por que somos submetidos a tantas provações? – ralhavam os pregadores. – Porque estamos tão próximos da meta. Deus tem que eliminar o menor indício de pecado antes de nos admitir à presença dos abençoados, que está logo adiante. – Era uma mensagem da qual ninguém duvidava. Se havia incrédulos, eles fugiam sorrateiramente de Boston para nunca mais retornar. A natureza selvagem os julgaria mais cedo ou mais tarde. A única ameaça que abalou os puritanos veio inesperadamente, do próprio seio da comunidade. Anne Hutchinson havia sido pessoalmente visitada por Cristo, que lhe mostrou outro caminho.

Acusá-la publicamente estava fora de questão, ao menos de início. A casa dos Hutchinsons, que ficava próximo à casa do governador, atraía cada vez mais gente querendo ouvir as revelações de Anne sobre a graça de Deus. Não eram apenas as mulheres dos grupos de parto, embora o fato de que Anne assistia em praticamente todos os partos ajudasse a atraí-las. Pastores vinham de cidades vizinhas. Os homens livres da colônia, sendo os membros mais importantes da igreja, elegiam um novo governador todo ano. Em 1636, elegeram o jovem Henry Vane, de pouco mais de trinta anos, que apoiava a tolerância religiosa e fazia questão de visitar a família Hutchinson. Em uma noite

agradável, até sessenta pessoas chegaram a passar pelas portas da casa, abertas a todos.

No entanto, do lado de fora havia sempre olhares atentos. Alguns pertenciam a famílias que consideravam a colônia sua propriedade particular. Foram as primeiras a chegar, investiram dinheiro na corporação da colônia e impuseram o puritanismo como única religião de Massachusetts. Colonos novos eram temidos e havia pressão sobre a coroa para alterar o estatuto original da colônia, que permitia a qualquer um se estabelecer em Bay Colony. A velha guarda apertou o controle sobre Boston.

– Tolerância é algo muito louvável – resmungavam – até o dia em que nos levar à extinção.

Boston era pequena demais para que as duas facções não se vissem nas ruas todos os dias. O ancião e ex-governador John Winthrop era o mais genioso e franco dos membros da velha guarda. Foi ele, ou um assecla seu, o primeiro a associar o nome de Anne à palavra “sedição”.

– Não me diga que devo me calar só porque um velho arrogante pensa que é mais poderoso do que Deus – disse Anne. Nem ela nem Winthrop estavam dispostos a ceder. O mais preocupante é que Winthrop tinha conseguido eleger-se vice-governador, o que lhe dava uma posição forte para atacar o jovem Vane, recentemente chegado da Inglaterra.

– Ele não vai durar. Aposto que nem ficará por aqui – declarava Winthrop, a portas fechadas.

Nas ruas, os cumprimentos cordiais a William Hutchinson deram lugar a breves acenos de cabeça e depois nem isso. As pessoas passavam por ele feito uma rajada de vento gelado.

– Ele diz que você oferece o caminho mais fácil – disse William certa noite, depois que os visitantes haviam partido. Ele estava de camisola ao lado da cama estreita que compartilhava com Anne, enfiando pedras quentes enroladas em panos debaixo das cobertas, enquanto Anne apagava as velas.

– Fácil? Na Inglaterra, eu saía para ver a lua em pleno inverno sem congelar até a morte. Não há caminho fácil aqui – disse Anne.

– Você sabe o que ele quer dizer.

– Ele quer dizer que Deus deseja que todos os colonos se matem de trabalhar até John Winthrop dizer: “Quase lá, irmão. Só mais dez anos, se não se importa”.

– Eu só digo o seguinte: não pise nele a menos que saiba o que está fazendo – disse William, contendo-se.

A autoconfiança tranquila de Anne era tanta que poderia ter respondido: “Ele que experimente pisar em mim. É o mesmo que pisar em Deus”. Por humildade, manteve o pensamento para si. Mas ninguém podia duvidar de que suas armas eram a Bíblia e seu impetuoso conhecimento dela. As escrituras eram um emaranhado que ela desembaraçava com facilidade, dos profetas aos evangelhos, do rei Davi ao rei dos reis, sem ter que consultar o texto. Uma devota admirável – a menos que você a odiasse.

Winthrop tinha um rosto comprido e fino, feito sob medida para censura, portanto era impossível identificar que seu humor estava azedando. Mas estava sempre vasculhando algo aqui e ali. Ao final de seu mandato, Vane foi mandado de volta a Londres e Winthrop assumiu novamente o cargo de governador. Os pastores que simpatizavam com Anne estremeceram, com a exceção de alguns.

Subindo a prancha para embarcar no navio, Vane parou e contemplou a cidade de Boston.

– Construída sobre três colinas, mas não é uma cidade sobre uma colina – murmurou. – A nova Jerusalém não é aqui. – Seu sonho se dissipava rapidamente.

Vane prometeu a Anne e seus seguidores obter do rei um novo estatuto para revogar a colônia. Palavras corajosas, mas logo Vane estaria envolvido em suas próprias revoltas. A revolução era sua vocação agora, e seu futuro era ser decapitado.

Não que Anne tivesse previsto essa ou as outras calamidades

futuras. A primeira não tardou.

– Marcaram um julgamento – disse William, algumas semanas depois da partida de Vane.

– Qual a acusação? – perguntou Anne.

– A pior de todas. Heresia.

– Mande um recado ao tribunal. Se desejam um julgamento justo, devem acusar a si mesmos de heresia também.

Os julgamentos puritanos eram processos simples. Antes mesmo de ouvir as acusações, o réu já carregava o peso da culpa. Obter uma confissão era coisa rápida. Winthrop se levantou com a intenção de esmagar a senhora Hutchinson da mesma maneira que acontecia com todos os outros.

– Você organiza reuniões em sua casa, algo intolerável aos olhos de Deus e inadequado para alguém de seu sexo – começou. – Você perturba a paz da comunidade e de nossas igrejas.

– Ainda não ouvi uma acusação formal – retrucou Anne.

– Já citei algumas e posso citar mais.

– Não ouvi nenhuma. O que foi que eu disse ou fiz?

Sua firmeza perturbou Winthrop.

– Você pertence a uma facção que...

– Que facção? Quando aderi a ela? – interrompeu Anne.

Winthrop procurou as palavras certas.

– É fato conhecido que você entretém essas pessoas.

– Já pedi... Cite minha acusação formal.

Ela o desconcertava, implodindo cada uma de suas tempestuosas acusações.

– Suas opiniões são contrárias à palavra de Deus. Podem seduzir almas inocentes que vêm ouvi-la. Caso continue, não teremos escolha a não ser isolá-la ou bani-la de nossa companhia.

– Faça isso, senhor, se houver uma regra de Deus que lhe dê o direito – disse Anne, quase sorrindo.

Winthrop era um péssimo debatedor. Ele sabia disso e explodiu.

– Nós a estamos julgando, não você a nós!

Anne tinha uma resposta pronta, mas, com o anoitecer, o julgamento foi rapidamente interrompido. Não conseguiram que ela confessasse, o que deixou todos perplexos, pois essa era a única função de um tribunal. William saiu de lá esperançoso; Winthrop havia se metido num desastre.

Mas Anne estava séria, e naquela noite seu marido adormeceu sem a esposa a seu lado. Ela não costumava rezar a noite inteira, mas aquela era a noite mais extraordinária de sua vida.

Na manhã seguinte parecia transformada, e não apenas em razão da exaustão de tanto exercitar sua alma.

– Querida – disse William cautelosamente.

– Está tudo bem. Eu sei a verdade. Deus disse que devo dizê-la. – Anne estava resoluta.

Ela se levantou no tribunal antes que os magistrados pudessem dizer uma palavra contra ela.

– Se me permitirem, direi o que Deus revelou para mim. A base de minha fé é que Ele me abençoou. Ele me mostrou como ouvir a voz de Moisés e a voz de meu amado Jesus. Posso ouvir a voz de João Batista e a voz do Anticristo.

– Como você soube que era o Espírito? – manifestou-se um juiz.

– Como Abraão soube que foi Deus quem o mandou sacrificar seu filho? – perguntou Anne.

– Ele ouviu uma voz diretamente do céu.

– Assim como eu ouço.

Ela caíra na mão deles agora. Revelação era o alicerce da fé cristã. Quando Cristo foi levado, a nova fé teria morrido se os apóstolos não tivessem ouvido o Espírito Santo. Infelizmente para Anne, adorar as revelações antigas não era o mesmo que acreditar nas novas.

Os juízes se inclinaram para frente, pressionando-a para repetir o que tinha acabado de dizer, mas Anne se recusou.

– Vocês têm poder sobre meu corpo, mas o Senhor tem poder

sobre meu corpo e minha alma.

O ambiente ficou tenso e em silêncio. Ninguém podia discordar do que ela dizia agora e seus seguidores vislumbraram um raio de esperança. Se ao menos ela tivesse parado ali. Mas não parou.

Virando-se para Winthrop e os outros, Anne ergueu a voz.

– Posso lhes assegurar que se prosseguirem com esse julgamento e o curso que está tomando, estarão amaldiçoando a si mesmos e a toda sua descendência. *A boca do Senhor falou.*

Ouviu-se um gemido coletivo, seguido por consternação. Os seguidores de Anne acreditaram em sua mensagem e estremeceram. Seus inimigos ficaram contentes de ouvir a heresia tão claramente revelada. Alguns poucos ficaram em silêncio, provavelmente por cinismo. Sabiam que sua condenação era inevitável. A velha guarda tinha vencido. Mas todos ali presentes acreditavam em revelação divina. Era preciso que duvidassem. Anne tinha anunciado uma mensagem inspiradora ou estava fazendo o mesmo jogo de culpa do qual nenhum puritano escapava, incluindo ela mesma? Qualquer que fosse o caso, Anne havia se condenado pela própria boca. Winthrop afirmou que a senhora Hutchinson sofria de delírios, e o tribunal a declarou culpada de sedição.

Ela mal ouviu a sentença de desterro quando esta foi anunciada.

– Desejo saber o motivo de meu desterro – falou mais uma vez, suavemente.

– O tribunal sabe o motivo e está satisfeito – Winthrop respondeu.

No fundo do coração, Anne queria ir embora, assim como os ministros que acreditavam em tolerância. Eles se espalharam ao norte e ao sul, fundando novas cidades em locais tão afastados quanto Maine e Connecticut. A velha guarda tornou as regras mais rigorosas, restringindo o acolhimento de novos colonos a três semanas. Depois disso, um magistrado decidiria quem pertenceria à comunidade ou

não. Fé e política encontraram uma maneira de forjar as mesmas algemas.

Anne levou sua família para o interior, acompanhada de outras dezoito. Ela ouviu a voz de Moisés então? O grupo fundou um novo povoado em Rhode Island, um lugar mais seguro para se ouvir revelações. Observando o mar, ainda repleto de esguichos de baleias, Anne temeu que a facção de Winthrop estendesse sua influência aos novos assentamentos. Ela e as crianças mais novas desceram mais ao sul, fora de qualquer jurisdição colonial inglesa. Ainda assim, o espírito não lhe deu paz.

William teve sorte de morrer antes que partissem novamente. Anne não chegou a ver uma nova cidade. Alcançou uma floresta em meio a habitações esparsas, pouco ao norte da colônia holandesa de Nova Amsterdã. Estava desarraigada de sua própria gente. Deus a observava, disso ela nunca duvidou. Ele a observava quando ela ouvia vozes. Ele a observava enquanto ela lia o livro da Criação. E deve tê-la observado na noite de 1643 quando os índios locais, enfurecidos pelos maus-tratos dos holandeses, atacaram a casa.

Todos os que estavam em volta de Anne, incluindo seis de seus filhos, foram mortos naquela noite. Espalhou-se a notícia alarmante de que foram escalpelados e, pior ainda, uma filha chamada Susanna, de apenas nove anos, fora capturada pelos índios. Cativoiro era um destino temeroso para qualquer mulher.

Diz a lenda que, durante a confusão do ataque, a jovem Susanna fugiu e se escondeu na fenda de uma grande pedra no formato de casca de tartaruga ou corcova de baleia. Leviatã a abrigou da pior parte da selvageria, até ser achada pelos agressores e ser arrastada para a floresta. Àquelas alturas, o ímpeto assassino dos índios já havia passado. Contando a história anos depois, os colonos começaram a chamar a formação rochosa onde a menina tinha se escondido de Pedra do Espírito.

Os membros da família Hutchinson que ficaram em Boston nunca

desistiram de sua busca por Susanna. Era um bebezinho quando seus pais partiram para as colônias. Os índios a criaram em cativeiro – ela raramente dava detalhes – e anos depois a trocaram de volta com os ingleses. Susanna voltou para Boston. Para superar a terrível lacuna do período de sua ausência, foi tratada como uma pessoa desconhecida e reintroduzida na sociedade como uma colona totalmente nova. Ela acabou casando, teve filhos e morreu de velhice.

Como impedir a mente, porém, de criar imagens da última noite de Anne? A casa provavelmente tinha poucas janelas, que estariam abertas ao final de um dia quente de verão. Veio então o ataque: o som de vidro quebrando, os passos firmes dos invasores, o choro das crianças, tudo misturado a uma imagem da qual podemos ter certeza – Anne confrontando seus assassinos, ordenando que partissem em nome de Deus.

REVELANDO A VISÃO

Para os primeiros colonos da Nova Inglaterra, Deus estava dando à humanidade uma segunda chance. Era possível abandonar a podridão moral da Europa e trocá-la por uma paisagem intacta, chamada, com extravagância, de novo Éden. Aqueles protestantes radicais se emocionavam com a possibilidade de reescrever a queda da humanidade. Haviam reclamado amargamente da corrupção das igrejas católica e anglicana, embora seu zelo pela pureza em todas as coisas fosse também alvo de chacota, até por parte de Shakespeare. (Um personagem da peça *Noite de Reis* zomba: “Imaginas que, por seres virtuoso, acabarão os bolos e a cerveja?”) No entanto, esse otimismo fervoroso se deparou com vários obstáculos esmagadores que estragaram a maçã. Não foi uma serpente, mas a teimosia da natureza humana e as provações dos invernos rígidos da Nova Inglaterra que desferiram duros golpes em alguns puritanos, enquanto outros endureceram e arrancaram da terra uma sobrevivência magra que mais

parecia punição do que recompensa de Deus. A divindade não estava facilitando o parto dos novos Adãos e Evas.

Não vivemos num mundo em que Satã nos observa se vamos ao cinema. Nossas almas não correm perigo quando nos deliciamos com um sorvete com calda de chocolate. Mas os puritanos acreditavam piamente que as tentações do prazer foram criadas para provocar a queda dos virtuosos. Os primeiros colonizadores de Massachusetts se assombraram com a chegada de novos colonos com crenças diferentes, mais tolerantes, mas a antiga vertente puritana, cheia de pudor, culpa, fogo infernal e condenação, criou raízes no imaginário coletivo. O Novo Mundo estava indelevelmente marcado pelo puritanismo, com ou sem a presença do grupo religioso.

A austeridade de Bay Colony não pode ser considerada mera curiosidade sombria. A salvação está na essência do protestantismo. Anne Hutchinson, como todos à sua volta, acreditava que Deus estava intimamente próximo. Todas as almas estavam nuas sob seu escrutínio. Cabia a cada fiel, portanto, fazer um acordo com o Senhor para salvar sua alma, um acordo que poderia se tornar fatal a qualquer instante. Era muito mais fácil descer a ladeira escorregadia para o inferno do que subir a escada íngreme para o céu. Do nosso vantajoso ponto de vista, era um relacionamento abusivo, já que para preservar o amor do Pai era preciso desempenhar o papel do filho perfeito, não importava o quanto Deus manifestasse sua ira e distribuísse punições aleatórias e injustificadas.

Durante os primeiros anos da colônia dos peregrinos, as punições não eram aleatórias, e sim constantes. Quanto mais gente morria de fome e da misteriosa enfermidade conhecida como “a doença”, mais rígida se tornava a mentalidade que procurava no pecado a origem de toda desgraça. Anne Hutchinson compartilhava com todos a crença de que a leitura do livro da Criação revelaria sinais de erros e fraquezas interiores.

Ela seria a mártir perfeita se não tivéssemos a transcrição do

juízo de 1637, em que um tribunal de faz de conta garantiu o banimento da pedra no sapato deles. Tudo que a velha guarda de Boston condenava (lembrando que “velha guarda” significava ter chegado ao Novo Mundo quatro anos antes que todo o resto) acabou reverenciado na história americana. A tolerância, por mais imperfeita que fosse, substituiu o fanatismo sectário. A liberdade de expressão tornou-se um direito constitucional. A emergência do movimento feminista melhorou ainda mais a imagem de Anne.

Infelizmente, os anais do julgamento chegaram até nós, revelando que a ré era delirante, fanática ou estava muito perdida em sua missão espiritual. Para os puritanos, ouvir Anne amaldiçoar os juízes prestes a condená-la significava que ela lhes desejava danação eterna. Não é exatamente o retrato de uma profetisa amável conduzida por Jesus, que teríamos prazer em abraçar. Mas uma mulher que viesse a público anunciar que ouvia as vozes de Moisés, Cristo, João Batista e o Anticristo seria recebida com tanta hostilidade hoje quanto ela o foi naquela época. Como podemos honrar a revelação e ao mesmo tempo desconfiar dela profundamente?

Esse era o dilema crucial de todo o movimento conhecido como protestantismo. Os infundáveis – e, aos nossos olhos, despropositados – conflitos sobre heresias, a repulsiva perseguição a bruxas e a dissidência de novas e controversas seitas provam que manter uma relação íntima com Deus é uma faca de dois gumes. Se você é a única autoridade quanto à palavra de Deus, nenhuma outra autoridade pode negar a sua verdade. Nos primórdios do cristianismo, ter contato direto com Deus, o que era chamado de gnosticismo, era provavelmente parte da fé nas décadas imediatamente posteriores à crucificação, assim como as tendências que ardiam no coração de Anne Hutchinson: resistência à autoridade, o direito de pregação para mulheres e o anseio por revelação.

Ao consolidar seu poder, a igreja oficial se opôs ao gnosticismo, e quando o imperador Constantino declarou o cristianismo como

religião de estado em 313, uma das primeiras campanhas dos bispos foi suprimir a heresia gnóstica. Na verdade, durante vários séculos, a condenação fervorosa de seus inimigos foi a única fonte de conhecimento sobre os gnósticos. A política do poder nunca deixou de influenciar a religião, como Anne Hutchinson descobriu, com consequências fatais. No entanto, é impossível abolir o gnosticismo original, ou seja, a crença de que qualquer um pode fazer contato com Deus.

Uma passagem do Novo Testamento contém a semente da discórdia. Na Bíblia do rei James americanizada, 1 João 4:9 soa inócuo: “Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco, pois Deus enviou seu filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos”. Mas o início também pode ser traduzido por: “Nisto se manifestou o amor de Deus em nós”. O significado de “Deus em nós” tem sido uma fonte de preocupação para o cristianismo. Para Anne Hutchinson, significava que o Espírito Santo existe em todos igualmente, uma mensagem recorrente em todos os místicos do mundo. Mas o pecado também existe em todas as pessoas, segundo a tradição que se originou da queda de Adão e Eva. Portanto, de que maneira os dois polos, o bem e o mal, se relacionam em nossa natureza dividida? Essa é uma questão que vai bem além do bando de peregrinos curiosos e austeros tentando sobreviver na natureza inóspita.

De alguma maneira, a morte de Cristo, que redimiou os pecados do mundo, não extinguiu o pecado. Esse fato é evidente a qualquer observador, mas para os cristãos fiéis, a morte e a violência que sucederam a crucificação são diferentes da morte e da violência que a precederam. A diferença está na salvação. Quem se entrega a Deus por meio de seu Filho tem os pecados perdoados e a alma redimida. Assim, a morte de um único indivíduo foi um momento decisivo na história do mundo. Os não cristãos negam esse momento decisivo, mas faz parte da natureza das religiões marcar terreno exclusivo para sua versão

particular de Deus. O Deus cristão espera que os pecadores tirem proveito de um acordo cósmico que derrota todo o mal para sempre; a opção é nossa.

Para os puritanos, o acordo cósmico era tão palpável que começaram a examiná-lo sob um microscópio, lendo as letras mais miúdas. (A facção representada por John Winthrop até mesmo se autodenominava Legalistas.) Como cumprir o contrato? Você aceitava a palavra de Deus literalmente ou ele tinha que provar que aceitava você? Um bebê recém-nascido, sempre em risco de morrer rapidamente, era um pecador não redimido, ou o batismo resolvia isso? Se não o batismo, então o quê? Como o acordo cósmico estava escrito com tinta invisível, esses detalhes minúsculos, mas cruciais para a vida, se apossaram do protestantismo muito antes da viagem dos puritanos.

Assim como a Europa havia se fragmentado devido a sutilezas teológicas, os colonos americanos prosseguiram se dividindo, e dos escassos povoamentos originais partiram pequenos bandos de renegados para fundar novas cidades, do Maine a Nova York, todos querendo respirar seu próprio ar e adorar sua própria versão do Deus protestante. É difícil acreditar hoje que alguém estivesse disposto a enfrentar a fome e a morte por causa de uma questão delirante como o pecado de recém-nascidos, mas quando sua alma está em jogo tais sutilezas levam à condenação eterna, caso você se esqueça de seguir as letras miúdas do contrato.

Anne Hutchinson se opôs ao legalismo com convicção impressionante. Declarou que “leis, ordens, regras e editos” existiam somente para aqueles que não enxergavam a luz. O caminho da salvação era claro para “aquele que tem a graça de Deus no coração”. Ela surge no lado “bom” da contenda fanática, mas seu apelo em favor da graça acabou derrotado. Uma única pessoa, por mais devota que fosse, nunca seria suficiente para convencer o mundo de que, para o pecado ser totalmente perdoado, basta ter certeza disso em seu

íntimo. O que acabou por triunfar foi a convicção de Winthrop de que é preciso trabalhar duro para merecer a graça de Deus. Era a doutrina da “santificação”, que para ele era uma verdade que dispensava explicações. Se você não trabalhasse duro certamente acabaria arruinado, e isso não era exatamente prova do amor de Deus. Assim, mesmo que você sinta que não está salvo, ou que não tem o favor da Providência, seu trabalho duro prova que está disposto a se esforçar para alcançar a salvação. A fé encontrou uma face visível. Com o predomínio da ética protestante do trabalho (curiosamente, a expressão é sinônimo de “ética puritana do trabalho”), quem pôde se aproveitar triunfalmente dela foi John D. Rockefeller Jr., o primeiro bilionário *self-made* do mundo. Ao ser indagado como tinha ficado tão rico, Rockefeller evitava sutilmente falar de seus métodos inescrupulosos de negócios, que levaram vários de seus concorrentes à ruína, dizendo, “Deus me deu meu dinheiro”.

Anne Hutchinson não pode ser considerada uma vencedora, mas é representante de uma divisão que incomoda a natureza humana. Apesar de todas nossas boas ações, incluindo caridade e altruísmo genuíno, a fé permanece invisível. Isso implica que Deus ainda não nos libertou da maldição lançada sobre Adão e Eva. A culpa mudou de campo, porém; antes uma questão religiosa, agora é uma questão psicológica. Mesmo assim, em tempos de crise a ira de Deus é sempre lembrada, e muitas vezes a necessidade de aplacá-la é usada como justificativa para violência. Nada pode agradar mais a Deus do que atacar seus inimigos, que são obrigados a retribuir o favor, já que acreditam em sua própria versão de Deus.

Onde fica a graça em meio a isso tudo? Talvez onde sempre esteve: uma comunicação pessoal entre Deus e o mundo interior de cada pessoa. Anne Hutchinson sofreu uma morte violenta, e não é difícil imaginar a justificativa de seus inimigos: a herege teve a punição divina que merecia. Mas o segredo da graça é que eles nunca

poderiam saber com certeza se tinham razão. A graça, quando recebida de verdade, traz paz completa. O caminho do trabalho duro, por outro lado, nunca está livre de ansiedade; quando Deus parece exigir algo, pode ser impossível satisfazê-lo. No ambiente austero do puritanismo, Anne Hutchinson falou com gravidade:

Pode-se pregar um pacto da graça mais claramente do que outro... Mas quando eles pregam um pacto de obras para a salvação, não é verdade.

Muitas das tradições de sabedoria do mundo estão de acordo com ela. Quanto às que não estão, herdam uma existência apreensiva que transforma a fé em Deus em uma aposta arriscada.

9

BAAL SHEM TOV

“VIVER É SERVIR A DEUS”

Abraão Gershon, filho de um grande rabino, não podia acreditar que Deus fosse tão inábil. Sua noção de tempo era terrível; não havia melhor palavra para descrevê-la.

– Espere por um homem decente, que tenha algo a dar. Você não pode se casar com esse desafortunado, eu te proíbo – declarou.

Sua irmã, Ana, estava angustiada. Com as mãos cruzadas sobre o colo, mantinha o olhar baixo.

– Ele é professor, e as pessoas o amam.

Na verdade, ela não havia visto Israel, sabia apenas o nome de seu prometido.

– Amor? – implicou Abraão. – Diga-me, como sobreviver disso? Não darei qualquer dinheiro a ele, é bom que saiba.

Abraão olhava pela janela. Pelo calendário cristão, era o ano de 1716. A primavera chegava à Polônia, e isso o czar não podia tirar dos judeus.

Ana tinha a voz suave, mas persistente.

– Então devo obedecer a você antes de obedecer ao meu pai? Onde está escrito isso?

– Nosso pai está morto – rebateu Abraão. – Conhece esse João-ninguém durante a viagem para proferir sermões nos *shtetls*, promete de forma estúpida a mão de sua filha em casamento, e o que faz depois disso? Come uma coxa de frango, passa mal e morre durante a noite. Ridículo.

O velho rabino tinha decidido percorrer os vilarejos – os *shtetls* – quando eclodiu uma febre pela chegada do messias. Um movimento, na verdade. Saiu para pregar o bom senso, em particular aos mais ignorantes, que não sabiam ler ou escrever. Alguns começaram até a venerar o corpo de um rabino ucraniano morto, sussurrando que milagres se realizaram em seu nome. Mas em vez de aplacar a nova febre, o pai deles se infectou. Parecia uma brincadeira, ou um julgamento. Quando voltou para casa, tudo o que teria tempo de dizer é que a mão de Ana estava prometida a Israel ben Eliezer.

O futuro noivo, que era muito pobre, chegaria naquela tarde. O dia estava especialmente claro. Ele chegaria na hora marcada e sorrindo. Por que não? Sua noiva era um dos melhores partidos da próspera cidade de Brody.

– E não me fale do que está escrito. Uma mulher solteira não tem o direito de falar de leis com um homem – declarou Abraão.

Ele deu as costas à irmã e, ao não ouvir resposta, sentiu uma ponta de esperança de que ela pudesse escutá-lo. Mas quando ele virou as costas, ela já havia deixado a sala. Poderia ter ordenado que a irmã voltasse, pois enquanto não estivesse sob a responsabilidade do marido, estava sob a autoridade do irmão. Abraão suspirou. Não era um monstro, apenas queria a felicidade da irmã.

Assim como outras famílias judias proeminentes, tinham uma criada *goyishe*, uma cristã, que fazia as tarefas no Sabá, quando qualquer trabalho era proibido aos judeus. A garota acendia as velas, fatiava o pão e até abria e fechava portas. A criada deles, chamada Marya, entrou na sala. Um homem estava na porta da cozinha, um

camponês que não queria ir embora, apesar de a cozinheira ter jogado alguns restos de comida nos pés dele.

Abraão quase ordenou que enxotassem o camponês à força, mas conteve-se. Um homem virtuoso se enfraquece com a ira. Se fizesse um ato de caridade, lembrou-se, isso poderia resultar em algo de bom. Com a morte do velho rebe Efraim, sua congregação estava sujeita a saqueadores. Os mais volúveis já começavam a se distanciar. A corte rabínica que Abraão havia herdado resolvia menos processos. O barulho familiar das esposas lamentando sobre seus maridos infiéis e vizinhos acusados de roubar ovos havia se acalmado. O silêncio deixava Abraão nervoso. Foi até a porta dos fundos, procurando por um *zloti*⁴ para dar de esmola.

O pedinte era um jovem de menos de vinte anos que vestia roupas velhas, mas não cheirava mal. Abraão estendeu a moeda, esperando que não fosse alimentar o vício de um bêbado. O pedinte sorriu.

– Rebe Gershon? – indagou o camponês.

– Como você sabe meu nome?

– Não deveria sabê-lo, se afinal seremos parentes?

Com o sorriso ainda maior, o pedinte abriu os braços. Abraão deu um passo involuntário para trás.

Para não correr o risco de ser rechaçado, o pedinte se aproveitou do movimento e entrou na cozinha.

– A estrada é difícil para os pés – disse em tom alegre. Como estava sem sapatos e tinha andado até Brody com os pés enrolados em trapos, o comentário fazia sentido.

– Do que é esse cheiro? É pudim de macarrão, *kugel*? – perguntou o visitante.

– A estrada é mais difícil para o estômago – ironizou Abraão. – Estávamos esperando por você, mas não exatamente dessa forma.

– Eu sei, eu sei – desculpou-se o futuro noivo, incapaz de ofender-se. Virou-se para a cozinheira, que vestia um avental engordurado e

não sabia como reagir à presença. O intruso agora batia os braços ao redor de si para se aquecer. – Eu a perdoo por jogar restos de repolho em mim. Qual é o seu nome? O meu é Israel ben Eliezer, e seria uma bênção experimentar seu *kugel*.

Abraão puxou o braço do jovem.

– Não importa qual o nome dela. Você comerá no momento oportuno. Venha.

Israel esfregou a sola dos pés nas pernas da calça para tirar a camada de lama que os cobria. Seguiu Abraão até um salão aquecido por uma lareira. O visitante parecia impressionado. As paredes estariam forradas de quê? Seda, talvez. Em vez de ir diretamente ao fogo, Israel ben Eliezer fechou os olhos e seu sorriso assumiu uma forma diferente, incomum. Ele estava rezando? Abraão Gershon não podia acreditar. O João-ninguém estava agradecendo a Deus pela existência de uma lareira.

– Antes que você pergunte, ela não vai descer. Não há casamento – afirmou Abraão com firmeza.

– Sinto muito. Ouvi dizer sobre a morte de seu pai, que a paz esteja com sua memória – disse Israel em tom simpático, como se não tivesse escutado as más notícias sobre não colocar as mãos no dote de Ana.

– Oh, quase esqueci – lembrou ele, procurando algo nos bolsos de seu casaco de couro, que estava remendado e manchado. Tirou um saquinho amarrado com um fio. – O que você acha disso?

– O que é? – perguntou Abraão

– Sementes. Para plantar. Pela graça de Deus, nenhuma parte do trigo do vilarejo mofou – com um gesto humilde, porém cerimonioso, Israel entregou o saquinho ao anfitrião.

– Você está em uma cidade. Compramos farinha, não plantamos trigo – disse Abraão de forma lenta, como se falasse com um idiota.

– E não é hora de alguém fazê-lo? Não você, claro, mas os miseráveis daqui. Vi alguns no caminho para a cidade. Há judeus sem

nada para comer, vivendo à sombra da sinagoga – observou Israel, com a voz mais sóbria.

A casa não era tão grande a ponto de a voz de dois homens não chegar ao andar de cima. Passos suaves ecoaram pelo salão, e, antes que Abraão pudesse impedir o visitante de pousar os olhos em sua irmã, Ana apareceu. Israel sorriu como se tivesse visto os portões do paraíso escancarados.

– Sou Israel – gaguejou.

Ana não disse nada, apenas observou. Seu irmão começou a se alegrar com a situação: a visão do futuro noivo não era nada promissora, em especial quando ele se virou para tirar o casaco de viagem. Seu terno negro era tão velho que parecia brilhante o bastante para refletir a imagem de alguém como um espelho.

– Israel acha que seria uma boa ideia plantar ao redor da sinagoga – comentou Abraão alegremente.

– O quê? – murmurou Ana.

O visitante tossiu de leve.

– Não exatamente, querido irmão. O que ajudaria os judeus miseráveis da cidade seria levá-los para fazendas onde possam cultivar comida. Os filhos deles estão morrendo, seria melhor para todos – explicou Israel e virou-se timidamente para Ana. – Você concorda?

Abraão tomou a palavra antes que sua irmã pudesse dizer qualquer coisa.

– Ela não tem nenhuma opinião a respeito. Nenhuma.

Sua rudeza foi mal calculada. Ana ficou com pena do visitante, foi em direção a ele e se apresentou. Israel abriu um sorriso. O jantar daquela noite era sopa de esturjão e *latkes*, e se transformou em uma situação incômoda com o silêncio de Abraão. Israel tomou o caldo sem qualquer etiqueta e, entre os sorvos, falava com entusiasmo sobre a situação dos judeus na zona rural.

– O pai de vocês estava em uma missão honrada, estava decidido. O messias, aqui na Polônia? Claro que no *shtetl* escuta-se sobre esse rabino milagroso o tempo todo. Ele tem um número cada vez maior de seguidores.

– Qual o nome dele? – perguntou Ana, que precisava preencher os espaços de silêncio enquanto seu irmão, mantendo o vinho apenas para si, olhava para a taça, antes de enchê-la outra vez.

– Sabbatai Zevi. Era tido como sagrado, gostaria de tê-lo conhecido.

– De que serviria ver um charlatão? Talvez fosse até louco – murmurou Abraão.

– Nunca se sabe – disse Israel com voz suave, inclinando-se sobre o prato.

– Não saberíamos se o messias chegasse? – perguntou Ana.

– Nada garante que ele mesmo saberia disso. Deus esconde a verdade da mesma forma que a revela – respondeu Israel.

Embora seu cérebro estivesse nebuloso, Abraão teve uma ideia.

– Você não encorajou meu pai a participar dessa loucura, não é? Não, foi você. Tem que ser – disse Abraão, levantando-se. – E agora você ousa vir até aqui?

– Irmão! – gritou Ana.

– Fique fora disso. Trabalho noite e dia para convencer as pessoas de que Efraim de Brody não estava louco. Um grande homem de repente começa a tagarelar sobre o messias? Se ele escolheu esse saco de ossos como seu pretendente, deve ter perdido completamente a razão.

– Onde moro, quase todas as pessoas passam fome. É um pecado? – perguntou Israel em voz baixa.

– Eu não saberia – rebateu Abraão. – Pergunte a Deus por que você sofre. Por que não pergunta ao seu falso messias?

Depois de jogar o guardanapo e esbarrar desajeitadamente no copo, Abraão marchou para fora da sala e subiu as escadas

bruscamente. No silêncio que se seguiu, Ana parecia pensativa.

– O que aconteceu com nosso pai? Você pode me contar?

– Não tenho certeza se tenho permissão para isso, mas poderia contar depois que nos casarmos – disse Israel. – Marido e mulher são um.

Apesar de toda a confusão, continuava comendo. Não havia dúvida de que não comia uma refeição como aquela havia muito tempo.

– Você faz com que pareça um segredo terrível – observou Ana.

– É um segredo, mas não terrível. Eu diria alegre – replicou ele. Israel olhou ao redor com esperança, e Ana tocou o sino. Talvez ainda trouxessem o pudim de macarrão, embora ela não pudesse comer mais nenhum pedaço. Estava tensa, e sentia que o mundo de repente havia virado de ponta-cabeça.

Ali estava um futuro noivo muito pouco promissor, que sequer tinha bons modos à mesa. Mas Ana havia escutado um segredo de seu pai que não havia sido compartilhado com Abraão. Mesmo completamente pobre, Israel era amado pelos aldeões porque podia curar em nome de Deus. Tal rabino era chamado Baal Shem por seus trabalhos milagrosos. Não era por seus modos à mesa que Efraim de Brody o havia escolhido como o marido de Ana: ele o viu com os olhos da alma.

Cada palavra dita por um Baal Shem era de suma importância, e Ana fez o seu melhor para extrair sabedoria das observações ordinárias de Israel. Não porque ela o respeitava – ela mal o conhecia –, mas porque ela havia se comprometido a seguir os desejos de seu pai. Ele deveria ser seu marido, mesmo se o segredo dele, uma vez revelado, estivesse muito longe de ser alegre.

Abraão manteve sua palavra. Depois de mandar Israel embora de sua casa, deserdou a irmã e se recusou a dar-lhe um centavo. Ana manteve sua promessa a Deus e a seu pai. Casou-se com o Baal Shem

sob a chupá sem nenhum conhecido seu presente, e sem ninguém para entregá-la ao marido.

Ela havia envergonhado Abraão e sua família, mas o irmão cedeu um pouco no fim.

– Seu marido anda pela cidade vestido como um camponês, e se essa é a vida dele, precisa de um cavalo – disse ele.

E assim começaram a nova vida: com um cavalo como único bem. Os primeiros anos foram de grande miséria. Israel realizava trabalhos braçais, como escavações de barro para fazer tijolos. Ana encontrou um carrinho para acoplar ao cavalo e fazia entregas para famílias ainda mais pobres, que sequer cavalo tinham.

E o segredo foi revelado, logo depois de dormirem com o lençol nupcial entre eles e Israel haver deflorado sua esposa sem olhá-la.

– Você se lembra como deixei seu irmão furioso ao comentar sobre a notícia de um messias? – perguntou ele. Ana concordou com a cabeça. – Eu disse “nunca se sabe”, e ele saiu da sala apressado. Eu tinha uma razão para dizer aquelas palavras.

Ana sentiu-se fraca. Estava com frio em sua cama de núpcias, na choupana simples onde o vento soprava por entre as tábuas bambas das paredes. Foi tomada por um sentimento de solidão. Seria demais se Israel acreditasse que o messias havia chegado. Não poderia esperar para dizer-lhe na manhã seguinte?

Ao ver a tensão da esposa, Israel ficou em silêncio. Permaneceram ali deitados, enquanto ele acariciava o rosto dela, mas foi apenas uma pequena pausa.

– Fique tranquila, não estou no movimento do messias, mas eu tenho de fato crenças secretas.

O que dizia era estranho a Ana. Estava relacionado ao judaísmo místico, à Cabala. Nada daquilo a deixava ansiosa. Abraão era considerado uma autoridade na Cabala, muito difundida naquela região.

– Os judeus não podem ser abandonados por Deus – declarava seu

irmão. – Ele nos deixou mensagens sobre nosso futuro, e as mensagens estão ocultas, só isso.

Ana estava acostumada a levantar-se no meio da noite e espiar seu irmão, que aproveitava a luz tênue da vela ao lado dele para estudar o Talmude, buscando por números e códigos secretos. Não era sua função pensar nessas coisas, mas já não tinha escolha. O que ajudava eram os braços mornos do marido, que a aqueciam quando ele a abraçava.

– Deus tem todos os motivos para destruir o mundo – disse Israel. – Você já se perguntou por que ele não o faz? Há pecado o suficiente, mesmo entre os bons judeus, para fazê-lo abandonar a espécie humana. Essa questão me preocupou muito enquanto eu crescia. A resposta não é evidente, como palha secando no sol. Deve estar escondida de propósito, e, se é assim, onde pode estar escondida? No coração dos que sabem.

– E você é um deles? – perguntou Ana.

– Se alguém me pergunta se sou um deles, posso dizer apenas o que disse ao seu irmão: “nunca se sabe”. O segredo está guardado bem fundo.

– Isso não faz sentido. Todos que guardam um segredo sabem que o estão guardando – objetou Ana.

– Não um segredo desse tipo.

Pedindo paciência à esposa, explicou um esquema cósmico. Mergulhando na Cabala, o jovem Israel descobriu o número mais místico de todos, o trinta e seis. Por quê? Porque foi revelado que trinta e seis homens virtuosos foram escolhidos por Deus para proteger o mundo da destruição. O número era exatamente esse, nem mais, nem menos.

– Os Lamed Vav – disse Israel. – Você deve se lembrar disso, toda a nossa vida juntos depende disso.

Era algo que até uma criança lembraria, já que *lamed* era a trigésima letra do alfabeto hebraico, e *vav*, a sexta. *Por que um homem*

crescido estaria obcecado com...?

Israel interrompeu o pensamento antes que ela pudesse finalizá-lo.

– Quando temos certeza de que Deus falou? Na Torá, quando o primeiro mundo começou. Nossos antepassados escutaram a verdade da boca de Deus. Por exemplo, quando Sodoma caiu em depravação, Deus levantou a mão para limpá-la do mapa com todos os seus habitantes. Mas Abraão implorou a Deus que salvasse o povo. Ele concordou com uma condição: que Abraão encontrasse cinquenta homens virtuosos em Sodoma. Abraão procurou em vão, e quando viu que não poderia encontrar cinquenta, implorou a Deus que mudasse a demanda. Deus reduziu o número para dez, mas nem assim Abraão pôde encontrá-los. Finalmente, Deus permitiu que fosse apenas um, e ele foi encontrado, seu nome era Ló.

– Ainda assim, Sodoma foi destruída – lembrou Ana.

Israel estava muito entusiasmado para ser interrompido e continuou:

– O que importa é que Deus encontrou uma forma de manter a espécie humana viva. E faz o mesmo hoje. O pecado diminuiu? O messias veio nos salvar? Não, então precisamos nos salvar a nós mesmos. É isso o que os trinta e seis, os Lamed Vav, estão fazendo. Em segredo, são os homens virtuosos que mantêm a ira de Deus sob controle. Não é maravilhoso?

Ana agradeceu por Israel não ter exposto essas ideias enquanto estava sob o mesmo teto de Abraão, cortejando-a. A última coisa que precisava eram dois cabalistas brigando para saber quem tinha descoberto o número secreto. Estava exausta quando pegou no sono, mas feliz. Se esse era o segredo alegre de seu marido, não seria difícil guardá-lo e não havia nada do que se envergonhar.

Não demorou para descobrir que o segredo de Israel estava longe de ser algo privado. O Baal Shem, apesar dos apenas dezoito anos, tinha seguidores fervorosos. Chamavam-se a si mesmos de “os justos”, e todos aceitavam a crença e que os trinta e seis deveriam existir em segredo e sem que ninguém mais soubesse deles, senão o

mundo acabaria. Podia ser uma crença estranha, mas era sobre isso que falavam o tempo todo; por isso, era tudo o que Ana escutava.

Em um dia de julho, lavava roupas no rio. O dia estava quente; ela estava debruçada sobre uma pedra enxaguando o sabão das peças. Não havia sequer um centavo sobrando para pagar alguém para fazer o serviço, como na casa de seu pai. Para qualquer transeunte, Ana parecia uma camponesa.

A mulher ao lado tagarelava sobre os trinta e seis, até que Ana explodiu:

– O que eles nos fazem de bom? Somos duas judias sem um centavo esfregando roupas nas pedras, à beira do rio. Isso é salvação?

As palavras chegaram ao Baal Shem, naturalmente. Ana sabia que seria assim e se preparou. Decidiu que rebateria qualquer coisa que ele dissesse. Ele chegou e sentou-se à mesa em silêncio naquela noite, e assim se manteve enquanto ela servia a sopa de repolho e cortava o pão preto.

Comeram daquela forma, sem dizer nada, mas sem ansiedade. Ana conhecia bem seu marido e via que ele não estava bravo. Esperou até ele reagir. Na metade da refeição, Israel sorriu.

– Eu não faço mais barulho quando tomo sopa, você percebeu? Foi uma das três promessas que fiz quando você se casou comigo. Essa garota cresceu em uma casa de respeito. Merece bons modos.

Ana sabia que ele queria chegar ao ponto pelas beiradas, e entrou no jogo.

– E quais foram as outras promessas?

– Amar minha querida esposa e mantê-la em segurança. Mas eu não posso manter você em segurança.

Baal Shem apontou para a porta aberta, por onde entrava a brisa, já que a choupana não tinha janelas.

– Ali fora há inimigos. O czar a leste, os alemães a oeste. Se saio a cavalo daqui e percorro os caminhos durante três dias, o que vejo?

Uma terra desolada pelos turcos, que mataram a todos. Os turcos! Atravessaram todo o mar Negro para encontrar judeus e dizimá-los.

Ana conteve-se; nunca tinha visto o marido tão sombrio. Ele continuou:

– Sei que Deus quer nos proteger, e sei que sou muito fraco para ajudar. É por isso que me mandou a visão dos trinta e seis, para que eu não perdesse a esperança, ao perceber que Ele sabe de tudo e zela por seus filhos.

– Pensei que você era um dos trinta e seis – surpreendeu-se Ana. – Seus seguidores o adoram. Eu acabei presumindo que fosse.

– Sinto muito, mas não. Os Lamed Vav estão escondidos entre nós, jamais se revelam. E talvez nem sejam conscientes de sua missão. Tudo o que sabem é que Deus deseja que vivam uma vida o mais sagrada possível. Viver é servir a Deus, e isso lhes foi revelado no coração.

Embora estivesse ouvindo, Ana não podia evitar sorrir para si mesma. Seu marido trabalhava noite e dia para fazer as pessoas acreditarem nos trinta e seis, e ele sequer era um deles! A tarefa era ingrata e estúpida, e ela percebia com clareza. Mas aquela tarefa talvez fosse de fato um desejo de Deus, e isso o redimia.

Quando Ana se acostumou com sua vida, Deus pregou uma nova peça. Abraão, consternado pela pobreza da irmã, concordou em dar um trabalho para Israel, mas escolheu a manutenção de uma taverna – o que não era permitido a um judeu e era oposto ao que Israel pregava sobre uma vida decente para seus seguidores. Mas o Baal Shem não fez caso dessas objeções e disse que estava no espírito da lei demonstrar gentileza a qualquer um, até aos bêbados e aos fracos de moral.

Havia falatório por outras razões.

– O rebe e sua esposa ainda são como recém-casados – cochichavam pelas costas de Ana. – Ele a mantém acordada a noite inteira, você pode imaginar?

Era verdade, mas não no sentido que pensavam. O Baal Shem rezava noite adentro. Ana saía da cama descalça e ia até ele com a vela na mão.

– O que você tanto pede, noite após noite?

– Nada.

– Como pode ser? – indagou ela.

– Quero deixar meu corpo e ir até onde Deus está. Se rezar com amor suficiente, ele me deixa ir a esse lugar – explicou, sorrindo com inocência. – Perdoe-me, devo soar como um egoísta para você.

– Buscar Deus não é egoísta – tranquilizou ela.

Às vezes, antes de dormir, beijava seu marido na testa ou tocava seu peito. A pele de Israel ficava quente depois de um certo tempo de orações, e a isso ele chamava de “a queimação”, um sinal corpóreo de que estava em estado de êxtase.

Viviam sempre no limite da miséria, e Ana se perguntava como ele podia rezar sem pedir nada a Deus, nem que fosse um pequeno alívio para tanto sofrimento. Perdeu-se em seus pensamentos. Por exemplo, ela achava que seu marido deveria perguntar a Deus diretamente se ele era um dos trinta e seis. Não seria melhor saber, de uma vez por todas? Mas se dava a entender que levantaria essas dúvidas, Israel se recusava a discuti-las.

Na medida em que envelheceu, um presente veio a ele, e a todos os judeus da região, que alternava de posse entre a Polônia e a Ucrânia, dependendo do governante que fosse ganancioso o suficiente para lutar por ela.

– O governo precisa de nós agora – disse o Baal Shem aos seus seguidores. – Os turcos foram expulsos, e as terras que invadiram estão devastadas. Mataram todos que encontraram pelo caminho e deixaram as pessoas apodrecendo nas ruas – anunciou. Percebeu do que falava e virou-se para Ana. – Desculpe se você preferia não ouvir nada disso.

Qualquer que fosse a preferência dela, os homens do grupo pareciam hesitantes, e Ana percebeu que sua presença não era

desejada. O Baal Shem contou-lhe mais tarde que a região em questão, a Podólia, precisava de novos ocupantes, já que sua população tinha sido dizimada. As autoridades polonesas estavam sendo indulgentes e convidaram os judeus para se assentarem ali.

– Vê como Deus cuida de nós? – observou Israel. – Terra para judeus pobres, e melhor, um lugar para ideias novas.

Essa nova terra se transformou em terreno fértil para seus seguidores, que passaram a ser conhecidos como os chassidim. O nome significava que eram devotos, mas também amorosos e gentis. A natureza humana pode mudar tão rápido a ponto de cada chassidim de repente ter se transformado em santo? Os cétricos não se convenceram, mas os camponeses começaram a contar histórias sobre o Baal Shem. Ia a todas as casas onde havia doença e levava ervas e uma mensagem sagrada para dobrar e colocar em um amuleto. Eram nomes místicos de Deus que podiam curar.

Em visita à irmã, Abraão comentou sobre o que havia escutado:

– Então, seu marido estava disfarçado com seu terno preto gasto. Há uma criatura mágica por trás de sua humildade. Um rabino milagroso, dizem. Você deve estar orgulhosa.

Naquele momento, o Baal Shem entrou na sala.

– Orgulho é o único pecado imperdoável. Sabemos disso pelos anjos caídos, não?

Abraão não queria começar uma discussão. Havia percorrido os campos, e a ignorância dos judeus, que tinham vindo de todos os lugares – Rússia, Polônia, Ucrânia – impressionou-o.

– Só ouço falar de messias e milagres. Histórias das mais ridículas circulam por aí. Aqui é o reino das fadas?

O que dizia não era apenas puro preconceito. De alguma forma, ao libertar-se da opressão das cidades, esses judeus também tinham libertado sua imaginação fantástica. Uma árvore caída na estrada podia ser um truque de um *golem* ou um *dybbuk*, espíritos malignos

que vagavam pelas terras. Ovos que não chocavam seriam obra de duendes, e quando o inverno ficava escuro e profundo, espíritos eram vistos dançando entre os flocos de neve.

– Você encoraja essas superstições? – questionou Abraão, acusando o Baal Shem.

– O que eu deveria fazer, então? – replicou Israel.

– Não jogue comigo, você sabe o que nos faz judeus. Uma única coisa: a lei. Sem a lei, teríamos desaparecido da face do planeta.

– Então permita-me fazer uma pergunta – disse o Baal Shem em voz baixa. – Alguém já amou a lei?

Abraão ficou imóvel. As palavras “amor” e “lei” não se relacionavam. Deus não as juntou, e isso mostrava o quanto o Baal Shem devia estar perto da loucura. Ao partir, Abraão disse a Ana que sentia pena dela, mas não podia mais protegê-la.

– Grave minhas palavras. Judeus piedosos deveriam deixar esse lugar. Aqui o Talmude está morto – declarou.

Abraão estava certo de acordo com seu mundo, onde a lei, como foi interpretada por gerações de estudiosos, fez o Talmude se transformar numa ligação com Deus. Os livros preservavam cada pensamento sábio e sagrado que era legítimo. Mas havia outro tipo de ligação, que em nada se parecia com a lei. As pessoas podiam acreditar em lendas que preenchiam seus corações e, assim, manter vivo algo precioso.

“Nunca se sabe” se transformou em uma filosofia útil à medida que o Baal Shem passou a ser rodeado de mitos. Quando deixava uma fazenda ou *shtetl*, deixava também um rastro de lendas. Uma raposa entrou no galinheiro, mas em vez de atacar uma galinha, viu uma mezuzá pregada na porta. De repente, a raposa começou a rezar, e saiu sem abocanhar sequer um pintinho.

– Viu? O Baal Shem havia dito para pendurar uma mezuzá no galinheiro, e eu não tinha ideia do motivo. Agora eu sei – contou o

fazendeiro, balançando a cabeça. Verdade? Nunca se sabe.

Conforme sua fama se espalhava, o Baal Shem se movimentava de um lugar para outro realizando boas obras e ganhando discípulos. Mas em casa não mudava, e como mulheres não frequentavam a casa de rezas, Ana não tinha muita ideia da reputação de seu marido. Surpreendia-se em algumas manhãs, quando encontrava oferendas na porta de casa, como um maço de rosas ou um filão de chalá.

– Não seria um pecado se essas pessoas estivessem começando a adorá-lo? – preocupou-se ela.

– Corte o pão, coloque as flores em um vaso – pediu ele. – Aproveitemos os gestos enquanto rezo a Deus por uma resposta.

Ainda assim, não eram as oferendas que faziam Ana sentir-se tão incomodada, e sim a reverência que as pessoas demonstravam perto do Baal Shem. Não era questão de ofensa a Deus. Os chassidim viviam como homens devotos, e nem seus piores inimigos podiam criticá-los, já que o Baal Shem pedia a estrita observância das orações e rituais.

Incapaz de livrar-se da curiosidade, Ana perguntava-se para qual dos homens poderia fazer perguntas sem ser descoberta. Um dia depois do Sabá, o Baal Shem saiu da casa de rezas seguido de seus discípulos. Tinha o costume de passear pelo campo no fim do Sabá, e Ana o esperava com seu melhor xale sobre os ombros. Nesse dia, contudo, ele não a cumprimentou. Solicitou uma carroça grande o bastante para levar seus seguidores mais próximos, acenou com a cabeça para a esposa de forma enigmática e se foi com os homens, deixando-a para trás.

Retornaram tarde da noite do dia seguinte. Ana esperava para ouvir toda a história, mas o Baal Shem beijou-a na testa e disse:

– Sei o que há em seu coração. Apenas desta vez, procure o discípulo mais jovem, que é apenas um garoto, e diga a ele para não ter vergonha de satisfazer sua curiosidade.

Na manhã seguinte, Ana procurou um garoto chamado Davi, que havia celebrado seu *bar mitzvah* na semana anterior. Considerando-se um homem, relutou em contar coisas sobre o mestre, mas depois de bastante de convencimento, revelou a história.

Os homens haviam se juntado, como sempre, para celebrar o início do Sabá juntos. Em respeito ao Baal Shem, a atmosfera estava quieta e comedida.

– Tenho certeza de que você sabe que ele vê o funcionamento secreto do mundo – afirmou Davi. – Sabe por que as coisas acontecem e conhece a vontade de Deus. Assim, cada gesto do Baal Shem contém mistério dentro do mistério.

Ana, que com certeza não sabia de nada daquilo, escondeu sua surpresa e pediu que continuasse a história.

Quando o Baal Shem estava para fazer a prece sobre o vinho, de repente explodiu em uma gargalhada. Não era uma risada discreta, era uma gargalhada sonora e profunda, que surpreendeu os discípulos. Esperaram por uma explicação, mas o mestre proferiu a reza, e em seguida explodiu novamente na gargalhada. E pela terceira vez. Todos observavam estupefatos, e nenhuma explicação foi dada. O resto do Sabá seguiu como se nada tivesse acontecido.

No dia seguinte, ao colocar o pé para fora da casa de rezas, no término do Sabá, o Baal Shem disse:

– Venham.

Pediu uma carroça, e os discípulos se empilharam atrás. Mas em vez de um agradável passeio, a viagem durou a noite toda; o Baal Shem ficou em silêncio o tempo todo. Na manhã seguinte, chegaram a um vilarejo desconhecido.

Assim que o mestre desceu da carroça, todos os judeus souberam que algo importante estava para acontecer. Os mais velhos se aglomeraram ao redor dele e perguntaram a que se devia aquela visita surpresa.

O Baal Shem olhou-os e disse:

– Sei que vocês são bons judeus, mas preciso ver Shabti.

– Shabti, o artesão de livros? – perguntou o líder. – É uma alma simples, sem estudo. Rasteja entre o céu e a terra sem ninguém se dar conta.

Um pouco ofendidos, os senhores mais velhos foram buscar Shabti, que chegou com o chapéu na mão.

– Sei que pequei no Sabá – confessou. – Não sei como você sabe, mas diga qual é minha pena e obedecerei ao seu julgamento.

– Antes de discutirmos essa parte, conte a todos o que aconteceu – pediu Baal Shem.

Trêmulo e com o rosto vermelho, Shabti começou.

– Graças a Deus, sempre ganhei meu sustento e nunca precisei pedir nada a ninguém. Meu único objetivo é, no quinto dia da semana, ter dinheiro para minha esposa ir e comprar o que necessita para o Sabá – farinha, peixe, velas. Mas como vocês podem ver, carrego o peso da velhice, e na semana passada não tinha nada para lhe dar, sequer um centavo para colocar uma vela sobre a mesa. Suspirei e entendi que Deus queria que eu jejuasse nesse Sabá. Que assim seja, pensei. Disse à minha esposa que me esperasse em casa enquanto eu fosse realizar as preces. Temos vizinhos de bom coração. Ao ver que não havia luz em nossa casa, viriam oferecer velas, pão e o resto. Mas pedi à minha esposa que não aceitasse caridades e, quando ela me prometeu que não o faria, saí para rezar, com o coração pesado.

Shabti era tão devoto, que começou as preces na décima hora do dia anterior ao Sabá e só voltou para casa depois do pôr do sol do dia seguinte. Caminhando para casa no escuro, viu uma luz na janela e, quando entrou, sentiu o aroma de pão fresco e peixe assado.

Sua esposa estava ali com o rosto radiante e, por ser Sabá, Shabti não teve coragem de se zangar. Ela tinha mostrado sua fraqueza de mulher e aceitado as doações. Ele se sentou para rezar sobre o vinho quando ela começou a falar.

– Este é o melhor descanso que temos há anos. O vendedor de vinho se surpreendeu quando pedi a melhor garrafa! – exclamou ela.

Shabti não se conteve e estava para repreendê-la, quando a esposa levantou as mãos. Ela não havia desobedecido o marido. Em vez disso, quando ficou sozinha em casa com apenas meia vela, decidiu limpar a casa de cima a baixo, o que parecia apropriado antes de jejuar. Abriu um velho baú com roupas amareladas, remanescentes dos inocentes anos de recém-casados.

– E quem imaginaria? Peguei uma blusa e aproximei-a do nariz para ver se podia sentir um vestígio de perfume nela. E dela caiu um botão de ouro, que lembro ter perdido há muito tempo. Corri para o joalheiro, que assegurou se tratar de trabalho fino, desses que ninguém faz hoje em dia. E me deu tantas moedas por ele... Como você chamaria isso? Um milagre?

Shabti estava surpreso e alegre. Começou a rezar sobre o vinho, mas estava tão feliz que explodiu em uma gargalhada e tirou sua mulher para dançar pela casa.

– Sabia que aquilo estava errado sob os olhos de Deus, mas estava tão tomado pela felicidade que fiz isso mais duas vezes – confessou Shabti. – Então, mestre, qual a gravidade do meu pecado?

– Deus se ofende quando não sentimos alegria – respondeu o Baal Shem. – Quando você riu alto, ele se alegrou.

O jovem Davi lançou um olhar sério a Ana.

– Você vê? O mestre viu tudo isso se desenrolar no funcionamento secreto do mundo. Ficou tão feliz com a alegria de Shabti que gargalhou três vezes, todas as vezes em que o artesão de livros o fez.

Os olhos de Ana se encheram de lágrimas, e foi difícil se conter para não abraçar Davi. Mas não queria entregar que jamais tinha escutado esse tipo de história sobre seu marido. Ele, claro, sabia que Davi lhe contaria. Quando Ana voltou para casa, o Baal Shem sorriu com a mesma inocência de sempre, acompanhado pelo encolher de ombros familiar. Nunca se sabe.

Sua fama crescia, até o dia em que faleceu, aos sessenta e dois anos. Ana o havia precedido; fosse o contrário, seria celebrada pelo resto de seus dias. Na visão do Baal Shem, estava rodeado por bons judeus, cada um recebendo sua bênção mística, um raio de luz enviado por Deus através da alma do Baal Shem.

Nunca pediu por veneração.

– O que eu fiz? O sol não parou no céu. E Deus enviou um messias para rir de mim.

Pouco antes da morte de Baal Shem, uma figura estranha surgiu na região, um rabino milagreiro chamado Jacob Frank. Ele formou um culto ao redor de si, declarando que era o messias. Viajava acompanhado de um séquito espalhafatoso, que dizia serem seus doze discípulos.

Assim, os chassidim encontraram-se num conflito entre os talmudistas de um lado e os frankistas do outro. Eram místicos demais para um grupo, e místicos de menos para o outro. O novo messias fazia um espetáculo de si mesmo em cada vilarejo que, em algum momento, havia admirado o Baal Shem. Diziam que Frank havia chegado ao ponto de desejar que seus seguidores fossem batizados.

Um chassidim chocado correu até a casa do Baal Shem para contar o terrível escândalo, mas o mestre entendeu a situação de forma filosófica.

– No que acreditam os judeus, e no que não acreditam – murmurou o Baal Shem. – Já houve alguma outra questão além dessa?

REVELANDO A VISÃO

Para o mundo cristão, a chegada do Messias mudou o curso da história, o que levará inexoravelmente ao Dia do Juízo Final. Mas a ressurreição também influenciou o passado, já que justificou séculos de espera. Jesus provou que a espera não foi em vão. O judaísmo

continua a esperar, mas a história não, e aí há uma tensão crescente entre a vida moderna e o antigo retrato de Javé na Bíblia. Deus precisa se manter atual. De outra forma, a religião pode entrar em colapso. Esse problema foi encarado no judaísmo pela longa tradição de comentários eruditos registrados no Talmude. Se a escritura não comentava diretamente sobre como gerenciar um negócio em Berlim, ou comprar nas bancas de vegetais em Varsóvia, um rabino estudado completaria as lacunas com uma interpretação. A lei nunca parou de atuar.

Mas onde fica o amor?

Atualizar as regras não é o mesmo que salvação, ou sequer de saber que Deus ainda está prestando atenção. Nesse quesito, as confirmações provêm dos místicos, que têm uma tradição forte no judaísmo. Os místicos revelam o amor de Deus aqui e agora, e o amor está acima da lei. Mas o amor pode prevalecer? Essa questão era bastante crítica para judeus visionários como o Baal Shem Tov. Ele surgiu em um momento em que turbulência social quase sempre significava problema para os judeus – ser acusados e perseguidos já era algo esperado. Durante séculos, desde que os romanos destruíram o Templo em Jerusalém, sobreviver significava aderir completamente à lei. Até a Cabala, a interpretação mística do judaísmo, pertencia ao domínio dos comentadores estudados, não ao rabino rural que vivia como camponês entre camponeses.

No início, a visão de Israel ben Eliezer parece enigmática. Até seu título é enigmático. *Baal* quer dizer “mestre”, e *shem tov* significa “nome bom”. Outros mestres rabínicos haviam recebido o título honorífico de Baal Shem; Tov foi adicionado para se referir especificamente ao fundador do chassidismo. Seu nome pode ser lido de duas formas, como “mestre com um nome bom” ou “mestre que pratica maravilhas com o nome de Deus”. O Baal Shem Tov foi o mais conhecido dos rabinos milagreiros, pregando sua visão dos Lamed

Vav, trinta e seis homens que impediam Deus de destruir o mundo pecador, era após era. Por associação, tornou-se um deles, mas não era sua intenção. Na verdade, já que o orgulho era o único pecado imperdoável e a humildade era a mais pura marca da virtuosidade, Baal Shem Tov defendia que qualquer um que declarasse publicamente ser um dos Lamed Vav deveria ser uma fraude.

Os dois falsos messias mencionados na história existiram de fato naquele tempo, dando uma ideia de como o judaísmo oriental deve ter sido tumultuado. O Baal Shem Tov posicionava-se firmemente contra essas alegações. Apesar disso, ironicamente, quase tudo o que se conhece sobre ele consiste em maravilhas, milagres e feitos considerados lendários. Entre os camponeses iletrados dos *shtetls*, seu nome era associado a curas, ser salvo de desastres e encontros com a sorte em momentos de infortúnio. Sempre está presente o tema da fé como maior virtude. Mas as lendas surgiram de uma verdade inegável, a de que o mito alimenta a alma que anseia. Os tzadikim, as seitas sobre homens justos anônimos, prosperaram no judaísmo polonês, e o Baal Shem Tov foi um exemplo da gentileza e pureza desses homens.

Além de seu tempo, contudo, sua visão era panenteísta, abraçando Deus em todas as coisas. Também pode-se aceitar que incluía de todas as fés, já que os trinta e seis não necessariamente precisavam ser judeus. A criação brilhava com a mesma presença divina – a luz da shekiná, como é conhecida em hebraico –, e mesmo os pecadores faziam parte dela. Com o desenrolar da história, o movimento chassídico permaneceu ultraortodoxo. Tornou-se fechado, e a universalidade do Baal Shem Tov foi obscurecida, se não se perdeu completamente.

Ainda assim, se mantém um ícone espiritual, um tipo de parábola com que todos se identificam. É a parábola do andarilho, o filho perdido que sente não pertencer a lugar nenhum. Esse tema era doloroso para os judeus envolvidos na Diáspora: apesar de ser o povo escolhido, sofriam mais do que outros povos, dos quais se exigia

menos fé. E havia ainda mais pressão para estarem conforme a lei, cujas regras e rituais eram o que mantinha a identidade judaica. Nesse sentido, o Baal Shem Tov não era um rebelde, mas parte da questão permanente e angustiante sobre o que significa ser judeu.

Para ele, significava alegria. O chassidismo é sobre o fim da angústia, e em vários ditos do Baal Shem Tov (é difícil separar os verdadeiros dos falsos), ele repete como é equivocado para os judeus se desencorajarem e perderem as esperanças. Sua própria iluminação o fez ver a possibilidade de perfeição em todos:

Seu companheiro é seu espelho. Se seu próprio rosto está limpo, a imagem que você verá refletida também será perfeita.

A razão pela qual enfatizava a prece e a total observância não era para se conformar com a lei: era uma forma de alcançar a pureza. O mundo refletido nos olhos de uma alma pura é perfeito; o sentimento que provoca é de êxtase, um sinal inequívoco da conexão com Deus. A implicação da impureza, da mesma forma, é óbvia:

Mas se você olhar para o seu companheiro e vir um defeito, é com sua própria imperfeição que está se deparando – você vê o que precisa ser corrigido em você mesmo.

O Baal Shem Tov se consternava com mestres cínicos que espalhavam falsos milagres, e se consternou ainda mais com o aparecimento do autoproclamado messias Jacob Frank, que foi longe a ponto de querer batizar seus seguidores, como os cristãos faziam. É fácil esquecer que quando o Novo Testamento foi escrito um de seus objetivos era provar que Jesus de Nazaré era um bom rabino e respeitava a lei em vez de quebrá-la. O Baal Shem Tov parece alcançar esses limites também, como quando ele cita o Levítico:

Não procurem vingança nem guardem rancor contra alguém do seu povo, mas ame cada um o seu próximo como a si mesmo. Eu sou o Senhor. (19:18)

Em um sentido amplo, todos são andarilhos que procuram encontrar seu lugar no mundo; a dimensão espiritual aparece quando você se pergunta se o seu lugar é servir a Deus, o que implica que o seu “lugar” não é determinado por seu lar na Terra. Nos *shtetls*, os ensinamentos populares eram passados por analogias familiares. Além de sua mensagem puramente mística, o Baal Shem Tov segue a longa tradição de humanizar Deus:

Quando um pai castiga seu filho, o sofrimento que inflige a si mesmo é maior do que qualquer coisa experimentada pela criança. É assim com Deus: Sua dor é maior do que a nossa.

Isso não era uma forma de transformar o sofrimento em algo inevitável. É fácil compreender que havia uma linhagem na teologia judaica que já fazia isso. E como poderia não ser assim para um povo que, quando Israel ben Eliezer nasceu, era pária havia mais de dezessete séculos? Em vez disso, o Baal Shem Tov incentivava a mais simples das vidas, prefigurando o ideal de Liev Tolstói de o camponês ser aquele mais próximo de Cristo. Os mais pobres são os servos de Deus, e o Baal Shem Tov acreditava que viver era servir a Deus. Assim, o pobre mostra a todos uma verdade profunda:

A simplicidade completa do judeu humilde toca a essência simples de Deus... Conter uma parte dessa essência é contê-la toda.

Hoje, para quase todas as pessoas, essa mensagem é desconfortável. Os pobres já não são vistos como os filhos queridos de Deus; uma camada de vergonha e pena cobre nossos olhos quando olhamos para a pobreza interminável. O Baal Shem Tov vivia em um tempo diferente, ainda muito próximo ao medieval, em que a pobreza ainda era um fato inescapável da vida. Depois de passar uma tarde colhendo trigo com os camponeses, Tolstói, homem nobre, podia voltar para o chá, a mansão e as almofadas de veludo. O Baal Shem Tov passou alguns anos em condições semelhantes ao trabalho

escravo e mesmo quando se tornou célebre não chegou a viver no conforto.

O panenteísmo virou o dilema judeu de cabeça para baixo. Em vez de não ter um lugar para viver e procurar em vão por uma casa, judeus poderiam olhar ao redor e ver todo o cosmo como sua verdadeira casa. No chassidismo, a natureza traz mensagens constantes de Deus. Nenhum acontecimento está fora de sua vista; nada deveria ser considerado um acidente.

Tudo provém da Providência Divina. Se uma folha voa com a brisa, é porque isto foi ordenado por Deus.

Naturalmente, essa afirmação está de acordo com a visão de um puritano como Anne Hutchinson. O Baal Shem Tov fundou um movimento para purificar a fé, já que ele precisava desesperadamente de uma confirmação de Deus, uma deidade ausente era inconcebível. Deus deve observar o tempo todo, enviando sinais de aprovação e desaprovação em eventos cotidianos. Anne Hutchinson era entusiasta de encontrar sermões em pedras, assim como o Baal Shem Tov.

Ainda hoje, época em que as comunidades chassídicas são enclaves fechados quase invisíveis para a população em geral, existe um elo teológico entre elas e os cristãos: o elo de ler os telegramas privados de Deus mandados direto para os puros de coração. A evolução de Deus nesse estágio está mais para um lembrete de que ele ainda presta atenção. Cada pessoa precisa decidir como viver sob o olhar da eternidade. Histórias antiga e moderna se conectam por esse dever.

10

RABINDRANATH TAGORE

“SOU O MISTÉRIO INFINITO”

O tabuleiro Ouija foi recebido com grande alvoroço. As garotas mais jovens da família gritavam de alegria, enquanto uma criada cortava o barbante e rasgava o papel de embrulho marrom. Não era estranho que um pacote como esse tivesse percorrido todo o caminho de Londres até Calcutá. Tudo chegava por correio, à exceção dos suprimentos diários para a cozinheira, que corria para comprá-los no mercado logo de manhã, ao nascer do sol.

– Para quantos você cozinha, hein? – perguntou o vendedor de verduras, enquanto empacotava feijão-chicote e quiabo.

– Não seja intrometido – respondeu a cozinheira, ríspidamente.

Ninguém sabia o que acontecia do lado de dentro daquelas paredes. Antes de chegar à idade escolar (ou antes de encontrarem um marido, se fossem meninas), os filhos da família Tagore jamais deixavam o complexo.

– Rápido, rápido! – gritaram os garotos, galopando pelos corredores e convocando todas as catorze crianças para ver o pacote. O mais novo, Rabi, não correu. Permaneceu onde ficava na maioria dos dias, observando através de uma grande janela a cidade que estava proibido de visitar.

Quando um de seus irmãos mais velhos, Jyotir, apareceu na porta, Rabi virou a cabeça. (O nome completo de Jyotir era Jyotirindranath, assim como o de Rabi era Rabindranath, mas todos usavam apelidos.)

– O que é isso, essa coisa que chegou? – perguntou Rabi. Ele gostava de tumulto, como qualquer garoto. Mas sua personalidade reservada o impedia de participar.

– Uma linha telefônica para os mortos, acredita? – contou Jyotir.

Com aquela explicação, seria difícil resistir ao novo objeto, embora fosse uma visão decepcionante: uma tábua de madeira envernizada do tamanho de uma bandeja, com letras e números grandes pintados. Não importava. Rabi sabia exatamente com que mortos gostaria de falar. As horas passavam devagar, mas era um dia de sorte. Seu pai, Debendranath Tagore, que era rico, chegaria em casa à noite antes de outra vez partir para uma de suas viagens intermináveis.

Se apenas soubesse algo mais sobre o cenário que deixava para trás quando saía por aquela porta... É triste quando uma criança é vítima de crueldade. E ainda mais triste quando a crueldade vem mascarada de uma mentira, que é sempre a mesma: “Isso é para seu próprio bem”.

Quando seu pai dava as costas, qualquer um se sentia livre para dar um tapa em Rabi. Quando seguravam sua cabeça debaixo da água da banheira, as criadas tomavam o cuidado de o levantarem de volta antes de perder a consciência. Ele tossia e engasgava, perguntando-se por que sorriam.

– Você nos agradecerá um dia, pois estamos deixando você mais forte – diziam. Orgulhavam-se de como obedeciam à moral e seguiam estritamente a religião.

O garoto tinha boa intuição e percebeu que aquilo era mentira. Mas isso de nada adiantava. Os Tagores viviam em uma casa enorme, isolada da cidade por altos muros, mas a arquitetura labiríntica não significava que havia lugar para escapar. Cada ala contava com camareiras ressentidas, uma governanta mandona caso nascesse um

novo bebê, faxineiros sobrecarregados e jardineiros nas áreas exteriores – não havia como escapar de seus alcos. Como o garoto era gentil e sensível, cada golpe era tão desconcertante quanto doloroso. Mas era o favorito de sua mãe, e decidiu que não seria um chorão.

O único criado gentil que o protegia era Kailash, o velho jardineiro que parecia tão empoeirado e maltrapilho quanto a própria Calcutá. Kailash era brincalhão, sempre perto dos portões para zombar dos que iam e vinham.

– Que linda irmã você tem – diria ele, quando chegasse uma garotinha com sua avó enrugada. – Que linda a maneira como Deus lhe abençoou – zombaria, quando um dândi de meia-idade aparecesse sem o cabelo grisalho que tinha na semana anterior.

Enquanto recolhia folhas secas da grama perfeita (mantida imaculada para mostrar aos colonialistas que um indiano podia ser mais britânico que os britânicos), Kailash agradecia a Deus por não estar mendigando nas ruas. Jamais passava um dia sem oferecer margaridas para a estátua de Krishna e seu sorriso sedutor nos fundos do jardim.

– Ele me protege, nos protege a todos – explicou Kailash a Rabi quando ele tinha quatro anos, idade suficiente para ser curioso sobre tudo.

– Como? – perguntou o garoto.

– Afastando os demônios, os *rakshasas*.

Dois dos piores *rakshasas*, a fome e a doença, vagam logo do outro lado dos muros, e a parte velha da cidade onde estava a mansão havia se degradado, tornando-se um lugar de roubo e prostituição. Rabi não entendia como Krishna não os protegia também, mas à noite, quando escutava choros e brigas do lado de fora de sua janela, entendia por que a mansão era como uma prisão privilegiada. Agarrou-se a Kailash também por necessidade. Seus irmãos e irmãs mais velhos estavam

casados, na escola ou vivendo sozinhos. Seu pai tinha grandes negócios para resolver no país todo e suas viagens, que às vezes duravam meses, criaram um vácuo.

– Aqui é uma servocracia, meu chapa – disse Jyotir quando encontrou Rabi debaixo de uma palmeira, acariciando um hematoma. Rabi não entendeu a nova palavra ou o porquê de Jyotir ter rido, já que ele mesmo a tinha inventado. Mas ele sabia muito bem que os de baixo podiam odiar os do topo.

O melhor de se esconder atrás de Kailash eram suas histórias viciantes. Quando estava inspirado, inventava romances complexos que envolviam Rama, Sita e Krishna, com algum herói ocidental misturado – um Galaaz aqui, um Lochinvar ali. Estes últimos chamaram a atenção de Kailash quando ficava sob a janela escutando as histórias lidas em voz alta para as crianças. Aprender era uma constante na mansão Tagore, que se acentuava quando o pai estava presente, pois ele sabia muito de história, astronomia, música e pintura, só para começar. Suas falas eram avalanches de fatos. Rabi sabia que em 1861, ano em que nasceu, Lincoln entrou numa guerra para libertar escravos. Foi o mesmo ano em que o czar libertou os servos da Rússia.

A cabeça de Rabi girava. Ele nunca havia visto um escravo ou servo. Eram como os intocáveis? Mas depois de horas de estudo, sempre sentia vontade de escutar os romances de Kailash, já que o velho gostava de chamar vários dos príncipes, duques e guerreiros de “o bom Senhor Rabindranath”. Uma história em particular, sobre dois amantes épicos, príncipe Rama e sua amada esposa, Sita, ficou gravada na mente de Rabi.

– Eram ricos e lindos, a vida era muito boa – dizia Kailash, solene.
– E então Senhor Rama foi banido e enviado para a floresta aos catorze anos.

Rabi, que não estava interessado em ouvir tudo, pediu:

– Pule direto para a parte sobre o veado de ouro.

– Havia um veado feito de ouro, o que significava que você

morreria de fome antes de poder comê-lo.

– A história não é assim – protestou Rabi. – Você esqueceu o demônio.

Kailash, cuja memória estava ficando fraca, lembrou-se de repente.

– Ravana, o rei dos demônios, pousou os olhos sobre Sita e apaixonou-se naquele instante. Queria-a desesperadamente, então pensou em um truque. Ordenou a um de seus servos mágicos que criasse um veado dourado para chamar a atenção de Rama, que sairia correndo atrás dele com seu arco e flecha. O truque funcionou. Demônios são odiáveis, mas espertos. Rama tinha um irmão, Lakshmana, e era ainda melhor que os irmãos que você tem. Havia encontrado o casal na floresta, e agora desenhava um círculo no chão ao redor de Sita. “Não saia deste círculo, meu dever é protegê-la enquanto Rama e eu caçamos o veado dourado”, ordenou ele.

– Ela vai sair – disse Rabi, que gostava de antecipar as partes da história que sabia de cor.

Kailash suspirou.

– É verdade. E quando os irmãos se foram, Ravana se disfarçou de mendigo, manco e corcunda, e se aproximou de Sita: “Oh, gentil senhorita, não teria um trocado para que eu possa comer?”. Sita ficou com pena dele e pisou fora do círculo. Pronto! O rei dos demônios voltou a ser ele mesmo, raptou-a e voou com ela para longe em sua carruagem voadora.

Rabi sacudia a cabeça concordando, alegre.

– O homem aprenderá a voar muito em breve.

Kailash discordou:

– Não acredite tanto nisso. É o mesmo que pedir para Ravana voltar.

Apesar do suspense sobre o sequestro de Sita, ambos sabiam que era apenas questão de tempo até Rama caçar Ravana e acabar com suas dez cabeças e vinte braços. Mas um dia Rabi recusou-se a escutar a história outra vez. Um criado bisbilhoteiro havia escutado a história

e, na manhã seguinte, ele e dois outros pegaram Rabi da cama, desenharam um círculo no chão e o colocaram no meio.

Acabava de amanhecer, a natureza chamava, mas quando o garoto acordou para usar o penico, os criados o açoitaram com galhos.

– Comporte-se, Sita – zombaram. Outra provação que guardou em segredo.

No fim daquele mês, o velho Kailash morreu de repente, de febre. Aos sete anos, Rabi estava mais curioso do que em luto. O que significava morrer? Onde estaria Kailash agora, já que não estava próximo aos portões para se divertir à custa de pessoas ricas?

Aquela mesma noite trouxe uma carruagem com as lâmpadas acesas, e os criados, ordenados pela mãe de Rabi, correram com tochas para descarregar a bagagem do mestre. Debendranath abraçou sua esposa e olhou satisfeito para sua prole. Seu orgulho de ter tantos filhos e filhas era como uma bolha iridescente que nenhum deles queria estourar com histórias sobre a servocracia. Entrou no saguão dando instruções e fazendo promessas.

– Planejei uma viagem para uma estação montanhosa próxima ao Nepal. Quem quer ir? E estamos comprando um piano para os ocidentais que vierem à casa para ouvir música. Ah, tenho alguns caramelos na mala. Diga à cozinheira que não é para cozinhá-los, vamos comê-los depois do jantar.

E assim prosseguiu, cada palavra um presente de um benfeitor. O tabuleiro Ouija também era um presente, mas o pai levantou as sobancelhas quando a viu sobre a mesa de chá rodeada de almofadas no chão para as crianças sentarem.

– Ah, isso. Eu pedi isso também? Devo ter pedido.

Era um amante de curiosidades, e não havia possibilidade de ignorar ou devolver a geringonça sobrenatural. Os Tagores jantaram apressados para diminuir o suspense antes de se comunicarem com os mortos.

Rabi era o caçula, e seu pedido foi o primeiro.

– Kailash. Não existe a possibilidade de ele não ter uma piada para

nós. A morte não vai pará-lo – disse.

Seu pai concordou e se sentou em frente à tábua, colocando os dedos com suavidade sobre a prancheta, a pequena peça que deslizava pelo tabuleiro e soletrava as palavras enviadas pelos mortos. Os mais velhos não acreditavam naquilo e faziam poses de tédio. O manual de instruções dizia que todos os participantes podiam colocar os dedos na prancheta, mas o pai decidiu que, no início, apenas Rabi poderia fazê-lo.

Diminuíram a luz, acomodaram-se nas almofadas espalhadas. A sala, embora longe da cozinha, capturava o aroma morno de açafrão e pão *naan*. Rabi teria ficado com sono se seus nervos não estivessem tão tensos.

– O que acontece agora?

Seu pai leu as instruções com dificuldade, quase no escuro.

– Chame um dos mortos pelo nome.

Então, pai e filho fizeram uma expressão solene, sentados um de frente para o outro com os dedos sobre a prancheta.

– Kailash, sou eu, você está aí? – chamou Rabi, olhando para cima, o lugar mais provável onde o paraíso poderia estar.

No início nada aconteceu, mas gradualmente a prancheta começou a tremer, e com velocidade surpreendente, deslocou-se até a palavra “sim”.

– Você mexeu a prancheta de propósito – acusou o pai.

– Não, eu juro – balbuciou Rabi.

– Não juramos nessa casa. Acredito em você. Também não a movi, que estranho – murmurou o pai. – Pergunte ao velho brincalhão alguma coisa. O que temos a perder?

Rabi não hesitou.

– Como é estar morto?

As outras crianças riram, mas seu pai balançou a cabeça concordando. Que melhor pergunta era possível fazer a um morto?

A prancheta começou a mover-se outra vez e como parava em muitas letras, perceberam que Kailash não abreviaria sua resposta. Alguém correu para pegar papel e lápis. Rabi estava muito ocupado ditando as letras para tentar agrupá-las. De repente, a mensagem estava completa, e todos ao redor sorriam.

– O que é? – perguntou.

Passaram o papel para ele, e ele leu: POR QUE DEVERIA REVELAR ASSIM TÃO FÁCIL ALGO QUE TIVE QUE MORRER PARA DESCOBRIR?

– Descarado – murmurou o pai, mas atrás de seu divertimento com resposta, Debendranath estava um pouco impressionado. O jogo prosseguiu, e as outras crianças tentavam tirar Rabi do caminho. Kailash recusou-se a comunicar qualquer outra coisa, e Rabi foi para a cama naquela noite segurando o papel. O garoto sentia que aquilo era mais que um pedaço de papel com palavras rabiscadas: era um pedaço de seu amigo de volta à vida. Ou Kailash tinha conseguido morrer sem morrer?

Naquela noite, Rabi viu um oceano infinito em seus sonhos. Um pequeno ponto surgiu em meio às ondas, e se revelou um bote. Kailash remava, parecendo sujo e desgastado como quando recolhia folhas do gramado. Havia um passageiro, era a mãe de Rabi. Ele tinha certeza, embora a mulher não tenha virado o rosto a ponto de vê-lo inteiro. Na manhã seguinte, o menino acordou com as pálpebras grudando, como se fosse possível chorar durante o sono.

Quando completou onze anos, Rabi viajou para conhecer a casa na montanha que seu pai havia prometido. Fizeram uma viagem rumo ao norte em etapas, parando em várias propriedades da família. Conforme passava a carruagem, os fazendeiros locais deixavam seus trabalhos no campo para ir até a estrada e deitar com o rosto na poeira do chão.

– Você é o Deus deles? – perguntou Rabi. Mas o pai não respondeu, nem sorriu da forma indulgente como sempre fazia quando o garoto perguntava algo perspicaz.

As estradas ficavam cada vez mais sinuosas à medida que se aproximavam do Himalaia. Rabi colocou a cabeça para fora da janela, apesar do ar frio de abril, respirando fundo naquele mundo verde de penhascos e cachoeiras. A densa floresta de repente se abria em belas vistas dos topos das montanhas. Nunca havia visto neve, mas podia senti-la nos ombros apenas ao olhar para os cumes brancos.

Mudaram do trem para uma carruagem, e então surgiu atrás da curva uma cidade chamada Dalhousie. Rabi caiu na gargalhada: era um enclave de casas enfeitadas que imitavam de forma cômica um pitoresco vilarejo inglês.

– Sentem saudade de suas casas – sussurrou seu pai.

Os vilarejos nas montanhas eram construídos por famílias britânicas como locais de veraneio, uma forma de escapar das terríveis febres que podiam matar muitas mulheres e crianças que se arriscassem a ficar em Déli ou Calcutá. Mas, após a surpresa inicial, Rabi estava cego para qualquer coisa que não fosse a beleza natural do lugar. Trancado numa mansão a vida toda, havia sonhado muito com o mundo no qual não podia entrar. Agora, esse mundo explodia em todas as direções, e a vastidão o deixava tonto. Teve a estranha sensação de ser o centro de tudo o que via, um ponto invisível em meio a tanta maravilha.

Havia algo mais a fazer. Rabi tinha ganhado o fio sagrado, um grande passo para o mundo adulto para todos os garotos indianos. A cerimônia, chamada *upanayana*, era antiga e solene, um ritual de passagem em que o Senhor Rama teria ajoelhado para receber. Sacerdotes cantavam mantras em uma atmosfera de incenso, frutas e flores, ao redor de um fogo sagrado com oferendas. Rabi sentiu como se as fragrâncias o fizessem levitar. Quando a corda de algodão de três tiras foi colocada sobre seus ombros, ele estremeceu. Um leve choque passou por seu corpo, e ele,

com os olhos arregalados, olhou para o pai, que entendeu o que o filho sentia.

– É real, as coisas invisíveis podem ser reais – murmurou o pai.

Rabi acreditou naquelas palavras. Era como se flocos de neve caíssem sobre seus ombros. Sentiu aquilo quando leu sobre as montanhas; imagens se formaram em sua mente, misteriosas e vivas, mesmo antes de pousar os olhos nos verdadeiros picos nevados. Mas se perguntou por que o fio sagrado parecia, naquele momento, ter estado sempre ali, em seus ombros.

Permaneceram três meses no vilarejo, em um bangalô alugado com vista para a vastidão das montanhas e um riacho próximo, onde pai e filho se banhavam todas as manhãs. Rabi recebeu biografias e livros de história para ler, aulas de astronomia (que Rabi adorava, pois podia levar os mapas estelares para fora à noite e contemplar o céu límpido, como um cristal negro) e tábuas com os verbos em sânscrito. Rabi não conhecia outra vida, então nada daquilo parecia incomum, nem a comida escassa ou as longas horas de meditação que seu pai impunha. A rotina compartilhada era o elo entre eles.

Um dia, saíram para uma caminhada, quando seu pai lembrou algo.

– Você me perguntou se nosso povo achava que eu era um deus? – retomou o pai. Ele sempre dizia “nosso povo” porque não gostava de palavras como “camponês” e “servo”.

Apontou para um garoto pobre acampado na beira da estrada. Era um *dalit*, considerado intocável pela tradição e pelo extenso preconceito. O garoto olhou para o chão, tentando ficar invisível enquanto pai e filho passavam. Quando Debendranath gesticulou para ele, o *dalit* hesitou. Nas raras ocasiões em que alguém de uma casta superior lhe dava esmolas, sempre jogava as moedas, para evitar o contato. Alguns brâmanes iam para casa banhar-se caso tocassem a sombra de um *dalit*.

Quando o garoto chegou perto o suficiente, o pai disse:

– Sente-se conosco, quero contar ao meu filho por que você é um deus.

– Mas preciso de um banho – balbuciou o *dalit*, surpreso. E ruborizou-se por ter dito algo tão estúpido. Não estava confortável com a presença de estranhos ricos.

O pai de Rabi ofereceu-lhe um cantil de água.

– Beba e descanse na sombra. Meu filho está interessado em deuses, e não podemos desapontá-lo.

O *dalit* obedeceu.

Debendranath voltou-se para Rabi.

– Por que esse garoto é um deus? Se você fosse a mãe dele, diria que ele é excepcionalmente bonito, como uma estátua de templo. Nossos olhos são atraídos naturalmente pela beleza, sem precisar de qualquer orientação. A beleza tem poder próprio, seja em uma linda jovem, seja na árvore sob a qual estamos sentados.

O *dalit* ficou boquiaberto, mas Rabi estava acostumado à forma de falar de seu pai. A única coisa que o fez envergonhar-se foi a referência às jovens bonitas.

– A natureza é rica em beleza – continuou o pai. – Não perguntamos por que, simplesmente aceitamos. Mas o que acontece quando a bela jovem parte e sai da nossa vista? O que acontece quando deixamos o templo com suas estátuas? A beleza permanece. Nosso olhos já não veem nada, mas algo permanece no coração. Ficamos tocados, e se algo é bonito o suficiente, nos sentimos inspirados.

Rabi não podia entender todas as palavras, mas entendia o que seu pai queria lhe dizer. À noite, quando ia dormir no bangalô, a escuridão se enchia de um perfume. Rabi até tinha comentado com seu pai.

– Eu chamo esse aroma de perfume da beleza – disse o pai. – Se você segui-lo por uma viela, poderá ser levado a qualquer lugar, até ao

perigo, mas não seguimos mesmo assim. Da mesma forma, buscamos e seguimos a beleza, desejosos de conhecer sua fonte. Sem dúvida é melhor estar nos braços de sua mãe que apenas recordar seu cheiro.

A mãe de Rabi havia ficado em casa, mas ele não teve dificuldade em lembrar seu perfume de patchuli. Se fechasse os olhos, o cheiro vinha, como uma voz de uma terra longínqua.

Debendranath olhou para o *dalit*, que segurava o cantil a alguma distância da boca.

– Pode beber diretamente dele – ofereceu o pai de Rabi. O garoto hesitou, não parecia possível que não fosse contaminar a água. Mas o dia tornava-se cada vez mais quente, até perto das montanhas, e ele sorveu alguns grandes goles. Rabi estava em silêncio, mergulhado em seus pensamentos.

– Preste atenção no que digo. A beleza nos incita a segui-la. Todos sabem, mas a maioria não enxerga o mistério que há nisso. Pensam que a forma de buscar a beleza é correr atrás da próxima jovem que os atrair. Ou talvez seja o dinheiro que os atraia, ou o poder. Mas a beleza é um mistério porque vem de Deus. Eu trouxe você para esse vilarejo nas montanhas para que pudesse ver Deus em tudo. Mas tudo o que podemos ver é o aroma que ele deixa para trás. Ou podemos chamá-lo de mensagens secretas – revelou o pai.

– O que dizem essas mensagens? – indagou Rabi, que gostava de enigmas.

– Elas dizem: “Sigam-me” – respondeu o pai.

– Para onde?

Sem responder, o pai deu um tapinha no peito do filho.

– Você não pode possuir Deus. O mistério permanece infinito, todos os dias da sua vida. Mas você pode senti-lo e acalantar esse sentimento, como a uma pérola.

O *dalit* estava entediado, jamais havia escutado esse tipo de conversa. Não estava interessado em Rabi, embora ambos tivessem idades

próximas. Sem dúvida, o filho do estranho o apedrejaria assim que o pai virasse as costas. Os dois estranhos ficaram em silêncio, era um bom momento para o *dalit* escapar. Colocou o cantil no chão e saiu, sorrateiro.

– Ele está com medo de nós – observou Rabi, quando percebeu o que tinha acontecido. Ainda era possível ver o outro garoto, mas já estava distante algumas dezenas de metros estrada abaixo.

– Ele ficaria com muito mais medo se você lhe dissesse quem ele realmente é. As pessoas desejam escutar que fazem parte de Deus, mas, quando escutam isso de verdade, sentem-se envergonhadas. É uma pena.

Seu pai estava um pouco ausente. Rabi conhecia esse humor. Era previsível, até: sempre que discorria apaixonadamente sobre um assunto, imediatamente parecia ser sugado para dentro de si mesmo. Esse recolhimento não o deixava triste, mas seu pai ficaria inalcançável durante alguns momentos ou algumas horas. Rabi entendia, já que agia de maneira parecida. Então, deixaram o *dalit* escapar sem lhe dar uma moeda. Pai e filho observavam as nuvens se reunindo como uma lã enevoadada ao redor dos picos nevados. Como o mistério é diferente para cada um, ninguém poderia dizer se estavam pensando nas mesmas coisas. Pelo menos, dividiam o mesmo céu, o que já era suficiente.

Deus, descobriu Rabi, era como correr para pegar um trem. No caminho para a estação, sua carruagem é bloqueada por vacas. Quando consegue chegar na plataforma, com o rosto vermelho e ofegante, o trem já partiu, deixando apenas rastros de fumaça e cheiro de fuligem. Mas você precisa chegar a Déli, então corre para a próxima estação, e quando chega presencia a mesma cena: o trem tinha acabado de sair. E assim por diante, cidade por cidade, até que você se depara com o trem depois de percorrer todo o caminho até Déli. A diferença em relação a Deus é que a maioria das pessoas alcança a morte antes de alcançar Déli.

A morte, na família, havia sido uma questão difícil desde o começo. Depois de Kailash, foi a mãe de Rabi, levada quando ele tinha treze anos. Seu pai foi o próximo, mas Rabi já tinha quarenta anos, então o mundo considerou natural. Outro homem idoso, este rico e famoso, também recebeu um obituário amável. O mundo não tinha ideia. Rabi não tinha apenas crescido sob tutela de seus pais. Havia visto a vida e o amor por meio da mãe, e a mente e o trabalho por meio do pai.

De onde vieram esses presentes? E para onde teriam ido?

Sentou na varanda para observar suas terras. Ninguém o chamava mais de Rabi, apenas Rabindranath. As pessoas murmuravam seu nome quando se curvavam para tocar seus pés. Tudo girava ao redor dele – família, escola, fazendeiros locais, a luta pela independência da Índia. Em meio a tudo isso, Rabindranath sabia apenas de uma coisa: estava correndo atrás do trem para Déli.

Quando o ar calmo do meio-dia recaía sobre os trabalhos em suas terras, gostava de recitar. É o que fazia naquele dia.

– Dormi e sonhei que a vida era alegria. Acordei e vi que era trabalho. Agi e percebi que o trabalho é alegria.

Tagore fez uma pausa, observando o jovem secretário na varanda.

– Você ouviu?

O secretário concordou com a cabeça e sorriu. O calor não estava muito sufocante perto do casarão, e era privilegiado por servir o maior escritor de Bengala. Era o que Rabi havia se tornado. O secretário inclinou-se com modéstia sobre o caderno, pronto para a linha seguinte. No que estaria pensando? Talvez em nada. Talvez seu silêncio fosse reverência, sentado aos pés de Rabi. Não adiantaria perguntar. Somos todos mistérios para nós mesmos e, quando pensamos, estamos bisbilhotando mensagens enviadas de outro plano.

Esse pensamento poderia ser a linha seguinte, mas fugiu da mente de Tagore antes de verbalizá-lo. Uma linda jovem havia chegado correndo, vestida com um sari azul enfeitado com fios de ouro. Era a

filha de um de seus irmãos. Assim, a sobrinha ousou agarrar sua mão e puxá-lo.

– Não tão rápido – protestou ele. Era uma brincadeira, porque todos sabiam que, mesmo aos cinquenta, ainda tinha a energia de um garoto. Brincava de deixar sua sobrinha arrastá-lo, fazendo-se de relutante. A apresentação não podia começar sem ele. Os dançarinos do dia eram crianças do vilarejo local, e ele havia trabalhado constantemente para melhorar o destino deles.

Muitos eram *dalits*, o que era irônico. Tagore havia escrito incontáveis poemas e histórias sobre os intocáveis. Os leitores ficavam surpresos com a vida particular dessas pessoas e se emocionavam com suas lutas. Era uma nova forma de olhar para pessoas cuja sombra os fazia recuar. O dinheiro arrecadado com a venda daquelas histórias ajudava a pagar a escola em que as crianças *dalits* podiam crescer. Deve ter sido a primeira vez na história que o dinheiro provinha do amor pelos intocáveis, e não de explorá-los até a morte.

O salão estava barulhento quando entrou, e na mesma hora ficou em silêncio. Os pais que tinham vindo com seus filhos trataram de calá-los. Subiu no palco e segurou um pedaço de papel próximo aos olhos. Em qualquer reunião, havia a expectativa de algumas palavras de Rabindranath Tagore, que eram recebidas como escrituras sagradas. O rei da Inglaterra não o havia nomeado cavaleiro? Mas Rabindranath devolveu a homenagem em protesto contra o colonialismo.

Agora recitava devagar, sabendo que para três quartos de sua audiência, que não sabiam ler ou escrever, muitas palavras seriam difíceis.

Quando a lótus desabrochou, não percebi e fui embora sem nada.

Só que agora, de vez em quando, acordo de repente dos meus sonhos para sentir uma estranha fragrância.

Vem, do vento sulino, uma vaga sugestão que me faz sofrer de saudade, como o sopro ansioso do verão que quer se completar.

Não conhecia o que estava tão perto, ou que era meu.
Essa doçura perfeita desabrochando nas profundezas do meu coração.

Um grande murmúrio invadiu o ambiente. Aquilo que porventura não entenderam conseguiram sentir. Alguns começaram a aplaudir, aqueles sofisticados o bastante para saber que é permitido aplaudir a poesia. Não eram escrituras sagradas de verdade. As crianças corriam pelo palco com suas fantasias, fazendo barulho, e a cítara e os tambores começaram a soar antes mesmo de Tagore sentar-se em seu lugar na primeira fila.

Sua sobrinha olhou-o com preocupação. Ele conhecia aquele olhar muito bem. Desde 1905, o ano em que o pai de Rabindranath morreu, a morte havia farejado os outros entes que amava – sua esposa, depois dois de seus filhos. Uma tragédia, todos diziam, e se preocupavam por ele. Mas algo daquilo era real? A pergunta penetrava sua tristeza e, à noite, quando ia dormir, imaginava o cheiro das cinzas. Controlando a morte com os dedos, Deus corria adiante.

Por isso a morte estava presente em tantas histórias que Tagore escrevia sobre os *dalits*. As pessoas com quem havia crescido, os ricos e os bons, sequer sabiam como seu criados mais próximos morriam, apenas imaginavam que seria como animais ignorantes, sofrendo em silêncio e queixando-se brevemente antes de fechar os olhos. Na família de Tagore, Kailash tinha morrido daquela forma, mas não outro senhor que Rabi amava: ele tinha morrido de forma extraordinária.

Srikanath Babu parecia uma fruta redonda e carnuda com pernas. Tinha o rosto brilhante e barbeado, e uma cabeça calva e suave como uma manga. Kailash conquistou Rabi ao construir histórias românticas ao redor dele, mas Srikanath Babu foi o primeiro crítico literário do garoto, e o mais perfeito. Nada do que Rabi escrevia era recebido sem manifestações de êxtase.

– Poderia cantar essas palavras subindo aos céus! – exclamava Srikanath Babu.

Seu entusiasmo era tão fervoroso que, antes mesmo de o garoto terminar de recitar um poema, o velho corria para o quarto do pai e cantava as primeiras linhas. Muitos desses poemas eram *kirtans*, ou canções de devoção. Amante da música, Srikanath Babu jamais era visto sem uma cítara em seu colo. Ao seu lado, sempre havia uma “bolha de fumaça”, como os nativos chamavam o narguilé.

Srikanath Babu cantava de forma particular enquanto tocava sua cítara, porque já não tinha mais dentes. Isso também era motivo de felicidade, surpreendentemente.

– Por que vou incomodar minha pobre boca com presas afiadas? – dizia.

Não tolerava escutar sobre sofrimento e morte. Os irmãos de Rabi sabiam como atormentá-lo a ponto de arrancar-lhe lágrimas. Precisavam apenas ler lendas do príncipe Rama ou do guerreiro Arjuna em que um personagem era atingido por flechas ou furado com uma espada. Srikanath Babu levantava os braços, como se afastando uma cobra, e implorava para que parassem.

Chegou o dia em que o pai de Rabi era um inválido que já não saía da cama, enfrentando as últimas consequências de sua doença. Descansava em sua propriedade com um rio cheio de folhas, perto da cidade de Chinsura. Srikanath Babu estava desesperado para vê-lo uma última vez. Ele mesmo estava muito doente e podia caminhar apenas com a ajuda de sua filha. Os dois pegaram um trem para Chinsura. Havia muita ansiedade de empreender a viagem. Srikanath Babu podia enxergar apenas se levantasse as pálpebras com os dedos por um momento.

Sobreviveu à viagem, contudo, e foi levado imediatamente ao quarto de Debendranath. Srikanath Babu levantou as pálpebras e

chorou com o que viu. Mal podia falar e deixou o quarto sem dizer uma palavra enquanto o doente dormia.

– Você não queria cumprimentá-lo? – perguntou a filha.

Srikanath Babu, que murmurava algo incompreensível para si mesmo, balançou a cabeça.

– Toquei o pó de seus pés, é para isso que vim.

Dois dias depois, morreu no pequeno chalé à beira do rio que providenciaram para a estadia.

A morte desfez a vida de todas as pessoas que Rabi amava, sempre de um jeito diferente. A maioria estava em paz, mas uma delas, a esposa de seu irmão Jyotir, um dia sorriu, apontou algumas fraquezas de um novo poema dele e à noite tirou a própria vida. Cada uma das vezes, não era capaz de fugir da depressão obscura. Ao mesmo tempo, se questionava mais e mais sobre o que era morrer. Havia coisas que era preciso saber para poder desvendar os segredos da vida – amor, verdade, beleza e também a morte. Anotava qualquer pensamento que pudesse trazer alguma resposta, e a parte mais impressionante era que, quando se sentia próximo ao mistério, seus leitores sentiam o mesmo.

Às vezes, ele lidava com a ternura imersa em sofrimento:

Meu coração bate em ondas
na orla do mundo
E escreve seu nome em lágrimas
com essas palavras:
“Eu amo você”.

Mas eram mais frequentes os poemas sobre aquilo que as palavras não podem expressar:

O que almejo?
Algo que se sente à noite
Mas não se vê de dia.

Deve ter mergulhado nesses pensamentos por um longo tempo, porque de repente Tagore escutou o salão encher-se de palmas. O espetáculo tinha acabado; os pais orgulhosos sorriam. As crianças no palco se curvavam em agradecimento. Os músicos olhavam ao redor, impacientes pelo *tiffin*, a refeição da tarde.

Ninguém podia se levantar antes do mestre, então Tagore sorriu para as crianças e disse:

– Vão, vão!

Debaixo de uma tenda, ao lado do salão, havia guloseimas espalhadas sobre várias mesas.

Sua sobrinha o esperava na porta e renovou o olhar preocupado. Teria sido mais fácil se ela tivesse o sorriso incansável de Srikanath. Sua alegria pareceria boba em outra pessoa, até mesmo idiota. Mas as pessoas jamais zombavam dele pelas costas.

– Você pensa em Deus? – perguntou Rabi uma vez, quando ainda era garoto.

– Sempre. O que há além disso para pensar? O mundo cuida de si, não importa o quanto uma pessoa tente movê-lo.

– E o que você sabe sobre Deus? – perguntou Rabi.

– Apenas uma coisa – respondeu Srikanath Babu, dando uma tragada em seu narguilé. – Deus é um mistério infinito.

Tagore acariciou a mão de sua sobrinha quando ela pegou seu braço. Começaram a cruzar a grama para chegar à tenda de refrescos.

– Você se lembra do velho Srikanath Babu? – perguntou ele. – Acho que escutei a voz dele hoje.

– E como poderia me lembrar, se ainda não era nascida? – questionou a sobrinha, que mantinha os olhos no chão para evitar que seu velho tio tropeçasse em algo, como se escoltasse uma boneca ao chá da tarde.

– Ele gostava muito de mim, e chegou bem ao fim. Mas não era isso que estava em minha mente. Ele me ensinou a única coisa

importante que ouvi na vida sobre Deus.

Tagore repetiu à sobrinha o comentário sobre Deus ser um mistério infinito.

– É curioso como uma simples observação pudesse marcar tanto, por anos. E então eu percebi o que Srikanath Babu realmente queria dizer.

Chegaram sãos e salvos à tenda, e sua sobrinha olhou ao redor em busca de uma cadeira em que sua boneca não seria perturbada.

– O que ele queria dizer? – perguntou a menina, um pouco distraída.

– Deus precisa ser um mistério – respondeu Tagore. – Porque o único que poderia explicá-lo é ele mesmo, e ninguém mais se dá ao trabalho de indagá-lo.

O que o movia? A inquietude, que havia se transformado em uma força irresistível. Quando Tagore chegava a um novo lugar, fosse Buenos Aires ou Xangai, repórteres se reuniam ao redor dele e esticavam o pescoço para vê-lo melhor. Eis algo que não se via todos os dias: um senhor alto vestido com roupas de seda esvoaçantes. Sua barba era longa e branca, como um eterno avô ou o mago Merlin. Quando se inclinava sobre os microfones, piscando pelas luzes dos flashes, dizia coisas animadoras, em que todos queriam acreditar.

– O amor não é um mero impulso; precisa conter verdade, que é a lei.

Essa era sua especialidade, animar. Ninguém ria, mas alguns viravam os olhos mentalmente.

– Toda criança vem com a mensagem de que Deus ainda não desistiu da humanidade.

A voz era sonora, os olhos marcantes, grandes e líquidos. Mas em que mundo Tagore estava vivendo?

Hitler subia ao poder, os mercados haviam despencado com a Grande Depressão. O que o sábio indiano podia dizer sobre coisas que realmente importavam para o mundo naquele momento?

– Vivemos no mundo quando o amamos.

Sem chances. Pelo menos Gandhi tinha uma causa que merecia manchete nas capas dos jornais. Tagore era conhecido por não gostar de protestos de massa nem na luta pela independência indiana. Os repórteres se debruçavam sobre seus cadernos, mas todos no salão sabiam que seria uma história pitoresca.

Ainda assim, Tagore não interrompeu sua jornada – que já durava décadas – pelos quatro cantos do mundo. Todo poeta é inquieto. A musa é uma amante exigente. Mas sempre tinha o mistério à frente, a ser seguido e jamais capturado. Tagore não era cego. Via o ceticismo nos olhos dos repórteres, e como afrouxavam a gravata ao deixar o recinto, contentes com o fim do sermão e prontos para ir para o bar mais próximo tomar um drinque.

Aonde sua inquietude o havia levado agora? A algum lugar próximo a Potsdam, disse o mapa.

– Um lugar agradável, sereno – murmurava ao olhar através da janela do carro. – Posso caminhar o resto do dia? As árvores estão aparecendo.

O motorista, um alemão de rosto redondo, não quis dizer não, mas tampouco queria desviar-se de seu dever. O professor estava sentado, paciente, em sua pequena casa marrom com telhas de barro. Outros repórteres rodeavam o local, não apenas alemães, mas franceses, poloneses e até alguns americanos, que tinham os melhores cigarros. As árvores podiam esperar. Mas o motorista deixou o velho indiano descer antes da casa, no caminho que levava à porta da frente, para ter seu momento de serenidade.

Tagore não tinha pressa e caminhou por entre a concentração de árvores que pareciam donzelas, com suas folhas delicadas dançando com a brisa. Estava com setenta anos, e para ele a floresta importava muito mais do que Hitler. Os repórteres insistiriam em coisas que ele havia dito contra o pacifismo total de Gandhi.

– Gandhi convidaria Hitler e Mussolini para levarem da Índia o que

desejassem?

O mundo real. Continuava correndo no seu ritmo frenético, impulsionado pela próxima crise. Em tal mundo, o que alimenta a paz?

Tagore forçou-se a abandonar a floresta e caminhou até a casa. Ao vê-lo pela janela, o professor ajeitou seu casaco e saiu na varanda. Esse era o momento. As câmaras se ergueram. O grande Tagore apertava as mãos do grande Einstein. Era como uma colisão de planetas.

Em meio ao tumulto, Einstein inclinou-se em direção a Tagore e sussurrou:

– Memorizei uma frase sua: “Chegamos perto da grandeza quando somos grandes em humildade”. Eu acredito nisso.

Tagore sorriu. Não pela citação elogiosa, e sim porque sentiu algo. Quando alguém se aproximava do famoso rosto de Einstein – o cabelo branco revoltado, sobrancelhas de taturana, pálpebras profundas –, certamente não estava preparado para o segredo que ele carregava.

Tagore inclinou-se e sussurrou de volta:

– Eu memorizaria suas palavras, mas infelizmente são todas números.

Entraram na casa, onde havia chá e poltronas confortáveis. Depois de um momento, algo raro aconteceu: dois grandes homens se interessaram genuinamente um pelo outro. Einstein não queria falar sobre a paz mundial ou sobre os nazistas e o perigo que poderia levá-lo a abandonar a Alemanha se as coisas piorassem para os judeus. Tinha Deus em mente.

– Você acha que Deus está separado de nós? – perguntou Einstein.

– Não. A natureza humana é infinita. Ela pode encontrar o divino – respondeu Tagore.

– Como?

– Fundindo-se à realidade fundamental. Vivemos em um universo humano, e a eternidade reflete o humano eterno. Você tem se ocupado em procurar o tempo e o espaço. Falo sobre o humano eterno porque, sem nós, não há tempo nem espaço.

Einstein recostou-se na poltrona. Entreolharam-se, e o cientista viu imediatamente que algo grande estava em jogo. Escolheu com cuidado as palavras:

– Sempre houve duas visões sobre o universo. Uma delas diz que o mundo existe mesmo se os seres humanos forem varridos da face da Terra. A outra diz que não poderia existir universo sem os seres humanos.

– Muito bem – concordou Tagore com a cabeça.

– Mas se não houvesse ninguém dentro desta casa, a mesa ainda existiria – comentou Einstein.

– Por que a mesa existe? – questionou Tagore de forma retórica. – Porque alguém a percebe. Como indivíduo, você se sente separado da mesa, então ela parece ser independente de você. Mas a mente cósmica abarca tudo. Nada pode existir a menos que seja percebido, e Brâman vê tudo.

– Na ciência, colecionamos fatos, e eles nos levam à verdade – contrapôs Einstein. – A gravidade existia muito antes da chegada dos seres humanos, você concorda? – perguntou Einstein em tom seguro. Era famoso por ter dito que esperava que a lua continuasse a existir mesmo se ele parasse de olhar para ela.

– Se há alguma verdade absoluta fora do entendimento do ser humano, ela será inalcançável pelos seus fatos. O universo existe na medida em que se relaciona com os humanos – rebateu Tagore.

Einstein se permitiu uma risada sonora.

– Então eu sou mais religioso que você!

Essas palavras foram anotadas por um repórter e espalhadas mundo afora. A conversa durou três dias. As pessoas estavam divididas. Parecia incrível que Einstein, que já havia desconcertado grandes mentes com sua teoria da relatividade, esticando o tempo como um elástico, perguntasse a um poeta sua opinião sobre o universo. As respostas de Tagore, concordavam, eram de grande perspicácia, mas não se comparavam com a ciência. O humano

eterno? A mente cósmica? Um conhecido filósofo inglês escreveu a um amigo que ele teria de evitar Tagore na próxima vez que fosse a Londres. Suas ideias eram embaraçosas, confusas.

Mas na pequena casa, apenas entre os dois, Einstein ficou pensativo. Havia uma famosa estátua grega de Apolo que ele tinha visto no Vaticano.

– Se o ser humano deixasse de existir, então Apolo Belvedere não seria mais um ícone de beleza? – testou o cientista.

– Não – replicou Tagore.

– Concordo em relação à beleza, mas não em relação à verdade.

– Por que não? – rebateu Tagore. – A verdade também é percebida por meio de humanos.

Einstein continuou falando porque não se sentia envergonhado diante de Tagore.

“A mente de Deus” era uma frase que ele mesmo havia usado. As pessoas religiosas que consideravam a ciência inimiga da fé suspiraram aliviadas quando ele disse que queria conhecer a mente de Deus. Einstein não praticava nenhuma religião, e desacreditava em Deus Pai, o Deus da tradição judaica. Ainda assim, *algo* no horizonte longínquo do universo o preenchia com um sentimento de reverência e fascínio. Não foi seu cérebro que desenvolveu a relatividade; foi o fascínio.

– Independente do que Deus possa ser, talvez seja melhor ficar longe do alcance. O desconhecido me move, e soluciono o desconhecido pela ciência – ponderou Einstein.

– Mas a própria ciência é uma atividade realizada por humanos cientistas. Os fatos não existem sem o homem que os vê e mede – constatou Tagore.

– Não posso provar que minha concepção está certa, mas é minha religião – argumentou Einstein.

No fim, os planetas não colidiram: passaram ao largo um do outro e, nesse trajeto, trocaram olhares. O ar estava respirável nos dois

lugares, e a paisagem não era hostil.

Outros acontecimentos tiraram esse encontro das manchetes. O pior piorava em todas partes. As pessoas começaram a dizer que essa depressão era a Grande Depressão. Hitler ficava cada vez mais perigoso. O trem deixava a estação cheio de desiludidos. Tagore podia acenar para eles da plataforma se quisesse. Estava sendo esquecido, de qualquer maneira.

Mas essa não era sua experiência, que permaneceu luminosa. Deus continuou esquivo, mas um resplendor se revelava todos os dias, e dentro dele uma voz sussurrava: “Estou aqui”. Tagore obedeceu à sua inquietude até não poder mais. Seu corpo se rendeu à doença e os dias se transformaram em provações de dor. Estava feliz por estar sozinho com o resplendor, que jamais se dissipava apesar das agonias físicas. Outra guerra mundial eclodiu e espalhou uma catástrofe inominável. Estava com quase oitenta anos. A morte estava à espreita, mas não adentrou seu quarto por mais dois anos.

Tagore podia encarar os olhos da morte, por isso ela não podia fazer outra coisa além de esperar. As palavras precisavam libertar o poeta antes que a vida o fizesse. Um dia, Tagore pediu a alguém para anotar um poema, mesmo que estivesse quase sem forças até para umedecer os lábios com o copo de água da cabeceira. Com a voz rouca, começou:

Dei completamente
tudo que tinha para dar.

Parou, arfou em busca de ar. Ainda não era hora de ir.

Em troca, se receber algo –
algum amor, algum perdão –
então levarei comigo
quando pisar no barco...

Nada mais veio de seus lábios. O quarto estava silencioso e parado. O velho amigo que anotava achou que havia escutado um estertor vindo da garganta do poeta à beira da morte. Seria uma pena se seu último verso ficasse cortado.

O velho amigo levantou devagar para chamar a enfermeira, mas foi parado por um movimento detectado de canto de olho. Tagore havia feito um pequeno gesto com a mão. A voz rouca retornou, e o velho amigo aproximou-se para escutar o murmúrio de Tagore.

Quando pisar no barco
que me levará até o outro lado
para o festival de um fim sem palavras.

E nada mais. A morte já não esperava, paciente, na porta do quarto. Lá fora, a brisa reduzia-se a um sopro suave, quase insuficiente para mover as folhas nas copas das árvores, quase insuficiente para esvoaçar os cabelos das donzelas.

REVELANDO A VISÃO

“Hoje, a luz do misticismo se apagou.” O obituário de Rabindranath Tagore poderia ter sido acrescido dessa sentença quando ele morreu, em agosto de 1941. Tagore foi o último poeta místico a ganhar fama no mundo todo, e praticamente o último místico conhecido aos olhos do público. Uma mudança importante ocorreu quando a ciência substituiu a religião na vida moderna. Tagore era uma ponte entre esses dois mundos, graças à educação ocidentalizada que recebeu de seu pai. Tornaria-se um místico na linha de Giordano Bruno, que não fazia distinção entre fascínio científico e êxtase espiritual.

Para os cristãos da Era Vitoriana – na qual Tagore nasceu – a era da fé, já em decadência na época de Shakespeare, ainda respirava. Enquanto Deus não fosse entendido, teria poder. Os santos eram

como cientistas que se aventuravam no desconhecido e voltavam para reportar, por meio de suas experiências místicas, que Deus era real.

Assumimos que a fé é inferior aos fatos quando precisamos decidir o que é real e o que é ilusão. Tagore não aceitava esse truísmo. Insistia que a realidade de Deus não é ameaçada pela revelação de fatos científicos. Mas não estava fazendo campanha pela fé. Referindo-se a uma jornada mística interna, ele disse: “Você não pode cruzar o mar apenas ao olhar para a água”. Ou ao medir as ondas com um instrumento científico, poderia ter acrescentado.

Seu misticismo não foi desprezado por ser fora de alcance, o que é surpreendente. Tagore escrevia para um mundo preocupado, e quando as pessoas liam *Gitanjali*, seu livro de canções extasiadas para Deus, era emocionante ver uma pessoa mergulhar no amor pelo divino, um amor tão intenso que era como se afogar.

Fizeste-me infinito, assim é teu prazer.
Este recipiente delicado, esvazias de novo e de novo,
preenchendo-o sempre com vida fresca.

Os leitores ficavam em transe. Era a intoxicação de Rumi que voltava, sete séculos depois.

Levaste esta flauta de bambu por montanhas e vales,
e por ela assopraste melodias eternamente novas.

Por um tempo, Tagore tornou-se uma sensação. Foi o primeiro não europeu a receber o Prêmio Nobel de literatura, em 1913, apenas três anos após *Gitanjali* ter sido escrito e, mais surpreendente, apenas um ano depois de sua publicação em inglês. Nesse mesmo ano, visitou a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, apresentando a inquietude que o levaria aos quatro cantos do globo nos vinte anos seguintes.

O entusiasmo ocidental por Tagore era fervoroso, mas não estava destinado a durar. Sua mensagem de amor como eterno mistério não concordava com os horrores inomináveis da Primeira Guerra Mundial.

O que era o êxtase comparado a metralhadoras e tanques? Apesar das críticas, a certeza de Tagore era poderosa. Ele se posicionava em uma tradição espiritual cujas raízes remontam a cinco mil anos na antiga Índia. Havia herdado uma visão profunda da vida que sobreviveu a muitas catástrofes. Nomear essa tradição com apenas uma palavra – mística – é reduzi-la. Tudo relacionado à existência humana, incluindo amor, morte, verdade e beleza, necessitava do alicerce proporcionado por Deus. Deus justificava o mistério da vida. Dava aos humanos uma alma e um senhor a quem se entregar. A violência e o conflito inerentes à natureza humana encontraram uma válvula de escape na crença de que, apesar de guerra, crime, lutas pelo poder, cobiça e maldades, somos essencialmente divinos.

Se Tagore fosse uma voz isolada, duvido que Einstein o levasse a sério ou mesmo concordasse em conhecê-lo pessoalmente. As conversas entre eles, que duraram três dias em 1930, na pequena casa de Einstein, nos arredores de Potsdam, fizeram o mundo escutar. Longos relatos, com transcrições da conversa, foram impressos pelos grandes jornais. Mas não se tratava apenas de um choque entre religião e ciência.

Einstein era consultado com frequência a respeito de suas opiniões sobre Deus. Era uma pessoa brilhante e benevolente; diferente de Darwin, que se opunha ferozmente à devoção religiosa convencional da Era Vitoriana. Einstein queria que Deus existisse de alguma forma, e isso está em suas famosas palavras: “A ciência sem religião é manca, e a religião sem ciência é cega”.

Em outras palavras, Einstein acreditava na cooperação entre as duas, não apenas em encontrar um meio-termo. As pessoas percebiam o horror de um mundo sem deuses, mas Deus precisava ser compatível com a vida moderna. Quando Tagore conheceu Einstein, tinha quase setenta anos, enquanto o cientista tinha passado havia pouco dos cinquenta. Reconheceram-se mutuamente como homens que pensavam de forma profunda sobre a natureza da

realidade. É por isso que, acredito, conversaram de igual para igual, mesmo que Einstein nunca viesse a se tornar um devoto. Tagore fez uma afirmação sobre o amor muito citada: “Amor não é um mero impulso. Precisa conter verdade, que é a lei”. Einstein era cientista demais para utilizar as palavras “verdade” e “lei” de forma tão livre. Ainda assim, seguiu nos caminhos de Tagore mais do que se poderia esperar.

Os pontos em que concordaram são notáveis. Ambos sustentavam que Deus era um mistério para além de qualquer entendimento. Para Tagore, esse mistério era interno, envolto no mistério do coração humano. Para Einstein, era externo e se manifestava no limiar do universo conhecido. Ainda assim, concordava, o que era surpreendente, que não era possível provar que o mundo material existe. Na verdade, essa é uma grande questão para os físicos modernos, longe dos muros da igreja.

A física quântica não apareceu, na virada do século, com o objetivo de destruir o mundo físico como o conhecemos por meio dos cinco sentidos. Não havia um plano para transformar átomos em nuvens de energia, expandir e contrair o tempo ou declarar que o mundo subatômico era inteiramente regido pela incerteza. Contudo, por volta de 1930, todas essas coisas se revelaram verdadeiras. A física surpreendeu a si mesma, e Einstein não foi o único pioneiro da quântica que observou com dúvida e um pouco de terror o que havia descoberto.

Viu-se forçado a fazer uma escolha entre duas visões da realidade. Uma parte dos físicos se rendeu à incerteza radical. Nada era realmente sólido ou físico. Os elétrons se comportavam como ondas em um aspecto, e como partículas em outro. Se os tijolos do universo deixassem de ter qualquer propriedade física fixa, transformando-se em fantasmas, então por que acreditar que o próprio universo seria de outra forma? Einstein, que expressou livremente a vontade de conhecer a mente de Deus, não podia aceitar um universo aleatório em que

qualquer acontecimento se dava pelo acaso. Ele acreditava que a natureza existia de forma ordenada e estável, mesmo que não pudesse provar. Seu grupo era muito menor que o grupo que queria derrubar tudo que era absoluto; na década de 1930, já estava isolado e transformando-se em uma figura semitrágica. Suas grandes descobertas já haviam sido feitas. Agora, agarrava-se a ideias das quais outros grandes físicos, como Niels Bohr, Erwin Schrödinger e Werner Heisenberg, já tinham se livrado dez anos antes.

O público, com sua imagem simplista de Einstein como a mente mais brilhante do mundo – se não de todos os tempos –, não percebia sua posição. Mas ele confessou isso a Tagore, e a ironia é que o poeta místico indiano revelou ter uma visão muito mais próxima à física quântica, conforme viria a amadurecer, que o próprio Einstein. Tagore declarou que o observador cria a realidade percebida, e que a verdade absoluta era inatingível por meio de fatos objetivos. Seu mundo também era espectral, como o reino das partículas subatômicas. Ideias tão radicais que Einstein não conseguia aceitar acabaram por ser bastante naturais a Tagore.

Devemos lembrar que Tagore era mais que um poeta. Nos termos de hoje, seria um polímata. Cresceu em uma família privilegiada, na qual as crianças aprendiam matemática e ciências naturais. Essa vivência permitiu-lhe dar respostas afiadas às perguntas de Einstein. A mais afiada veio quando Einstein apresentou a ideia que era a base de suas crenças. Uma linda escultura como Apolo Belvedere, disse, deixaria de ser bela se não existissem humanos para observá-la. Mas não era necessário um observador para criar a verdade, no sentido de verdade sobre o que é real e o que não é. Se todos os seres humanos desaparecessem, a mesa da sala ainda existiria.

Tagore respondeu com uma breve objeção. Se a beleza depende dos seres humanos, a realidade também depende. A mesa não obteve sua existência a partir de algum indivíduo. É óbvio que ainda haveria uma mesa se a sala estivesse vazia de pessoas, mas a mesa precisava

de algo fora do materialismo – a mente cósmica – para vir a existir. A lógica desse pensamento era clara: sabemos o que é real apenas pela nossa consciência. Se alguma coisa é real fora de nossa percepção, permanecerá desconhecida. Como a consciência é tão fundamental – é o que nos permite ver, escutar, tocar, saborear e cheirar o mundo –, precisamos encontrar sua origem. De outra forma, somos como sonhadores vagando por um mundo considerado real, sem saber que estão dormindo.

Então, de onde vem a consciência? A única resposta viável é que ela emana de si mesma. Essa é a posição mística, e poucos a expressaram com tanta beleza nos tempos modernos como Tagore, quando define a si mesmo como um pontinho no infinito da criação de Deus.

Ao toque imortal de tuas mãos
meu pequeno coração excede seus limites em alegria
e faz nascer expressão inexprimível.

Teus presentes infinitos chegam a mim apenas
nestas minhas pequeninas mãos.
Passam os anos, e ainda despejas,
e ainda há espaço para preencher.

Não estamos sozinhos, portanto, como seres conscientes. Deus ou Brâman ou a mente universal – escolha sua terminologia – nos rodeia. É nossa fonte e origem. A única razão pela qual podemos começar a entender o universo é que suas leis e ordens não são aleatórias. Cada átomo se encaixa em um esquema ordeiro por natureza, para não dizer belo, inteligente, amoroso e onisciente.

Porque também se preocupava com essas coisas, Einstein entendeu a lógica da visão de mundo de Tagore. A física moderna havia ido longe na desconstrução do mundo físico, a ponto de fazer a realidade se parecer cada vez mais com um sonho. Ainda assim, Einstein defendia aquilo que chamava de sua religião: a crença de que o universo era real

assim como aparecia para nós, não precisando dos seres humanos para dar-lhe forma, cor, contornos, sons e todo o resto. É muito comovente ver Einstein em meio a essas emoções confusas. Suas dúvidas o colocaram fora do judaísmo e da física quântica ao mesmo tempo, com o solo ruindo sob seus pés.

Tagore, por outro lado, jamais hesitava. Ao falar em “humano eterno” ou “universo humano”, empregava palavras simples para expressar complexas ideias antigas. Essa era a busca interior de Buda, Jesus, Lao-Tsé, Zoroastro, Platão, Rumi e todos os outros buscadores espirituais. Para todos eles, a mente humana reflete a mente divina. Milhares de anos antes de Tagore, os sábios védicos declararam: “O mundo é como você é”. Não há separação entre o que acontece “aqui dentro” e “ali fora”. Por trás da instabilidade dos Muitos – as atividades bastante diversas na natureza –, está o Um. O Um é a realidade superior. Vemos, porque Ela vê. Emocionamo-nos com a beleza porque ela contém beleza infinita. Quando sentimos saber que algo é verdadeiro, nossas mentes tocaram, de leve e por um instante, o infinito da Verdade absoluta.

A história de Tagore acaba com uma doença prolongada e dolorosa antes de sua morte em Calcutá, em repouso de suas jornadas pelos quatro cantos do mundo. É difícil, hoje, escutar uma conversa em que se discuta realidade e Deus com a mesma delicadeza e respeito que Einstein demonstrou em relação a Tagore. O argumento para esse tipo de idealismo, segundo o qual viver no mundo é amá-lo, foi soterrado com a Segunda Guerra Mundial e a chegada da era atômica. A vitória da ciência é patente; gurus ficam na fila atrás dos tecnólogos. Mas as dúvidas expressadas por Einstein não foram resolvidas. O momento atual da evolução de Deus é ambíguo. Todas as tendências negativas do passado – clero suspeito, dogmas rígidos, luta contra a tolerância – convivem lado a lado com tendências positivas igualmente antigas – um Criador amoroso, seres

humanos feitos à imagem do divino, contato direto com a presença de Deus.

O horror de um mundo sem deuses atormenta milhões de pessoas. A tecnologia segue à frente e ameaça nos esmagar. Além do computador pessoal, está a promessa do computador quântico. A informação dobra a cada dois anos, *smartphones* imperam. Mas Deus não está suscetível à obsolescência. O divino fala silenciosamente entre vozes barulhentas, e o milagre é que alguém, em algum lugar, ainda deseja escutar.

EPÍLOGO

“VOCÊ ESTÁ AÍ?”

Ler a história de santos, sábios e visionários gera uma sensação esquisita, uma mistura de inspiração e dúvida. É como se fôssemos uma cultura que dispunha de telefones e, de repente, eles param de funcionar. Tentamos falar com Deus, mas escutamos apenas o silêncio total do outro lado da linha. “Você está aí? Alô, alô. Tem alguém aí?”, é o que nos resta dizer. Com a conexão cortada, é impossível saber se Deus está escutando, mas talvez também esteja perguntando do outro lado da linha: “Você está aí?”.

Antes de retomar uma conexão com Deus, uma pergunta vital deve ser feita. Antes de tudo: as pessoas já falaram com Deus? A resposta, se formos lógicos, deve ser sim ou não. “Talvez” é fugir da pergunta. Ninguém manteria um telefone que não funcionasse, não pelos muitos séculos que os seres humanos sentiram que Deus não estava ouvindo. Alguém sentiu uma presença divina e escutou dela mensagens de uma realidade superior. Mostrei dez dessas pessoas, e todas estão conectadas por um elo que atravessa a história da espiritualidade. Não é a fé que os conecta, é a consciência.

Agora que a era da fé acabou de vez, a população moderna apresenta uma demanda razoável. Se Deus existe, deveríamos ser capazes de verificá-lo. Palavras sagradas não bastam. A autoridade dos santos não garante nada em um mundo baseado em fatos. Eximir o divino dizendo que Deus está acima de dúvidas triviais não tranquiliza ninguém que alimenta essas dúvidas.

A busca de Deus é uma busca interior, e a questão da prova poderia ser resolvida se essa jornada pudesse ser verificada. Deus já caminhou pelo Jardim do Éden no frescor da noite, mas não mais. Desde então, a divindade deixou pegadas invisíveis – até agora, talvez. As pesquisas sobre o cérebro se sofisticaram a ponto de observar o funcionamento de áreas minúsculas, enquanto a neurociência faz mapas das regiões cerebrais antes consideradas terreno desconhecido. Esses mapas indicam que áreas do córtex se ativam quando uma pessoa sente compaixão, possui uma fé forte, tem uma visão sagrada, escuta vozes ou reza.

A frase que Jesus disse aos seus discípulos, “você são a luz do mundo”, de repente ganha um significado literal. Na verdade, as áreas dos lobos frontais associadas a funções superiores, como a compaixão, mostraram-se maiores entre monges budistas tibetanos que meditam sobre a compaixão. Ao mesmo tempo, algumas frequências cerebrais da faixa delta crescem em níveis jamais vistos. As pegadas de Deus, no fim das contas, não eram invisíveis, apenas estavam escondidas sob os ossos do crânio, na massa cinzenta do nosso cérebro.

ESTABELECENDO NOSSA PRÓPRIA CONEXÃO

Depois de todas essas considerações, como ficam os buscadores espirituais como eu e você? Demonstrar que a prática espiritual modifica o cérebro amplia a realidade. A única realidade que alguém pode conhecer passa pelo cérebro. Desse modo, ateus e outros céticos não podem reivindicar que nada acontece durante a experiência espiritual. A porta está aberta a qualquer um desejoso de Deus. Ou, para ser mais preciso, quatro portas foram abertas. Voltamos aos visionários deste livro: eles seguiram quatro caminhos para alcançar a realidade superior.

O *caminho da devoção* sempre esteve aberto àqueles que amam Deus. À medida que o amor se intensifica, sentem que a presença de

Deus se aproxima. Isso era mais fácil na era da fé, quando a vida cotidiana estava repleta de preces e a igreja local era o centro de tudo: nascimentos, mortes, casamentos, festejos, comunhões e dias sagrados do calendário cristão. Como é uma jornada interior, o caminho da devoção é difícil de trilhar hoje em dia. Ele envolve uma imersão no fascínio perante Deus e todas as obras divinas. A natureza era vista nesse contexto como tela que esconde a mão de Deus. A grande vantagem do caminho da devoção é a alegria. O buscador reverencia para ter contato com o êxtase. Mas Rumi, o devoto perfeito, mostra que essa relação amorosa com o divino é tão tumultuada e tão suscetível ao sofrimento quanto qualquer relação humana. Depende de você saber se Deus tocou seu coração sentimentalmente.

O *caminho do entendimento* é a forma de abrir a mente. Envolve reflexão sobre as grandes questões da vida: quem sou eu? Por que fui criado? O que significa minha experiência? Se o retorno for apenas respostas abstratas, é porque houve apenas investigação mental pura. Mas a mente pode apaixonar-se por Deus, e então já não poderá descansar sem enxergar através de todas as ilusões que bloquearem o caminho. Os quatro caminhos são jornadas que duram a vida inteira, mas o caminho do entendimento pode ser o mais estreito deles: é preciso um forte intelecto e uma curiosidade insaciável. Pensar traz suas próprias alegrias, mas ninguém diria que esse caminho leva ao êxtase. Se usamos Sócrates como modelo, vemos que a sociedade não aprova provocadores e questionadores da sabedoria estabelecida. Ainda assim, há pessoas que não conseguem parar de pensar em Deus e entender que a verdade sobre a realidade superior as satisfaz mais do que o êxtase divino.

O *caminho do servir* é o da ação, de encontrar formas de fazer o bem em nome de Deus. A caridade é uma forma de servir. Doar seu tempo com generosidade é outra. Mas requer-se mais do que boas ações. A

questão mais profunda é encontrar quais ações podem levar para mais perto de Deus. As religiões sempre recaem na noção de que Deus quer que façamos certas coisas, como obedecer suas leis, para ganhar a aprovação lá de cima. Acredito que a maior parte disso se deve a questões políticas das igrejas, uma forma de manter seus fiéis “na linha”. Como é infinito, Deus não quer nada e, por consequência, também não quer nada de nós. Nosso limitado amor próprio não pode ser comparado ao amor infinito. O segredo no caminho do servir é se desfazer do ego, que serve apenas ao “eu, mim e meu”. Para alcançar Deus, o ato de servir deve ser a própria vida, o que significa servir a todos os seres. Tomando o Baal Shem Tov como modelo, vemos uma existência humilde que não precisa de qualquer recompensa, e obtém sua inspiração da doação.

O *caminho da meditação* é o caminho da consciência. A devoção começa com um sentimento de alegria. O entendimento, com uma epifania. O servir com um gesto de humildade. Mas quando você inicia o caminho da meditação, só existe o “ser”. E para ser, precisamos de apenas uma coisa: a consciência. Você está consciente de que existe. Esse caminho pode parecer insuficiente, se não desgastado. Ser não traz imagens de diversão para a mente; não traz nada à mente, no máximo um vazio. E no fim é esse o segredo, porque nesse aparente vazio reside o início de tudo. A consciência é o útero da criação. Tudo o que você vai pensar, dizer ou fazer começa ali. No caminho da meditação, a mente se abre para uma consciência superior como sua essência fundamental. Se tomamos Juliana de Norwich como nosso modelo, percebemos que esse caminho é solitário, porque a meditação exige silêncio e autocomunhão. A grande vantagem é que o isolamento não precisa ser físico. Você pode meditar em meio à vida cotidiana. O tempo não é um obstáculo quando a meta é a ausência de tempo.

Esses quatro caminhos foram definidos na Índia milhares de anos atrás. Serviram – e foram validados – por várias gerações. Também diria

que são formas universais de se alcançar a realidade superior, não apenas orientais. Com o colapso da fé como herança comum, cada um de nós precisa empreender a busca interior de sua escolha, mas isso sempre foi verdade. Santos e sábios já tiveram mais prestígio do que hoje. As vozes que escutavam não eram consideradas alucinações esquizofrênicas, ataques de epilepsia ou sintomas de um tumor no cérebro. Essas explicações surgiram nos tempos modernos, depois de duas guerras mundiais e do advento da bomba atômica, que efetivamente corroeram a fé de milhões de pessoas. A explicação médica chegou depois, para justificar as dúvidas já enraizadas sobre a existência de um Deus piedoso, que ama acima de tudo. Ainda assim, a “evidência” médica soa vazia, pois não é como ler um Livro de Jó, Platão, São Paulo ou Rumi, nos quais as palavras são cheias de significados e nos tocam a ponto de nos reconectar, ainda que de forma vaga ou breve.

PROVA VIVA

Para satisfazer a ciência, o que precisamos já existe: um circuito de retroalimentação. Seu corpo funciona por incontáveis mensagens químicas enviadas a trilhões de células; essas mensagens criam uma resposta que as células mandam de volta para o cérebro, e, dependendo desse retorno, a próxima leva de mensagens pode mudar. O cérebro escuta o retorno das mensagens enviadas, e suas conexões com o resto do corpo formam um circuito. Agora, substitua o cérebro por Deus e as células por seres humanos. O circuito permanece o mesmo: mensagem e resposta. Se você sente qualquer impulso de alegria, esperança, beleza ou fé, a fonte não pode estar fora do domínio de sua percepção.

As mensagens divinas acontecem no âmbito da consciência. Se Deus estivesse fora da consciência humana, ele não existiria – pelo menos, não para nós. O escopo da realidade é infinito e eterno e isso sempre

foi parte do mistério de Deus. Mas o infinito e eterno ficou encapsulado no tempo e no espaço com o Big Bang, e o mesmo aconteceu com a mente. Se a mente de Deus tornou-se limitada o suficiente para entrar na mente das pessoas comuns – que é o que Jó, Platão, São Paulo e Rumi representam –, isso não é um milagre. Nada nos campos infinitos da matéria, energia e informação que criam o universo visível poderia ser reconhecido se não fosse reduzido à escala humana.

Einstein respeitava o mistério cósmico o suficiente para dizer que aquilo que mais o surpreendia não era o universo, mas o fato de podermos saber de tudo isso. Com a mesma atitude, alguns cientistas visionários de hoje começaram a reconhecer na própria consciência um campo de estudo e pesquisa (em grande parte graças a importantes avanços para escanear o cérebro, como a ressonância magnética). Alguns vão até mais longe e sustentam que a espiritualidade é inerente ao ser humano – nosso cérebro, genes e pensamentos são desenhados para procurar Deus. Trata-se de uma forte reivindicação contra a ideia de que a ciência é a grande oponente da religião. Nem precisamos tomar isso como uma reivindicação, mas como apenas uma hipótese.

Vamos chamá-la de “hipótese da alma”. Pode ser formulada sem qualquer referência a Deus, como se segue. Somos seres conscientes e desejamos saber de onde vem nossa percepção. Apenas a consciência pode entender a consciência, daí vem a longa tradição da busca interior. Os santos e sábios do passado eram Einsteins da consciência, exploradores da natureza da realidade. Estavam testando a hipótese da alma, e se esses exploradores voltaram com as mesmas descobertas, século após século, cultura após cultura, por que não dar crédito às suas experiências?

Suas descobertas são bastante similares, na verdade. A mente, disseram, é como um rio. Na superfície, há movimento e turbulência constantes; a realidade pode ser descrita como as mudanças constantes

no fluxo do rio através do tempo e do espaço. Logo abaixo da superfície, contudo, o rio corre mais lento e calmo. Não há ondas, e, à medida que você mergulha mais fundo, a turbulência da superfície não é mais percebida. A quietude prevalece, e, no fundo do rio, se for fundo o suficiente, a água não se move, ou o faz apenas de forma imperceptível.

Nossa conexão com Deus, então, é como aquela entre a onda e as profundezas calmas. Um rio é uma coisa só, água que flui, mas a realidade da superfície parece muito diferente da realidade das profundezas. A grande descoberta de nossos Einsteins da consciência é a revelação de que toda consciência é a mesma, por isso não pode haver separação de Deus. Deus não pode morrer, abandonar ou ficar indiferente feito um relojoeiro desinteressado depois de ter colocado o mecanismo cósmico em marcha. Somos essencialmente divinos, porque Deus é apenas outro nome para a origem e fonte da consciência.

Voltamos agora ao circuito de retroalimentação. Se a mente de Deus é uma versão infinita de nossa mente, todos os nossos pensamentos são movimentos no interior da mente divina. Você se autoproclamar um crente ou um ateu é irrelevante. A consciência nunca para de enviar mensagens para si mesma, esperando por uma resposta e ajustando a próxima leva de mensagens. Possuímos uma alma na medida em que percebemos que somos parte do circuito de retroalimentação. A única diferença é onde colocamos o foco. Algumas pessoas se contentam com a superfície turbulenta do rio. Vivem fascinados pela atividade constante, os altos e baixos; levam a vida como uma aventura de *rafting*. Mas nada impede algumas pessoas de focar a atenção em outro nível de consciência, onde estão a calma, a paz, a sabedoria, o silêncio e a vastidão do mistério cósmico.

Hoje, minha mente se volta para Rabindranath Tagore. Eu o escolhi por ser um explorador moderno da consciência, e há algo de

estimulante em suas viagens incessantes. Nasceu quatro anos antes de Lincoln ser assassinado e morreu quatro anos antes da explosão da primeira bomba atômica no teste Trinity. Como muitos ao longo da história, Tagore sentiu a necessidade desesperada que a humanidade tem de escutar uma mensagem de amor eterno. Em vez da iluminação sob uma árvore ou do queimar de arbustos, o veículo de Deus foi a coletiva de imprensa no cais quando o navio onde estava Tagore aportou. Em meio aos acontecimentos aterrorizantes do século XX, aqueles repórteres devem ter se sentido muito estranhos ao tomar nota do que Tagore dizia.

“Deixe a vida dançar nas bordas do tempo como o orvalho na ponta da folha.”

“O amor não reivindica posse, e sim dá liberdade.”

“A música preenche o infinito entre duas almas.”

O quê? Diga isso para a Coreia do Norte ou o Irã. Ou a assassinos de massa no Congo, ou aos seis milhões que pereceram no Holocausto. Medo e terror são ótimos se a ideia é cortar qualquer conexão com Deus. Quando uma pessoa fica doente, trilhões de células recebem mensagens distorcidas e tóxicas. E, se as células morrem, podem duvidar de que o cérebro existe ou que preza pela saúde delas. O colapso do circuito de retroalimentação leva ao isolamento. Se você pergunta “Há alguém aí?” e não recebe resposta, é natural sentir-se abandonado e sem esperança. A resposta, hoje e sempre, é testar a hipótese da alma você mesmo.

Os indícios são mais atrativos do que nunca. Pesquisas sobre o cérebro providenciaram os rastros de consciência como uma atividade crescente do córtex. Há muito tempo, os físicos quânticos desmantelaram o mundo reconfortante dos objetos sólidos e conectados por relações de causa e efeito. Há muitas razões para acreditar que a busca interior não é uma temeridade ou uma desilusão em massa imposta pela religião organizada.

Talvez seja necessário olharmos para trás, tensos, para ver se a

ciência está acenando em aprovação. No fim das contas, porém, os poetas e visionários, os deslocados e místicos que formam o bando heterogêneo do nosso passado espiritual, já bem sabiam. Sendo conscientes, nunca estamos longe do divino, nem por um segundo, mesmo nos momentos mais sombrios da alma. Em algum lugar dentro de nós, todos desejamos nos reconectar, e, se ficarmos parados calmamente por um instante, nesses momentos em que a riqueza e a beleza da vida são entorpecedores, saberemos que Tagore estava profundamente certo:

O amor é a única realidade, e não é um mero sentimento. É a verdade fundamental que reside no coração da criação.

Ah, percebemos, há alguém do outro lado da linha, afinal.

NOTAS

- 1 Xale usado em preces judaicas. (N.T.)
- 2 Três Moiras: personagens da mitologia grega. (N.T.)
- 3 Entre os antigos, mestre de retórica que ensinava os gregos e participava de debates. (N.T.)
- 4 Unidade monetária polonesa. (N.T.)